REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO

E

GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

Fundado em 28 de Janeiro de 1862



N. 54

ANNO XXXVIII

Goza de tanto bem terra bemdita,
E da Cruz do Senhor teu nome seja.
E quanto a luz mais tarde te visita;
Tanto mais abundante em ti se veja.

S. Rita Durão, Caramurú. *C. IV, Est. 59*



PERNAMBUCO
Typographia do « Jornal do Recife »
47—Rua 15 de Novembro—47

1900

MESA ADMINISTRATIVA DO INSTITUTO

ANNO DE 1900 A 1901

PRESIDENTE

Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire.

1º VICE-PRESIDENTE

Conselheiro João José Pinto Junior.

2º VICE-PRESIDENTE

Major José Domingues Codeceira.

3º VICE-PRESIDENTE

Desembargador Francisco Luiz Correia de Andrade

1º SECRETARIO

Dr. João Baptista Regueira Costa.

2º SECRETARIO

Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

SUBSTITUTOS

Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão.
Augusto Cesar da Cunha.

ORADORES

Dr. José Izidoro Martins Junior.
Dr. Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.

THESOUREIRO

Dr. Gaudino Eudoxio de Brito.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva.
Dr. Joaquim Antonio de Castro Loureiro.
Dr. José Lopes Pessôa da Costa.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA REVISTA

Dr. João Baptista Regueira Costa.
Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão,
Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

Estudo historico-retrospectivo sobre as artes em Pernambuco

INEDITOS DO DICCIONARIO HISTORICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO, PELO DR. F. A. PEREIRA DA COSTA.

Vagas e incertas como são as noticias da introducção das artes no Brazil, e particularmente em Pernambuco, apenas se encontra em nossas chronicas apontamentos esparsos, e vagas reminiscencias.

As artes mechanicas, ou particularmente as artes de construcção foram as que primeiro se introduziram no Brazil, cabendo a sua prioridade á carpinteria, cujos artistas, em numero de dous, construiram com a madeira que lavraram de uma grande arvore do paiz, o precioso stigma da nossa redempção, que Pedro Alvares Cabral levantou em memoria e signal da sua descoberta em 1 de Maio de 1500.

Foram tambem os carpinteiros os primeiros artistas que trabalharam em Pernambuco, levantando o forte de madeira que se construiu para defeza da primeira feitoria de Itamaracá, concorrendo depois as outras artes no levantamento das fortificações e casas quando se fundou Olinda.

Já que mencionamos o inicio das artes no Brazil pelos carpinteiros, como o fôra tambem em Pernambuco, é justo que mencionemos tambem a primeira obra de alvenaria que se levantou aqui, — o castello que Duarte Coelho construio no alto de Olinda para defeza da colonia contra o ataque dos indios.

Com o desenvolvimento da colonia e inicio da agricultura, foram-se introduzindo novas artes, e já em 1549 dizia o donatario em carta dirigida ao soberano, que haviam muitos mestres de engenhos e de assucar, carpinteiros, ferreiros, oleiros e officiaes de formas e sinos para o assucar, no que se empenhava e gastava os seus haveres em os adquirir para a terra, mandando-os buscar em Portugal, na Galiza e nas Canarias, além dos que existiam

mandados vir pelos senhores de engenhos, para o levantamento e trabalho de suas fabricas.

Em 1551, com o estabelecimento dos jesuitas na colonia, grande incremento teve as artes, graças aos seus conhecimentos scientificos e litterarios, e ao seu particular cultivo das artes. Um dos jesuitas, o padre Antonio Pires, escrevendo em 2 de Agosto a um seu companheiro, disse o seguinte: «Nesta terra, pela falta que ha de officiaes, a necessidade nos fez aprender todos os officios porque de mim vos digo, que pelos officios que nesta terra tenho aprendido poderia já viver. Christo Nosso Senhor nos faça bem aprender, e obrar o officio da perfeição para que nossos trabalhos e serviços lhe sejam acceitos. »

Effectivamente era o Padre Antonio Pires um habilissimo carpinteiro, e pedindo o padre Nobrega para Lisbôa alguma ferramenta de officio para elle, disse que era *official de tudo*; que era tambem pedreiro, temos noticia em Amado, que diz: ao ministerio sublime do ensino e pregação, reunio o officio de pedreiro. Muitas igrejas foram por elle construidas, e ao Collegio de Pernambuco lançou os fundamentos.

Com os jesuitas vieram alguns meninos orphãos de Lisbôa, os quaes no dizer de Nobrega, — *attrahem com os seus cantares os filhos dos gentios, e edificam muito os christãos.*

Os jesuitas, na phraze de um escriptor, foram com o seu proprio exemplo, um dos poderosos elementos do ensino e cultivo das artes no Brazil, pois elles geralmente artistas, e não encontrando na nascente colonia profissionaes habeis para a construcção e decoração dos collegios, igrejas e outras obras que emprehenderam e executaram, trabalhavam elles proprios, e auxiliados pelos indios, e outros colonos, iam pelo ensinamento formando futuros artistas e propagando as artes.

Se a religião representa importante papel na historia da civilisação do Brazil, pelas missões dos seus apostolos na obra ingente da conversão do gentio, as artes não representam menos.

Os jesuitas, a quem em grande parte cabe essa gloria, internam-se pelas nossas florestas, vão procurar as tribus errantes do barbaro gentio, e para a sua catechese aproveitam-se do seu talento poetico, da sua linguagem harmoniosa e flexivel, e compõem versos pagãos com pensamentos chistãos, introduzem o theatro nas cidades que

surgem no meio dos desertos, fazendo representar as comedias de Anchieta nos adros das igrejas e ás sombras das florestas.

Naturalmente propensos á musica e a poesia, como attestam os nossos historiadores, os indios da America tinham os seus poetas, e pelo que nos diz particularmente respeito, é sabido que as tribus brazileiras possuiam os seus *Piágas* e *Nhengaçáras*, cujas inspiradas estrophes tanto apraziam a Thevet e a Lery.

A musica e a poesia, portanto, que naturalmente, e com tanto gosto e habilidade cultivavam os indios, ainda que em rusticos instrumentos e cantatas, ao modo selvagem de sua vida tiveram um grande desenvolvimento pelo insano labor dos jesuitas, avantajando se os Cahetés que habitavam o littoral de Pernambuco, e os Tamoyos o do Rio de Janeiro, porque no conceito de um historiador, eram elles grandes musicos e bailadores. Isto mesmo comprova Jaboatão, dizendo que nossos indios aprenderam com uma facilidade prodigiosa os psalmos e o orgão e os executavam proficientemente no convento dos Antoninos em Olinda, notando se um que era insigne contrapontista, e outros que se avantajavam por suas composições de canto com lettras á solpha quer na lingua portugueza, quer no seu proprio idioma.

Assim educados os indios, tornaram-se excellentes artistas, com especialidade, musicos e cantores.

Refere o Padre Antonio Vieira na sua *Relação da missão da Serra de Ibiapaba*, a solemnidade dos actos da Semana Santa que alli celebrara com os indios de Pernambuco, dizendo: « Fizeram se os officios com toda a devoção e perfeição, por serem quatro os sacerdotes, e os indios de Pernambuco terem vozes e musica de canto de orgão, com que cantaram a missa de quarta-feira e á sexta feira a Paixão; em que vieram todos adorar a Cruz, com grande piedade. »

O mesmo Vieira, essa grande mentalidade que assombrou o mundo com a punjança do seu saber, fazendo a apologia da musica, como um dos poderosos elementos de que se serviram os Jesuitas para a catechese dos indios; ensinando-lhes a cantar os mysterios da religião, que compuzeram em versos, postos em musica, conclue: « vio-se bem com quanta razão dizia o Padre Nobrega, primeiro

missionario do Brazil, que com a musica e harmonia de vozes se atreveria a trazer a si todo o gentio da America. »

Já anteriormente, em 1614, haviam os padres franciscanos de Olinda, que acompanharam a expedição pernambucana destinada á conquista do Maranhão, levado comsigo alguns musicos seus cathecumenos, e no dia de S. Francisco celebraram missa em Gericoacoara, *com canto de orgão e frautas*, que pela primeira vez soaram naquelles desertos.

Algumas igrejas das aldeias dos indios do bispado de Pernambuco, escreve o nosso conterraneo Loreto Couto, em 1757, tem orgãos, para com mais solemnidade se celebrarem as suas festas. Os indios são os organistas e musicos que beneficiam as missas. Em todas as missas se cantam as ladainhas, officios da Senhora e jaculatorias, que a devoção tem inventado, o que fazem os indios e indias com bem concertadas vozes.

Todos os chronistas contemporaneos são unanimes em exaltar o talento artistico dos nossos aborigenes.

Os *Tupinambás* presavam-se de grandes musicos e bailadores. Entre os *Tupis*, na phrase de um escriptor, era tudo musica e poesia ; o nascimento e a morte, a guerra e as festas, o amor e a religião, a linguagem e a vida, tudo era poesia. Eram presados por bons cantores, e as mulheres mesmo sabiam improvisar. Lery refere que nas danças guerreiras, sonoras vozes sôam do centro da multidão, celebrando as glorias dos antepassados e instigando os guerreiros a novos combates ; e segundo Ferdinand Diniz, certas nações brazileiras, á imitação das *Chactaws* da America do Norte, gosavam do privilegio de subministrar poetas e musicos ás outras povoações. Entre os *Tupis*, aos *Tamoyos* competia este privilegio. Eram os *Carahybas* depositarios das grandes tradições poeticas com que animavam as festas.

Os predicados de poeta e de cantor, outorgavam o direito de andar sem receio no meio das tribus inimigas, e se algum —*bom cantor e inventor de trovas*, era encontrado entre os prisioneiros de guerra que faziam,— *por isso lhe dão a vida e não o comem, nem aos filhos*, quer fossem homens, quer mulheres.

No supplicio dos prisioneiros, entoavam cantos em que memoravam as guerras antigas da nação, e a ventura de se vingar de seus inimigos, e haviam danças especiaes

consagradas á terrivel cerimonia ; e as solemnidades funebres entre os nossos *Tupinambás*, terminavam por um canto religioso, em que uma especie de paraizo terrestre, uma terra promettida era annunciada aos vivos, como existindo atraz das montanhas.

Refere d'Abbeville, que a dança era o primeiro e principal elemento dos *Tupinambás*, e que á seu ver, eram os maiores dançadores do mundo, servindo-se do *maracá* para marcar o compasso, e acompanhar a cantoria propria.

Suas cantorias, refere o mesmo escriptor, são em louvor de uma arvore, passaro, peixe, ou outro qualquer animal ou cousa semelhante, e quasi sempre são louvores á seus combates, á suas victorias, triumphos e outras cousas de guerra, que exaltam muito, especialmente o valor militar, dando diversos tons, conforme o compasso, e com estribilho no fim de cada estancia. Cantam muito baixo no principio de suas danças, e pouco a pouco levantam a voz a ponto de serem ouvidos muito longe, principalmente quando são muitos como de ordinario acontece.

Os seus instrumentos musicos, por elles proprios fabricados, e alguns até de interessante trabalho artistico, eram variados ; mas entre os principaes contam-se estes, segundo colhemos :

Maracá, feito do fructo da quiloquintida, cheios de busios, conchas ou pedrinhas, com um hastil ornado de pennas.

Flautas, fabricadas de taquara, descobertas ou revestidas de tecidos de palha ; de ossos de finados, simples ou dupla, a que chamavam *Cangoeira*, e de conchas *membi*, que era muito forte e sonora ; destas flautas haviam maiores a que chamavam *Membi-guaçú*, assim como as de canna e taboca, *Membi-apara*, *Membi-chuê*, e outras feitas de certa concha, *Urucás*.

Murumuré, assim chamado pelo som que produzia, feito de ossos.

Boré, feito de páo ôco.

Janubia ou *Inubia*, feito da couraça do tatú, que tomava facilmente a forma que se queria dar. Era a sua trompa de guerra.

Tinham tambem outras trompas feitas de craneo humano, com um tubo de bambú no alto.

Ufuá, especie de clarim de guerra.

Carucá, grande instrumenso de som medonho.

Trocanos, que eram como tambores ou timbales, que serviam para dar aviso e rebates ás povoações distantes.

Tinhãm tambem um assobio de osso, que chamavam *Membi*, cujos tocadores tinham o nome de *Mimbijupiçara*, e usavam de uns bastões com tubos cylindricos, sonoros, para marcar a cadencia da dança.

Não menos habilissimos ostentavam-se os indios em outros diversos ramos de artes, e assim empregavam o algodão e o tucum depois de tecidos, no fabrico de rêdes, cordas, cobertas, *tapiciranas*, e outros objectos, e dos tecidos da pindoba de que faziam esteiras. Fabricavam tambem varios objectos da casca ou palha de palmeiras, timbó e outras substancias, como *panacús*, *côfos* e *balaios*, e para a pesca o *giqui*, *côvo*, *gereré* e *puçá*. Para a caça fabricavam, segundo Marcgraff, o *patacú*, o *mondé aratacá*, o *mondé guaçú*, e o *mondé guaya* ; e para a presa de aves tinham tambem diversos objectos entre os quaes a *arapuca*, e as *juçanas*, chamadas hoje esparrella.

Com a bella plumagem de passaros de variegadas côres, e presas com tecidos de algodão ou tucum, fabricavam grinaldas, corôas, braceletes, franjas, e outros objectos não só para o ornato pessoal, como tambem para as suas rédes e armas.

Fabricavam as suas armas, conheciam a tinturaria, cujas bellissimas tintas extrahiam de vegetaes diversos, de fructos especiaes fabricavam vinhos de qualidades variadas, e com tanta perfeição que parecia ao Padre Simão de Vasconcellos poder phantasiar-se, que Baccho passára entre elles para lhes ter ensinado tanto.

A ceramica é representada pelas *igaçabas*, ou urnas em que enterravam os seus mortos, e talhas enormes em que depositavam e fermentavam o vinho, assim como outros artefactos, como potes, panellas, pucaros e pratos, cujos trabalhos eram feitos pelas mulheres, e particularmente pelas velhas. Hans Stade, que esteve em Pernambuco nos primeiros annos de sua colonisação, falla tambem de um vaso especial em que moiam as tintas, com que pintavam os prisioneiros, quando iam ser sacrificados.

Independente de tantos objectos de barro que fabricavam, observa um escriptor, preferiam porém, como mais commodo e menos trabalhoso, os que lhes proporcionavam as diversas *cucurbitaceas*, e *bignoneaceas*, que abundam em nossas florestas, das quaes faziam as *coités*, *cuias*, *cumbucas*

ou *quimangas*, que envernisavam com côres finissimas, ou entalhavam com desenhos agradaveis, posto que grosseiros.

Arrancados á vida selvagem pela palavra dos missionarios, e trazidos ao gremio da vida civilisada, aprendiam com uma facilidade prodigiosa tudo que se lhes ensinava. Diz Gabriel Soares, que eram os indios engenhosos, para tomarem quanto lhes ensinavam os brancos, e que para carpinteiros de machado, serralheiros, oleiros, carreiros, para todos os officios de engenhos, tinham grande tino.

Firmada a paz com os indios, iniciados os trabalhos da agricultura pelo cultivo da canna e fabricação do assucar, progredindo a colonia, e avultando o commercio, Olinda, a capital pernambucana, tornou se um centro de população consideravel, e o luxo, a opulencir e a grandeza a que attingiu, deram grande incremento ás artes.

Em 1575, quando Olinda já apresentava um aspecto de cidade pelo seu desenvolvimento e opulencia, introduz-se o theatro, e os jesuitas levam á scena os mais bellos autos então em voga.

Ao mesmo tempo prógrediam as artes mechanicas e outros officios, pelo levantamento de templos, entre os quaes se destacavam o Collegio dos Jesuitas, e os conventos do Carmo, S. Bento e S. Francisco, e as igrejas da Misericordia, e da matriz do Salvador, hoje cathedral,—*formosamente edificada*. Progrediam tambem as construcções particulares, e para as obras publicas de edificios e fortificações havia em 1585 um *Msstre das obras del Rei*, cargo que então era exercido por um Manoel Fernandes.

As artes de adorno, porém, com excepção da de ourives, em um terra cujas casas em sua maior parte tinham as fechaduras de prata, e quem não se servia com baixella do mesmo metal era considerado pobre, tiveram pouco desenvolvimento na colonia; e por assim dizér, somente nas igrejas tinham lugar a pintura, a talha, os dourados, e a alta marcineria e tornearia, na construcção dos moveis de sachristia, balaustres de jacarandá, castiçaes e outros objectos.

Essa falta de gosto pelas artes de ornato e decoração que se notava entre os portuguezes naquelle tempo, encontrou echo em um escripto hollandez dos annos de 1637, que diz o seguinte sobre o assumpto:

« Os portuguezes, sem distincção de pessoas, são pouco curiosos com relação ás suas casas e economia domestica... Possuem poucos moveis além daquelles que são

necessarios para a cosinha, cama e mesa, e não podem ser dispensados; o seu maior luxo consiste em servirem-se á mesa de baixella de prata.

« Os homens usam pouco de vestidos custosos, e vestem-se de estofos ordinarios, ou ainda de panno, trazendo os calções e o gibão golpeados com grandes córtes por onde se deixava ver um pouco de tafetás.

« As mulheres porém, vestem-se custosamente e se cobrem de ouro; trazem poucos diamantes ou nenhum, e poucas perolas bôas, e se ataviam muito com joias falsas. Só sahem cobertas, e são carregadas em uma rede, sobre a qual se lança um tapete, ou encerradas em uma cadeira de preço, *palanquim*, de modo que ellas se enfeitam para serem vistas somente pelos seus amigos e amigas.

« Quando vão visitar, primeiramente mandam participar; a dona da casa senta-se sobre um bello tapete turco de seda estendido sobre o soalho e espera as suas amigas, que tambem se sentam ao seu lado sobre o tapete, á guiza dos alfaiates, tendo os pés cobertos, pois seria grande vergonha deixar alguem ver os pés.

« No tocante a quadros e outros assumptos para cobrir as paredes, os portuguezes são destituidos de toda a curiosidade, e nenhum conhecimento tem de pinturas.»

Na primeira phase do dominio hollandez, a phase da guerra, da conquista, não era mesmo possivel esperar se grandes cousas do genio e civilisação dos novos dominadores; mas passada ella, volveram então as suas vistas para as necessidades materiaes da terra em que vieram habitar, e começaram então a construcção de edificios e fortificações, ao mesmo tempo que os particulares levantavam grande numero de casas no bairro do Recife, veio então a epocha da chegada de Nassau á colonia, que firmou por assim dizer, o seu periodo de paz e floresçimento, e com elle o engrandescimento da conquista, porque a par de soldados para esta, trouxe o principe uma pleiade brilhante de sabios e artistas.

As artes e as sciencias, diz o sabio De Crane, floresceram então sob o governo tutelar do Conde, e nelle acharam um protector tão esclarecido quão zeloso. Por toda a parte em que se estendia a sua dominação, a civilisação chegava e se derramava. Uma multidão de artistas, de pintores, architectos e mechanicos, o tinham acompanhado ao Brazil, ou passaram-se mais tarde a seu convite.

Pernambuco, a séde do governo e capital do Brazil hollandez, tornou-se o emporio do commercio das conquistas neerlandezas ; a sua população desenvolveu-se rapidamente, e as construcções de predios no burgo do Recife, de pontes, palacios, fortificações, e edificios publicos, occupavam grande numero de artistas, que mal chegavam para vencer todo o serviço que era necessario.

Em 1639 funda Nassau a cidade Mauricéa, projectada pelo architecto Pieter Post ; levanta a sua magnifica residencia de Friburgo, vistoso palacio de duas torres alterosas e elegantes, cercado de jardins, de lagos e pomares, e mais além, o vistoso palacio da Bôa-Vista, com os seus torreões angulares mirando-se no Capibaribe, cujas aguas represa a hydraulica, para formar os canaes da nascente e bella Mauricéa, renovando-se assim em Pernambuco, na phrase de um escriptor, os prodigios da Zelandia.

Por todo o Brazil, diz Varnhagen, não houvera anteriormente obras tão consideraveis, e tão habilmente executadas ; nem podiam encontrar-se para as taes obras melhores engenheiros do que na Hollanda, que á sciencia hydraulica deve a existencia de algumas de suas provincias. As obras publicas emprehendidas levavam em si mesmas o cunho da bôa administração, e essas paginas do livro da civilisação de um paiz que primeiro lê o forasteiro, eram em Pernambuco todas em abono do chefe hollandez.

A' tanto trabalho mal podiam vencer os artistas, cujo salario augmentou consideravelmente, apezar de ser muito grande o numero de operarios. Já pelos annos de 1637, segundo um escripto hollandez da epocha, haviam muitos carpinteiros, pedreiros, ferreiros, caldereiros, oleiros, alfaiates, sapateiros, selleiros, ourives e alguns tecelões que fiavam algodão, ganhando os quatro primeiros artistas, pelo menos tres florins por dia, e os mestres de quatro e cinco.

« Mandai-nos, diziam os hollandezes para a metropole, os vossos artifices, a quem toda a sua industria póde apenas na Europa procurar com que satisfazer as primeiras necessidades da vida ; entre nós ser-lhes-ha facil encontrar commodidade e ventura. Tres, quatro e até mesmo seis florins por dia é aqui o salario do pedreiro ou do carpinteiro. O trabalho puramente mechanico, que exige o melhoramento e cultura dos engenhos de assucar, é pago ainda mais caro ; trez classes de homens faltam ao Brazil

hollandez : capitalistas que especulem o assucar, obreiros e trabalhadores, que se verão dentro em pouco, com o fructo das suas fadigas, em estado de se estabelecerem, e entregar-se á agricultura, em um paiz preferivel a sua terra natal. Com taes auxiliares florescerá o Brazil ainda mais do que antes da sua conquista.»

Se as artes mechanicas e toda a sorte de officios tiveram então grande incremento, as artes liberaes a todos subrepujam com vantagem, impulsionadas pelo genio de Nassau, amigo das artes e das sciencias naturaes, enthusiasmado pelas opulencias tropicaes do bello paiz que governava, e cercado—de sabios e de artistas deu-lhes o impulso, proporcionando-lhes todos os meios de acção, e por tal modo assignalou o seu governo, como um periodo fecundo para a architectura, a pintura, a geographia, a astronomia, a botanica e a zoologia, que os oito annos da administração do Conde Mauricio nada encontram que lhes possa ser comparado em todo o decurso da historia colonial deste paiz.

A musica, *com seus acordes instrumentos* na phrase de Calado, teve então o seu logar de honra, e é dessa epocha a introducção da musica marcial em Pernambuco, que só teve continuação mais de seculo depois. Eram sem duvida as musicas dos regimentos hollandezes, que iam tocar as tardes de verão nos bellos jardins do palacio de Friburgo, como que convertidos em passeio publico, e onde as damas e a mais selecta sociedade pernambucana passavam as sestas no verão, como refere aquelle escriptor, entregues a toda a sorte de divertimentos e distracções.

Netscher falla das musicas regimentaes hollandezas, que tocavam o hymno nacional *Wilhelmus van Nassauwen*, com seus accordes instrumentos, como refere Calado, que falla ainda dos clarins e trombetas de marcha dos regimentos de cavallario.

Impulsionados por esse sentimento, desenvolveu-se o gosto pela musica entre os pernambucanos ; celebravam-se festas e outros actos religiosos--*com bôa orchestra*, e Fernandes Vieira, cuja casa era a mais opulenta da colonia, —*tinha capella de musica com varios instrumentos e diversos ternos de charamellas e dava crescidos salarios a mestres de artes liberaes, e mais avantajados aos que ensinavam a arte da milicia*. Além disso, tinha elle nas suas casas de residencia do Recife e do campo,—*grande cabedal em cada uma, e*

com ricos adornos e aparamentos de tapeçarias, pinturas e escriptorios com muitas joias de grande preço.

Observe-se porém, que essa musica que então havia em Pernambuco, era exactamente a mesma que se usava em Portugal, como vemos dos autos do juramento e coroação de D. João IV em 1641, em que *tangeram os menestreis charamelas, trombetas e atabales.*

Em 1641, nas exequias solemnes do sargento-mór Pedro de Arenas, em Olinda, tocou uma *capella de musica*; e em 1646 celebrou Fernandes Vieira com solemnidade a festa de Santo Antonio, na capella do seu engenho, na Varzea, cuja solemnidade tomaram parte os *melhores musicos da terra, que cantaram a tres choros*, havendo missa, sermão e *estremada musica.*

O theatro que no seculo anterior tinha por scenario o adro das igrejas ou a sombra das florestas, tinha então attingido ao gráo de desenvolvimento que lhe era proprio entre um povo culto e adiantado.

Franz Post eximio pintor e gravador, cujos trabalhos ainda hoje attestam o seu talento, principalmente as suas magnificas estampas que adornam a bella edição in folio da obra de Barleus, de parceria com os seus companheiros de arte, pois Nassau tinha seis pintores ao seu serviço, cobriram de preciosas telas os vastos salões da bella residencia de Friburgo, representando as mais lindas paisagens pernambucanas, e em tamanho natural os nossos indigenas, animaes e plantas.

Post era o chefe dessa *troupe* brilhante de jovens e intelligentes artistas, e era elle quem de preferencia fixava na tela as paisagens que mais encantavam ao principe,—e desempenhou sem enfado a sua missão ornando Friburgo com dezenas de quadros, que depois de transportados para a Mauritshuis da Haya, faziam lembrar com saudades ao dono a sua grata residencia em Pernambuco.

A arte e o luxo, em conjuncto harmonico, imperavam nos salões e aposentos do palacio de Nassau, ornados de moveis riquissimos, feitos de madeiras do paiz, com ornamentações de marfim da costa d'Africa, trabalho dos artistas que o principe trouxera a Pernambuco.

Do grande numero de quadros do notavel pintor hollandez, ainda se encontram muitos delles em Amsterdam e outras cidades da Hollanda, representando, na phrase de Oliveira Lima,—risonhas paisagens pernambucanas, com

um fundo de montanhas azuladas, cuja base é frequentes vezes regada por crystalinos rios, destacando-se no primeiro plano, entre coqueiros, casas de engenhos tendo como unica decoração um espaçoso alpendre; fazendeiros a cavallo, com os pés em pezados estribos portuguezes, abrigados do sol por largos chapéos, ou a pé, acompanhados de troços de escravos quasi nús, carregando liteiras ou panacuns com fructa. Meio escondidos entre as ramagens viçosas do arvoredo, o artista collocou em alguns destes quadros, e valha a verdade, sem respeito as proporções, um tamanduá, uma preguiça, um tatú, alguns macacos, passaros e insectos.

Dos quadros que Nassau levou de Pernambuco, offertou dezenove a Luiz XIV, rei de França, e em 1652 vendeu uma grande parte delles ao eleitor de Brandeburgo por 50.000 taleres. No numero destas figuram dous volumes in folio contendo desenhos de tudo que com relação aos homens, quadrupedes, passaros, reptis, peixes, arvores, plantas, fructos e flores, se póde encontrar no Brazil, e se suppõe terem sido executados pelo naturalista Marcgraff; e uma grande copia de pinturas do Brazil, a oleo sobre papel-cartão, cujos trabalhos, segundo Driessen existem actualmente no real museu de Berlim; e mais sete grandes quadros a oleo, com os quaes se podia cobrir as paredes de uma sala, como se fossem tapeçarias, e nove menores para serem collocados entre as janellas, quadros esses, que segundo suppõe Driessen, são os mesmos que se acham no castello de Frederiksborg na Dinamarca, de que falla Humboldt no seu *Cosmos*. Sobre os quadros offertados a Luiz XIV, e que foram installados no Louvre, temos uma minuciosa discripção na Revista do Instituto Archeologico n. 33.

Incontestavelmente o genio hollandez exerceu grande influencia em o nosso povo, e o gosto pelas artes que se assentuou na colonia depois que elles deixaram-n'a, são vestigios brilhantes da sua prodiga diffusão nos tempos do seu dominio.

Pernambuco entrou na posse da sua liberdade pujante de força, e orgulhoso do renome que conquistára pelas suas arrojadas façanhas no periodo glorioso da guerra contra os hollandezes; e quando geralmente se suppunha a colonia enfraquecida pela luta homerica e gloriosa que sustentou por nove longos annos, o patriotismo de seus

filhos e os elementos de riqueza de que dispunha, elevaram n'a dentro de pouco tempo á riqueza, ao esplendor!

Olinda renasceu das suas ruinas, e os seus templos incendiados e derrocados pelo abandono e pela acção do tempo, restauraram-se bellamente e construiram-se outros em que a esculptura e a pintura fulguram com arrojo e harmonia. A capella-mór das igrejas de S. Bento, do Carmo e da Misericordia, e a igreja de Santa Thereza, são bellissimas pelas obras de talha de sua ornamentação architectonica; a igreja cathedral pela sua bella disposição, dividida em tres naves por arcarias sobre columnas, é um templo elegante; e as sachristias de S. Francisco e de S. Bento, são riquissimas, pelo primoroso trabalho de talha em jacarandá, dos seus moveis, sanefas e ornamentações.

O Recife, constituido de facto a capital de Pernambuco, começou a progredir consideraveimente. O perimetro da povoação se foi alargando pouco a pouco; reconstruiram-se as igrejas do Corpo Santo e de S. Francisco, e levantou se a bella igreja da Madre Deus, de um primor artistico inestimavel, e o grandioso templo do Carmo, com as suas capellas e altares elegantissimos, e o seu todo imponente e bello; e a sua fachada toda de pedra, com uma torre elevada e elegante, é um primor architectonico. E' dessa epocha tambem, a velha igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, composta de uma só nave e de umá belleza artistica só avaliada com a propria vista, cujas paredes são completamente revestidas de altares e paineis bellamente emoldurados, e o tecto arqueado fechando-as com a mesma harmonia de ornamentação e capricho, formam um conjuncto de bellezas taes, que conferem a essa vetusta igreja os fóros de uma obra respeitavel e monumental.

No seculo XVIII novos monumentos se levantam, entre os quaes se destacam as igrejas de S. Pedro, com a sua nave octogonal, primorosas talhas, e bella fachada de pedra, e a da Conceição dos Militares, de admiravel esculptura ornamental em madeira, de seus altares, capella-mór e tribunas, principalmente do forro, e do bello e arrojado entablamento que contorna toda a nave, em forma de varanda, com figuras e ornamentações bellissimas.

A restauração do culto catholico com os esplendores e osteniações do seu rito, trouxe comsigo tambem os es-

plendores na parte artistica do culto, e primorosas composições musicaes, bellamente executadas, davam realce á pompa e apparato das cerimonias ecclesiasticas.

Ao reflexo da metropole onde a musica tinha attingido á grande progresso, desde a restauração, no reinado de D. João IV, insigne amador, que deu grande animação a arte; e depois, no reinado de D. João V, apixonado cultor da musica, que elevou a celebração dos actos religiosos da patriarchal de Lisbôa a um esplendor que nunca se vira em Portugal, que rivalisava em pompa e riqueza com a propria capella pontifical de Roma, toda essa animação, todo esse esplendor, não podiam deixar de influir na colonia,—pois de lá vinham-nos os governadores e os bispos, em sua maior parte pertencentes a mais alta nobreza da côrte; religiosos, militares, arlistas, e tantas outras pessôas e funccionarios, que sem duvida traziam o espirito illustrado e affeito aos uzos e costumes predominantes, e á animar e fomentar a sua imitação e introducção nos logares em que viviam.

A creação da igreja episcopal de Olinda deu grande incremento ás artes; e creou-se logo uma capella de musica na cathedral cujo mestre percebia o honorario annual de 60$000, em virtude da Provisão regia de 10 de Abril de 1697.

Pelos annos de 1788 funda-se no Recife a Irmandade de Santa Cecilia, que foi por assim dizer a nossa academia musical dos tempos coloniaes, consagrando em o seu Compromisso que ninguem poderia exercer a arte sem primeiramente entrar para a Irmandade, prestando previamente o competente exame, graças ao Alvará de 15 de Novembro de 1760, que ordena, que ninguem possa exercer a arte de musica, ou por estipendio em dinheiro, ou em generos, ou mesmo por presentes, sem ser professor e irmão de Santa Cecilia; e que todo aquelle que desobedecesse a esta ordem seria multado em 12$000 pagos da cadeia, sendo metade para a Irmandade e metade para o hospital; regalia esta que foi renovada por outro Alvará de 27 de Janeiro de 1766.

Aos actos religiosos da cathedral, das matrizes e conventos e de tantas outras igrejas, celebrados com pompa e esplendor, em que se exhibiam grandes orchrestras, executando em sua maior parte, composições dos nossos artistas, surgio, para ainda mais desenvolver o gosto artis-

tico já bastantemente accentuado, a introducção do theatro, em que geralmente predominavam, ao gosto do tempo, os dramas e comedias entremeados de musica.

A cathedral e as igrejas de primeira ordem, bem como os Senados das Camaras das principaes cidades e villas, tinham os seus mestres de capella, porquanto ás municipalidades incumbia então o dever da celebração de certas festas religiosas.

Em desempenho desse encargo, contractou o Senado da Camara de Iguarassú, em 5 de Dezembro de 1812, com José Pereira de Azevedo, mestre de musica morador na villa, a execução da musica das festas religiosas que era obrigada a celebrar, em cujo contracto se firmaram as seguintes condições, que as consignamos com o objecto de curiosidade : Festa do Corpo de Deus, com 3 vozes, 2 rabecas, 1 rabecão, 1 trompa e atabales, 12$000, e a cera do costume, que eram duas libras e meia ; e as festas menores com 3 vozes, 1 rabeca e 1 rabecão, a 6$000. Em 1822 pagou a Camara do Senado de Olinda ao seu mestre de capella, Faustino Theotonio Pereira Candozo, a quantia de 90$000 por *tres missas cantadas e tres Te-Deums Laudamus ;* e em 1826 pagou pela musica da festa da Restauração de Pernambuco, em 27 de Janeiro, 10$000 : mas achando que era extraordinaria essa paga, exige em 1831 do mesmo mestre de capella, que a orchestra das festas nacionaes de que pagava 10$000 por cada uma,—fosse composta de 3 vozes, 3 rabecas, 1 trompa, 1 clarineta ou flauta e 1 rabecão, ao que porém, não se sujeitou elle.

Nas contas da mesma Camara, de 1779, figuram estas verbas, que attestam os gastos com as solemnidades religiosas do tempo : *Padres. musica, sermão e cera da festa do Anjo Custodio do Reino, 45$000 ; Festa de S. Sebastião, 28$000 : Festa da Restauração 54$800* ; tudo de conformidade com o seu Regimento.

Em 1813 — *um grande musico ecompositor de Pernambuco,* —cujo nome ignoramos, foi para o Rio de Janeiro, e nessa epocha em que vivia alli o celebrado maestro e compositor Marcos Portugal, não passou elle despercebidamente. e constituindo-se antagonista daquelle compositor mostrava a todos os que quizessem ver os lugares que elle furtava de outros autores, publicando-os como originaes, o que muito concorreu para desmerecer as composições do famigerado maestro portuguez. Este facto consta de uma

carta dirigida daquella cidade para Lisbôa no mencionado anno, e transcripta por Joaquim de Vasconcellos na sua obra—*Os musicos portuguezes*—que acoima o seu autor de apaixonado e parcial. Em todo caso aqui deixamos consignado o facto para futuras investigações.

Se a musica religiosa, ou propriamente a orchestra attingio entre nós a certo gráo de desenvolvimento, e mesmo de esplendor, não o foi menos a musica marcial.

Introduzida, como vimos, pelos hollandezes, logo que rompeu a campanhia restauradora em 1645, organisou-se uma banda no nosso exercito, e depois do memoravel feito da Casa Forte, quando as tropas regressavam em triumpho para o acampamento da Varzea, faziam-no como narra um chronisa do tempo, *ao som de clarins, charanellas e outros instrumentos bellicos.*

Segundo o chronista da Guerra dos Mascates, em 1710 marchava o nosso exercito *ao som de caixas, trombetas e clarins,* e em 1789 foi creada um banda de musica no terço auxiliar de Goyanna, por consentimento do governador D. Thomaz José de Mello, á exemplo do acto do mesmo governador, que creára bandas para os regimentos milicianos do Recife a Olinda á esse tempo.

Por Decreto de 20 de Agosto de 1802 foi determinado que houvesse em cada regimento de infanteria uma banda de musica instrumental, paga pela fazenda real, e por Carta Regia de 26 de Setembro de 1811 foi ordenado ao governador Caesano Pinto, que a banda de musica que existia no regimento de infanteria do Recife—desde longo tempo, mantida pela officialidade do mesmo regimento, fosse d'ahi por diante mantida pelos cofres publicos, na forma do Decreto de 27 de Março de 1810, mediante a contribuição mensal de 48$000.

Por esse tempo, como refere Koster, era costume haver nos engenhos uma banda de musica composta de escravos tocadores de charamellas, gaitas de foles e outros instrumentros, que tocava á mesa e nos divertimentos da familia.

Em 1817 o governo republicano deu uma gratificação de cincoenta réis sobre o soldo de soldado infante que percebiam os musicos dos corpos de linha.

Por portaria de 30 de Abril de 1824 ordenou-se a Junta da Fazenda que mandasse vir da França dous

instrumentaes completos para bandas militares, e uma collecção de musicas para as mesmas.

A musica marcial montada existio tambem entre nós, e já em 1822 estavam creadas duas companhias de cavallaria que tinham as suas bandas especiaes.

De longos tempos, e até mesmo certa epocha, entre nós, fóra da musica religiosa, predominavam nos espectaculos publicos e divertimentos particulares, os minuêtes, villancêtes e sólos para dança, e as serenatas, rondós, sonatas, duetos, tercetos, quartetos, e as decantadas modinhas, tão apreciadas pela sua originalidade e belleza, para canto e instrumento. As arias e symphonias tinham tambem grande voga.

Usava-se tambem de concertos matinaes e nocturnos, desempenhados por bandos de moças e rapazes, nas ruas, ás portas das casas, em obsequio a anniversarios natalicios, casamentos e outras festas de familia.

De um desses concertos matinaes, que teve lugar em Goyanna pelos annos de 1824, em obsequio ao anniversario natalicio do escrivão da villa, deu-nos uma bella descripção o nosso poeta Alvaro Teixeira de Macedo no seu poema—*A Festa de Baldo.*

....

Era cedo, porém com tal motivo,
Pela fresca manhã deliciosa,
Já vinha certa gente combinada
Um festivo concerto dar á porta
Do seu esperdiçado amigo Cleto.
Co'este grato designio se colloca
Defronte do cartorio, qual milicia
Costuma praticar em grandes festas.
Tempera os instrumentos que trazia,
E dá começo ao brinde harmonioso :
Sôa a flauta da villa, e a guitarra,
E a voz sincera, que a compasso offerta
Louvôres mil, que aquella aurora inspira.
Em seguida se elevam as sonatas,
As arias maviosas d'outros tempos,
Que os peitos innocentes suavisam.
Oh ! melodia prole, da Germania !
Deleitas quasi sempre, e dentro n'alma

Crias brando sentir, e pintas quadros
Que os sons devem a luz; pelos ouvidos
Eloquente e fiel, como retratas
O que em puro silencio, não se vira!
Musica, doce, gosto de outras eras!
Se não fallas a mente sublimada,
A' brilhante cultura do intellecto,
Que abalos pede, e trances fervorosos,
Moves noss'alma moves quasi sempre
A suave tendencia que alli dorme;

....

Pois bem me lembro, que de Baldo áporta
Se havia reunido gente amiga,
Tocando symphonias e cantando
Maviosas cantigas de alvorada,
Ninguem mais dormitou na visinhança.
Que bello dispertar oh! que alegria!

....

As trompas, oboes, fagotes, clarins, cornetas, charamellas, clarinetas, flautas e gaitas de foles, eram os principaes instrumentos de sopro que se usavam; e de corda, a rabeca, cravo, viola, harpa, cithara, guitarra, violoncello e rabecão.

O orgão já se conhecia desde meiados do seculo XVI, nos conventos de Olinda, e foi muito vulgarisado no seculo XVIII pela montagem de uma officina para a sua fabricação, dirigida por Agostinho Rodrigues Leite, que nascera no Recife em 1722. Loreto Couto, seu contemporaneo, diz que elle era excellente fabricante de orgãos, dotado de um peregrino engenho e que sem outros mestres que a propria penetração, fazia excellentes orgãos, e que para os templos de Pernambuco e da Bahia os havia feito primorosissimos; e accrescenta: « Ao mesmo tempo que exercita esta rara habilidade, mostra que não se cega do interesse, dando as suas obras preço muito inferior ao seu subido valor. »

Fabricava tambem excellentes orgãos, por esse tempo como refere o mesmo escriptor, bem como todo o genero de instrumentos de sopro ou cordas, o nosso conterraneo Manoel Ignacio Valcacer, que era tambem insigne em lavrar ouro e prata, em cravar pedras e trabalhar em esmaltes.

O piano, cujo maravilhoso invento data de meiados do

seculo XVIII, e que começara a ser vulgarisado na Europa pelos annos de 1780, já era usado entre nós nos primeiros annos do seculo immediato.

Em 1810 havia já varios pianos no Recife e em Olinda. Koster, tratando da festa de Nossa Senhora do Monte que se fez naquelle anno, diz que a musica das novenas — « constava de um piano tocado pela senhora de um commerciante, de uma guitarra, e de alguns instrumentos de sôpro, executados por pessôas de boas familias. A musica vocal era tambem executada por iguaes pessôas, auxiliadas por algumas mulatas escravas. »

Em 1829 residia no Recife o professor e compositor Luiz Smolzi, italiano, que dava lições de piano, cantoria e contraponto; e em 1841 esteve por algum tempo entre nós o professor Jacob Maria Bertazzi, tambem italiano, que ensinou a piano, o *forte piano*, como então se chamava.

Em 1842 não havia em Pernambuco um só mestre de piano, mas esta lacuna foi preenchida com a acquisição de uma habilissima pianista, Mlle. Zoé Papon, vinda de Paris, onde era professora, tanto do instrumento como de canto, graças a iniciativa do nosso conterraneo o Dr. Joaquim de Aquino Fonseca.

O *Diario de Pernambuco* de 10 de Junho daquelle anno, noticiou o facto em artigo editorial, e referindo-se á falta de mestres habeis de musica na provincia, disse o seguinte:

« Essa falta geral, ainda mais sensivel era quanto a musica instrumental, pois é a que mais precisa de lição, e sobretudo do instrumento mais em voga na bôa sociedade, do instrumento mais analogo á brandura das mulheres brazileiras, o piano, — cujos professores, ou naturaes desta provincia, d'onde nunca sahiram, e que por consequencia nunca tiveram a lição dos grandes mestres: ou vindos de outras terras sem melhores requisitos do que os nossos compatriotas, muito deixavam a desejar, ainda mesmo para as pessoas, que não tinham de fazer da musica a sua vida. »

O *Diario* applaudindo a chegada de Mlle. Zoé, diz o seguinte sobre o seu merecimento artistico:

« Temos tido o prazer de ouvir algumas execuções da nova pianista, e cada vez nos tem deixado mais encantado; e tanto quanto podemos dar voto na materia, a Sra. Zoé

é digna discipula dos grandes mestres que teve: seu canto é de estylo e gosto apurado, e a facilidade, correnteza e acerto, com que ella sabe dar ao teclado de um piano, energia e expressão, a fazem pôr acima dos professores que tem tocado de passagem. »

Mlle. Zoé Papon teve uma educação perfeitamente artistica, foi discipula de Ponchard, insigne maestro do Conservatorio de Paris, e aprendeu a piano com o celebrado mestre Henri Hertz.

Data, pois, dessa epocha a vulgarisação do piano entre nós, e tão enthusiasticamente, que hoje bem se póde dizer que não ha casa, d'onde não se desprendam os harmoniosos sons de tão bello instrumento; e ainda mésmo nas cidades e villas do interior, não raro se deixa de ouvir as suas vibrações sonoras.

Na arte de musica, cujo gosto e intelligencia são proverbiaes em Pernambuco, tem-se distinguido grande numero de filhos seus, d'entre os quaes colhemos informações dos seguintes: Francisco Rodrigues Penteado, que floresceu no seculo XVII; os padres Francisco Leitão, Ignacio Ribeiro Noya, Antonio da Silva Alcantara, Felippe Nery da Trindade, Manoel de Almeida Botelho e João de Lima; o sargento-mór Luiz Alves Pinto e Maximo Pereira Garros, que floresceram no seculo XVIII, dos quaes trataremos em artigos especiaes, além de outros que apenas podemos mencionar os seus nomes, como Jeronymo Coelho, Joaquim Bernardo Fróes, o vigario Francisco Leitão, insigne grammatico e musico, na phrase de Loreto Couto, e os padres Vicente Ferreira dos Santos e Manoel Pereira Carmello; e no seculo XIX Luiz Francisco de Carvalho Couto, Francisco Januario Tenorio, Faustino Theotonio Pereira Candozo, Joaquim Bernardo de Mendonça Ribeiro Pinto, Thomaz da Cunha Lima Canturia, Patricio José de Souza, Joaquim Bernardo de Mendonça, José Marcelino da Costa, José de Lima, Theodoro Orestes e Pedro Nolasco Baptista, dos quaes nos occuparemos em artigos especiaes.

Pernambuco, diz A. J. de Mello, sempre teve mestres de musica, seus filhos, insignes em seus instrumentos, e compositores de maior ou menor vulto desde a mais remota data, e hoje em maior e mais preciosa extensão os tem... E pois a musica e a dança na provincia fazem parte da educação da mocidade, não havendo casa de al-

uma consideração e haveres, onde a melodia do piano e da cantoria se não façam ouvir.

Se a sociedade civilisada da colonia cultivava a musica, com todas as suas bellezas e harmonias, com todas as regras e preceitos da divina arte, e os nossos aborigenes, tambem, como já vimos, os escravos africanos, por sua vez, para suavisar as agruras do eterno cativeiro, e arrefecer as saudades da patria, cultivavam-n'a tambem, á seu modo, com toda a sua originalidade e monotonia nos seus serões, nos seus recreios domingueiros, em que faziam os seus Maracatús, e nas suas solemnidades festivas e funerarias. A musica africana é coeva da introducção de escravos em Pernambuco, e della faz mensão Fr. Raphael de Jesus, ao referir o feito da Casa Forte, em 1645, em que os applausos da victoria foram tambem celebrados — com o estrepito dos barbaros instrumentos de Minas e Indios, que acompanhados de seus confusos gritos, se fazia aos victoriosos grato, e aos vencidos importuno.

Celebravam os africanos as suas festas com danças e cantorias, acompanhadas de instrumentos musicos, fabricados e exclusivamente usados por elles, além das castanholas, bater de palmas concavas, e de differentes formas de assobios por elles inventados com muita variedade.

Esses instrumentos eram: o *Atabaque*, ou *Tambaque*, especie de tambor, porém quadrado, e muito estrepitoso; *Cangá*, feito de canna, com as extremidades fechadas pelos gomos da mesma canna, e com orificios; *Marimba*, formada de dous arcos semi-circulares, e com coités, em cujas boccas collocovam uma especie de tecla de madeira, sobre a qual batiam com um paosinho ao modo de vaqueta; o *Marimbáo*, que não sabemos se é um outro instrumento differente deste ultimo; *Matungo*, uma cuia com ponteiros de ferro harmonicamente dispostos; e os Pandeiros e Berimbáos que adoptaram.

A' par da musica se desenvolveu tambem a pintura. A restauração e reconstrucção dos nossos templos destruidos pelos hollandezes, e a construcção de novos outros no Recife, Olinda, e varios lugares, abrio grande margem para os trabalhos de pintura decorativa, e excellentes paineis de assumpto sacro se ostentam em alguns dos nossos templos.

Os factos notaveis da nossa historia, os nossos feitos guerreiros, e o retrato dos nossos heróes, foram tambem

assumpto de inspiração artistica na decoração dos nossos templos e edificios publicos.

E' assim que na Camara do Senado de Olinda se collocaram tres grandes quadros a oleo sobre madeira representando as batalhas de Taboocas e as duas dos Guararapes—« Para que a memoria da feliz ventura que affiançamos nesta primeira batalha de Taboocas não fique ao esquecimento do tempo, que este acaba tudo o que não é continuado aos olhos e assim vem a ser esquecido, mandaram os Srs. Senadores que serviam este presente anno de 1709, sendo Juiz de Fora o Dr. Luiz de Valençuela Ortiz, vereadores o capitão Pedro Cavalcanti Bezerra, Manoel de Moura Rolim, o capitão-mór José Camelo Pessoa, Procurador Fernando Bezerra Monteiro, perpetuar a memoria destas batalhas nestes quadros, para noticia dos que nascerem, nos vindouros seculos ; e assim mais todas as pinturas que ha nesta casa para adorno della ; sendo tudo para maior honra, louvor e gloria de Deus e nossa. Amen. »—As pinturas de que falla esta inscripção dos quadros, collocadas na casa para o seu adorno, eram os retratos dos nossos heróes, entre os quaes se notavam João Fernandes Vieira, D. Antonio Felippe Camarão e Henrique Dias, que desappareceram pela—« desapprovação ou glosa de algumas despezas feitas pela Camara por um corregedor, o que concorrera para o total estrago, e perda dos mesmos retratos.»

Os quadros do Senado de Olinda prestaram bons subsidios historicos á composição da bellissima tela de Victor Meirelles— *A Batalha de Guararapes*, sobre cujo merecimento disse elle o seguinte, em officio dirigido a presidencia da provincia em 26 de Março de 1874 :

« De nenhum merecimento artistico são aquellas pinturas ; entretanto, se attendermos a sua antiguidade, que se lê da respectiva explicação com a data de 1709, e aos costumes alli pintados, que me parecem ser reproduzidos com alguma fidelidade, tornam-se por isso não só dignos de apreço, como tambem de utilidade para o trabalho de que me acho commissionado pelo governo imperial.»

Victor Meirelles restaurou aquelles paineis, e ao remettel-os do Rio de Janeiro, quando terminou os seus estudos, disse o seguinte em officio dirigido a presidencia em 19 de Dezembro de 1875 : « Na restauração dessas pinturas, tive em vista conservar intacto, mesmo no tom lo-

cal, todo o trabalho primitivo de seu autor, conservando assim plenamente o caracter verdadeiro de sua antiguidade.»

Da mesma sorte collocaram-se na igreja matriz de Iguarassú, em 1729, quatro grandes quadros a oleo, *de bôa pintura*, na phrase de Jaboatão, cujos assumptos constam das suas respectivas inscripções. São ellas :

1° painel :—« A primeira terra, que em Pernambuco tiverão os portuguezes, foy esta de Iguaraçú, nome que lhe trouxe á admiração dos naturaes, vendo a grandeza das nossas embarcações, sendo o mesmo na sua lingua, Iguaraçú, que he Náo Grande, chegando a ella no anno de 1530, em 27 de Setembro, dia de Santos Cosme, e Damião, com cujo patrocinio vencerão no mesmo dia uma grande multidão de Indios, e expulsando-os fóra, attribuirão aos santos a victoria.—Ita Fr. Raphael de Jusus in Castriot. Lusit. liv. I n. 15.—E para maior triumfo do esquecimento, se fez este de parte das esmolas que deo para esta Igreja o Illustrissimo Senhor D. José Fialho de feliz mem. Bispo de Pernambuco, no anno de 1729, e fez a festa á sua custa.»

Inscripção do segundo painel :—«Vencidos os indios pelos Portuguezes em o dia dos Santos Cosme, e Damião, em reconhecimento de tão grande beneficio, no mesmo lugar da victoria, que he este de Iguaraçú, fundarão logo este templo, o primeiro que houve em Pernambuco, e o consagrarão aos gloriosos Santos, d'onde forão sempre continuas suas victorias, e maravilhas, e debaixo da protecção dos mesmos Santos fundarão esta villa, que tambem foy a primeira, que houve.—Ita Castriot. Lusit. liv. I n. 15.—E para maior memoria se mandou pôr este quadro, no anno de 1729, e o deo de esmola o R. P. Felix Machado, Coadjuctor do Recife.»

Inscripção do terceiro painel :- « Depois de terem os Hollandezes saqueado esta villa de Iguarassú no anno de 1632 em o primeiro de Mayo tornando á ella, no tempo em que estavam povoando a Ilha de Itamaracá, a buscar a telha de algumas casas, e Igrejas para fabricar as que faziam, indo destelhar tambem esta Igreja Matriz dos Santos Cosme, e Damião, o não poderão conseguir, porque dos que subirão a cima, huns ficarão cegos, e outros mortos. —Ita Com. Tradict.—E para memoria se pôs este quadro

no anno de 1729, que o deo de esmola o R. P. Manoel de Barros Valle.»

Inscripção do quarto painel :—« Hum dos especiaes favores, que tem recebido esta freguezia de Iguaraçú dos seus Padroeiros Santos Cosme e Damião, foy defenderem-na da peste, a que chamaram máles, e infestaram a todo Pernambuco, começando no fim do anno de 1685, continuaram pelo seguinte, e ainda que passaram a Goyanna, e outras freguezias adiante, deixaram intacta a toda esta de Iguaraçú ; porque ainda que duas, ou tres pessôas o trouxeram do Recife, nellas findaram, sem se communicarem a outra alguma. O que tudo é notorio ; e para memoria, se pôs este quadro no anno de 1729, e o deo de esmola Manoel Ferreira de Carvalho, morador do Recife. »

Em 1781 manda o governador José Cesar de Menezes pintar a batalha de Guararapes no forro do côro da igreja da Conceição dos Militares, no Recife.—« O pincel não é de Rapheel de Urbino nem de Corregio, diz Muniz Tavares ; foi porém de um artista pernambucano patrioticamente inspirado : elle pintou com fidelidade o que em seu peito e cerebro encerrava,—deixou-nos uma memoria, para que jamais esquecessemos o dia em que o batavo destroçado desappareceu d'entre nós· »

Ainda na igreja dos Prazeres, que a piedade christã dos nossos antepassados levantou sobre as memoraveis collinas de Guararapes, se notam dous grandes quadros a oleo sobre madeira representando os dous bellissimos feitos d'armas que tiveram por scenario o proprio lugar em que campeia a capella. No 1· painel collocado ao lado esquerdo ao entrar da capella, se lê esta legenda :

« Pequena representação da ventura, que hoje logram no Brazil seus naturaes, por especial favor da Virgem Maria Mãi de Deus, cheia de prazer, com que seu divino empenho moveu aos animos dos antepassados nossos, que segundo a disciplina do Governador Geral Francisco Barreto de Menezes, á astuciosa intelligencta do Mestre de Campo José Fernandes Vieira, e ao valor do Mestre de Campo André Vidal de Negreiros, se viram nestes Montes dos Guararapes copiosos rios de sangue, com que o barbaro hollandez pretendia destruir o pequeno numero, que havia, porém se viram em poucas horas com 3.000 homens mortos, e da nossa parte com 40, e assim foram destruidos, e nós triumphantes aos prazeres de Maria, tudo lhe deve-

mos, e á vós ó Virgem Santissima, nos restaurastes, e cheios de jubilo vos damos mil louvores. Os heróes portuguezes foram : 1. o General Francisco Barretto de Menezes ; 2. o Mestre de Campo João Fernandes Vieira ; 3· André Vidal de Negreiros : 4. Governadar dos Indios, D. Antonio Felippe Camarão ; 5· Governador dos Pretos, Henrique Dias. E dos Hollandezes : 6· o General Segismundo ; 7· o Coronel Brinck ; 8· Coronel Vaneles ; 9· Coronel Hevert ; 10· Coronel Guilherme Austin · 11· Henrique Hus. »

« Feitos no anno de 1801, sendo o Sr. D. Abbade o Muito Reverendo Padre Mestre ex-Provincial Frei Luiz da Assumpção, e Administrador desta Capella o Muito Reverendo Padre Mestre ex-Definidor e terceiro provincial. »

O segundo painel, collocado no lado opposto, tem esta inscripção :

« Aos 18 de Fevereiro de 1649 se viram estes montes matisados de uma risonha primavera, com que se adornaram seus espaçosos vales, pois na pompa com que o trajou o Hollandez este dia, prodigios foram de sua ruina, e annuncio de sua desdita sorte. »

« Quando esperavam vencer cheios de alegria se achavam no tumulo de maior sentimento : os grandes favores da Mãi de Deus com que sua protecção nos mostrou, que marchando o barbaro hollandez com o numero de 12.500 homens, a da nossa parte entre brancos, indios e pretos, enchiam o numero de 2.600. Fortuna que só maginava os nossos corações, a nossa santissima fé, e com ella dirigindo os louvores a nossa Mãi Santissima ; sahimos triumphantes e não vencidos : numero 1, General Francisco Barreto de Menezes ; 2· Mestre de Campo João Fernandes Vieira ; 3· Mestre de Campo André Vidal de Negreiros ; 4· Governador dos Indios, D. Antonio Felippe Camarão ; 5· Governador dos Pretos Henrique Dias ; 6· Governador hollandez Segismundo 7· Coronel Vandebrand ; 8· Coronel Olaz. »

« Estes são os heróes que a fama nos apresenta, aquelles libertadores da Patria, estes perseguidores dos Templos. A quem se não Vós, ó Divina Maria, devemos esta victoria. »

Para desenvolvimento e animação da pintura entre nós, bem pouco se tem feito.

Em 1800 abrio-se a primeira aula de desenho que

houve em Pernambuco, no Seminario Episcopal de Olinda, regida pelo habilissimo desenhista o padre João Ribeiro Pessoa, que executára todo o trabalho graphico dos estudos de botanica de Arruda da Camara; em 1838 autorisou a presidencia da provincia ao professor de desenho do Lyceu Pernambucano á abrir na sua aula uma classe especial de pintura; em 1841 o pintor italiano José Marinangeli Romano, abrio no Recife um curso de desenho e pintura; e em 1848 existia no Collegio dos Orphãos, em Olinda, um curso de desenho e artes, de que era professor Francisco Manoel Béranger.

Na pintura nobilitaram-se pelo seu merecimento, José Pinhão de Mattos, D. Rita Joanna de Souza, Antonio Splanger Aranha, Arsenio Fortunato da Silva, Sebastião Canuto da Silva Tavares e Joaquim José de Siqueira Varejão, dos quaes trataremos em artigos especiaes, alem de João de Deus Sepulveda, que fez os quadros do tecto da igreja de S. Pedro do Recife, Francisco Bezerra, que fez os quadros da capella-mór da mesma igreja, e Antonio de Sepulveda, que vivia em 1736, quando — pintou de novo por 12$000, o retrato do governador João Fernandes Vieira, que existia na Camara de Olinda.—Sepulveda, refere Loreto Couto, ensinou a pintura a suas filhas Tereza, Lucinda, Veronica e Luciana, que nasceram na cidade de Olinda, as quaes, — « com poucas lições sahiram todas mui consumadas nesta arte; riscam, debucham e pintam com perfeição e singularidade tal, quanto inculca o singular apreço que se faz de qualquer artificio seus. »

A gravura só foi introduzida entre nós nos primeiros annos do seculo XIX. Entretanto, já em meiados do seculo anterior, se deleitava o nosso historiador Jaboatão em cultivar a gravura, e como diz Loreto Couto, — *tinha grande destreza em abrir subtís estampas e primorosas imagens ao burril, e rara habilidade para exercitar todas as artes.* Segundo o mesmo escriptor era tambem Jaboatão —*insigne em formar os caracteres para os livros do côro, debuchando com a penna, como se fôra pincel, as letras iniciaes, e illuminando-as com ouro e diversas côres.*

Em 1817 existia uma officina de estamparia á gravura pertencente ao cartographo José Fernandes Portugal, a qual foi sequestrada pelo governo em virtude de Portaria de 14 de Agosto do mesmo anno, e entregues todos os seus materiaes ao sargento mór engenheiro Francisco José de

Souza Soares de Andréa. Nessa officina imprimiram-se varias cartas hydrographicas, estampas e outros trabalhos.

Em 1819 creou o governador Luiz do Rego uma officina de gravura em metal, no Trem Militar, depois Arsenal de Guerra, e nomeou para a dirigir um habil profissional, João Pedro Adour, que accumulava as funcções de professor de desenho do mesmo estabelecimento. Por Aviso de 28 de Fevereiro de 1820 teve Adour nomeação régia para aquelle cargo, com 2$000 diarios, com a obrigação de lecçionar tambem o desenho; mas creado o Lyceu Pernambucano em 1825, passou elle a servir neste estabelecimento leccionando desenho. Adour era francez, nasceu em 1796, e era um artista habilissimo. Em 1829 deixou a arte, fez se negociante, adquiriu alguma fortuna, e em 1836 retirou-se para a França.

Na officina de gravura do Trem imprimio-se em 1822 uma planta hydrographica de represa do rio Beberibe, do engenheiro Conrado Jacob de Niemeyer, gravada por Adour.

Posteriormente houve uma estamparia pertencente a um Marroquim, que por sua morte, em 1840, passou á José Lino Alves Coelho sendo então situada na rua Estreita do Rosario N. 20. Fazia gravuras em cobre, impressas com tintas de côres, em prensa especial, e trabalhava principalmente em estampas de santos, letras, conhecimentos bilhetes de visita, rotulos, etc. Esta officina ainda trabalhava em 1842.

Depois estabeleceu se uma outra officina de gravura na Rua Nova n. 63, onde se imprimia, especialmente estampas de santos, de muito bom trabalho, principalmente as gravadas por Antonio de Souza Mattos, artista pernambucano de muito merecimento. Dos seus innumeros trabalhos de estamparia podemos reunir os seguintes authenticados com a sua assignatura: S. Miguel Archanjo; — Nossa Senhora do Terço; — Nossa Senhora do Livramento; — Senhor Bom Jesus da Cruz, erecta na igreja do Rosario da Bôa Vista; — Nossa Senhora da Penha; — Nossa Senhora do Rosario; — Santa Thereza de Jesus (duas estampas differentes); — A Veneravel Imagem do Senhor Santo Christo erecta no convento dos religiosos de Santo Antonio da povoação de Ipojuca; — Nossa Senhora da Conceição dos Coqueiros na Bôa Vista; — Nossa Senhora da Conceição (duas estampas differentes); — S.

Francisco de Assis (tres estampas); — S. Francisco de Assis recebendo as Chagas; — O Senhor dos Passos; — Nossa Senhora da Conceição, que se venera na igreja da Congregação: — Gloria ao Divino (Nossa Senhora, Os apostolos e o Divino Espirito Santo, duas gravuras differentes); — Nossa Senhora do Carmo, Santo Elias e S. Eliseu; — e Sant'Anna que se venera na igreja da Congregação do Oratorio de Pernambuco. — Algumas destas estampas são impressas com tinta azul, umas, e vermelha outras e todas ellas abertas em laminas de cobre.

A' par de Antonio de Souza Mattos, tivemos tambem, no seu tempo, Manoel Antonio de Souza, pernambucano, habil desenhista e gravador, discipulo da officina de gravura do Trem, na qual, segundo um attestado de J. P. Adour, passado em 1832, alem das occupações ordinarias de desenho e gravura, se occupava *na fundição de typos, impressões, concertos de instrumentos de mathematicas, etc. etc.* Souza deixou a officina em 1835 quando foi nomeado desenhista da extincta repartição do Archivo Militar, e em 1842 passou a servir na repartição das Obras Publicas, em cujo cargo se aposentou posteriormente. Foi elle quem abrio os cunhos da medalha commemorativa da fundação da Casa de Detenção, e fez a gravura de varios trabalhos, estampas de santos, etc.

Em 1852 existia uma *Imprensa de musica*, á gravura, que trabalhava na Rua Bella n. 28 de cuja officina vimos as walsas *Madrugada*, para piano, *Salto* pará flauta e *Luizada* para violão, que se vendiam a 320 réis.

A gravura em metal, porém, que attingio entre nós a um certo gráo de desenvolvimento, começou a decahir com a introducção da lythographia, cuja competencia, depois, quasi que a fez desapparecer.

Em 1842 o *Diario de Pernembuco*, em seu numero de 27 de Agosto, publicou um artigo edictorial aventando a idéa do estabelecimento de uma lythographia na capital, e desenvolveu convenientemente as suas vantagens, em occasião que lhe pareceu opportunissima, uma vez que se trabalhava no levantamento da carta corographica da provincia, e em epocha em que — muitos de nossos artistas não publicavam as suas composições por falta de uma pedra lythographica, que as multiplicasse commoda e facilmente.

Não sortio, porém, tão bôa idéa o effeito desejado; mas alguns annos depois estabelece A. Garnier uma lythographia no Recife, que já existia em 1848, quando imprimio o *Plano topo-hydrographico do porto e cidade de Pernambuco*; esse estabelecimento, é talvez o primeiro que no seu genero houve em Pernambuco.

Em 1859 A. Ridoux abre uma officina no Recife que existiu até bem pouco tempo mantida por um de seus discipulos e successor, e em 1867 F. H. Carls abre uma outra officina, que ainda trabalha sob a direcção de tão perito profissional, que tem sabido dotar o seu estabelecimento dos mais modernos e aperfeiçoados machinismos, do melhor material possivel, e de habilissimos profissionaes, de forma á tornal-o uma casa de primeira ordem, cujos trabalhos, em todos os generos, não deixam nada a desejar dos melhores que se fazem na Europa.

Vulgarisada, portanto, a lythographia entre nós, foi facil a propagação da arte pela aprendizagem e estudo, de forma que é hoje ella uma das mais adiantadas, conta varios estabelecimentos, entre os quaes dous precisamente montados, o *Atelier Miranda* e a *Fabrica Caxias*, em edificios proprios, que especialmente exploram o fabrico de cartas de jogar, perfeitamente trabalhadas, competindo de tal sorte com o similar estrangeiro, que extinguio a sua importação.

A lythographia pernambucana é uma das artes que faz honra ao Estado, pelos seus multiplos e bellissimos productos, desde o mais simples trabalho, até o mais correcto e delicado chromo.

A ourivesaria foi tambem uma das artes que muito progredio entre nós, apezar de certos embaraços que encontrou, graças a má orientação dos governos de então, sendo o primeiro o Alvará de 20 Outubro de 1621, que ordenou, *que nenhum mulato ou negro, nem indio, posto que forros*, exercesse a arte de ourives.

A Carta Regia de 12 de Janeiro de 1698 ordenou que em Olinda não houvesse mais que dous ourives, e que o governador escolhesse aquelles que fossem de maior verdade, e de melhor procedimento, e os mais ficassem suspensos do seu officio, e o não podessem exercitar, e que só morrendo algum dos dous entraria outro no seu lugar; e que tivesse elle governador grande cuidado em saber se

os dous ourives fundiam moeda para lavrar prata, para proceder contra elles, executando se-lhes as penas impostas na Ordenação do Reino aos ourives que desfaziam moeda.

Essa terminante prohibição se foi relaxando pelo tempo adiante, de forma que tornou-se excessivo o numero de ourives em Pernambuco.

Sobre isso representou ao rei o Juiz de Fóra da capitania, em carta de 25 de Abril de 1732 dizendo—«que era excessivo o numero de officiaes de ourives que existiam em Olinda, no Recife, e outros logares, sendo a maior parte delles mulatos e negros, e ainda escravos, contra a lei, resultando disso gravissimo damno a republica, apparecendo moedas de prata de uma e duas patacas falsas, cuja falsidade se conhece somente com o reparo e observação de que são fundidas em fôrmas de ourives.»—Sobre tal representação baixou uma Provisão em 6 de Setembro do mesmo anno, dirigida ao governador para informar a respeito ; mas do seu resultado nada consta.

Sem duvida novas representações foram dirigidas á metropole, porquanto pela Carta Regia de 30 de Julho de 1766 foi prohibido o officio de ourives em Pernambuco, determinando-se :

1· Que sejam presos, e sentem praça nos regimentos pagos das capitanias todos os officiaes, e aprendizes do officio de ouro, ou prata, que forem solteiros, ou pardos forros.

2· Que sejam fechadas todas as lojas dos referidos officios, demolindo-se as forjas, e sequestrando-se os respectivos instrumentos, e utensilios, que serão pagos pelo seu justo valor.

3· Que os mestres das mesmas officinas assignem termo de nunca mais exercerem o seu officio, sem licença do governo, sob as penas fulminadas contra os falsificadores de moeda.

4· Que os aprendizes, e artifices escravos sejam logo entregues a seus senhores, os quaes por elles se obrigarão por igual termo, sob pena de perderem os ditos escravos, e de degredo para Angola.

5· Que as referidas penas sejam applicadas a todos aquelles que em suas casas se encontrarem d'ora em diante fundições, ou instrumentos do dito officio.

6· Que os mestres peritos do mesmo officio, possam,

querendo, transportar-se para o Reino, afim de exercitarem livremente, ou serem empregados na casa da moeda, e fundição da Bahia, Rio de Janeiro, Minas e outras capitanias.

7· Que nas alfandegas se não dê despacho a instrumento algum do dito, officio, sob pena aos respectivos empregados da perda dos lugares.

8· Finalmente, que nesta materia se admittam denuncias em segredo, e se dêem aos denunciantes metade dos objectos apprehendidos.

Se esta lei foi barbara e iniqua, cousa peior, porém, veio depois: o Alvará de 5 de Janeiro de 1785, mandando peremptoriamente acabar,—*como absoluta necessidade, com todas as fabricas e manufacturas do Brazil !*

Pouco a pouco, porém, se foi relaxando a prohibição de 1766, de sorte que, pelos annos de 1810, segundo narra o viajante inglez H. Koster, a arte de ourives era uma das que tinha alguma importancia no Recife, pela procura e prompta sahida de joias de toda a especie, de ouro e prata, e ainda pela fabricação de galões de ouro.

Afinal, foi derogada a Carta de 30 de Julho de 1766, pelo Alvará de 11 de Agosto de 1815, que permittio aos habitantes do Brazil a faculdade de usarem livremente do officio de ourives de ouro e prata, trabalharem nos referidos metaes, e negociarem em obras de ouro e prata.

A ourivesaria que muito floresceu antes da prohibição da arte, contou grande numero de profissionaes habilissimos, cujos trabalhos, que ainda nos restam, em joias principalmente, pela bellissima cravação da pedraria, e em alfaias, e objectos do culto, em nossas templos, attestam o primor e delicadeza de taes trabalhos. D'entre tantos, apenas podemos particularisar Antonio Rodrigues Machado, que executou a cruz pontifical da Igreja de S. Pedro do Recife; e Angelo Bezouro, cujo talento muito apreciára o governador Conde de Villa-Flor, e que segundo Caneca, --não obstante não ter sahido de sua patria, á estudar, trabalhava com tanta perfeição e delicadeza, que as suas obras em nada cediam as mais perfeitas da India e China; e que deste genio verdadeiramente grande teve conhecimento de muito perto o Conde D. Antonio de Menezes, que não cessava de admiral-o.

A arte de ourives era então distinctamente separada, em ourives de ouro e ourives de prata. Estes ultimos ti-

nham em 1756, a sua *Irmandade de S. Eloy, Bispo*, erecta na igreja do Paraiso, e elegiam o seu juiz do officio, cuja posse era dada na casa da Camara, como consta de um termo lavrado no dia 16 de Julho d'aquelle anno. O mesmo costume se praticava com as classes de artes e officios que tinham tambem as suas irmandades, ou confrarias religiosas, como a dos sapateiros, a irmandade de S. Chrispim e S. Chrispiniano, e a dos carapinas e marceneiros, a de S. José. As demais, porém, elegiam os seus juizes perante a municipalidade, que em seguida lhes deferia a posse : essas eleições tinham lugar annualmente.

Nessa epocha, uma grande parte dos officiaes de officios mechanicos eram pardos e pretos escravos, que seus senhores, para que elles não se relaxassem em vicios, os conservavam trabalhando em suas casas ou debaixo das suas vistas.

Mas a esse procedimento se oppunham os juizes e escrivães de officios, negando-se não só a examinarem taes escravos, á livremente trabalharem nas suas officinas, ou tendas abertas, sem embargo de que ordinariamente, eram elles bons officiaes de officios, como se oppondo a que a Camara lhes desse licença para trabalharem.

Surgem, porém, reclamações diversas sobre esse procedimento dos juizes de officios, e attendendo-as a camara resolveu em vereação de 13 de Novembro de 1756, que os officiaes escravos, pardos, indios ou pretos, que se quizessem examinar, dirigissem os seus requerimentos por si ou seus senhores, solicitando a competente carta, dando logo as providencias necessarias se porventura os respectivos juizes se negassem a taes exames. Nesse acto discute a Camara os prejuizos que aquella opposição dos juizes acarretava aos senhores de escravos artistas, bem como ao publico, porque as obras por elles produzidas eram mais baratas, notando-se ainda, que se elles trabalhassem nas officinas dos forros,—*tiravam esses para si uma terça ou quarta parte dos seus jornaes, com grave prejuizo não só dos senhores como dos consumidores.*—Não somente por essas considerações como por outras, que a Camara tambem discute, tomou a referida medida, determinando que de tudo se extrahisse certidão authentica para se apregoar e affixar nos lugares publicos, não só da villa do Recife como nos das povoações do seu termo.

A elaboração dos metaes por moldagem, fundição e outros systemas, data de tempos remotos. Os hollandezes deram grande incremento á esse ramo de serviço com a montagem das suas officinas no Recife, e depois, em 1663 já havia em Olinda uma fundição de metaes.

Como se vê dos *Regimentos* dos officios de caldereiro e latoeiro, organisados pela Camara do Recife em 1777, eram elles muito adiantados entre nós; e dentre os objectos fabricados pelos primeiros, notam-se bacias, taxos, caldeirões, panellas, escumadeiras, côcos de beber agua, chicolateiras, candeias e outros objectos, todos taxados a razão do pezo, entre 50 e 280 réis á libra. No *Regimento* dos latoeiros, porém, imposto pela camara em 13 de Setembro daquelle mesmo anno, avultam mais os productos, notando-se entre outros: alampadas, lampeões, estribos, almofarizes, colheres, garfos, ferros de engommar, campanhias, fivelas, funis, medidas, e peças para obras de marcenaria, sendo uns objectos pagos por feitio e outros á peso.

Os outros officios tinham tambem os seus *Regimentos* especiaes, organisados pela camara, cujas taxas, se nos fosse licito descer a essas minudencias, constituiriam um objecto de bastante curiosidade, comparativamente com as que actualmente existem.

Em 1768 havia uma fundição pertencente a Nicoláo Coelho de Albuquerque como consta de um termo que assignou na Secretaria do Governo em 15 de Janeiro, pelo qual se obrigou a fundir, no termo de tres mezes, um sino de uma arroba e vinte e duas libras de metal, para a igreja da Estancia, cujo metal já havia recebido dos encarregados das obras da mesma igreja, fazendo porém de graça a dita fundição por ser obra para Nossa Senhora.

Parece, porém, que posteriormente houve alguma ordem do governo prohibindo a industria, porquanto por Aviso de 27 de Maio de 1795 dirigido ao governador, — foi facultada a industria e exploração do ferro, devendo porém as officinas pagar uma contribuição para fazer face a perda dos direitos que importavam as obras e ferro, quer bruto quer em barra, que vinham; — e sobre o assumpto, expedio o governador as necessarias communicações ás Camaras, em circular de 28 de Julho do mesmo anno.

Em 1821 havia uma fundição no Recife, onde se fundio o sino grande da torre do convento de S. Francisco da ci-

dade de Olinda, como se vê desta inscripção, em relevo, sobre o mesmo sino: *João Duarte de Faria, Rua Nova, Pernambuco 1821.*

Estabelecimento completo, convenientemente montado só o tivemos pelos annos de 1829, fundado por Harrington & Starr, na rua da Aurora, na casa situada junto a igreja dos inglezes, por cuja circumstancia deram-lhe os seus proprietarios o titulo de — *Fundição da Aurora.*

Foi esta a primeira fundição regular que houve no Brazil, e que pôde vangloriar-se de que a primeira machina a vapor fabricada na America Meridional, foi a que sahio das suas officinas, em 1836, especialmente construida para o engenho Caraúna, em Jaboatão, pertencente ao coronel Domingos de Souza Leão.

Em 1847, quando pertencia a C. Starr & C. foi a fundição transferida para um vasto edificio especialmente levantado na mesma rua, onde funccionou até 1874, quando se extinguio o estabelecimento.

Mesquita & Dutra, Bowmann, e outros, em vista da grande sahida de machinismos, instrumentos de agricultura, e muitos outros artigos, estabeleceram novas fundições, cujos trabalhos tinham extracção não só neste como em outros estados, preparando-se assim grande numero de artistas, em sua maior parte nacionaes.

Essa industria, cujos productos representam o concurso de differentes artes, como as de ferreiro, fundidor, modelador, torneiro, latoeiro, caldereiro, e outras, prosperou muito em vista da grande sahida dos seus productos, tão bons e mais baratos do que os fabricados no estrangeiro, porquanto o ferro era livre de direitos, e os machinismos importados pagavam 35 %.

Mas o governo entendeu matar a prospera e futurosa industria. Isentou de direitos os machinismos e ferragens de agricultura, e ao mesmo tempo impoz sobre o ferro bruto e outros metaes necessarios ás fundições, direitos de importação de 10 a 30 % sobre o seu valor! Não ficou ainda nisto só. Veio por sua vez a Assembléa Provincial, e lançou um imposto de 5 % de direitos sobre o valor dos artefactos de exportação!

Com taes medidas cessou completamente o fabrico de machinismos e instrumentos agricolas e industriaes em Pernambuco, e com a limitação do trabalho, grande numero de artistas e operarios ficaram sem meios de vida.

Desappareceu a bella e bem montada Fundição da Aurora, e as que poderam se aguentar diminuiram a força de trabalho, e limitaram-se a officinas de concertos, e a produzir um ou outro artefacto de simples fabricação, e peças de machinas que de prompto não se podia mandar vir do estrangeiro.

Apezar disso, não morreu de todo tão importante industria entre nós, porquanto ainda existem importantes estabelecimentos de fundição e elaboração diversas de metaes, que embora não deem ao trabalho o impulso de outr'ora, todavia são muito bem montados, e proporcionam a fabricação de quasi todas as machinas, ferragens e instrumentos agrarios e industriaes.

A nossa architectura, em geral, não se recommenda pela sua originalidade e elegancia, defeito este que vem já dos tempos coloniaes; inspiravam-se então os nossos architectos nos monumentos, geralmente da metropole, e construiam com muita solidez.

Os hollandezes deram algum impulso á architectura, pelo grande numero de predios que levantaram, entre os quaes se notam os dous vistosos palacios de Friburgo e Bôa-Vista, alem de outras construcções em que a esthetica pouco influia, como nas pontes, canaes e fortificações.

Ainda hoje, apezar de decorridos mais de dous seculos, se notam vestigios bem vehementes da architectura batava em alguns predios do bairro do Recife, principalmente, onde teve maior desenvolvimento as suas construcções. A' esse respeito assim se exprime um viajante que visitou a nossa capital em 1891, o Dr. Emilio A. Goeldi, nas suas *Observações e impressões de viagens:*

« Entrando na parte antiga da cidade, fiquei singularmente impressionado pelos multiplos vestigios, difficilmente a desconhecer, do estylo architectonico germanico— certas ruas e certos edificios trahem logo a origem hollandeza. Achei-me no lugar onde Marcgraf e Piso, dous seculos antes, tinham feito seus estudos sobre a historia natural do Brazil — os primeiros, que geralmente tem ficado conhecidos, e a todo passo se me apresentaram recordações historicas sobre o memoravel periodo, em que o Conde Mauricio de Nassau fundou uma florescente cidade, na qual tanto soube desenvolver a industria, artes e sciencias.»

Mas depois da expulsão dos hollandezes, se a architectura se expandio na construcção dos nossos templos e de alguns edificios publicos, retrahio-se quanto ao gosto e elegancia nos predios destinados á habitação.

As casas não tinham cornija, e nos sobrados se notavam pronunciadas sacadas, com varandas de madeira, abrigadas por um alpendre. Em geral, as portas e janellas das casas terreas eram fechadas por urupemas, que faziam as vezes de venezianas ou rotulas, o que só desappareceu em fins do seculo XVIII, graças a uma simples ordem do governador D. Thomaz José de Mello, pondo-se em seu lugar rotulas de madeira.

Em outros lugares permaneceu o uso das urupemas ainda por algum tempo, sendo digno de nota o modo porque desappareceram ellas das casas da villa de Goyanna.

Marchando para alli á frente de uma divisão o general governador Luiz do Rego Barreto, em certo dia deu ordem para um exercicio ás tres horas da tarde, e quando as tropas estavam reunidas no largo do Carmo, mandou ensarilhar armas, e dispersar, recebendo então a soldadesca ordem de derramar-se por toda a villa, afim de quando tocasse a reunir, avançar sobre todas as portas e janellas que tivessem urupemas, arrancal-as, e conduzil-a para o referido largo.

De feito, dado o signal, cumpriram os soldados a ordem que receberam, e pelas Aves Marias, na phrase de um chronista do tempo, um monte de urupemas ardendo, divertia os espectadores, e fazia chorar rabugentas velhas.

Pelos annos de 1808 e seguintes, operou-se nas construcções urbanas grandes melhoramentos á par do incremento e desenvolvimento que tiveram. As pesadas e sombrias gelozias das sacadas, foram quasi que geralmente substituidas por caixilhos envidraçados, e as toscas varandas de madeira, começaram a ser substituidas pelas de ferro. Por esse tempo, refere Kostor, foram construidas numerosas casas de campo, e o preço dos terrenos nos arredores do Recife tinha consideravelmente subido de valor.

A fabricação de tijolos tornou-se uma industria muito lucrativo, e os operarios bastante pracurados; e sem notar muitos lugares, conclue aquelle viajante, basta citar o terreno situado entre os povoados do Peço da Panella e do

Monteiro, com cerca de uma milha de extensão, que em 1810 estava coberto de mattos, em 1815 tinha sido limpo e roçado, e construiram-se casas com jardins.

Mas a evolução da architectura, e da arte de construcção entre nós, data de 1839, graças a generosa iniciativa do presidente da provincia Francisco do Rego Barros, depois barão e conde da Bôa Vista, que mandou contractar no estrangeiro uma companhia de artistas mechanicos e operarios para os trabalhos de obras publicas, que então tinham tomado grande desenvolvimento.

Todo o pessoal da companhia era allemão, contractado em Hamburgo, tendo por director um habilissimo architecto, o engenheiro Augusto Koersting. A companhia compunha-se de 105 artistas, pedreiros, carpinteiros, canteiros e operarios diversos, e saltou no Recife no dia 21 de Julho de 1839.

Os operarios começaram logo os seus trabalhos nas diversas obras publicas que se faziam na cidade, como o theatro Santa Izabel, Alfandega, cáes e outras, e no interior da provincia, na construcção de pontes e estradas.

Concluido o tempo do contracto, e dissolvida a companhia, uma grande parte dos operarios estabeleceu-se entre nós, e começou a exercer as suas diversas profissões, diffundindo, portanto, com a admissão de discipulos nacionaes que aceitaram, e mesmo de officiaes para os auxiliar, as regras, os preceitos, e tudo quanto sabiam do adiantamento e aperfeiçoamento das artes que professavam.

E' dessa epocha portanto, que data o aperfeiçoamento e progressos das artes de pedreiro e carpinteiro entre nós. As pesadas cornijas vagarosamente feitas á mão, desappareceram, e deram lugar ás novas, que se vulgarisaram, elegantes e rapidamente construidas a molde; e as vergas das portas e janellas dos predios, feitas de pedra, em toda a largura da parede, deram lugar as novas que dispensavam aquelle material, construidas de alvenaria, por meio de simplices, quer fossem rectas ou abatidas, semi-circulares ou ogivaes; alem de outros melhoramentos, como a ornamentação architectonica, as maiores dimensões ás portas e janellas, encimadas por cornijas, que deram um tom agradavel e bello ás nossas construcções: e facto digno de nota, as obras de construcção tornaram-se mais baratas, porque desappareceu o

trabalho de canteiro do material de pedra, e pela economia de salario que adveio, com o novo systema de moldes e simplices nas obras de ornamentação, e na feitura das cornijas e janellas, e outros trabalhos menos complicados, não só da arte de pedreiro, como tambem de carpinteria. A introducção do estuque é tambem dessa epocha.

Se as construcções urbanas passaram a ter um aspecto elegante, e se foram desenvolvendo pelo progressivo alargamento da cidade, igual incremento recebeu tambem as construcções do campo.

As casas baixas, geralmente de quatro aguas, com alpendres sobre pilares, deram lugar aos predios elegantemente construidos, com os seus frontões e columnatas, de formas e architectura differentes, no meio de jardins e pomares, fechados por gradil e portão de ferro, e por fim a novos generos de construcção, ao elegante chalet, com toda a belleza do seu typo original, e a luxuosas habitações com a sua frontaria de marmore, bellamente architectadas, desde o modesto estylo toscano até o imponente gothico, e o bello mourisco, que dão as nossas estradas suburbanas e aos arrabaldes da cidade um aspecto imponente e agradavel.

A carpinteria tambem desenvolveu-se bastante, e datam dessa epocha as escadas de volta e espiraes, as venezianas, e outros melhoramentos.

Os progressos da marcenaria, porém, datam de tempos mais remotos.

Em 1820, Francisco Manoel Beranger, habilissimo artista francez, estabeleceu uma grande officina de marceneiro na rua da Florentina, montada com o que havia de mais aperfeiçoado em mechanismos e ferramentas, e tendo a seu serviço bons officiaes, fabricava bellos moveis, de modelos novos e elegantes, e de uma perfeição admiravel. Foi Beranger quem introduzio entre nós o uso do verniz de boneca, que era desconhecido, e usado apenas o de pincel; e admittindo grande numero de rapazes nacionaes como aprendizes, tornaram se depois peritos officiaes de marceneiro, e sahiram da sua officina dispondo de todos os elementos que o gosto e a perfeição tinham introduzido na arte.

Beranger teve um filho em Pernambuco, de igual nome que mandou estudar em Paris, e depois de seis annos de aprendisagem em diversas fabricas e officinas, regressou

para o Recife em 1846, trazendo apurado conhecimento profissional de marcenaria, tapessaria, marchetaria, entalhadura e torneado; e estabeleceu então uma grande officina de marcenaria na rua do Collegio n. 2, que proporcionou mais largo desenvolvimento dessa arte entre nós.

Francisco Manoel Beranger filho era um artista habilissimo, intelligente, e bem preparado.

Era especialmente entalhador, e entre varios trabalhos seus que nos resta, nota-se o elegante pulpito da igreja de S. Francisco do Recife, de bella e primorosa esculptura, que fez em 1850; e além disso era bom desenhista, cuja materia leccionou no Collegio dos Orphãos, na Sociedade dos Artistas Mechanicos e Liberaes, e particularmente em sua casa, onde abrio um curso completo.

Talvez contemporaneamente ao velho Beranger, um outro francez, José Vallet, abrio tambem uma grande officina de marcenaria, na rua da Cruz, e retirando-se para o seu paiz em 1831, com alguma fortuna, deixou grande numero de discipulos peritos na arte. Trabalhava com perfeição em obras de todos os generos, mas especialmente em secretarias, commodas, camas, etc.

Por esse tempo, Antonio Jorez, torneiro francez, tinha uma officina no Aterro da Bôa-Vista n. 10, e trabalhava em todo o genero de tornearia, em madeira, marfim e metaes, cuja arte diffundio a grande numero de discipulos que admittio.

Da marcenaria antiga, que foi uma das artes mais adiantadas dos tempos coloniaes, nos restam bellos moveis de jacarandá, com trabalhos de tornearia e de talha lindissimos, e alguns marchetados com frisos, ornatos e desenhos de muita correcção, formados de madeiras de cores differentes. Nos nossos templos antigos se encontram trabalhos muito apreciaveis, em mesas, commodas, cadeiras e moveis diversos para guarda de paramentos e objectos do culto, de belleza e perfeição admiraveis; e no Lyceu de Artes e Officios se encont.a uma bella collecção de moveis antigos, em que figuram varias cadeiras com espaldar e pés entalhados, a Luiz XV, duas commodas com pés do mesmo estylo, um soberbo canapé, que pertenceu ao Collegio dos Jesuitas, do Recife, e varias outras peças lindissimas, de um valor inestimavel; bem como algumas cadeiras com assento e espaldar de sola, com bordados em relevo, de muito bom trabalho.

A marchetaria tão usada nos tempos coloniaes, é uma arte que se extinguio, e hoje não resta um só profissional.

A nossa esculptura, é pauperrima, e a não ser o grande numero de imagens e outros trabalhos em madeira, perfeitos e bem acabados, que se apreciam nas igrejas e conventos, nada absolutamente teriamos a respeito. Em outro tempo, porém, houveram esculptores em pedra, entre os quaes um João Pereira, que em 11 de Agosto de 1746 assignou um termo de obrigação na secretaria do governo, para fazer duas imagens de Nossa Senhora da Conceição e de Santo Antonio, de pedra, pelo preço de 22$500, para serem collocadas nas portas da ponte do Recife, com a condição de dal-as promptas em 15 de Setembro, *sob pena de prisão até que fossem acabadas por outro, pagando elle o respectivo salario.*

Em meiados do seculo XVIII floresceu Antonio Splanger Aranha, excellente esculptor em madeira, pedra e marfim, de quem trataremos em artigo especial.

Em 1836—1837 esteve a serviço das Obras Publicas Francisco Estevão Chapelin, artista francez, architecto e esculptor e por esse tempo fez diversos bustos e figuras para modelos de desenho das aulas do Lyceu, e ensinou a esculptura a varios discipulos.

Dos nossos esculptores em madeira, conhecidamente o mais notavel, é Manoel da Silva Amorim, que floresceu nos nossos dias, e de quem daremos noticia especial, indicando os seus mais importantes trabalhos.

Em 1667 havia um *mestre dos calafates da ribeira e portos da capitania*, para cujo officio foi nomeado em 7 de Julho um Antonio Marques, por haver fallecido o mestre Roque de Almeida. No mesmo anno, *sendo necessario haver nesta capitania um mestre das obras do officio de carpinteiros*, creou o governadrr Bernardo de Miranda Henriques dito lugar, e proveu nelle a João Lopes Villarinho em 6 de Agosto.

Pela carta de lei de 30 de Agosto de 1770, ninguem podia exercer arte alguma *sem carta de examinação de seu officio*. Havia tambem, estatuido por lei, juiz de officio, escrivães e mestres, que formavam corporações de officios, que foram abolidas pela Constituição de 1824. No archivo do Conselho Municipal de Olinda, encontramos o registro de uma Provisão do Juiz do officio de carapina passada em 15 de Junho de 1793, e o de uma carta de

exame do officio de sapateiro, passada a Francisco José Saraiva em 23 de Setembro de 1795. Esses titulos eram passados pela Camara do Senado local, sem os quaes não se podia exercer officio algum.

Todos esses embaraços oppostos ao desenvolvimento das artes, além de outras leis ainda mais odiosas, de prohibição de certas artes, e de todas as industrias no Brazil, só com o tempo, com a concessão de liberdades e garantias, e com a diffusão da instrucção, é que foram gradualmente desapparecendo.

A abertura dos portos do Brazil e a liberdade de commercio, constituem o ponto de partida do desenvolvimento e progresso das artes e industrias, que com o facto subsequente da independencia, creação de escolas, lyceos e academias, ainda maior impulso lhe deram, o que sobejamente deixamos demonstrado.

As exigencias sociaes de uma nacionalidade nascente, que progressivamente se ia tornando grande pela sua iniciativa e elementos de riqueza, o luxo e opulencia de uma cidade de primeira ordem, naturalmente fizeram desenvolver e prosperar os seus dous mais poderosos elementos— as artes e o commercio.

E' d'ahi que veio o nosso desenvolvimento moral e material, e o aperfeiçeamento e evolução das artes entre nós, já tão bellamente cultivadas, que a provincia exhibio-se vantajosamente na nossa primeira exposição em 1861. No entanto, resta ainda muito que fazer, é preciso desenvolver e impulsionar a instrucção artistico-profissional, e á imprimir na arte nacional todos os elementos de prosperidade, perfeição e grandeza a que tem attingido nos paizes cultos.

Quão porém, diversa é a posição das artes entre nós presentemente, do que era em um passado não muito remoto ? !

Pelos annos de 1810, menciona Koster, os negros creoulos do Recife, eram geralmente os obreiros de todas as artes : e accrescenta : « elles não conseguiram chegar ainda as elevadas classes dos burguezes, agricultores e commerciantes. Alguns tem conseguido ajuntar grande somma de dinheiro, e comprado escravos, aos quees ensinam os seus officios, assim como a outros, com o fim de tirar maior proveito. Esses escravos trabalham para os seus senhores e proporcionam-lhes grandes rendimentos, porque a mão

de obra é geralmente cara, e os trabalhos que dependem de uma certa habilidade e gosto, são pagos mais liberalmente que os outros. O mestre pintor de igreja e de imagens mais afamado em Pernambuco, é um preto de muito bôas maneiras, com ares de homem de importancia, e muito orgulhoso dos seus dotes. »

De um escripto dos annos de 1817, consta que nada se sabia então de musica, pintura e poesia, e que as artes se achavam reduzidas as puramente mechanicas, como as de carpinteiros, marcineiros, ourives, ferreiros, sapateiros, alfaiates, etc. ; e accrescenta o seu auctor : « Deve notar-se que estas mesmas artes eram geralmente exercidas por pretos e pardos, em sua maior parte escravos, que as tornavam sujeitas ao despreso universal, e não vai muito longe o tempo em que se viam os escravos trabalhando em calçados, roupas e outros misteres nas escadas das casas de seus senhores, sendo isto, por conseguinte, a causa do atraso das artes entre nós. »

Tal era a situação das artes em Pernambuco ainda nos primeiros annos do seculo XIX.

O mesmo dava-se com os officios.

O barbeiro, por exemplo, com a sua casa de uma feição original, e pobremente arranjada, era sangrador, arrancador de dentes e applicador de sanguesugas, e soprava ou tangia pessimamente um instrumento qualquer, que em vez de deleitar, encommodava : e é desta circumstancia que vem o conhecido qualificativo de—*Musica de barbeiros*,—a uma orchestra má.

Só muito depois é que veio o cabellereiro, com as suas officinas de postiços e os seus salões, decentes uns, e luxuosos outros, á recenderem de agradaveis perfumarias. Este melhoramento entre nós, é tambem de origem estrangeira, e foi introduzido por artistas francezes ; e cremos que a primeira casa de cabelleireiro que houve no Recife foi estabelecida por Gerald & Desmarais, na rua Nova n. 19, que já existiá em 1831, e trabalhava em toda a sorte de postiços, como chinós, cabelleiras, marrafas, crescentes, penteados e outros trabalhos proprios do officio : e d'ahi foi facil chegar-se até ao paciente trabalho de bellissimos desenhos em cabello, em cujo genero muito se distinguio, entre outros, o nosso conterraneo Libanio Candido Moreira, que deixou-nos bellissimos quadros de um primor e correcção inexcediveis.

O mesmo se deu com relação a alfaiataria, casa de modas, calçado, luvas, encardenação e typographia, de que trataremos no artigo *Imprensa*, bem como diversas outras artes, como já vimos.

A funilaria teve tambem grande desenvolvimento entre nós, devido ainda ao elemento estrangeiro. Effectivamente, um artista francez, Alberto Lavenére, que residia no Recife, em 1843, ensinou os mais importantes trabalhos da arte, propagou os modernos systemas, as mais aperfeiçoadas ferramentas, e os mais importantes processos praticos usados na Europa, em que se nota o de ondear as folhas de flandres, até então desconhecido.

A funilaria, pois, que se resumia simplesmente ao fabrico de insignificantes artefactos, em que não se manifestavam a perfeição e o gosto artistico, desenvolveu-se consideravelmente, novos e variados trabalhos se iniciaram, e hoje constitue uma das artes mais adiantadas entre nós.

A arte do tarturugueiro, hoje completamente extincta pela introducção de novos usos e pela importação de trabalhos estrangeiros do genero, foi muita adiantada como attestam varios de seus productos existentes nos nossos museus e collecções particulares de objectos artisticos, em que se destacam, principalmente, os pentes, enormes, de formas variadas e de bellissimas ornamentações vasadas.

Ainda com relação ao assumpto, e como subsidios para a historia das artes entre nós, consignamos mais outros e valiosos apontamentos em diversos artigos nomeadamente—Arsenal de Guerra, de Marinha, Collegio Salesiano, Colonia Frei Caneca, Imprensa, Irmandade de Santa Cecilia, no artigo *Corporações religiosas*, Lyceu de Artes e Officios, Numismatica e Theatro, além da mensão especial dos nossos mais distinctos artistas e dos mais notaveis monumentos.

F. A. PEREIRA DA COSTA.

Extractos relativos a Pernambuco da obra

MEMORIAS HISTORICAS

DOS ILLUSTRISSIMOS ARCEBISPOS E BISPOS, ESCRIPTORES PORTUGUEZES DA ORDEM DE NOSSA SENHORÁ DO CARMO, REDUZIDAS A CATALOGO ALPHABETICO. QUE ENTREGOU NA ACADEMIA REAL DA HISTORIA PORTUGUEZA, E A SEU PROTECTOR AUGUSTISSIMO REY D. JOÃO V NOSSO SENHOR, OFFERECE E DEDICA O ACADEMICO SUPRANUMERARIO FR. MANOEL DE SÁ, RELIGIOSO DA MESMA ORDEM DA PROVINCIA DE PORTUGAL. — *Lisbôa Oriental.* — NA OFFICINA FERREYRIANA.— MDCCXXIV. — COM TODAS AS LICENÇAS NECESSARIAS.

CAPITULO XI

Que trata da origem, e fundação das nossas vigararias da Bahia e Rio de Janeiro, e da Reforma da Goyana

47—Nestas memorias havemos de tratar de alguns Religiosos filhos destas vigararias; motivo que nos obriga a dar a seguinte noticia. Resolveu o Serenissimo Cardeal Rey D. Henrique, que se fundasse a Parahiba, para o que mandou preparar uma poderosa Armada; nomeando por cabo della a Fructuoso Barbosa fidalgo da sua casa, no qual concorriam não só o illustre do sangue, mas os dotes, com que se adorna um experimentado Capitão, e como o principal intento dos Monarcas Portuguezes foi sempre a extensão da fé de Christo, e o bem das almas dos infieis, mandou o Serenissimo Cardeal Rey ao novo General levasse comsigo naquella Armada alguns Religiosos da Ordem de Nossa Senhora do Carmo, porque entendia seria muito do agrado de Deus pelo serviço que lhe faziam na conversão dos infelizes daquelle Estado e que fallasse ao Prelado da sua parte para lhe deputar Religiosos, porque elle lhe escreveria tambem para o mesmo effeito.

48—Veio Fructuoso Barbosa ao convento de Lisbôa dar parte ao Prelado do gosto de Sua Magestade, do qual já tinha noticia pela carta do mesmo Monarca, e como o M. R. P. M. Fr. Damião da Costa, Provincial que era segunda vez da provincia, a não governava, porque ainda lhe não tinha chegado a confirmação do Padre Reverendissimo, que sem ella o não podia fazer, segundo uma acta do Capitulo Geral celebrado em Placencia aos 3 de Junho de 1503 : o M. R. P. M. Fr. João Cayado, que a regia como Vigario Provincial, junto com os mais Definidores, de que era primeiro, segundo o Padre Presentado Fr. Pedro Brandão, Bispo que depois foi de Cabo Verde, terceiro o Padre Mestre Fr. Antonio Caldeyrão, e quarto o Padre Mestre Fr. Rodrigo de Soure, resolveram que era muito conveniente, assim ao credito da Religião como ao serviço de Deus, darem gosto a Sua Magestade, e fazendo escolha dos Religiosos, foram eleitos para irem a aquella espiritual expedição : quatro de louvaveis costumes, e exemplar vida, que foram os Padres Fr. Bernardo Pimentel, Fr. Antonio Pinheyro, Fr. Alberto de Santa Maria, e Fr. Domingos Freyre, varão de grande virtude e letras, insigne Prégador daquelle tempo, o qual foi por Vigario e Prelado dos mais, com faculdade para poder edificar conventos nas terras que lhe offerecessem accommodadas ao serviço de Deus, bem das almas dos proximos, e da reformação da religião ; o que melhor se verá da patente que levou e se conserva original em pergaminho no archivo do convento de Lisbôa na lingua latina, que na nossa vulgar diz assim :

49—«Mestre Fr. João Cayado vigario provincial da Ordem de Nossa Senhora do Carmo, neste Reino de Portugal, etc. Porquanto é nossa obrigação, e de todos os Religiosos, que professam o nosso modo de vida, servir a Deus e a sua Mãi Santissima, applicando-nos com todo o cuidado á salvação das almas e augmento da Religião Christã, e vendo nós que será muito do agrado do mesmo Senhor e utilidade, assim dos professores da Fé como aos saltos da sua luz, que habitam os lugares do Brazil, e carecem de copia de Sacerdotes, que a uns instruam nos preceitos de Christo, e a outros administrem o Sacramento da Penitencia, movidos nós assim da caridade para com o proximo, como da obrigação do nosso Officio, e do obsequio que devemos fazer ao nosso Christianissimo Rei Dom Henrique a quem é muito agradavel a extensão do nosso

nome nas partes do Brazil, como nos fez presente, e ao seu insigne capitão Fructuoso Barbosa, encommendou que solicitasse com todo o cuidado o levarmos em sua companhia como elle com tanto affecto tem feito; mandamos aos Religiosissimos Padres Fr. Domingos Freire, Fr. Alberto, Fr. Bernardo Pimentel e Fr. Antonio Pinheiro, todos varões de provada Religião, Sacerdotes professos da nossa Ordem, que acompanhem ao sobredito capitão na viagem que se ha de fazer para edificar a cidade da Parahiba, aonde poderão fundar Mosteiro desta Ordem, a que intitularão Nossa Senhora da Victoria: e não só nesta terra, mas tambem em Pernambuco, e em todos aquelles lugares que lhe offerecerem, sendo convenientes ao serviço de Deus e das almas dos proximos, e bem da Religião; e nas taes regiões o padre Fr. Domingos Freire pregará o Evangelho de Christo e ouvirá de confissão, e os demais Padres seus companheiros, se parecer assim ao Reverendissimo Ordinario do lugar, e executarão os demais officios assim de Sacerdotes como de Religiosos, e constituimos para seu Vigario ao Padre Fr. Domingos Freire, ao qual terão obediencia e respeito como devem a seu Prelado, e lhe commettemos as nossas vezes, e poderes e lhe damos o cuidado dos ditos Religiosos, assim no temporal como no espiritual, e poderão por commissão do nosso Reverendissimo P. Geral Mestre Fr. João Baptista Rubeo de Revena receber á nossa Irmandade, todos aquelles que com piedade e devoção a pedirem, e dar aos Irmãos as letras concedidas pelo Papa Clemente VII, e confirmadas pelo Papa Gregorio XIII, e não só fará isto, mas tudo o mais que nós fizeramos, se presentes estivessemos, seguindo sempre as ordens do Reverendo Padre Prior do nosso convento de Lisbôa, ao qual determinadamente obedecerão emquanto no Capitulo Provincial senão determinar o contrario, e pedimos com toda aquella submissão e caridade, que devem a Irmãos, ao Reverendissimo Bispo do Brazil, e a seus Curas e Vigarios que aos sobreditos Padres recebam com a benignidade e caridade, devida a seu officio, e uzem de seu ministerio e industria para saúde das almas, e assim não só alcançarão grande premio da caridade, que uzarem com todos os seus, mas tambem da que observarem com estes quatro. Dada neste nosso convento de Lisbôa sob nosso signal, e sello do nosso Officio em 26 de Janeiro de 1580. — M. Fr. *João Cayado.* »

50—No fim do mez de Janeiro do anno de 1580 sahio do Rio de Lisbôa a Armada, em que ia por Cabo o dito Fructuoso Barbosa, e na sua companhia foram os quatro nomeados Religiosos: e navegando com prospero successo chegaram a Pernambuco, onde foram recebidos com demonstrações affectuosas e pias, do Clero, e Povo daquella capitania, e dando logo conta da sua chegada áquella terra ao Illustrissimo Dom Fr. Antonio Barreiros, Bispo de todo o Brazil, elle os mandou animar a proseguirem a empreza, a que hiam. A esta deram logo principio fazendo um grande fructo espiritual, não só na conversão dos Gentios, mas na reforma das vidas dos já convertidos. E tão excessivo era o zelo com que solicitaram as almas para o céo, que todos os queriam nas suas terras e para isso lhes offereciam sitios para assim lograrem das suas virtudes, do que deram parte á esta Provincia. Chegou o aviso a ella, e no Capitulo celebrado no convento da cidade de Beja, aos trinta do mez de Abril de mil e quinhetos e oitenta e tres, em que foi eleito Provincial o M. R. P. Presentado Fr. Pedro Brandão, que depois foi Bispo de Cabo Verde e de quem havemos de dar noticia no capitulo oitenta e sete destas Memorias se aceitou a fundação do convento de Olinda. No anno seguinte Jeronymo de Albuquerque Coelho, Capitão, Governador e Senhor da capitania de Pernambuco, deu licença para a dita fundação o que (conforme dizem) consta de um livro da Alfandega de Olinda, então villa, e hoje cidade, no qual á folhas cento e dez, foi registrada por Jeronymo da Rocha Escrivão da Fazenda Real, aos quinze do mez de Dezembro do anno de mil e quinhentos e noventa. Nos annos que se seguiram a este foram fundando em outras terras.

51—O que temos por sem duvida (pois do livro antigo desta Provincia consta) que no Capitulo que nella se celebrou no convento de Lisbôa aos cinco do mez de Abril de mil e quinhentos e noventa e um, em que presidio o M. R. P. M. Fr. Miguel Carrança, Vigario Geral e Commissario Apostolico das Provincias de Portugal e Hespanha e foi eleito segunda vez Provincial o M. R. P. Presentado Fr. Antonio do Espirito Santo postularam ao Reverendissimo P. Geral para o gráo de Mestre os Padres Fr. Damião Cordeiro, e Fr. João de Seixas, em gratidão de terem ido de mandado dos prelados a edificar convento nas partes do Brazil. No anno de mil quinhentos noventa e cinco,

eram já quatro os conventos que estavam fundados e já tinham o titulo de Vigararia. O que consta do processo do Capitulo, que no convento de Lisbôa se celebrou aos quinze do mez de Janeiro do mesmo anno, no qual foi Presidente o Reverendissimo Padre Geral da Ordem o M. Fr. João Estevão Chizzola e foi eleito Provincial o M. R. P. M. Fr· João da Costa, pois no dito processo lemos que se tratou da Vigararia do Brazil e se propuzeram ao Reverendissimo Padre Geral algumas duvidas, que elle e o Definitorio resolveu. Primeira. Se deviam largar os conventos do Brazil já aceitos? Deliberaram que não, e se mandou que se conservassem. Segunda: Se os ditos conventos deviam ser governados pelo M. R. Padre Provincial, ou por um Vigario Provincial que a elle estivesse subordinado? Resolveram, que por um Vigario Provincial dependente do muito Reverendo Padre Provincial. Terceira: Por quem devia ser eleito o dito Vigario Provincial? Assentaram que pelo M. R. Padre Provincial e Definitorio em os Capitulos Provinciaes e que não podesse ser removido sem culpa, que seria julgada pelo Definitorio e que o Padre Provincial teria nelle a mesma jurisdição, que tem em qualquer Prior. Quarta: Se os PP. Vigarios Provinciaes haviam ter voz e lugar nos Capitulos Provinciaes? Determinaram que tivesse voz e lugar immediato aos Definidores. Quinta: Quem havia governar a Vigararia no caso em que fallecesse o Vigario Provincial? Mandaram que o R. P. Prior do Convento de Olinda, em quanto o M. R. P. Provincial e Definitorio não instituissem Prelado. Depois de propostas e resolutas as duvidas referidas, se procedeu a eleição do Vigario Provincial e foi eleito o R. P. Fr. João de Seixas, e que completo o triennio do seu governo, lhe succederia no mesmo emprego o R. P. Fr. Bartholomeu da Silva. Prouvêram tambem de Priores os conventos que havia. Para o de Olinda confirmaram o R. P. Fr. Bartholomeu de Evora, o qual devia estar exercitando a dita occupação: para o da Bahia elegeram o R. P. Fr. Jeronymo de Carvalho; para o do Rio de Janeiro o R. P. Fr. Pedro de Vianna: e para o da Villa de Santos o R. P. Fr. Antonio de Alfama. Estas foram as eleições que se fizeram no dito Capitulo, no qual tambem se determinou, que visto a distancia, que havia de uns a outros conventos e a difficuldade para o recurso, os R R. P P. Priores podessem absolver aos seus subditos

dos casos reservados na Constituição, ainda dos que pertencessem ao R. P. Geral, e que os mesmos R R. P P. Priores podessem admittir ao nosso sagrado habito aquelles sujeitos, que tivessem as qualidades que apontam as nossas leis, tendo tambem a approvação da Communidade.

CATALOGO DOS CONVENTOS

52—O primeiro convento é, sem duvida, o de Olinda: o qual fundaram os Religiosos em o sitio que lhes deram os officiaes da Camara, e como nelle havia uma Ermida de Santo Antonio, conserva o mesmo titulo. Tem este convento uma reliquia do Santo Lenho; uma de osso do nosso glorioso confessor Santo Alberto e duas de ossos de Santa Paulina. Na capella mór da sua igreja da parte do Evangelho descançam em humilde sepultura as cinzas daquelle grande Heróe Restaurador do mesmo Estado, João Fernandes Vieira, e ainda que lhe faltaram os marmores para o Mausoléo, e não tenha Epitaphio, que declare o heroico de suas acções, tiveram estas a fortuna de serem escriptas pela elevada penna do Excellentissimo Dom Luiz de Menezes, Conde da Ericeyra. Dellas fez tambem escripto particular intitulado *Castrioto Lusitano* o P. Fr. Raphael de Jesus. No cemiterio dos Religiosos foi sepultado o Illustrissimo D. Fr. Francisco de Lima, Bispo do mesmo Estado, e de quem dará noticia o capitulo vigesimo nono. Foi este dito convento, pela sua antiguidade, Cabeça da Vigararia; nelle assistiram os Reverendos Padres Vigarios Provinciaes até o anno de mil seiscentos e trinta em que os Hollandezes se senhoriaram do Paiz.

53—Na Bahia de todos os Santos fundaram os Religiosos convento em uma Ermida de Nossa Senhora da Piedade. Hoje aquelle é magnifico, e esta se ampliou a uma sumptuosa Igreja; tem nove capellas preciosamente ornadas. Nella se venera notaveis reliquias, uma do Santo Lenho, um corpo inteiro de S. Liberato Martyr, uma ambula de sangue congelado do mesmo glorioso Santo. Parte de um osso de nosso glorioso confessor Santo Alberto, uma cana de braço ou sura, como denominam os Anatomicos, de Santa Aurelia Martyr; um osso do casco, ou como aquelles intitulam, parte do craneo de Santo Bonifacio Martyr; uma canella ou tibia de S. Clemente Martyr; um osso da parte superior da perna, ou femur de S. Co-

lumbo Martyr; um osso da parte superior da perna de S. Constancio Marty; ossos de S. Fortunato Martyr; uma canella de S. Theodoro Martyr; ossos de S. Tranquilino Marty, e outras mais reliquias de Santos Martyres; e de todas ha authenticas neste convento. Nelle assistiram os R. R. P. P. Vigarios Provinciaes deste o tempo, que os Hollandezes entraram no Estado de Pernambuco.

54—Em sitio muito conveniente, diz o M. R. Presentado Fr. Jorge Cotrim, que deram os officiaes da Camara, na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, fundaram os Religiosos convento, cujo titulo é Nossa Senhora do O'.

55—Tambem os Religiosos com esmolas dos moradores da Villa de Santos, fundaram na dita villa convento, que o seu titulo é S. Vicente. Estes são os quatro conventos, que estavam fundados no anno de mil quinhentos e noventa e cinco, como já dissemos, e os puzemos pela mesma ordem em que estão nas actas capitulares do dito anno, visto não podermos affirmar o da sua fundação, nem de quasi todas, que se seguem, por não haver documento de que se possa extrahir, nem nesta Provincia nem na Vigararia da Bahia: porque os livros antigos se sepultaram quando os Hollandezes entraram nas ditas terras e quando os tiraram estavam em termos que não serviam de utilidade alguma. Os mais modestos é como se não os houvesse; porque ou seja da tinta ou de um bixo denominado forquilha, estão já os caracteres em termos, que se não percebem. Isto advertido daremos noticia dos ditos conventos, sem attender á sua antiguidade, nem aos annos em que foram fundados; porque nem uma nem outra cousa podemos alcançar, não obstante applicarmos as diligencias necessarias para conseguirmos a certeza.

56—Na Villa então, hoje cidade de S. Paulo, a rogos e com esmolas dos moradores fundou o P. Fr. Antonio de S. Paulo, convento no anno de mil quinhentos e noventa e seis, segundo as memorias do mesmo convento que o seu titulo é Nossa Senhora do Carmo.

57—Com esmolas dos devotos do nosso santo habito da cidade de Sergipe d'El-Rey se fundou convento em uma Ermida de Santo Antonio, que conserva o mesmo titulo.

58—Na Villa de Angra dos Reis fundaram os Religiosos convento, que o seu titulo é Nossa Senhora da Assumpção.

59—Os Religiosos com esmolas de algumas pessoas pias e devotas da villa de Santa Anna das Cruzes, fundaram na mesma villa convento, que o seu titulo é Santa Anna.

60—Na cidade da Parahiba fundaram os Religiosos convento em uma Ermida de Nossa Senhora do Rosario, que dizem conserva o mesmo titulo.

61—André Vidal de Negreiros, Governador, que foi do Reino de Angola, Estado do Maranhão, e Capitania de Pernambuco, fundou convento na villa de Goyanna, determinando fosse para Recolleta da Vigararia, poz-lhe o titulo de Santo Alberto.

62—A maior parte dos moradores do Recife concorreram para os Religiosos fundarem o convento que ha na mesma villa, que o seu titulo é Nossa Senhora do Desterro.

63—A dita Vigayraria estava em tudo sujeita ao M. R. P. Provincial desta Provincia. No anno de mil seiscentos e quarenta e oito alcançou o P. Fr. Francisco do Rosario um decreto do Capitulo Geral, para que ella e a Vigayraria do Maranhão fossem Provinciaes do mesmo Capitulo Geral, impetrou outro decreto, que foi confirmado pelo Eminentissimo Ginetto Cardeal Presbitero do titulo de S. Pedro ad Vincula, e Protector da Ordem, para elle ser Commissario Visitador e Reformador Geral de todos os conventos e que por sua morte succedesse no mesmo emprego o P. Fr. Sebastião dos Anjos. A estas concessões se oppoz o Ministro Regio deste Reyno, que então havia na Côrte Romana, como declara o Reverendissimo Padre Mestre Fr. João Anselmo Filippino Geral da Ordem, na Patente que mandou esta Provincia de suspensão dos ditos dous decretos, e com approvação do mesmo Eminentissimo Cardeal Protector determinou, que se não innovasse cousa alguma nas Vigayrarias e se conservassem na mesma sujeição que tinham a esta Provincia. E' a dita Patente de quatro do mez de Junho de mil seiscentos e cincoenta e está copiadá no livro antigo da Provincia á folhas trezentas e setenta e nove. Tambem não teve effeito o ser Provincia, no tempo que o R. P. M. Fr. João da Luz alcançou para isto um Breve do Papa Innocencio XI porque o Serenissimo Rei Dom Pedro Segundo, de saudosa memoria, não consentio se desse a execução e mandou que o dito Padre não assistisse nestes

Reinos e suas conquistas, visto ter ido sem sua licença fora dos seus dominios.

64—No anno de mil seiscentos e setenta e sete, o R. P. Fr. João de São Joseph., se ajuntou com quatro, ou cinco Religiosos, e pediram ao Prelado que lhes concedesse o poderem ir para o convento da villa de Goyanna na capitania de Pernambuco. Condescendeu o R. P. Vigayro Provincial com a sua suplica, e tanto que os ditos Religiosos chegaram ao convento, prometteram observar as Constituições da Provincia de Turonia, de que deram parte ao Reverendissimo Padre Geral, e no Capitulo Geral celebrado em Roma no primeiro do mez de Junho de mil seiscentos e oitenta, foi approvada esta sua louvavel resolução, e se lhe concedeu o dito convento, como consta de uma Patente do Reverendissimo Padre Geral Mestre Fr. Fernando de Tartaglia, dada em Roma aos vinte e nove do dito mez, e anno. No de mil seiscentos e oitenta e tres, aos seis do mez de Maio, fez o Reverendissimo P. Geral Mestre Fr. Angelo Mousignani treze decretos para a mesma reforma e instituio-o commissario para ella ao dito R. P. Fr. João de São Joseph. aos dezesete do mez de Dezembro do mesmo anno. O primeiro d'aquelles decretos é que introduziram tambem a reforma nos conventos do Rio Real e no Hospicio do Recife e que tomariam posse delles. O M. R. P. M. Fr. Francisco da Natividade Provincial desta Provincia aos vinte e dous do mez de Dezembro de mil seiscentos e oitenta e seis, mandou que se lhe entregasse o Hospicio do Recife e se conservassem nos Conventos de Goyanna e Parahyba : o que tambem mandou o Serenissimo Rey Dom Pedro Segundo. O R. P. Commissario Geral da Reforma tem autoridade para admittir ao nosso sagrado Habito os sujeitos, que querem observar o seu instituto e de sua licença professam. Os conventuaes dos ditos conventos elegem osseus Priores. A jurisdicção que o R. P. Vigario Provincial tem nestes religiosos, é poder visital-os duas vezes no seu triennio, tendo por adjunto o R. P. Commissario Geral, e elegendo socio da mesma Reforma. Tambem dá as Patentes para os Lentes, e para os que se hão de expôr para as Ordens, e para o exercicio do Prefeito e Confessionario sendo postulados pelo seu R. P. Commissario. Da mesma Reforma se ha de eleger um Definidor, que assista no Definitorio na Bahia ; e o que fôr eleito deve ter noticia da Philo-

sophia, e Theologia, e ser Pregador. Consta o referido dos Decretos, que para a dita Reforma fez o Reverendissimo P. Geral Mestre Fr. João Feyxoo de Villa Lobos, estando na corte de Madrid aos vinte e sete do mez de Setembro de mil seiscentos e noventa e cinco, os quaes o eminentissimo Cardeal Jorge Cornero sendo nuncio destes reinos confirmou aos vinte e nove do mez de Outubro do mesmo anno.

65—Passados alguns annos depois de estabelecida a reforma intentaram alguns Religiosos a divisão da Vigairaria com o pretexto de que onze conventos, que havia estavam fundados em terras muito distantes uma das outras motivo porque um só Vigario Provincial não podia fazer a sua obrigação com a promptidão necessaria, nem os Religiosos, irem mudados de uns para outros Conventos; sem o receio de experimentarem o que já tinha succedido a outros perecendo em alguns naufragios, e assim recorrendo ao Reverendissimo Padre Geral Mestre Fr. Angelo Monsignani, este com consentimento do M. R. P. Provincial desta Provincia, aos vinte e dous do mez de Setembro de mil seiscentos oitenta e cinco deu autoridade para que a Vigairaria se dividisse em duas, Bahia e Rio de Janeiro e nella houvesse dous Vigarios Provinciaes. Foi a dita divisão confirmada pelo Papa Innocencio XI aos oito do mez de Fevereiro do anno seguinte. O Reverendissimo Padre Geral Fr. Paulo de Santo Ignació no anno de mil seiscentos oitenta e oito, concedeu que cada uma das Vigairarias podesse nomear quatro Religiosos, para que delles elegesse o Reverendissimo Padre Geral ou o M. R. Provincial desta Provincia, um para Vigario provincial, e que estes poderiam mandar a anomina a qual dos dous Prelados lhe parecesse, mas que se o M. R. Padre Provincial nomeasse Religioso, que não fosse dos quatro propostos, seria nulla a dita eleição.

66—Os conventos, que ficaram á Vigairaria da Bahia, foram da mesma cidade. A este convento pertence a Missão do Rio Real em que o Reverendissimo Mousignani mandava introduzir a reforma, como dissemos no numero sessenta e quatro. Tambem o dito convento da Bahia tem a administração da Missão, que fundou o R. P. M. Fr. Antonio da Piedade na Aldeia de Japaratubá no sertão do rio S. Francisco da Praia, como já dissemos no numero quarenta e cinco. O Convento de Olinda tambem ficou a

esta Vigairaria, a elle pertence a Misssão da Aldeia do Seri. O convento de Sergipe d'El-rei. O da Villa da Goyanna: a que toca a Missão da Bahia da Treição. O do Recife que pertence a Missão da Aldeia de Preguiça, e o da cidade da Parahyba. O primeiro Vigario Provincial que houve depois da divisão, e ainda antes de fazerem nominata, foi o R. P. Fr. Manoel da Assumpção, filho desta Provincia, o qual já tinha sido Prior do Convento de S. Romão, e foi um dos mais bem aceeitos Pregadores que houve no seu tempo; era muito discreto e excellente Humanista, e elegante Poeta.

67—Depois de feita a divisão o R. P. M. Fr. Luiz da Trindade fundou outro convento na villa da Cachoeira, no anno de mil seiscentos oitenta e oito. O R. P. Paschoal Durão, principiava uma igreja na praia da Bahia, e estavam já tres paredes feitas quando Deus o levou para si e deixando este sitio aos Religiosos estes mandaram demolir tudo o que estava feito e de novo erigiram a Igreja, a que puseram por Titulo N. S. Senhora do Pilar; porque este era o que lhe queria pôr o dito R. P. Paschoal Durão; e junto a mesma mandaram fazer Hospicio. Tem outro no Cabo de Santo Agostinho, que o seu titulo é N. Senhora de Nazareth. No Rio das Rans, junto ao arrayal das Minas tiveram um, que a Religião se resolveu a mandar demolir.

68—Nesta Vigairaria da Bahia tem havido Varões Illustres, assim na virtude como nas letras. Dos Escriptores tratamos nestas Memorias, d'aquelles o faremos, Deus, querendo, na primeira parte da Epitome Historial Carmelitano. Alguns dos Religiosos desta Vigairaria tiveram a honra de servir o Tribunal do Santo officio no emprego de seus commissarios na dita cidade e seu districto. O primeiro foi o R. P. Fr. Antonio da Piedade, Prior que foi do convento da mesma cidade, exercitou a dita occupação desde o anno mil seiscentos setenta e um até o de mil seiscentos e setenta e seis, em que falleceu. O segundo foi o R. P. M. Fr. Ignacio da Purificação, que sendo filho d'esta provincia, na dita Vigairaria teve os empregos de Prior do Convento da Bahia e de Presidente Provincial; foi religioso muito observante e bom letrado; exercitou o ser Commissario desde o anno de mil seiscentos setenta e seis até mil seiscentos setenta e nove, em que Deus o levou

para si. O tercéiro foi o R. P. Presentado Fr. Domingos das Chagas natural da cidade de Lisbôa; teve o dito emprego até o anno de mil seiscentos oitenta e seis. O R. P. Presentado Fr. Cosme do Desterro, Prior que foi do convento d'aquella cidade, nella foi o ultimo religioso que exercitou a dita commissão, porque no anno de mil seiscentos e noventa e tres lhe escreveu o Tribunal fazendo-lhe a honra de lhe agradecer o bem que tinha obrado e dando-lhe conta de ter mandado Commissão a um Reverendo Sacerdoto Secular, e por isso não foi mais Religioso desta Vigairaria, que hoje é Provincia por Bula do Papa Clemente XI de vinte do mez de Abril de mil seiscentos e vinte da qual daremos a ler a copia nos decumentos, que vão no fim destas memorias.

69—Os conventos que ficaram á Vigairaria do Rio de Janeiro foram cinco e são os seguintes: O da mesma cidade, o da Villa de Santos, o da Villa de São Paulo, este tem a Missão do Marviri; o da Villa de Angra dos Reis, ou ilha grande, e o da Villa de Santa Anna das Cruzes, ou como dizem communmente, de Mogi. Depois fundaram os religiosos em Villa-Nova intitulada Nossa Senhora da Victoria, na capitania do Espirito Santo, outro conveuto; com que tem hoje seis. O primeiro Vigario Provincial que houve depois da divisão foi o R. P. M. Fr. Bento Garcez Filho da Vigairaria.

70—Tambem nesta Vigairaria tem havido varões dignos de memoria, pelas virtudes e letras. Desta foi Vigario Provincial o M. R. P. Fr. Manoel Ferreira, natural da cidade de Braga. Este Religioso foi a Roma a solicitar a divisão da Vigairaria, e conseguindo-o remetteu os despachos e se deixou ficar na Curia, onde assistio até o anno de mil seiscentos e noventa e quatro, que servio de companheiro ao Reverendissimo Padre Geral Mestre Fr. João Feixoo de Villa-Lobos, na visita que fez nesta Provincia, e nella ficou até se embarcar para a America, para onde foi por Commissario Visitador e Reformador Geral e Vigairo Provincial desta Vigairaria. Depois de exercitar aquella commissão e este emprego se restituio a este Reino, e delle foi para Roma onde tem sido Provincial titular de Dacia e da Terra Santa: e primeiro socio do Reverendissimo Padre Geral Mestre Frei Carlos Carnaccioli. No capitulo celebrado na mesma curia Romana aos vinte e

tres do mez de Maio de mil setecentos e vinte e dous, em que foi eleito Geral nosso Reverendissimo Padre Mestre Frei Gaspar Pizzolanti, Doutor na Sagrada Theologia, em quem se admira completo theorica e praticamente o conhecimento das divinas e humanas letras, unido a singularidade das virtudes, que exercita, e uma bem especial e inimitavel isenção, como testificam as repetidas ordens, que tem mandado a esta Provincia, declarando nellas procederá com graves penas contra os que se atreverem a lhe mandar algum donativo ou a qualquer dos seus officiaes, ainda que seja por gratidão. No dito capitulo levou o M. R. P. Mestre Manoel Ferreira, muitos votos para Geral, mas porque não foram os que eram necessarios, o nomeou o Papa Innocencio XIII Procurador Geral de toda a ordem que é lugar immediato ao de Geral. O dito M. R. P. Mestre é filhado nesta nossa Provincia por autoridade que o Reverendissimo Padre Geral Mestre Fr. Angelo Monsignani aos quatro do mez de Agosto de mil seiscentos e oitenta e cinco, deu ao M. R. P. Provincial para o poder acceitar por filho, o que fez aos dous do mez de Outubro do mesmo anno, a qual acceitação confirmou o dito Reverendissimo Padre Geral aos quatro do mez de Abril do anno seguinte. O Reverendissimo Padre Geral Mestre Frei João Freyxoo de Villa-Lobos confirmou uma e outra cousa, estando no convento de Evora, aos vinte e quatro do mez de Julho de mil seiscentos e noventa e quatro. No Convento de Lisbôa tem cella. Elle não só solicitou a divisão da Vigairaria, como já dissemos, mas tambem procurou, que as duas Vigairarias fossem Provincias. Esta o é desde o dia vigesimo sexto do mez de Julho de mil setecentos e vinte um, que foi o em que se pôs em execução o Breve do Papa Clemente XI pelo qual a erigio Provincia o qual é o mesmo de que já demos noticia no numero sessenta e oito.

CAPITULO XVI

No qual se dá noticia do Illustrissimo D. Frei Bartholomeu do Pilar Lente de Philosophia, e Theologia na Congregação do Oratorio de Pernambuco, Examinador Synodal do Bispado do mesmo Estado, Commissario e Qualificador do Santo Officio, primeiro Bispo do Gram Pará.

112—O Illustrissimo D. Fr. Bartholomeu do Pilar, nasceu na Villa das Vellas na Ilha de S. Jorge Bispado de Angra ; na Igreja do Salvador Matriz da dita Villa, foi baptisado aos 21 de Setembro do anno de 1667. Seu pai foi João d'Avilla Betancor, e sua mãe Maria da Silveira. Tomou o habito no Convento da Villa da Horta, na Ilha do Fayal aos 31 do mez de Outubro de 1686 e professou no primeiro de Novembro do anno seguinte. No mesmo Convento estudou Philosophia e dous annos Theologia, e veio continuar esta sciencia ao Collegio de Coimbra,. Em 21 do mez de Setembro do anno de 1691 lhe conferio a ordem de Presbitero o Eminentissimo Cardeal D. Verissimo de Lencastro, e disse a primeira Missa aos vinte e trez do dito mez e anno.

113—Nos estudos aproveitou de sorte, que sahio um grande estudante, como bem admirou a Universidade de Coimbra nas conclusões, que sendo de ponto assertivo, e outro problematico, defendeu de toda a Theologia na presença do Reverendissimo Padre Geral da Ordem Fr. João Feyxoo de Villa-Lobos quando no anno de 1694 visitou esta Provincia, o qual ficou tão satisfeito da sua capacidade, que logo o fez lente do mesmo Collegio, mas não leu nelle porque como um dos socios da visita geral era o M. R. P. Fr. Manoel Ferreira, e este depois que o Padre Reverendissimo se retirasse desta Provincia havia de ficar nella até se embarcar para a America, para onde ia por Commissario, e Visitador Geral e Vigario Provincial da Vigairaria do Rio de Janeiro, o persuadiu a que quizesse ir ler a esta Vigairaria, para o que lhe fez bons partidos, e condescendendo com a vontade do dito Padre Mestre se resolveo a ir para o Rio de Janeiro, para a qual jornada se veio dispor ao Convento de Lisbôa.

114—No dito Convento estava esperando monção

quando o Veneravel P. Bartholomeu do Quental, Fundador da Doutissima e Religiosissima Congregação do Oratorio deste Reino, de quem logo daremos alguma breve noticia, veio pedir ao M. R. P. Provincial, que então era a primeira vez M. Fr. Antonio da Cunha, lhe désse um Religioso para ir ler aos Reverendissimos Padres da Congregação de Pernambuco, e querendo este Prelado acertar na eleição de sujeito em que concorressem as circumstancias necessarias para semelhante occupação, a não quiz fazer em a conferir com o mesmo Veneravel Padre e com o Illustrissimo D. Fr. Francisco de Lima Bispo do dito Estados de Pernambuco. Todos tres se ajuntaram e propostos alguns sujeitos, o escolheram a elle, porque a sua sciencia, o seu bom modo, e o seu regular procedimento o habilitou para este emprego do que logo lhe deram todas tres parte, e o Prelado lhe mandou se escusasse da promessa que tinha feito de ir para o Rio de Janeiro.

115—Partio da cidade de Lisbôa e chegando a Pernambuco no principio do anno de 1696, na Religiosissima Casa da Congregação do Oratorio da Villa do Recife, deu logo principio ao Curso das Artes, que leu quatro annos. No tempo que os acabou de ler, se viram aquellos Religiosissimo Padres em summa consternação, pelas injustas vexações que alguns Reverendissimos Padres que tinham sido da mesma Congregação lhe originavam, sendo o motivo, a causa seguinte : Foi erecta por autoridade ordinaria a Congregação do Oratorio na Casa de Santo Amaro, junto á cidade de Olinda no Estado de Pernambuco, e o Papa Clemente X aos 17 do mez de Julho de 1671 a confirmou debaixo da observancia dos Estatutos da Congregação do Oratorio de Roma. No anno seguinte dispondo o Veneravel P. Bartholomeu do Quental para a Congregação de Lisbôa outros Estatutos em que incluio o principal dos da de Roma, e accrescentou novos preceitos, ajustados a reforma da vida, e utilidade das almas, e estilo mais praticavel no nosso terreno, o mesmo Summo Pontifice á instancia da Congregação de Lisbôa, e juntamente da de Pernambuco os confirmou expressamente para ambas, como consta da Bulla expedida em Roma aos 24 do mez de Agosto do anno de 1672, que começa : *Ex injuncto nobis cœlitus*. Com clausula *sublata*, e decreto irritante.

116—Não obstante porém, esta segunda Bulla, e determinação Pontificia pelo decurso de alguns annos, se

regeu a Congregação de Pernambuco segundo os Estatutos da de Roma até que comprovando a experiencia que os Estatutos feitos para a Congregação de Lisbôa eram os praticaveis no nosso terreno, se mandaram pedir á dita Congregação por estarem confirmados para ambas, e Diretor para os ensinar a praticar. Chegou este a Pernambuco levando comsigo Estatutos, que logo foram aceeitos, mas querendo os pôr em praxe, se dividiram os animos de alguns Reverendissimos Congregados, não querendo observar os taes Estatutos de Lisbôa, não obstante serem confirmados, como já dissemos, para a sua mesma Congregação, e chegou a tanto o seu excesso, que foi preciso expulsal-os da Congregação; motivo porque lhe puzeram pleito, e alcançaram contra ella sentença, na primeira, segunda e terceira instancia, e querendo pôr em execução as tres conformes um juiz, a quem se commetteu esta diligencia, interpuzeram os Reverendissimos Padres que tinham ficado na Congregacão, um aggravo para a Corôa, que o nosso Padre Leytor foi seguir á Relação da Bahia onde lhe deram provimento. Tanto que o teve se retirou para Pernambuco, e quando podia estar na certeza de que tinha mostrado sabia corresponder ao muito que era devedor aquella Religiosissima Congregação, quiz dar maiores mostras de seu agradecimento: porque devendo continuar a sua leitura e descançar do trabalho, que tinha tido na Bahia, se metteu em outro maior, vindo a este reino a solicitar o socego da Congregação, o que não fiava de um Procurador que a mesma mandou na tal monção; e para que fosse maior a sua fineza, veio sem ser persuadido, e com tanto segredo, que nem o Excellentissimo Governador, nem nosso Illustrissimo Bispo D. Fr. Francisco de Lima o souberam, e só no ultimo dia deu disso parte ao Reverendissimo Padre Preposito, a quem deixou cartas para o Excellentissimo Governador, para o Illustrissimo Bispo e para a sua Religiosissima Communidade, nellas lhe dava parte da sua jornada, e que o zelo que tinha do socego da Congregação, o obrigava aquelle excesso, porque estava certo de que o Procurador, que vinha não havia tratar aquelle negocio como era necessario, o que depois mostrou a experiencia.

117—Chegou a cidade de Lisbôa, e proseguindo como seu Procurador que era, as causas, alcançou varios despachos, algumas resoluções, e ultimamente sentenças a favor

dos Reverendissimos Padres. Toda esta contenda cessou e se pôs fim a esta causa com um Moto Proprio do Summo Pontifice Clemente XI do dia decimo do mez de Dezembro do anno de 1701 pelo qual impoz perpetuo silencio no tal litigio, anullou todas as censuras fulminadas, extinguio todas as lites, que até o tal tempo se tinham movido; inhibio quaesquer juizes para não conhecerem de outras concernentes á mesma materia, e mandou observar os Estatutos da Congregação de Lisbôa na de Pernambuco, e concedeu a esta faculdade de julgar, conforme as suas leis o que fosse mais conveniente ao serviço de Deus, na materia da disposição, expulsão, reintegração, e recepção do Reverendo Padre Proposito, que tinha sido, e dos seus socios.

118—Com este Moto proprio ficaram os Reverendissimos Padres da Congregação com socego, reconhecendo o deviam a diilgencia, e cuidado do nosso Padre Leitor, que obrou neste negocio o que referio o Veneravel Padre Bartholomeu do Quental ao Illustrissimo D. Fr. Francisco de Lima, em o terceiro e ultimo capitulo de uma carta, que principiou a escrever-lhe, e não acabou, porque a enfermidade ultima, que teve, lhe não deu logar a fazel-o, mas o Reverendissimo P. M. Fr. Francisco Pedroso, a remetteu na forma ao Illustrissimo Bispo, como prenda de muita estimacão, por ser deste santo varão, e pela circumstancia de ser a ultima cousa que fez de sua letra a qual tem em grande veneração um devoto e obrigado do mesmo Veneravel P. que diz nella o|seguinse: «Muito agradeço a V. S. o que tem obrado e obra a favor da Congregação e o aplacar as tempestades que contra ella se levantam, e applicar os remedios convenientes para se atalharem os maus effeitos que delles se seguiriam, já por si, já pelo R. P. M. a quem estou obrigadissimo, e juntemente admirado de que não só é bom Mestre, mas prudentissimo Director destes negocios. e incansavel o zelo com que se ha na sua conservação, como vi de tantos papeis tão dilatados e tão acertados que não poderá fazer, mais pela sua Religião, se lhe tocara o defendel-a. Queira o senhor dar aos Padres da Congregação este mesmo conhecimento, para que o saibam estimar e agradecer, que supposto o faz por amor de Deus, isto não livra do nosso agradecimento.» Nem a carta se estende a mais, nem póde passar d'aqui o elogio do nosso Padre Leitor, que tambem defendeu a jurisdicção do Illustrissimo D. Fr. Francisco de Lima.

119—Em todo o tempo, que o nosso Padre Leitor esteve na cidade de Lisbôa com as referidas causas os Reverendissimos Padres da Congregação do Oratorio da mesma cidade em obsequio da Congregação de Pernambuco, o tiveram em sua companhia e o trataram com muita abundancia e com singular carinho, e o favoreceram então, e continuaram a fazer até o presente tempo. No dia dezeseis do mez de Março de 1702, no real Convento do Carmo de Lisbôa lhe conferio o gráu de Doutor na Sagrada Theologia o Eminentissimo Senhor Cardeal Miguel Angelo Conti, Nuncio que então era nestes reinos e hoje Summo Pontifice com o nome de Innocencio XIII, e foi padrinho no dito gráu, o Excellentissimo, o erudito, o magnanimo D. Francisco de Portugal, Conde então de Vimioso, e agora Marquez de Valença, e Academico do numero da Academia Real. Embarcou segunda vez para Pernambuco, levando em sua companhia os Noviços que iam para a dita Congregação, aos quaes tinha lançado a roupêta o Prelado de Lisbôa que foi quem lh'os entregou, fiando delle a educação e o exemplo.

120—Tanto que chegou a Pernambuco tornou a lêr outros quatro annos Filosophia, e depois outros tantos Theologia, com os quaes deu fim aos doze de leitura. Mandou as certidões assim dos dez annos como das Conclusões que tinha defendido, e tendo satisfeito com esplendor e credito da Religião as condições que as leis apontam para a jubilação, foi proposto ao Reverendo Padre Geral para o gráu de mestre de que lhe mandou passar patente na forma do estylo para haver de lograr as prerogativas de jubilado. Foi qualificador do Santo Officio por provisão de quatro do mez de Dezembro de 1704 e do mesmo Tribunal foi Commissario no Estado de Pernambuco, e do Bispado do dito Estado foi Examinador Synodal. Acodia a muitas faltas de alguns Pregadores, pregava muitas vezes de Missão, em que fez muitos serviços a Deus, como tambem com os bons estudantes que lançou assim da Congregação, como de fóra que vinham aproveitar-se da sua doutrina. Seis annos foi Commissario Provincial, e Visitador dos Conventos que a Ordem tem no mesmo Estado de Pernambuco.

121—O Serenissimo Rei D. João V, nosso Senhor, considerando que um só Bispo não podia acodir com o pasto espiritual, aos dous Estados do Maranhão e Pará, se resol-

veo dividil-os para que houvesse dous Bispos: para primeiro do Gram-Pará, nomeou o nosso Padre Mestre e Doutor aos 9 do mez de Novembro de 1717 e recorrendo á Santa Sé Apostolica approvou o Santo Padre Clemente XI a divisão, erigindo o Estado do Pará em Bispado, e a igreja de Santa Maria de Belém em Sé por Bulla de 4 de Março de 1720 a qual principia: *Copiofus in misericordia*, etc. E no mesmo dia e enno o confirmou em primeiro Bispo por Bulla que principia: *Apostolatus officium*, etc. Estas Bullas por serem de nova erecção custavam a sua Magastade quatro contos de réis.

122—Na Santa Igreja Patriarchal, no dia 22 de Dezembro do dito anno de 1720 foi Sagrado pelo Illustrissimo e Reverendissimo Sr. D. Thomaz de Almeida, primeiro Patriarcha de Lisbôa Occidental, sendo assistentes os Illustrissimos D. João Cardoso Castello Arcebispo de Lacedemonia, Provisor e Vigario Geral do Patriarchado, e D. Manoel Alvares da Costa Bispo de Pernambuco, e hoje das Ilhas dos Assores. Assim para o nosso Illustrissimo Bispo, como para a sua Sé tem Sua Magestade, que Deus guarde, mandado fazer riquissimos paramentos, em que entram cinco pontificaes das côres que usa a Igreja: muitas peças de prata, todo o necessario para os Conegos se paramentarem, sinos, e tudo o mais superabundante, em que gastará mais de vinte contos de réis, além da ajuda de custo, que lhe deu para seaviar e paramentar a sua casa.

123—Até o presente as funcções que tem feito depois de sagrado são as seguintes: Aos 30 do mez de Março de 1721, foi assistente na Santa Igreja Patriarchal á Sagração dos Illustrissimos, Arcebispo de Gôa D. Ignacio de Santa Thereza Conego Regular de Santo Agostinho, e Bispo de Nankin D. Fr. Manoel de Josus Maria da Ordem Serafica Missionario da Observancia de Varatojo, e aos 8 de Julho do dito anno a do Illustrissimo Bispo de Cabo Verde D. Fr. José de Santa Maria Religioso da mesma Familia. No dia do Baptista do mesmo anno de 1721 no Convento das Religiosas da Annunciada da cidade de Lisbôa fez Pontifical á instancias das mesmas Religiosas. No dia de Santo Elias do dito annô o fez no nosso Convento da mesma cidade, e tudo o mais que em semelhante dia faz o Prelado maior da Provincia, mostrando-se em tudo verdadeiro filho da Religião e causando um universal gosto assim a esta communidade como as outras Sagradas Familias. Não

só neste dia mostrou não lhe esquecer o habito que adquirio na Religião, mas em todos mostra que sabe ser perfeito Religioso, assistindo nos dias solemnes no côro, e todas as vezes que se dá o Viatico e a Extrema-unção a algum Religioso, elle é o primeiro, que acode, ao sinal que se faz para se ajuntar a communidade e o mesmo pratica nos funeraes dos Religiosos. Finalmente não se esvaeceu com a dignidade, portando-se sempre humilde e com todos afavel.

124—No Convento de Santa Monica tambem fez Pontifical em dia de Santo Agostinho, e em 7 do mez de Maio de 1722 na Profissão de umas Religiosas filhas do Provedor da Fazenda Real de Pernambuco. Tem chrismado muitas pessôas e conferido ordens geraes muitas vezes no Arcebispodo de Lisbôa Oriental, por impedimento do Illustrissimo Bispo de Tagaste. No Patriarchado tambem as tem conferido muitas vezes. As armas de que zsa é um Leão de preto rompente e armado de vermelho, que são as dos Betancores, e sobre estas ao do Carmo.

125—O que ha seu impresso até o presente: são tres Sermões. O primeiro é pregado na Cathedral de Olinda aos 2 de Julho de 1704 nas Exequias do Illustrissimo D. Fr Francisco de Lima, Bispo de Pernambuco, o qual foi dado á luz na cidade de Lisbôa na officina de Manoel Lopes Ferreira no anno de 1707. O segundo é pregado aos 2 de Maio de 1717 no Collegio da Companhia de Jesus da Villa do Recife na solemnidade da Beatificação do Beato Padre João Francisco Regis, e foi impresso em Lisbôa, por Ordem do mesmo Collegio por Antonio Pedrozo Galvão no anno de 1718. O terceiro tambem foi impresso na mesma cidade e Officina no anno de 1720, o qual foi pregádo em 6 de Abril de 1717 no Matriz do Recife, em acção de graças pela creacção da nova, e real Metropoli Patriarchal. Anda agora pondo em ordem um livro tambem de Sermões que brevemente se dará ao Prélo.

126—Concluidas as memorias do nosso Illustrissimo Bispo, é forçoso desempenhar o que promettemos no n. 114 que é dar uma noticia do Veneravel Padre Bartholomeu do Quental, e antes de a expender é necessario advertir que bem conhecemos que não faltará quem diga é impropria deste lugar (sendo nelle bem merecida), mas, quem assim o disser, é porque não terá noticia das forçosas circumstancias que a isso nos persuadem ; são ellas o escolher para dar principio á sua nova Congregação o dia de-

dicado a Nossa Mãe Santissima Senhora do Carmo, e o fazer dos Religiosos desta Provincia tão singular estimação, que os amava e favorecia, como a irmãos, e como a taes escolheu (pedindo-os) dous, um que na Congregação do Porto e outro na de Pernambuco levam as Sciencias de Philosophia e Theologia ; acerescendo a esta obrigação a circumstancia de serem pedidos por elle, sendo tão eminente nestas letras, que foi tido por um Oraculo dellas, e de todas pelos maiores do seu seculo, e como tal será memoravel, nos futuros, como tambem pelas suas virtudes, assim politicas como Religiosas, o vemos já veneravelmente justificado. Isto supposto que no amor foi filho do Carmo bem pode honrar o catalogo dos seus illustrissimos Bispos e Escriptores.

127—O Veneravel Padre Bartholomeu do Quental, nasceu aos vinte e dous do mez de Agosto de mil seiscentos e vinte e seis na Ilha de São Miguel, no lugar dos Ferraes, pouco distante da cidade de Ponta Delgada em uma Quinta de seus pais Francisco de Andrade Cabral e Anna do Quental de Novaes, ambos da mais qualificada nobreza d'aquella Ilha. Nos primeiros annos de sua puericia deu evidentes mostras de quão illustre viria a ser no exercicio de todas as virtudes christãs, porque todos os seus divertimentos eram congregar, outros muitos meninos da sua idade e ir elles a orar nos Templos, ou ensinar-lhes a Doutrina Chrislã, com uma canna na mão com tal modestia, e compostura, que senão costuma encontrar ainda em maiores annos.

128—Na mesma Ilha estudou Grammatica, e no anno de 1643, tendo 17 de idade, foi mandado por seus pais a cursar as escolas maiores. Na Universidade de Evora estudou Filosophia, e nella se graduou em 30 de Junho de 1647, sendo o seu assento um dos melhores, que alli se tem visto, pois foi approvado : *Per omnes, com maxima laude.* Acabada a Filosophia ouvio Theologia, por espaço de tres annos na mesma Universidade, onde foi collegial no celebre Collegio da Purificação. De Evora passou á Universidade de Coimbra na qual continuou por tempo de dous annos. Ordenado de Evangelho começou a pregar com grande aceitação dos ouvintes, sendo esta merecida pelo raro talento de que foi dotado para o pulpito, que de Lisbóa o mandaram chamar para vir pregar um sermão de grande empenho.

129—De Coimbra se recolheu á côrte, cidade de Lisbôa onde foi provido no lugar de confessor da capella e Casa Real, e no de Pregador do numero d'El-Rei. Na mesma capella, com alguns outros Sacerdotes seculares de Bôa Vida, começou os exercicios de oração mental quotidiana e praticas espirituaes, em todos os Domingos e dias Santos do anno para as quaes funcções lhe deu o Serenissimo Rei D. João IV uma casa a que chamavam o Thesouro velho, a qual se dilatou mais no tempo do Serenissimo Rei D. Affonso VI por não caberem já na primeira os muitos que concorriam a tão santos exercicos. Este foi o primeiro dezenho da Congregação do Oratorio neste Reino, e suas conquistas, a qual depois de 14 annos, que duraram estes exercicios da Capella Real, foi fundada, peló mesmo Veneravel Padre na rua Nova da Almada, no sitio que chamam Fangas da farinha, onde hoje habitam os Religiosissimos Padres Agostinhos Descalços.

130—O dia que escolheu para dar principio a nova Congregação foi como já dissemos o de 16 do mez de Julho de 1668, dia dedicado a Maria Santissima Senhora do Carmo, o qual ainda hoje celebra a mesma Congregação com Missa cantada, para perpetuar a memoria do seu nascimento. Era o sitio, em que se fundou a Congregação muito apertado e incapaz de receber em si o grande numero de pessoas, que concorriam a Oração e praticas, e assim foi necessario ao Veneravel Padre cuidar na escolha de outro mais capaz. Alguns se lhe offereceram, que rejeitou com razões particulares, que para isso houveram, até que finalmente vei aceitar a Igreja do Espirito Santo da Pedreira, sita na mesma rua, a qual no anno de 1669 concedeu liberalmente a Irmandade dos homens de negocio, de quem era. Ainda estando a Congregação no primeiro sitio, fez o Veneravel Padre os Estatutos porque hoje se governa, os quaes foram confirmados pelo Papa Clemete X aos vinte e quatro do mez de Agosto de mil seiscentos e setenta e dous, como já dissemos no n. 115.

131—Vespera da Assumpção da Senhora, 14 do mez de Agosto de 1674 se fez a Trasladação para esta nova Casa, onde hoje está a Congregação: levou o Santissimo, o Illustrissimo Luiz de Souza, Bispo Capellão-mór, acompanhado de toda a Capella Real, em forma de Communidade, cousa até então nunca vista. Detraz do pallio foi o Serenissimo Principe D. Pedro então Regente e depois rei II

do nome, acompanhou-o toda a Nobreza da Côrte, com a qual assistio na Igreja até dar fim ao acto. No seguinte dia celebrou em Pontifical o Illustrissimo Bispo de Martyria D. Fr. Christovam de Almeida, e assistio em publico o Illustrissimo D. Antonio de Mendonça Arcebispo de Lisbôa. De tarde visitou a Igreja a Serenissima Princeza, e o Illustrissimo Marcello Durazo Nuncio Apostolico então nestes Reinos, e depois Cardeal da Santa Igreja.

132—Viveu o Veneravel Padre, depois de fundada a Congregação 30 annos, e com 72 de idade veio a fallecer aos 20 de Dezembro de 1698. Universal foi o sentimento que houve na sua morte, nella se fizeram algumas demonstrações; a que fez a Communidade do nosso convento de Lisbôa, sendo prior o M. R. P. Fr. Antonio de Santo Elias Qualificador do Santo Officio se verá do que escreveu ao Illustrissimo Bispo do Pará o Reverendissimo Padre Mestre Francisco Pedrozo, varão memoravel por todos os titulos: diz pois o seguinte em carta de 26 de Janeiro de 1699: « Foi nosso Senhor servido levar para si o nosso Veneravel Padre Bartholomeu do Quental, obrigadissimo á pessôa de vossa Paternidade, como elle confessa na sua carta que deixou começada ao Senhor Bispo, e que ao dito Senhor tambem remetto (que é a de que se copiou o capitulo que vai no n. 118) da qual poderá Vossa Paternidade ver a estimação que o Veneravel Padre fazia das suas virtudes e letras. Levou-o o Senhor para si em 20 de Dezembro do anno passado, um sabbado ás seis horas da noite de um prioriz, ou inflamação que o acabou em tres dias, morrendo da sorte que desejava, que era morte breve, e que não desse molestia aos companheiros. Foi grande o concurso, e abalo, que fez a sua morte em toda esta Côrte, que concorreu a veneral-o desde o sabbado em que falleceu, até a segunda-feira ao meio, dia em que o enterramos e para serem sempre em nós immensas as obrigações que temos a Sagrada Religião do Carmo, esta singularmente se esmerou em sua veneração, porque sem ser chamada, veio Domingo de tarde com todos os Padres graves da Ordem a cantar-lhe um Noturno, e não se quiz assentar diante do defunto, cantando-o todo em pé. Veja Vossa Paternidade com que nos havemos desempenhar de tantas obrigações. Vossa Paternidade tóme por sua conta agradecer aos Reverendos Padres esta honra, que nos fizeram, que junta com as mais, que desta Sagrada Religião temos re-

cebido, e continuamente recebemos, nos achamos totalmente impossibilitados para a digna retribuição.»

133 — A bondade do Reverendissimo Padre M. Francisco Pedroso, lhe fez avaliar obsequio, o que a Communidade do Carmo fez por obrigação. Grande era a em que estava a este Veneravel Padre que foi um dos homens eminentes do seu seculo, e como tal buscado, e consultado assim nas materias de espirito como nas politicas. O Serenissimo Rei D. Pedro o venerou com um respeito tão profundo, que chegou a dizer que só deste Clerigo tinha medo. A sua humildade lhe fez regeitar varias Mitras, entre as quaes foi uma a de Lamego. Foi Deputado da Junta das Missões, e no seu tempo vio fundadas as Congregações de Lisbôa, de Feyxo de Espadacinta, do Porto, de Braga, de Vizeu, de Estremós e de Pernambuco. A sua effigie se estampou em Roma no anno de 1713, com o titulo de Veneravel concedido pelo Santissimo Padre Clemente XI. Das suas virtudes tratará com mais elevada penna, e sublime estillo, o Eruditissimo Chronista Geral de todas as Congregações do Oratorio o Reverendissimo Padre Antonio dos Reys Academico da Academia Real.

CAPITULO XXIX

No qual se faz memoria do Illustrissimo D. Fr. Francisco de Lima, Bispo do Maranhão, e de Pernambuco.

O Illustrissimo D. Fr. Francisco de Lima, foi natural da cidade de Lisbôa, e baptisado na Freguezia de São Nicolau; João de Lima e sua mulher Maria das Neves, foram seus pais. Aos dezenove do mez de Setembro de 1640 tomou o habito no convento da mesma cidade, no qual professou aos vinte e cinco do dito mez do anno seguinte. Foi mandado para o Collegio de Coimbra, e nelle foi aceito collegial aos trinta e um do mez de Outubro de 1652, e no mesmo estudou Filozofia e Theologia nas quaes sciencias aproveitou muito. Estando lendo esta ul-

tima no convento da cidade de Evora, lhe ordenou a obediencia fosse por Visitador e Reformador do da Villa da Horta na Ilha do Fayal, e como era fundação nova não achou ainda a perfeição, e reforma regular de que necessitava, e applicando-se a ella poz em bôa forma, não só o material do convento, mas o mais importante, que é o espiritual. As obrigações da sua commissão lhe não impediam que communicasse nesta terra as luzes da sua doutrina, lendo Theologia e pregando com grande utilidade das almas.

210—Nesse tempo houve naquella Ilha tão horrendos e repetidos terremotos, que a gente se não dava por segura, nem nos Templos, nem nas casas, até que desafogou a terra, em boqueirões de fogo, que correu a rios pelo mar dentro em bastante distancia. Nesta angustia e afflicção se portou com tal constancia e com tão grande zelo da salvação das almas, que pelas ruas e praças pregava qual outro Jonas a subversão de Ninive, tirando por fructo do seu Apostolico espirito a reforma das vidas, e o ajustado das consciencias. Em uma occasião pregando na Mizericordia da mesma Villa, e sabendo que o Governador, e algumas das principaes pessôas andavam discordes, inflamando se em zelo intimou com tanta efficacia a excellencia da virtude da Caridade, que aquellas mesmas, que pareciam irreconciliaveis pelo seu capricho, ali mesmo se abraçaram e se congrassaram umas com as outras.

211—Dando fim á sua commissão se restituio ao convento de Lisbôa: delle o mandaram para Vigario Provincial de toda a nossa Vigayraria do Brazil; nesta Prelasia obrou com o seu costumado zelo, reformando e conservando os Religiosos em muita paz, e acabado o tempo do seu governo, veio para este reino aos oito do mez de Maio de 1683; o Muito Reverendo Padre Mestre Frei Matheus da Silveira, eleito neste dia Provincial, o nomeou seu socio e Secretario da Provincia. No anno de 1686, tomou posse do lugar de Prior do Convento de Lisbôa, nesta occupação mostrou a sua grande Religião, cuidando muito no que lhe estava encommendado, não havendo motivo que o impedisse ser o primeiro na assistencia do Côro, e nos mais actos da Communidade. Foi insigne Pregador, como diz o Reverendo Antonio Carvalho da

Costa (1), que tambem dá noticia da grande aceitação que teve: no ferial não houve naquelle tempo quem o igualasse, não só pelo admiravel da sua doutrina, mas pelo excellente modo, e persuação, que teve. Uma e outra cousa lhe captou o agrado do povo, da Nobreza e das Pessôas Reaes, de que é fiel testemunha o nosso Illustrissimo Bispo do Gram-Pará D. Fr. Bartholomeu do Pilar, repetindo nos no sermão que pregou nas suas Exequias, o que o Serenissimo Rei D. Pedro II lhe disse. « Ainda cá conservamos na memoria as suas bôas, e santas doutrinas que nos dava. »

212 – Este mesmo monarca attendendo o seu grande talento, á sua bôa e Religiosa vida o nomeou Bispo dos Estados do Maranhão e Pará aos nove do mez de Outubro de 1691. Para esta dignidade teve confirmação do Papa Innocencio XII, por Bulla do anno seguinte. No nosso convento de Lisbôa aos vinte do mez de Abril de 1692 foi Sagrado pelo Eminentissimo Senhor D. Verissimo de Lancastro Cardeal Presbytero, Inquisidor geral, do Conselho de Estado e Arcebispo Primaz de Braga, que tinha sido, foram assistentes os Illustrissimos D. João de Souza, Bispo do Porto, que depois foi Arcebispo Primaz e falleceu sendo Arcebispo de Lisbôa, e do Conselho de Estado e D. Joseph de Vasconcellos de Alarcão, Bispo do Rio de Janeiro. No dia vigesimo primeiro do mez de Março de 1693, estando no mesmo convento instituio Provizor e Governador do dito Bispado ao M. R. Padre Mestre Fr. Antonio da Piedade que era Vigario Provincial na nossa Vigayraria daquelles Estados. Antes de ir para o Maranhão, o promoveu o mesmo Senhor Rei D. Pedro no anno de 1694 ao Bispado de Pernambuco para o qual teve Bulla do dito Pontifice Innocencio XII.

213—No primeiro do mez de Janeiro de 1696 partiu da cidade de Lisbôa e chegou á de Olinda no mez seguinte de Fevereiro. Tomou posse pessoalmente, e se applicou de sorte ao bem das almas de suas ovelhas, que logo por si visitou, discorrendo por asperos e dilatados certões. Visita fez em que andou mais de duzentas leguas; muitas noites lhe succedeu dormir sobre uma tabua no chão, só

(1) Corograf. Port. Tom. 3º l. 2º Trat. 8, cap. 48, pag. 645.

a fim da reforma daquellas almas, e de trazer outras para o gremio da Igreja, para o que poz todo o cuidado em mandar repetidas vezes missionarios, para os aluminar na sua cegaeira, e foi nisto tão incansavel, que nas ultimas horas da vida, chegou a dizer, fallando com uma imagem de Christo Senhor nosso crucificado: « Bem sabeis vós, Senhor, que não tinha eu maior gloria e contentamento, do que quando me chegava a noticia, que se convertia á vossa fé um Gentio. »

214—Para com os pobres foi tão excessiva a sua Caridade, que as suas rendas e tudo que adquiria com elles o gastava, e assim pouco tempo antes de fallecer disse aos que se achavam presentes: « Cuidarão que o Bispo tem alguma cousa? pois o bispo não tem de seu nem um vintem » ; esqueceu-se sem duvida de dous que tinha na bolsa que foi todo o dinheiro que lhe acharam. Todos os sabbados mandava distribuir pelas casas pobres e honradas 16$100 que no fim do anno importavam em 637$200 alem das esmolas que dava aos que chegavam necessitados á sua presença. Em uma occasião chegando a janella lhe pedio um pobre esmola, e não tendo que lhe dar, pegou na cama e lh'a lançou. Segundo os róes de quem distribuia os vestidos, consta que alguns annos se deram quarenta e cinco mantos, e outras tantas saias, e anno houve que chegaram a sessenta. Deu a mais de duzentas e cincoenta Orphãs esmolas de trinta até cincoenta mil reis para ajuda de seu dote, e para o mesmo deu mais de setecentas e quarenta esmolas de dez até vinte mil reis. Quinze petições lhe levaram juntas e todas despachou logo com esmolas de 30$000 cada uma. O que lhe rendiam as visitas se distribuia no mesmo tempo com os pobres dos quaes era tão amado, que na sua morte diziam: « Já morreu o pai dos pobres. »

215—Na tollerancia dos trabalhos, foi exemplar da paciencia. Dando uma occupação a um sujeito, lhe constou que elle publicava lh'a dera por um donativo de dinheiro; a vingança que tomou desta ingratidão, e da injuria feita ao seu credito, foi mandar-lhe com obediencia fizesse publica a verdade, a qual foi logo á todos notoria. Muitas contrariedades padeceu na conservação da Casa da Congregação do Oratorio do Recife, só por entender era mais conveniente ao serviço de Deus a observancia dos Estatutos da da cidade de Lisbôa. Na ultima doença teve

grande conformidade e resignação na vontade divina, muitas vezes repetio: « Estou conforme com a vontade de Deus. » Vendo que lhe faltavam já as forças para se mover, levantava as mãos para um Santo Crucifixo em que empregava os olhos e repetidas vezes dizia *Sit nomen Domini benedictum.* Nas ultimas horas de sua vida pediu a todos perdão. Ao Reverendo Cabido fez uma paternal pratica, e lhe encommendou muito a paz e o serviço de Deus. Ao Reverendo Padre Prior do Convento de Olinda, com humildade profunda rogou quizesse por caridade darlhe uma sepultura no cemiterio sem differença ás dos mais Religiosos. Disse, que os poucos moveis, que tinha e os seus livros, os mandassem para o Convento de Lisbôa, ao qual pertenciam. Chegado finalmente o dia vigesimo nono do mez de Abril de 1704 entregou o espirito nas mãos do seu Creador, e foi sepultado no lugar que escolheu. Usou de Armas esquarteladas: no primeiro quartel o Leão dos Sylvas, no segundo tres faxas enxaquetadas de ouro, e vermelho de tres peças em palla, e assim os quarteis contrarios. Estas Armas são duas partes das dos Limas. Na parte superior do escudo grande trazia um pequeno com as Armas da Ordem, e por cima o chapeo Episcopal.

216—Nas exequias, que o Tribunal do Santo Officio da cidade de Lisbôa fez no convento de S. Pedro de Alcantara ao Eminentissimo Senhor Cardeal D. Verissimo de Lancastro Arcebispo Inquisidor geral, pregou elle, e o Sermão se deu ao Prelo sem o seu nome nesta mesma cidade na Officina de Miguel Deslandes no anno de 1693.

CAPITULO LXXII

Em que se dá uma breve noticia do P. Fr. Manoel de Santa Catharina.

540—O Reverendissimo P. M. Francisco da Cruz da preclarissima Companhia de Jesus, Mestre que foi de Sua Magestade, que Deus Guarde, e dos Senhores Infantes, na sua Bibliotheca Portugueza, repetidas vezes allegada nestas memorias, diz, que o P. Fr. Manoel de Santa Ca-

tharina, fôra natural de Pernambuco, e filho de um dos conventos, que a nossa Ordem tem na dita Capitania, e que fôra famoso Pregador em toda a Provincia do Brazil, e que compuzera um livro em quarto, que conservava manuscripto Bernardo Castanheda Rapozo, o titulo do qual é: *Suave Armonia sobre cinco vozes, ou palavras que falou Maria Santissima Senhora Nossa.*

CAPITULO LXXIII

No qual se faz memoria do Illustrissimo D. Fr. Manoel de Santa Catharina, Examinador Synodal, que foi do Bispado de Angra, Provisor, e Governador do de Pernambuco. Provisor do de Angola, e Conego, e hoje Bispo do mesmo Bispado.

541—O Illustrissimo D. Fr. Manoel de Santa Catharina nasceu na cidade de Lisbôa, que hoje é Occidental, aos vinte e cinco do mez de Novembro de 1656, na Freguezia de S. Julião da mesma cidade, foi baptisado aos 3 de Dezembro do dito anno. Seu pai se chamou Francisco Gomes Correia e sua mãe Felippa da Ascenção e Lima. No collegio da Sagrada Companhia de Jesus, intitulado de Santo Antão, estudou latim e Humanidades, e tendo bôa noticia de uma e outra cousa, entrou na Filozofia no mesmo Collegio, que continuou o primeiro anno e parte do segundo. O M. R. P. Presentado Fr. Ayres da Silva, sendo Provincial desta Provincia, o admittio ao habito, que recebeu no convento da mesma cidade de Lisbôa aos vinte e oito do mez de Outubro de 1671, professou aos quatro do mez de Dezembro do anno seguinte de 1872.

542—Foi admittido no collegio de Coimbra por Collegial aos vinte e quatro do mez de Outubro de 1676, sendo segunda vez Reitor o Revérendissimo Padre Mestre Fr. Joseph de Carvalho: no dito collegio estudou Filozofia, sendo seu mestre o R. P. M. Fr. Manoel do Espirito Santo, Doutor pela Universidade e muitos annos Oppositor ás cadeiras; e porque em uma opposição se entendeu se lhe tinha feito injustiça em não ser provido em uma conduta,

se lhe mandaram dar das rendas da Universidade todos os annos trinta mil reis, e se lhe concederam os privilegios de Condutario. Foi este Religioso um gravissimo Teologo e maximo Filozofo, na Ordem foi Vigario Reitor e repetidas vezes primeiro Definidor, foi Qualificador do Santo Officio, e Examinador Synodal do Bispado de Coimbra. Tanto que o nosso Illustrissimo Bispo, deu fim aos tres annos de Filozofia, com supplemento de idade por Breve Pontificio aos vinte e oito do mez de Outubro de 1679, foi ordenado Presbytero nos Paços da Inquisição de Lisbôa pelo Illustrissimo Senhor D. Verissimo de Lancastro. No primeiro do mez de Novembro do dito anno disse a sua primeira Missa, sendo assistentes ou padrinhos, como chama a vulgaridade, o R. P. M. Fr. Francisco de Lima, que depois foi Bispo do Maranhão, e de Pernambuco, e o M. R. P. Fr. Manoel de S. Raymundo Religioso da nobilissima Ordem dos Pregadores, o qual era seu tio.

543—No mesmo collegio de Coimbra ouvio quatro annos Teologia, e depois foi um anno passante: Naquelles defendeu varias vezes Conclusões Publicas de uma e outra sciencia no sobredito collegio, e no convento de Lisbôa as sustentou de differentes materias de Teologia na celebração do Capitulo, em que sahio eleito Provincial o M. R. P. M. Fr. Matheus da Silveira no anno de 1683. Foi presidente das ditas Conclusões o R. P. Presentado Fr. Manoel de Santo Antonio, que sendo primeiro socio ao Capitulo geral, naufragou na costa de Argel e morreu afogado juntamente com o dito M. R. P. Provincial Fr. Matheus da Silveira ao terceiro dia depois de sahirem da barra de Lisbôa no principio do anno de 1686. Como não havia cadeira de especulativo, em que fosse provido o nosso Illustrissimo Bispo nem podia estar mais tempo no collegio, pois já tinha completos os oitos annos, que os Estatutos dispõem, o mandaram ler Teologia moral ao convento de villa de Setubal. Neste convento esteve um anno, no fim delle mandaram os Religiosos do nosso convento da villa da Horta na Ilha do Fayal pedir ao Prelado lhes mandasse quem lesse Filozofia e Theologia, e rogando o para que quizesse ir, elle considerando que se adeantava aos seus condiscipulos, aceitou o convite.

544—Partio da cidade de Lisbôa, e chegando ao dito convento, nelle deu principio á leitura de Filozofia no mez de Outubro de 1686, que continuou por tres annos; teve

muitos discipulos, entre elles foi um o Illustrissimo D. Fr. Bartholomeu do Pilar Bispo do Grão Pará, e outro o R. P. M. Fr. Joseph de Lima seu irmão, dos quaes já demos noticia. Nos tres annos, em que leu Filozofia, presidio por quatro vezes Conclusões publicas com grande aplauso e aceitação. No mesmo convento leu Theologia, por dous annos, e presidio duas vezes Conclusões. O Illustrissimo D. Fr. Clemente Vieira, Religioso que foi de Santo Agostinho condutario com privilegios de Lente na Universidade de Coimbra, sendo Bispo das ilhas dos Açôres, o nomeou Examinador Synodal daquella Diocese, cujo titulo é do Santo Salvador da cidade de Angra.

545—Depois que leu os dous annos Theologia no dito convento, se recolheu a este Reino, e o M. R. P. Provincial, M. Fr. João Baptista Rofino o mandou continuar a leitura de Theologia ao convento da cidade de Evora; e deste convento a veio ler tambem ao de Lisbôa, em uma e outra parte presidio Conclusões Publicas. Na Congregação Capitular, que se celebrou no convento de Lisbôa aos onze do mez de Abril de 1693, em que tomou posse de Provincial o M. R. P. Mestre Fr. Antonio da Cunha, e em que foi presidente o M. R. P. M. Fr. Thomé da Conceição, o nomeou secretario da dita Congregação. Acabou os annos de leitura, e sendo postulado para o grau de Mestre, o Padre Reverendissimo lh'o conferiu. Estando já jubilado, recebeu no convento de Lisbôa o grau de Doutor por Breve Apostolico aos vinte e dous do mez de Janeiro de 1694; e lhe conferio o M. R. P. Provincial, M. Fr. Antonio da Cunha; foi Patrono deste acto o Illustrissimo D. Fr. Francisco de Lima Bispo do Maranhão, e nomeado de Pernambuco; foram Examinadores o M. R. P. Mestre Fr. Manoel da Graça, dos quaes daremos noticia em seus lugares, o R. P. M. Fr. Simão da Assumpção, que depois foi Definidor, Socio e Secretario da Provincia e Prior do Convento de Lisbôa; cada um destes Examinadores antes de propor o seu argumento, segundo o estylo Academico, fez uma oração encomiastica em louvor do novo candidato.

546—Vindo o Reverendissimo P. M. Fr. João Feyxoo de Villa Lobos, Geral da Ordem, que falleceu Bispo de Gaudiz, visitar esta Provincia no anno de 1694, na Congregação que fez no convento de Lisbôa, aos cinco do mez Julho do dito anno, determinou que os Confessores das

Religiosas fossem Mestres, e assim foi eleito para o Convento das da cidade de Beja, que é o primeiro que esta Provincia teve de maior predicamento. Estando nesta occupação falleceu no dito convento a Madre Marianna da Purificação natural da cidade de Lisbôa, e baptisada na freguezia de S. Nicolau, Religiosa de conhecida virtude e de quem o Senhor Rei D. Pedro II, fazia notavel estimação, e o nosso Illustrissimo Bispo por obrigação do seu officio assistiu a sua morte, e depois veio á Corte a trazer a Sua Magestade, um escapulario da virtuosa Religiosa, que o dito Senhor estimou summamente, e com expressões mui honorificas lhe agradeceu a attenção e o trabalho, que tomara por lhe trazer o sobredito escapulario. No Capitulo do anno de 1696 o elegeram Reitor do Collegio de Coimbra, cuja occupação exerceu tres annos. Aos vinte e sete do mez de Dezembro de 1701, com faculdade Apostolica no Convento de Lisbôa conferiu o grau de Doutor na Sagrada Theologia a seu irmão o R. M. Fr. José de Lima.

547—No anno de 1709 nomeou Sua Magestade, que Deus guarde, para Governador e Capitão General do Reino de Angola a Antonio de Saldanha, Mesquita, Lobo, Albuquerque, Castro e Ribafria; este Fidalgo fez grande empenho para o levar comsigo por seu Theologo, e para se valer delle, assim no governo de sua consciencia, como nos negocios graves, que occorressem no seu governo, e não podendo negar-se ás grandes instancias, que fez este Cavalheiro, se resolveu a acompanhal-o ao dito Reino. Com as licenças necessarias partio da barra de Lisbôa em companhia do dito Governador aos doze do mez de Maio do dito anno de 1709, na náo Rainha dos Anjos, e fazendo alguma dilação na ilha da Madeira, por causa de duzentos soldados, que que da dita ilha levaram, partiram desta, e chegaram ao porto da cidade de Loanda no reino de Angola, aos quatro do mez de Outubro do mesmo anno. Chegado que foi á aquelle Reino o Illustrissimo Bispo D. Luiz Simões Brandão o nomeou Provisor, na qual occupação procedeu em forma que se fez merecedor de uma geral aceitação, de sorte, que o Reverendo Cabido e a Camara, constando-lhe, que o Illustrissimo Bispo queria renunciar, escreveram a Sua Magestade por repetidas occasiões pedindo o para seu Bispo, instando com o dito Senhor se quizesse dignar fazer-lhe a mercê de o nomear Prelado para o dito Reino.

548—No anno de 1713, recolhendo-se delle para este, fez a sua jornada por Pernambuco e chegou á aquelle Estado á tempo, que o Illustrissimo Bispo D. Manoel Alvares da Costa se retirara da capital do seu Bispado, e nomeando-o seu Provisor, o deixou por governador do Bispado em sua ausencia, e soube de tal modo haver-se nesta occupação, que, estando o governo Episcopal por então muito odioso naquelle Estado, foi tal a sua prudencia e capacidade, que se fez de todos amavel; e o governador, que então era Felix Joseph Machado da Silva, escreveu cartas de notavel recommendação á Sua Magestade com grandes expressões do bem, que se houvera no governo daquelle bispado.

549— Aceita a renuncia ao Illustrissimo Bispo D. Luiz Simões Brandão, mandou Sua Magestade, que Deus guarde, consultar o Bispado, feita a consulta no Conselho Ultramarino, e depois no Conselho de Estado, foi Sua Magestade servido nomeal-o Bispo de Angola aos vinte e oito de Novembro de 1719 e precedendo as diligencias costumadas, no Consistorio de quatro do mez de Março do anno seguinte de 1720, foi preconisado pelo Eminentissimo Senhor Cardeal Miguel Angelo Conti, Protector que então era dos negocios deste reino, e no Consistorio de vinte do mesmo mez e anno, foi confirmado pelo Santissimo Padre Clemente XI de saudosa memoria. Assim nos tres dias depois da nomeacão, como no dia que chegaram as Bullas á cidade de Lisbôa, houveram no convento da mesma cidade repiques, luminaria e fogo do ar.

550--Domingo quatorze do mez de Julho de 1720 foi sagrado na Santa Basilica Patriarcal pelo Illustrissimo Reverendissimo Senhor D. Thomaz de Almeida, primeiro Patriarca de Lisbôa Occidental; foram assistentes o Illustrissimo D. João Cardoso Castello Arcebispo de Lacedemonia, Coadjuctor, Provisor e Vigario Geral do Patriarcado, e o Illustrissimo D. Manoel Alvares da Costa, Bispo que então era de Pernambuco e hoje de Angra. Houve uma grande assistencia da principal Nobreza, dos Prelados das Religiões, e dos Religiosos graves de todas ellas, e de pessôas do povo.

551—Foi acompanhado pelos dous Illustrissimos assistentes até o convento, (aonde o tinham vindo buscar) e apeando-se á porta da Igreja, onde a Communidade o re-

cebeu, no fim das escadas estava o Reverendo Padre Prior com assistentes, vestidos todos com pluviaes de téla branca, desceu as escadas o Illustrissimo Bispo, e ajoelhou em um genuflectorio, que estava preparado, e depois de fazer oração, beijou a Reliquia, benzeu o incenso, e o Reverendo Padre Prior o incensou, e levantando o *Te-Deum* o foi cantando a Communidade processionalmente até a Capella-mór; nella estava outro genufletorio, onde o Illustrissimo Bispo esteve de joelhos até o Himno no fim do qual disse o Reverendo Padre Prior os versos e orações acommodadas a semelhante acção; logo que se acabaram de recitar subio o Illustrissimo Bispo ao meio do Altar e depois de beijar a pedra de Ara lançou a benção á Communidade e a muitas pessôas do povo que estavam na Igreja, e foi conduzido com todas as demonstrações festivas á sua cella. Neste dia deu a Communidade de jantar com abundancia e profusão, e assistio no refeitorio. Na noite houve repiques, (que já tinha havido de dia), luminarias e fogo do ar.

552—Na quinta-feira seguinte, que se contaram dezoito do dito mez e anno, o Reverendissimo Padre José Leite da esclarecida Companhia de Jesus, Mestre da segunda, no Real Collegio de Santo Antão da cidade de Lisbôa, deu fim as suas Conferencias Academicas de Rhetorica, que havia continuado por todo o dito anno, com uma, que se celebrou em obsequio do nosso Illustrissimo Bispo novamente sagrado, na qual depois de uma larga, erudita e elegante Oração Panegerica, que elle mesmo recitou, se seguiram varios Poemas tambem Panegericos e encomiasticos, que repetiram e representaram seus mesmos discipulos fabricando preciosas pedras para ornato da Mitra do novo Bispo. Finalmente finalisou esta funcção com uma Tragedia representada por outros estudantes, tambem seus discipulos, vestidos cada um conforme pedia o papel que fazia; foi o titulo —*Angola triumphatrix*. De uma parte se via Portugal repugnando largar de si este Heróe, de outra se via Angola instando por ter tão grande Prelado. Pôz Portugal gente em campo para defender a sua causa, na contenda houve tiros, e soaram instrumentos bellicos. Conheceu da causa Roma e dirimiu a contenda, decidindo que fosse para Angola o novo Bispo á cuja decisão obedeceu Portugal prompto, e todos com um côro de suaves vozes e instrumentos em letras acommodadas ao assumpto

celebraram com repetidos applausos e multiplicados vivas ao novo Prelado.

553—Aos vinte e seis do dito mez e anno foi a Pedrouços, onde então assistia Sua Magestade, fallar-lhe, e pedir-lhe lhe fizesse mercê de o mandar para o seu Bispado, porque estando já sagrado fazia grande escrupulo não ir tratar de apascentar o rebanho, que lhe estava commettido. O dito Senhor com expressões de seu Real agrado mostrou estimar a sua resolução, e se dignou de lhe dizer lhe louvava muito o seu zelo, e que havendo occasião de náo, o Secretario de Estado lhe faria aviso de quando havia de partir.

554—O dito Senhor por sua Real grandeza, innata piedade e devoção costuma todos os annos fazer no convento de S. José de Ribamar dos Religiosos da Provincia da Arrabida festa ao Patriarca S. Francisco no seu dia, no qual alem de mandar dar largamente de jantar á Communidade toda, faz á aquelles Religiosissimos Padres a singular honra de comer com elles no refeitorio. Succedeu pois no dito anno de 1720 encommendar o Prelado do dito convento ao nosso Illustrissimo Bispo o Sermão daquella solemnidade, o qual pregou com muita elegancia e erudição; (como quem teve tão bom genio para a predica do que é fiel testemunho o grande applauso e aceitação, que teve em toda a parte onde pregou) em uma casa particular do mesmo convento lhe tinham os Religiosos preparado commodo para jantar, (como costumavam fazer aos mais Pregadores, que não eram da Provincia) mas Sua Magestade, indo o Bispo acompanhando-o com a Communidade até o refeitorio, o mandou entrar e que ali mesmo jantasse; beijou-lhe logo a mão, pela honra, sentou-se e jantou, e no fim lhe beijou outra vez a mão, e despedindo-se dos Religiosos, veio para o seu convento.

555—Muitas e repetidas vezes exercitou funcções Episcopaes emquanto não foi para o Bispado. No nosso convento de Lisbôa, onde assistia, Crismou, conferiu Ordens menores, e sacras muitas vezes com faculdade do Illustrissimo Reverendissimo Senhor Patriarca. Succedendo ir á cidade de Coimbra, no mez de Outubro de 1720 a certo negocio, que se lhe offereceu, rogado do Reverendo Cabido, sede vacante, chrismou e conferiu ordens na Igreja do nosso collegio em quasi todos os domingos e dias santos, que occorreram desde trinta do dito mez de

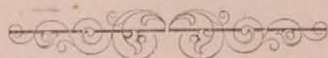
Outubro até o Natal, e nas Temporas do Advento, a grandes rogos do mesmo Reverendo Cabido deu Ordens geraes em que ordenou grande numero de pessôas, assim daquelle Bispado como do do Porto, do de Lamego, e do de Vizeu. No nosso Convento das Religiosas da Villa de Tentugal administrou o Sacramento da chrisma a muitas dellas e e a pessôas seculares; o que tambem fez na Igreja Matriz Villa e pessôas de um e outro sexo. Recolhendo se para a Côrte no nosso convento da Villa de Torres Vedras, chrismou muita gente com autoridade do Reverendissimo Cabido, séde vacante da cidade de Lisbôa Oriental.

556—No mez de Janeiro de 1721, sendo rogado, foi ao lugar de Vialonga e e com autoridade do Reverendissimo Ordinario desenviolou o Adro da Freguezia, que é sagrado, e havia onze annos que estava violado. Na mesma Freguezia, chrismou muita gente, e no Convento, que ha no mesmo lugar de Religiosas do Glorioso Padre S. Francisco, administrou a muitas o mesmo Sacramento. Depois de fazer estas funcções neste lugar, desenviolou o Adro da Freguezia da Granja, que tambem é sagrado, o qual estava violado, havia sete annos. Na mesma Freguezia administrou o Sacramento da chrisma a muitas pessôas.

557—O Secretario de Estado lhe fez aviso, que os navios partiam, e beijando primeiro a mão de Suas Magestades e Altezas, se embarcou aos trinta e um do mez de Outubro de 1721, na náo Nossa Senhora do Paraiso, na qual tambem se embarcou para Governador o Capitão General do dito Reino Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, Governador que já tinha sido do Maranhão, Rio de Janeiro e Minas. No seguinte dia, primeiro de Novembro, partiram do porto da cidade de Lisbôa e chegaram a Ilha da Madeira, onde estiveram sete dias em quanto se embarcaram alguns soldados, que da mesma Ilha foram servir á Sua Magestade a aquelle Reino. Na cidade do Funchal, capital da dita Ilha, com autoridade do Illustrissimo Bispo della, D. Joseph de Souza de Castello Branco, chrismou e conferio Ordens assim menores como sacras a muitas pessôas, e obrigado dos rogos de uma pobre viuva as conferio a um filho dentro no navio estando com as velas soltas. Em todas as partes em que administrou o Sacramento da Chrisma, ou conferio Ordens, não tomou para si a cêra que offereciam, como é costume, os que se Ordenavam e Chrismavam; mas toda dava ás Igre-

jas nas quaes exercitava as ditas funcções: e quando as fez no nosso convento de Lisbôa, a deu á Irmandade do Santissimo Sacramento.

558—Aos vinte e um do dito mez de Novembro de 1721 partio da cidade de Funchal na Ilha da Madeira, e com feliz viagem chegou ao porto da cidade de Loanda aos dezenove do mez de Março do anno seguinte de 1722. No mesmo dia desembarcou o nosso Bispo e dahi a dous, que era o de sabbado, vigesimo primeiro do dito mez, fez a sua entrada solemne na forma do Cerimonial dos Bispos. Foi muito festejado de todo o Clero, Nobreza e Povo daquella terra, que não com vulgares demonstrações exteriores de applauso, quizeram fazer patente o gosto e contentamento dos seus corações, com que recebiam o novo Prelado. Usa das Armas da Religião e na orla tem o seguinte epigrophe: — *Ex te decus, columen que meum.*



Em Guararapes

Conferencia proferida pelo Dr. Martim Francisco, no Gremio Commercial de Campinas, em 6 de agosto de 1899. (*)

Faz dous annos que, por uma bella e risonha manhã de Junho, tomei o trem da S. Francisco em companhia do actual representante da nossa mais benemerita dynastia de homens publicos — o Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

Tinhamos bilhetes para Prazeres e iamos, em patriotica romaria, visitar o celebrado sitio onde, ha dous seculos e meio, o valor pernambucano insculpiu nos fastos humanos a pagina fundamental da historia brazileira.

A clemencia do tempo nos propiciara a excursão; fôra de chuva constante, quasi ininterrupta toda a semana anterior e aquelle dia luminoso, cheio de sol benefico e vivificante, acordara a natureza toda numa alacridade festiva; por toda parte — na frontaria das casas, na verdura lavada dos campos, no proprio céo, que azulejava purissimo — dominava a mesma nota clara, e nós, de corpo repousado e mente serena, sentiamos a alma dilatar-se-nos na plenitude da sua receptividade emotiva.

Fomos a Guararapes no deliberado intento de ali vivermos algumas horas intellectualmente e realisamos por inteiro o nosso proposito.

Perlustramos pausadamente e em todas as direcções a gloriosa e tradicional paragem; subimos á torre da igreja votiva e lá do alto devassamos todo o local circumvisinho — de um lado as terras suavemente accidentadas de Muribeca, malhadas de canaviaes verde-pallidos e de barrancas vermelhas; para o nascente o littoral, baixo, apaulado, e mais além a vastidão do mar acceso em myriades

---

(*) S. Paulo, Typ. de Carlos Gerke & C., 1900, in 8°, 61 pg., 7 retratos.

de fulgurações; descemos a empinada falda oriental em procura do famoso *Boqueirão*, a delgada nesga de terra firme onde mais cruenta se feriu a refrega; copiamos inscripções e determinamos as successivas posições occupadas pelos contendores; abrigados sob umbroza mangueira comparamos Netscher com Varnhagen, cotejamos trechos das partes officiaes de van Sckops e de Barretto, discutimos topicos do *Castrioto Luzitano* e da *Guerra Brazilica*, opiniões de Southey e de Fernandes Gama, e recitamos com enthusiasmo as vigorosas estrophes de Durão.

De regresso ao Recife vinhamos silenciosos, recolhidos em intimas cogitações; na minha mente, absorvida pelo desejo de advinhar o passado — no dizer de Herculano mais difficil de prescrutar que o futuro — avultava dominante o feito bellico, concretisado no aspecto pinturesco da batalha, particularisada nos seus mais exiguos detalhes de scenario, de armas, de uniformes, de posições estrategicas e de peripecias sangrentas; retocando o *croquis*, traçado no campo da acção, eu tinha gravado na retina o espectaculo panoramico da estupenda peleja cuja grandiosidade me assoberbava inteiramente.

Junto a mim, sentado no mesmo banco do *wagon*, o Dr. Martim Francisco, olhos semi-cerrados, o perfil romano accentuado em linhas austeras, se comprazia em divagações a molde do seu talento especulativo; por traz da vasta fronte vertical, o seu celso e formoso espirito vinha delineando já o escorço da magnifica conferencia que o publico campineiro teve a ventura de ouvir o anno passado e que agora acaba de sahir á luz em folheto.

Para elle — o philosopho, o pensador — o quadro marcial, não obstante o seu caracter epico, era principalmente o enunciado primordial para a determinação de uma serie de formulas historicas; era como uma eminencia culminante de onde descortinasse de um golpe de vista toda a nossa evolução social, localisando os episodios, vinculando os successos, fazendo os factos promanar uns dos outros n'um encandeamento continuo, logico, integral; era como um jorro de luz vivissima a illuminar intensamente e sob o angulo mais pertinente toda a vida nacional no seu complexo e agitado desdobramento.

De intelligencia aprimorada no diuturno commercio com o classicismo greco-latino e orientada pelas fecundissimas correntes de investigações e de methodo que, a partir

de Spinoza, receberam successivamente, na philosophia, na moral, na politica e na esthetica o influxo dos genios de Leibnitz, de Kant, de Hegel, de Schopenhauer, de Hartmann, de Buckle, de Draper, de Quetelet, de Carrière, de Spencer e de Novicow; senhor de vastissima erudição e dotado de grande penetração analytica, ninguem melhor que elle poderia colher no acervo, ainda amorpho, dos factos da nossa formação social tão opulenta désse de aspectos imprevistos, inesperados, extranhamente originaes da nossa civilisação, como os que enfeixou na presente synthese historica que outro nome não tem a sua admiravel conferencia.

Nas suas sessenta paginas ha mais larga copia de ensinamentos tirados do passado e de soluções novas apresentadas aos problemas do presente, do que em centenares de volumes de compilações soporiferas ou de reproducções disfarçadas que constituem o grosso da nossa litteratura especial, trabalhos estes subordinados na sua totalidade á concepção theologica ou racionalista das condições de existencia do homem no planeta e da posição deste no cosmos.

A espaços o autor interrompe a sua amplissima synthese: é quando, em meio do ruidoso tumultuar dos successos, se lhe depara com um destes vultos singulares que, encarnando uma aspiração collectiva, parecem dominar poderosamente a marcha dos acontecimentos, accelerando-a ou entravando-a; então elle detem-se e, uzando com excellencia dos processos do famoso biographo de Cheronea, pinta com consummada mestria caracteres e desenha retratos surprehendentes de verdade e de colorido.

Para comproval-o plenamente basta transcrever o parallelo entre os dous cabos de guerra que se enfrentaram na invasão de Pernambuco.

Eil-o:

« Theodoro Wardenburg, governador militar da conquista durante quatro annos, é incontestavelmente um typo que prende a attenção do observador.

Soldado da fortuna, com a envergadura moral do homem de acção; audaz e velhaco; amando a guerra pela guerra, prompto a comparecer onde houvesse um golpe arriscado ou um saque a tentar; severo para com os subordinados, e condemnando-os á morte facilmente; com um passado militar activo e feliz junto ás bandeiras do conde Ernesto de Mansfeld na guerra dos trinta annos;

mystico; falando varias linguas —que as aprendera nas suas peregrinações aventurosas; de familia nobre; amoroso a ponto de obrigar seu austéro capellão a brindar em um banquete á dama que lhe bordára a banda com que costumava entrar em combate; protestante, mas ao serviço da catholica Veneza quando a Companhia lhe foi alugar a bravura; embriagando-se e jejuando; roubando e compondo orações, era elle um mixto impuro de aptidões diversissimas, sobrepujadas todas por uma valentia indomavel.

Colleccionai, concatenai as pesquizas historicas que existem a respeito desse homem; admirai o fatalismo com que elle, o primeiro a desembarcar em Olinda, como que se dirigia a partilhar de uma festa, sem elmo, sem arma defensiva, com um florete á ilharga, um chuço em punho, e no cinto uma pistolla italiana; reparai-lhe na larga face jovialmente feroz, nos olhos vivos e astutos, no rosto bonito e antipathico, intelligente e mau; notai-lhe a assignatura: a letra grande a denotar vastas aspirações; os traços enlaçados do *b* pequeno como que formando duas letras, circumstancia que achareis mais accentuada no *a* pequeno e quasi dividido, signal da defensividade que se torna aggressiva; ligai a isto a escriptura como que serpeando, e tereis mais de um factor explicativo da dobrez e das contradições desse espirito argucioso, quiçá eminente, que redigia orações, roubava, matava, mas preferia a vanguarda no momento do perigo!

Tal o flamengo.

Tal o vencedor.

Tal o protestante.

Fixemos, porém, o olhar sobre o vencido, sobre o portuguez, sobre o catholico.

Mathias de Albuquerque: perfil calmo, desses que são superiores á desgraça, desses que se acastellam no dever contra os desfavores da sorte, e que superam o infortunio pela pertinacia. Quasi um engeitado do governo hespanhol; suspeitado de deslealdade porque era portuguez; abandonado na hora do primeiro combate pelos seus soldados inexperientes, o futuro heróe da batalha de Montijo não perdeu por um momento sequer essa resolução briosa, essa tranquillidade consciente, essa idolatria do dever que salva as situações perigosas, pretere o desespero, annulla o erro e prepara a vantagem!

Não vacillou. Absolutamente não desanimou. Fez immediata entrega das fortalezas aos poucos officiaes de confiança que lhe restavam, aconselhando-os a que prolongassem a resistencia o quanto possivel ; difficultou aos habitantes ricos e retirada para o sertão ; destruiu, á vista do inimigo, quinze mil caixas de assucar, quasi toda a exportação da capitania naquelle anno ; afundou os navios hespanhoes á entrada de porto ; creou o primeiro arraial do Bom Jesus ; e dentro em poucos dias deu começo a essa campanha de guerrilhas, que com pequenas intermittencias teria de durar vinte e quatro annos, campanha tão magristralmente manobrada que o invasor muita vez se viu obrigado a mandar vir da Hollanda até a lenha para os seus fogões. Verdadeiro poema de bravura, de encarniçamento, cujo exame assombra, cujos estudo constitue um admiravel compendio de civismo! Pasmemos diante de tanta superioridade ! Abramos, brazileiros, uma excepção decente ao habito de só venerar o successo. Aqui, a gloria do vencedor mal se prestaria a pedestal da estatua do vencido. E' que os genios militares mais se manifestam nas horas da desgraga do que nos dias da prosperidade. O Annibal legislador e reformador da constituição da sua patria, é incomparavelmente mais notavel de que o Annibal que remettia á gerusia os anneis do inimigo trucidado. Cezar, fugitivo, roubando ás aguas do Nilo os *Commentarios* que o haviam de immortalisar, tem mais fulgurações do que o assassino de Vercingetorix, e merece maior legenda do que o vencedor de Alesia ou o batalhador de Munda. Na serie das grandes defezas—livro que ainda está por escrever—ao lado de Stilicon differindo a invasão dos barbaros, junto de Carlos Martel limitando o poderio musulmano, perto de Scanden salvando as conquistas espirituaes da Renascença— não a deslustraria com a inscripção do seu nome esse nosso patricio que recuou para resistir, e que negou á força dos revezes a subserviencia da resignação.

Não lhe recuséis elogios. Vede que grandeza original : elle era brazileiro, elle foi vencido e elle não adheriu ! E isso na terra classica das adhesões ! E isso na colonia que acolhera, sem o minimo protesto, a dominação hespanhola e que teria, pouco tempo depois, de reentrar pacatamento no dominio portuguez! Reconheçamos esta vergonhosa verdade, explicada talvez em parte pelas

enormes distancias que segregam os nossos nucleos mais populosos: nós somos o povo das adhesões pacientes condimentadas pelo applauso ao lucrador do dia seguinte.

A rapidez da independencia e as vantagens arrecadadas pelos que, como Mont'Alegre, Aracaty e tantos outros, se haviam opposto ao golpe decisivo; a precipitação do Sete de Abril proporcionando a chefia politica a Evaristo da Veiga, que só soube da revolução quando ella já estava triumphante na praça publica; o golpe militar da maioridade favorecendo, após alguns mezes, o predominio do elemento conservador que lhe havia apresentado embaraços até á ultima hora; as datas de 28 de Setembro e de 15 de Novembro transformando-se para os que as haviam adiado em vesperas de lucro e em bilhetes premiados na loteria da incoherencia, todas as impermanencias do nosso scenario politico ouviram os timbales do facto consummado.

Mathias de Albuquerque é, pois, uma explendida excepção ás nossas pacientes tradições. O sul do Brazil, preoccupado com a mineração e com as lutas entre paulistas e jesuitas, nem lhe enviou a promessa de um reforço; deixou-o o governador geral entregue as agruras da sua sorte; seus subordinados desertaram ao primeiro choque —e elle, guardando a *sombre fidelité aux choses tombées*, sabendo acompanhar uma idéa até aos ultimos momentos, deu ao seu plano de reacção um rumo tão audaz e tão fundo, tão consentaneo ao seu caracter e á natureza das cousas que, até á retirada definitiva do flamengo, o drama da resistencia não se afastou das linhas traçadas pela mentalidade que o delineara!»

Nestes trechos, e ainda em outros, uma ironia punjente, um sarcasmo doloroso, resumbra e explode das apreciações do autor; mas, logo se percebe que o seu pessimismo é todo exterior: este homem, que verbera abuzos e profliga vicios tão implacavelmente, fal-o por um nobilissimo dever de patriotismo, porque elle é antes de tudo um patriota sincero que exclama com convicção «que só desespera da Patria quem não é digno de ter uma patria.» Prodigiosa synthese historica, brilhante exemplo de civismo, o folheto do Dr. Martim Francisco, em todo e decurso da sua leitura, em mim só provocou vehementes applausos; um critico ou um erudito teria talvez o que dizer da temeridade de certas generalisações, da filiação excessivamente remota de determinados effeitos, da largueza

demasiada de alguns periodos e do frequente abuzo do adjectivo.

Não seriam, porém, descabidas semelhantes censuras, se justamente na audacia das generalisações, na profundeza das filiações, no estylo irrequieto, movimentado, nervoso, reside o singular encanto desta conferencia destinada talvez a marcar o inicio de uma nova phase no estudo da historia no Brazil ? (*)

ALFREDO DE CARVALHO.

(*) Esta noticia foi, em parte, publicada no *Jornal do Recife* de 7 de Agosto de 1900.



GEOGRAPHIA PERNAMBUCANA

MUNICIPIO DE LIMOEIRO

A cidade de Limoeiro é a séde do municipio do mesmo nome e da freguezia de Nossa Senhora da Apresentação de Limoeiro.

NOTICIA HISTORICA. — A historia da fundação da cidade do Limoeiro, e a origem de sua denominação estão ligadas ao seguinte facto de tradição local : O territorio que actualmente é occupado pela cidade, abundantissimo então de limoeiros, comprehendia uma sesmaria, onde existiu, fundado no principio do seculo XVII, um aldeiamento de indios. Pelos annos de 1730 a 1740, pouco mais ou menos, o Padre Ponciano Coelho, era o missionario encarregado da catechese desses indios, e a actual cidade não tinha outras habitações alem das destinadas aos indios e empregados do aldeiamento. A 15 kilometros, porém, ao oeste da cidade, no logar denominado *Poço do Pau*, havia um portuguez de nome Alexandre de Moura, extremamente religioso, e que tinha grande devoção por Nossa Senhora da Apresentação, o qual fez erguer proxima á sua residencia, uma casa de oração onde, em um nicho, possuia a imagem da Virgem Senhora. Alli, uma vez por outra, o proprietario da vivenda mandava celebrar missas e realisava festividades, sendo sempre officiante de taes actos o Rvm. Ponciano Coelho.

Os moradores de diversos pontos, mais ou menos distantes, concorriam aos mesmos actos ; e tambem aquelle *templosinho*, alli situado começou, desde logo, a attrahir para o local varias pessoas, que vieram nelle morar afim de ficarem mais perto das *missas*. Por esse tempo o missionario pensava e se esforçava muito em povoar a região occupada pelo aldeiamento, e assim começou a ver no desenvolvimento do nucleo que se formava no Poço do Pau, um embaraço aos seus desejos. Conhecendo, pois, o espirito de credulidade daquella gente, resolveu por em pratica um meio que

julgou de seguro effeito, para povoar o aldeiamento, attrahindo para ahi não só todos os habitantes da mencionada paragem, como tambem esperando conseguir de outros sitios, povoadores para iniciarem a povoação intentada.

Contam que fez o seguinte, revestindo o expediente de toda a apparencia do milagre. — Por meio engenhoso o missionario Ponciano fez com que a imagem da casa de oração de Poço do Pau desapparecesse dalli para ser encontrada em um limoeiro, que no aldeiamento existia, justamente no mesmo logar onde está a capella mór da actual matriz. Que de desgosto, immenso alarme foi o de toda aquella gente, quando soube que, ao abrir-se a casa de oração, tinha desapparecido a imagem de Nossa Senhora da Apresentação! Tocado o rebate do acontecimento, cada qual, recriminando o proceder nefando e sacrilego do ousado roubador, com dobrado esforço e por toda parte, procurou descobrir a imagem da Virgem. Não se fez esperar a nova de que ella estava n'um limoeiro do aldeiamento. Foi trazida para seu nicho com a solemnidade possivel, e debaixo da mais significativa alegria daquelles, que viam-n'a volver. Breve goso! Quando de novo foram abrir a casa de oração, a imagem tinha outra vez desapparecido, e tudo estava em ser, isto é, nenhuma violencia para a penetração de quem quer que fosse alli, se notava. Foram-n'a achar ainda no mesmo limoeiro; e novamente voltando para o Poço do Pau reproduzio-se o facto com a mesma similhança. Então o padre Ponciano, em predica solemne disse — « que era bem significativo o que acontecia e que se visse naquillo uma revelação da Virgem Nossa Senhora, em querer que alli lhe fosse erigida uma igreja, onde fosse collocada sua imagem; e que, por isso mesmo, a ninguem era dado se oppor a sua vontade: que, sem demora o templo fosse erguido, e a todos que o quizessem auxiliar elle convidava, esperando ser attendido. » E iniciou-se, desde logo, no local do limoeiro uma egreja sob o concurso de todos. Tambem a noticia do *milagre*, voando rapida, alem de outras circumstancias, trouxe dentro em pouco para a região da actual cidade, varias pessoas que ahi começaram a residir. E assim fundou-se uma povoação, a qual, aquelles que a demandavam, ou de qualquer modo a ella se referiam, chamavam — o *Limoeiro de Nossa Senhora* — alludindo ao facto acontecido. Mais tarde, porém, o nome *Limoeiro* era unicamente o in-

dicador da denominação da povoação. Continuando esta a desenvolver-se e, fazendo parte seu territorio da freguezia de Santo Antonio de Tracunhãem, mereceu ser elevada a cathegoria de freguezia, em virtude de provisão do diocesano D. Thomaz da Encarnação da Costa Lima, de 16 de Junho de 1779, sendo seu primeiro Vigario o Padre Bartholomeu Monteiro da Rocha. (*)

Entre os diversos directores que teve o aldeiamento podemos mencionar os seguintes: em 1779, Domingos Dias Moreira; em 1780, José Mauricio Cavalcanti; em 1782, Francisco Cavalcante d'Albuquerque; em 1783, Antonio Martins Falcão; e nos de 1794 a 1796, José de Barros Lima, conhecido por Leão Coroado e uma das victimas da tyrannia de 1817.

Foi creada pela provisão de 15 de Fevereiro e alvará de 25 de Julho de 1811, ficando separada da comarca do Recife a que pertencia; foi erecta em 23 de Maio de 1812, pelo desembargador da Casa de Supplicação do Brazil, e ouvidor geral da comarca de Olinda, Clemente Ferreira França. O seu primeiro Juiz de Orphãos foi o capitão Ignacio de Mello e Silva; juizes ordinarios, Antonio Barboza da Silva e Francisco Xavier Camello Pessôa. Compunha-se de tres vereadores sendo eleitos, Antonio José de Moura, Joaquim José de Sant'Anna e Domingos Mendes. Foi seu primeiro procurador, Domingos Gomes Caldeira. O seu primeiro capitão mór foi Paulo Cavalcante d'Albuquerque, escolhido em Camara aos 25 de Maio de 1812; seu primeiro sargento mór foi João Soares d'Al-

(*) Essa noticia que publiquei em 1894 no *Alman ck Litterario Pernambucano*, vi-a com admiração minha reproduzida a pag. 765 do *Diccionario Geographico do Brazil* vol. II, do Dr. A. Moreira Pinto, em 1896, como si fosse desse autor; e porque ella não é, como facilmente se prova, não tive duvida em reproduzil-a incluindo-a no presente artigo, do mesmo modo que primitivamente a publiquei. Mas não foi esse o unico facto: No mesmo Almanack Litterario de 1896, dei uma noticia, até então inedita, sobre as egrejas do municipio do Recife, acompanhada de informações colhidas, uma a uma, nos archivos das mesmas egrejas, e no 3º volume do mesmo Diccionario publicado em 1899, no artigo —Recife— a pag. 342, alli se encontra nas mesmas condições estampado o meu artigo. E' verdade que sobre o segundo, em tempo protestei em sessão do Instituto.

S. V. G.

buquerque, eleito em camara em 22 de Agosto de 1812; e seus primeiros almotacés —José Lins Alves Coelho e Luiz Domingos Carneiro, eleitos no mesmo dia.

Das folhas 114 a 123 do livro I das actas das sessões da Camara, constava o voto de adhesão dos povos dessa localidade á gloriosa e malograda revolução de *Seis de Março de 1817*, contendo a assignatura de todos aquelles que adheriram á ella, mas essas folhas foram cortadas, conforme se evidencia da certidão do theor seguinte, á fls. 111, e da acta da Camara, documento historico valioso, que logo em seguida, aqui transcrevo:

« Certifico que sendo chamado á casa da Camara desta « villa do Limoeiro, da comarca de Olinda, em falta do « escrivão da mesma para o effeito de se cortarem as folhas « que adiante se seguem que constavam de 11, ao que eu « puz duvida em razão da rubrica, sem embargo disso, « por mandado do Juiz presidente e mais camaristas e o « procurador, e a nobreza do povo me foi determinado o « fizesse, sem embargo do referido, do que para constar « passei a presente, no mesmo dia e hora e passei a lavrar « o termo de vereação o qual se segue á fls. 126. Villa « do Limoeiro 21 de Maio de 1817. O escrivão do geral, « *José Clemente de Souza Correia.* »

A acta mencionada é esta:

— « Acta da sessão da Camara Municipal da villa do Limoeiro, aos 21 de Maio de 1817. Aos vinte e um de Maio de mil oitocentos e dezesete, nesta villa de Limoeiro, na casa da Camara della onde se achava o juiz presidente, capitão José Francisco de Arruda e o primeiro vereador João Francisco de Arruda, e o terceiro José da Costa Gomes Junior, em falta do segundo Domingos Mendes de Azevedo, em falta do procurador, Antonio Paulo Vianna, achando-se na mesma Clero, Nobreza e Povo, para se tratar do serviço de Deus e de sua magestade Fidelissima e bem commum dos povos, accordaram ser de bom grado que fossem demolidas e queimadas dez folhas constantes deste livro em que se achava inscriptas as insolentas proclamações e ordens do infame governo provisorio dirigidas a esta Camara e povos desta mesma villa, para que dellas não houvesse memoria no presente e em futuro tempo, afim de que não se leiam jámais tão escandaloso procedimento e —SACRILEGA IMPIEDADE— quaes vilissimos insultores contra os sagrados direitos da monarchia do nosso

Augustissimo Soberano o Senhor D. João VI, que Deus guarde. E porque assim concordaram unanimemente fiz este termo em que assigno: Eu José Clemente de Souza Correia o escrevi, por ausencia do actual escrivão Castro. — *José Francisco d'Arruda*, juiz ordinario. *João Francisco d'Arruda, José da Costa Gomes Junior, Domingos Mendes d'Azevedo, Antonio Paulo Vianna*, convencido em votos; *Francisco de Salles*, vigario do Limoeiro; *Francisco Antonio d'Oliveira Roselis*, vigario de Taquaretinga; *Antonio Barboza da Silva*, juiz de orphãos; Padre *Manuel Tavares da Silva Camello*, vigario de Bom Jardim; *João Soarês d'Albuquerque, João Ferreira de Moura, Antonio José d'Oliveira Varejão, José Lino Alves de Medeiros, Francisco José da Silva Braga*, convencido em votos, *Manuel Bezerra de Menezes, Domingos Lopes de Figueiredo Castro, Estevão José Torres.* »

Não escaparam á terrivel reacção do governo portuguez, como victimas, por terem abraçado as ideias da revolução republicana de 6 de Março, os seguintes cidadãos que foram remettidos para a Bahia, donde voltaram em virtude do Decreto de 16 de Julho de 1820: — Carlos Leitão Cavalcanti d'Albuquerque, Joaquim José d'Aragão, Jose Francisco d'Arruda, João Francisco d'Araujo, Manuel Athanazio da Silva Cuxarra, Manuel Amancio da Silva, João da Silva Monteiro, Luiz Carlos Coelho da Silva e Padre Francisco de Salles Coelho da Silva.

A 8 de Novembro de 1822, foi prestado o juramento á independencia do Brazil, na egreja matriz, presentes, o pro-parocho, José Joaquim Lobo d'Albertim, officiando em camara o Rvm. Henrique Luiz de Souza e lavrando o termo de juramento o escrivão da Camara, José Joaquim de Figueiredo.

Sobre a revolução do Equador não consta cousa alguma, de terem seus habitantes tomado parte nella. Ahi passou em 1824, Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, e elle o refere em seu *Itinerario*, e foi o Limoeiro um centro de operações das forças belligerantes. Em 1840 foi a mesma villa egualmente o ponto escolhido pelo governo para centralisar a tropa que devia bater os insurgentes de Taquaretinga, tendo á frente della o general José Joaquim Coelho (depois Barão da Victoria). Durante a *Rebellião Praeira* de 1848 a 1849, apezar de não haverem os rebeldes entrado na villa, nem ter havido nenhum combate ou

ataque em outro ponto do municipio, foi a villa occupada pelas forças legaes, e dahi marcharam tropas commandadas pelo tenente-coronel, José Maria Ildefonso Jacome da Veiga Pessoa e Mello. Salientaram-se tomando parte muito activa no movimento, contra o governo, varios cidadãos de importancia social, e que occuparam postos militares entre os revoltosos, destacando-se entre os mesmos os seguintes: Coronel Henrique Pereira de Lucena, Majores Joaquim Barboza da Silva e Camillo Henrique da Silveira Tavora, Capitães Antonio Innocencio de Pinho, Herculano Ferreira da Silva, José Tavares de Mello Candurú e José Barboza da Silva.

Com a sublevação do povo pela publicação da lei do censo, em 1851, o governo fez marchar para esse logar um batalhão de linha, até a pacificação dos amotinados, visto que, até então essa localidade centralisava elementos de varios pontos do Estado, muitos dos quaes deixou de possuir com a construcção das estradas de ferro do Estado, posteriormente feitas, que os deslocou.

Durante a guerra do Paraguay o municipio do Limoeiro contribuiu com 307 praças entre reclutas *voluntarios* e forçados, além de muitos outros que se alistaram no batalhão organisado pelo tenente coronel Pedro Campos de Pajeú de Flores, ao passar pela villa.

Tambem durante a secca de 1877 a 1878 teve em seu seio 18,000 a 20.000 retirantes e foi constituido o celleiro dos mantimentos a distribuir por todo o centro da então provincia.

Foi creada comarca, pela Resolução de 20 de Maio de 1833 do Conselho do Governo da Provincia, em observancia do art. 3· do codigo do processo criminal, tendo sido installada em 1834 pelo seu primeiro Juiz de Direito Dr. Firmino Pereira Monteiro; depois deste tem servido como juizes: — em 1839, Custodio Manuel da Silva Guimarães; em 1841, Dr. João Mauricio Cavalcante da Rocha Wanderley; em 1842, Dr. Caetano José da Silva Santiago; em 1844, Dr. João Mauricio Cavalcante da Rocha Wanderley; em 1845, Dr. Lourenço José da Silva Santiago; em 1846, Dr. Custodio Manuel da Silva Guimarães; em 1847, Dr. Lourenço Caetano Pinto cuja posse foi em 8 de Junho; em 1848, Dr. Alvaro Barbalho Uchôa Cavalcante; em 1850, Dr José Nicolau Regueira Costa; em 1851, Dr. Manuel Teixeira Peixôto, que tomou posse em 19 de

Maio; em 1852, Dr. Francisco Xavier Paes Barreto; em 1855, Dr. Antonio Manuel d'Aragão e Mello; em 1858, Dr. Lourenço d'Almeida Catanho, que assumiu a direcção da comarca, em 28 de Outubro; em 26 de Novembro de 1861, Dr. José Quintino de Castro Leão; em 17 de Fevereiro de 1866, Dr. Adelino Antonio de Luna Freire; em 20 de Junho do mesmo anno, Dr. Antonio Joaquim Buarque de Nazareth; em 10 de Outubro ainda de 1866, novamente, o Dr. Adelino Antonio de Luna Freire; em 1872, Dr. Francisco Teixeira de Sá; em 1874, Dr. Francisco Bernardo de Carvalho; em 1877, Dr. José Antonio Correia da Silva; em 1884, Dr. Antonio Gomes de Souza Pitanga, em 1888, Dr. Francisco Castello Branco; em 1890, Dr. José Novaes de Souza Carvalho; em 1892, Dr. Antonio Pedro da Silva Marques; em 1893, Dr. Carlos A. Vaz d'Oliveira; e finalmente, desde 1894 até hoje, o Dr. Jeronymo Materno Pereira de Carvalho. Foi classificada comarca de primeira entrancia, pelo Decreto n. 687 de 26 de Julho de 1850, e de segunda entrancia pelo Decreto n. 5139 de 13 de Novembro de 1872. A lei provincial n. 1560 de 30 de Maio de 1881 elevou-a á cathegoria de cidade.

De accordo com a Constituição do Estado e a Lei Organica dos Municipios, n. 52, de Agosto de 1892, constituiu-se autonomo em 6 de Abril de 1893, tendo sido eleitos para seu primeiro governo administrativo: Prefeito, coronel Antonio José Pestana, Sub-prefeito, major Virginio de Medeiros e Silva; Concelho Municipal os membros: coronel Simplicio Gonçalves dos Santos, major Firmino José da Silva, capitães João Gomes de Moura, Joaquim Francisco Pimentel e João Baptista do Sacramento, tenente José Manuel de Castilho Cabral, Manuel Pedro Gomes, major Francisco de Paula Pereira de Moraes, e tenente Manuel de Aquino e Albuquerque.

O municipio do Limoeiro, do mesmo modo que outros do Estado, tem sido tambem berço de alguns pernambucanos que muito honram a terra de seu nascimento. Alli, em 2 de Dezembro de 1797, nasceu o Dr. Manuel Mendes da Cunha Azevedo, que se distinguiu como magistrado, professor da Faculdade de Direito, publicista, parlamentar, jurisconsulto e litterato, fallecendo em 13 de Junho de 1858. O Dr. Urbano Sabino Pessoa de Mello, nascido em 1811, publicou a obra *Revolução Praeira*, salientou-se como

talento superior, magistrado integro, parlamentar de merito, advogado, politico e jornalista, fallecendo no Rio de Janeiro em 7 de Dezembro de 1870. O capitão Austriclino Villarim, o estudante do 1º anno de Direito que, quando declarou-se a guerra do Brazil com a Republica do Paraguay, não teve duvida em alistar-se na phalange dos voluntarios da Patria, e mais tarde ao lado de Deodoro da Fonseca em 15 de Novembro de 1889 foi um dos que tambem, no mesmo campo, proclamaram a Republica Brazileira: poeta e jornalista, nasceu em 1840 e falleceu no Rio de Janeiro, em 1 de Novembro de 1891, reformado por encommodos de saúde, e occupando o cargo de official maior da Intendencia de Guerra. O capitão Joaquim Quirino Villarim, irmão do precedente, um brioso militar de quem a patria muito tinha a esperar, nascido em 1854 e que findou seus dias a 4 de Março de 1897 na celebre lucta dos fanaticos de Canudos. O professor Joaquim Theodoro de Vasconcellos Aragão, um verdadeiro genio que dobrou a fronte para o tumulo em 10 de Março de 1874, completamente desconhecido de outro ambito além daquelle em que viveu, e sobretudo porque do esplendor de seu talento não deixou vestigios para tornar immorredouro seu nome. E o Padre Antonio Domingos de Vasconcellos Aragão, um sacerdote de raras virtudes, fallecido em Janeiro deste anno, em avançada idade.

Posição astronomica. — Está á 7° 52' e 19'' de lat. merid., e á 7° 43' de long. orient. do Rio de Janeiro.

Aspecto physico. — O terreno do municipio é muito accidentado do lado do norte, ligeiramente ondulado na parte occidental e na do sul, sendo quasi no geral plano a leste.

Clima e salubridade. — O clima é secco, agradavel, sobretudo dos mezes de Abril a Outubro, sendo, porém, muito quentes os dias dos mezes de Novembro a Março, embora frescas as noites. Todos os pontos do municipio, inclusive a séde, são notadamente, sadios; e desde longos annos, da capital, muitos doentes, especialmente affectados de molestias pulmonares, vão buscar alli, remedio e alivio para seus males. Entretanto reinam na cidade, e é mal endemico do local, bem como de outras povoações da margem do Capibaribe, as *conjunctivites*, entre os mezes de Abril e Maio, atacando preferentemente as

crianças, mas assim mesmo sem perigo de fataes consequencias.

EXTENSÃO DO TERRITORIO. — O municipio do Limoeiro tem cerca de 90 kilometros de L a O, e 50 kilometros de N a S.

DIVISÕES. — Contém uma só freguezia e se divide em 3 districtos administrativos.

POPULAÇÃO. — O municipio comprehende uma população de umas 25,000 almas das quaes 8,000 occupa a cidade do Limoeiro.

LIMITES. — Ao norte confina com Bom Jardim, a leste com Pau d'Alho e Nazareth ; ao sul com a Gloria de Goitá, Gravatá e Bezerros, e ao oeste com os municipios de Caruarù e Brejo. A linha divisoria se estabelece do seguinte modo : — Principiam (limites no municipio de Pau d'Alho) da foz do riacho Cotunguba, no Capibaribe, seguem por aquelle riacho acima até o engenho que foi de João Pereira do Rego, tomando d'ahi a direcção do riacho Tapera, a encontrar os logares Manteiga, Lagôa do Veado (limites com o municipio da Gloria), Cacimbinha, Gangôrra, Serra Grande, Pedras Miudas até o Esquerdo (divisão com o municipio de Gravatá) ; continuam pelos logares Poços, Lagôa da Extrema, Varzea Escondida ou Cumarú até a raiz da Serra dos Côcos (limites do municipio de Bezerros), sendo o limite com Caruarú pela fazenda Lageiro do Vigario, e descendo pelo riacho das Eguas até sua foz no logar Bat ria (limites com o municipio do Brejo) ; continuam (divisão com Bom Jardim) pelo rio Capibaribe abaixo, até a povoação de S. Vicente de Pedra Tapada (margem esquerda do rio), buscando d'ahi a estrada que passa pelos logares Imbé, Genipapo, Lagôa Torta, Parary, a sahir em Passassuga, e proseguindo desse ponto pela propriedade desse engenho, Carro da Telha, até a estrada que vai para Bizarra e desta indo á Lagôa Vermelha, terminando os limites de Bom Jardim em Tamataupinho ; segue a linha divisoria com o municipio de Nazareth (freguezias de Tracunhãem e Vicencia), pelas terras do engenho S. João Baptista, Açude de Sant'Anna a sahir no sitio do Coqueiro no logar Guia, e descendo de estrada abaixo até o logar Valentim, e d'ahi pelo caminho da Cruz até sahir na antiga officina de José Correia, a margem esquerda do rio Capibaribe e defronte da foz do Cotunguba, onde começou a linha de divisão com o municipio

de Pau d'Alho. Os limites da freguezia não são os mesmos: — A partir do logar Bataria, fóz do riacho das Eguas, descem pelo Capibaribe até o riacho Ribeiro do Mel, ficando todos os logares da margem esquerda para a freguezia de Bom Jardim, e da direita para a de Limoeiro; d'alli proseguem até o logar Genipapo, d'onde seguindo pela estrada que passa em Lagôa Torta, sai em Passassunga, continuando pelo Carro da Telha, Paccas, a chegar na estrada que ségue para a Bizarra; continuam por Lagôa Vermelha, Tamataupe, terras dos engenhos Parnaso e Cumbe, passando em Ladeira Cavada pelo engenho S. João Baptista, peló Cedro, e d'ahi estrada abaixo até o logar Guia, estrada desse nome, chega ao Gamelleiro ao encontro do Capibaribe, e descendo pela margem desse rio terminam na foz do Cotunguba.

TOPOGRAPHIA. — Está a cidade situada na margem esquerda do rio Capibaribe, a 148 metros de altitude, sobre uma linda e vasta planicie da qual participa todo seu povoado; é estreitada ao norte entre as serras da Raposa, Barrica e Urubú e o Capibaribe que a banha pelo sul. As ruas são quasi todas rectas e largas; a edificação regular, que se melhora dia a dia, sendo as casas em sua generalidade terreas, havendo alguns sobrados de bonita apparencia. A cidade em seu perimetro, até 30 de Junho de 1900, possuia 971 casas, que, tomando por base 8 habitantes por fogo, dá-lhe uma população de 7,792 almas. Os edificios principaes são: a cadeia, vasto, bello edificio e de solida construcção, onde, no andar superior, em uma das salas, funcciona o tribunal do Jury, e na outra tem séde a Prefeitura e o Concelho Municipal, sendo as prisões no andar terreo. E', sem duvida alguma, depois da Detenção da capital e da cadeia central da villa de Flores, a melhor, maior, mais segura e mais elegante de todas as outras do Estado; foi construida em 18 0 e custou então 37:000$000, sendo posteriormente muito melhorada e valendo ao presente, uns 100 contos. O palacete das escolas publicas, iniciado em 1895 e inaugurado em 1898; custou a construcção 66:000$000. O mercado publico construido pela Municipalidade, começou a edificação em 1884 e sómente em 1896 foi concluida; é pequeno, sem gosto sua architectura e mal localisado. O açougue publico é grande e vistoso edificio. A egreja matriz, sob o patrocinio de Nossa Senhora da Apresentação, foi erigida em 1852, por

Frei Caetano de Messina, que a concluiu em 1855, gastando sómente do valor de 2:000$000 emquanto foram orçadas as obras, a importancia de 600$000; em 1881 foi reparada. E, finalmente, o Cemiterio publico, com uma capellinha votada a Nossa Senhora das Dôres, cujos muros são da mais solida duração, mas a situação do mesmo, dentro da cidade e cercado de habitações, é a peior possivel para causar grandes damnos á salubridade publica local: cumprindo, pois, urgentemente seu encerramento, e a fundação de outro Cemiterio em sitio conveniente para o qual sejam removidos os enterramentos. Acha-se iniciada a construcção de uma capella dedicada a Santo Antonio. A municipalidade do Limoeiro, pela provisão do governo, de 15 de Novembro de 1811, recebeu para patrimonio seu 1 1/2 legua quadrada de sesmaria.

Povoações. — *Pedra Tapada* a 20 kilometros a O, á margem direita do Capibaribe, em terreno plano, possue umas 100 casas, e uma capellinha da invocação de S. José da Esperança, erigida em 1871 pelo padre Dr. José Antonio Ibiapina. *S. Vicente* (fronteira áquella povoação e na margem opposta do rio) possue umas 40 casas e capella da invocação do santo que serve de nome ao povoado, pertencendo na parte ecclesiastica á freguezia de Bom Jardim. *Bengalas* á margem do riacho Cotunguba a 20 kilometros ao SO da séde, possue umas 80 casas, e uma capellinha consagrada a Sant'Anna. *Melhadinha*, á margem direita do Capibaribe, a 35 kilometros a O da séde, é pequena, decadente e possue uma capellinha cuja padroeira é Nossa Senhora dos Remedios. *Cedro*, a 15 kilometros a NE e proximo do rio Tracunhãem. *Bizarra* a 20 kilometros a NE e que pertence a Limoeiro na divisão ecclesiastica. E os arraiaes *Ribeiro Fundo*, a 3 kilometros ao SE; *Duas Pedras*, á margem esquerda do Capibaribe e a 5 kilometros ao O; e *Joá*, a 1 kilometro a SE e á margem direita do mesmo rio.

Orographia.—Suas principaes serras são: a da Raposa, alta extensa, corre junto a cidade, ligando-se as da Barrica e Urubú; a das Duas Pedras ao N; a do Consôlo a SO e a 3 kilometros; a de Bom Successo a 5 kilometros a NO; a do Genipapo, a da Figueira, do Apique, do Mondé, do Bione, do Cocó, dos Côcos, Grande e a da Passira, a 10 kilometros ao SO, notavel entre todas pela sua forma ponteaguda e por sua altura que a faz conhecida

muitas leguas distante. E' curiosa pelos estrondos que dá de tempos a tempos, de modo a produzir estremecimentos do sólo das immediações. O *Diccionario Geographico de Minas* do Dr. Francisco I. Ferreira, na pag. 125 diz: « Nessa serra existe uma importante mina de ferro, tão bom como o dé Ypanema em S. Paulo, segundo a opinião do engenheiro João Blaem, manifestada ao governo em 1840. » Escreve o engenheiro das Obras Publicas, Emile Dombre: « Eu terminarei mencionando perto de Limoeiro a serra da Passira em que parece ouvir-se constantemente o ruido d'um vulcão subterraneo, e em que presente-se fortes abalos e onde se encontra largas pedras de caracteres até aqui indecifrados. » (*Viagens ao Interior de Pernambuco*, pag. 4).

HYDROGRAPHIA. — Muitos rios regam-lhe o sólo; é o mais notavel o Capibaribe que banha no municipio: a povoação de Malhadinha, o arraial de Muruabeba, os povoados de Pedra Tapada (á direita) e S. Vicente (á esquerda), o logarejo Poço do Pau (á direita), os arraiaes Espinho Preto, Picada, Duas Pedras, a cidade do Limoeiro, Gamelleiro (á esquerda), Joá e Ribeiro Fundo (á direita); o rio Tracunhãem que, vindo do municipio de Bom Jardim, atravessa ao NE, passando a 1 kilometro de distancia do povoado Cedro, e busca o municipio de Nazareth; o Orobó (affluente do Tracunhãem) corre de N a NE e desaguando no municipio; o Cotunguba que vindo da serra das Russas, lado de Gravatá, banha Bengalas, o logar Tres Lagôas, e vai derramar no Capibaribe, nas Ilhetas, 15 kilometros abaixo da cidade do Limoeiro, nos limites com Pau d'Alho; e ainda os riachos das Eguas, Mary, Murnabeba, Figueira, Carrapixo, Cassatuba, Batatan, Mandioca, Ribeiro Fundo (margem direita), Aparo, Escuro, Picada, Mel, Duas Pedras, Pirauhyba, Quebra Bunda, da Lama, da Besta ou Correinha, Boi Secco, Pirúa Choca (margem esquerda), Lagartixa, Jatobá, Magro, Poço da Vacca, Salobro, etc., affluentes do Capibaribe. Todos seccam na estação calmosa. Existem ainda as seguintes lagôas: do Côro, dos Pintos, a Vermelha, a Torta, as Tres Lagôos, a do Escuro, a de Passassunga, etc. A agua que se bebe na cidade no inverno é bôa, no verão, porém, não é; é extrahida de açudes, de cisternas e outros reservatorios, chegando quasi a ser difficil nos verões prolongados. Entretanto similhante mal é remediavel e para sanal-o depende

sómente que a Municipalidade tenha bons desejos e se esforce um pouco em favor dos melhoramentos locaes.

COMMERCIO, INDUSTRIA E AGRICULTURA. — Consiste nas duas feiras semanaes, ás quartas-feiras e sabbados, na de gado ás quintas-feiras; nas diversas lojas e armazens de fazendas, miudezas, ferragens, de sal, de compras de algodão e assucar, e nas trocas das producções locaes pelas de outros logares e sobretudo no commercio que entretem com os sertanejos, que ahi vem fazer suas munições e vender seus productos. Consiste sua agricultura na plantação do milho, feijão, mandioca, algodão, canna de assucar, para cujo fabrico existem 20 engenhos; na plantação da carrapateira, que alli é consummida por tres fabricas de oleos, na do abacaxi, hoje abundantemente cultivado, e ainda no cultivo de diversos legumes e cereaes proprios do seu sólo. Este é uberrimo, e quando são os annos regulares de chuvas, tornam-se abundantes as suas safras. A industria consiste no fabrico de oleos vegetaes, de rêdes e outros tecidos de algodão, na preparação de couros e pelles de animaes, no fabrico de queijos, de louças de barro, tijollos, telhas, chapéos de palha de carnaúba, urupemas, cestos, artefactos de couros, cordas de caroá, etc.

INSTRUCÇÃO PUBLICA. — E' diffundida por insignificante numero de escolas municipaes e duas do Estado, que muito longe estão de satisfazer a necessidade do territorio do municipio.

REINOS DA NATUREZA. — O reino animal é abundante de caças nas capoeiras. A flora contém os mesmos vegetaes da região circumvizinha. Os mineraes conhecidos são: o carvão de pedra, o ferro, e o chrystal de rocha que se encontram nas serras da Raposa e Passira, sobretudo na segunda.

CURIOSIDADES NATURAES. — Alem do facto curioso dos abalos e rumores internos, notados na serra do Passira, em outra parte já referidos, no logar Figueira, ao O de Pedra Tapada, e á 6 kilometros distante da cidade do Limoeiro, ha uma grande lage sobre a qual se veem gravados, em relevo, caracteres romanos dispostos em linha. E' uma verdadeira curiosidade, pois se trata unicamente de uma obra da natureza; assim, muitas vezes, pessôas que tem entendido conhecer a profundidade ou modo porque estão alli collocadas taes lettras, com instrumentos

bastante rijos, tem tirado lascas da pedra, e as lettras continuam reproduzidas no interior da lagem.

VIAÇÃO. — Communica-se com o interior, pela estrada da ribeira do Capibaribe ; e por caminhos soffriveis e directos, com Bom Jardim, Gloria de Goitá, Victoria, Gravatá, Caruarú e Brejo ; com a capital, pela estrada de rodagem, á 20 kilometros distante, e pela via-ferrea, diariamente, desde 20 de Fevereiro de 1882.

TELEGRAPHO. — Possue duas linhas telegraphicas : a da Companhia da Estrada de Ferro, inaugurada em 28 de Julho de 1881, e a do Telegrapho Nacional, aberta ao serviço em Janeiro de 1895.

DISTANCIAS. — A cidade do Limoeiro fica a 79 kilometros da Capital, a 34 de Pau d'Alho, a 35 de Nazareth, a 33 kilometros de Bom Jardim, a 150 do Brejo, a 90 de Taquaretinga, a 60 de Gravatá, a 90 de Caruarú, a 45 da Victoria e a 35 da Gloria de Goitá.

Recife, 20 de Novembro de 1900.

SEBASTIÃO DE VASCONCELLOS GALVÃO.



As mais antigas observações meteorologicas na America do Sul

(Boletim Mensal do Observatorio do Rio de Janeiro, de janeiro e fevereiro de 1900.)

Sob a epigraphe acima, publicou o Dr. G. Hellmann, em Julho de 1893, na conceituada revista *Meteorologische Zeitschrift* uns extractos de antiquissimas observações meteorologicas feitas no norte do Brazil, no tempo do dominio hollandez, e por Georg Marggraf, medico allemão, nativo de Liebstadt, nos annos que precederam á sua morte occorrida em 1644. Em 1658, o Dr. Guilherme Pison, as publicou em uma obra intitulada—*De Indicæ utriusque re naturali et medica libre XIV* Amsterdam, 1658 — sob a forma de supplemento com o titulo—*Tractatus topographicus et meteorologicus Braziliæ.*

As observações reduzidas actualmente a tabellas pelo Dr. Koebke, a pedido do Dr. Hellmann, abrangem apenas tres annos, de 1640 a 1642, dados como exemplo, visto dizer Marggraf que os tres annos precedentes, semelhantes condições atmospherica apresentaram. Não especifica infelizmente esse illustre observador qual a localidade a que se referem as suas cuidadosas observações, sendo o Dr. Hellmann inclinado a crer, pela distribuição das chuvas, que se trata de algum ponto do Rio Grande ou da Parahyba do Norte.

Uma nota interessante, talvez possa facilitar a elucidação deste interessante problema; eil-a :

« *Frigidissimum erat etiam ipsa meridie in monte altissimo Itapuamurú, ita ut barba et capilli aspergine obducti nobis essent et manus rigerent præ gelu.* »

Diz o Dr. Hellmann que não lhe foi possivel, por maiores que fossem as suas tentativas, descobrir qual o alto morro de *Itapuamurú*, tão notavel por essa baixissima temperatura, que endurecia as mãos e enchia de gelo a barba.

Desejando aclarear essa duvida, dirigi-me a varias pessoas que, pela sua posição e a sua erudição, pudessem elucidal-a.

O Sr. Dr. Luiz Lombard, Director da Escola de Engenharia de Pernambuco e erudito autor de varios trabalhos sobre o clima desse Estado, é de parecer que as observações de Marcgraf não se referem a um só ponto, mas sejam antes o resumo das observações de toda a região visitada por Marcgraff e Pison. Acha o mesmo autor que em Pernambuco, sómente o planalto de Garanhuns corresponde em parte, á descripção de Marcgraff, pois com os seus 900 metros de altitude póde se sentir nelle frio notavel, havendo talvez um pouco de exaggero na impressão do viajante allemão, já que, actualmente, não desce alli o thermometro áquem de 10°c., sendo todavia, por causa da humidade e do forte vento reinante, muito accentuada a sensação de frio no inverno.

O Sr. Dr. Ceciliano Mamede, que em Pernambuco tem se dedicado com louvavel pertinacia a estudos de meteorologia, teve a bondade de escrever a um dos seus amigos, o Sr. Dr. F. A. Pereira da Costa, que, pela sua erudição e habito das pesquizas historicas, está muito no caso de resolver tão intrincada questão. Com quanto não traga elle ainda completa solução, o resultado das suas indagações é de muito interesse e o artigo em que se resumem e que adiante será encontrado, talvez incite algum cultor da historia e da meteorologia a achar a completa solução do interessante problema.

H. Morize.

Numero de dias de chuva observado nos mezes dos annos de 1640—1642, por G. Marcgraff

(*Extr. do Meteorologische Zeitschrift*)

ANNOS	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Anno
1640..................	12	14	20	22	24	19	26	22	12	11	10	10	202
1641..................	6	15	13	22	24	18	19	15	8	7	7	13	166
1642..................	16	9	16	21	19	22	14	16	13	7	7	4	164
Médias............	11.3	12.7	16.3	21.3	**22.3**	19.7	19.7	17.7	11.0	8.3	**8.0**	9.0	177.3

Mez mais chuvoso: Maio; mez mais secco: Novembro.

Porcentagem dos ventos dominantes, durante os annos de 1640 a 1642

DIRECÇÃO	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Anno
NE...............	22.2	20.6	23.5	5.9	3.5	—	4.7	6.4	33.7	48.9	55.8	42.7	22.3
E.................	25.3	17.8	19.7	11.7	5.9	7.5	3.5	23.3	27.9	36.7	33.7	26.8	20.0
SE	50.0	61.6	55.6	70.6	81.2	73.7	87.1	64.5	29.1	13.3	10·5	30.5	52.3
S..................	2.5	—	1.2	8.8	9.4	18.8	4.7	5.8	7.0	1.1	—	—	5.0
SW........	—	—	—	1.5	—	—	—	—	2.3	—	—	—	0.3
W.................	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
NW	—	—	—	1.5	—	—	—	—	—	—	—	—	0.1

N. B. — Falta no quadro original a direcção Norte.

PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS NO BRAZIL

Entre os actos do fecundo governo do principe João Mauricio, Conde de Nassau, em Pernambuco, a capital do Brazil-hollandez, governo esse que occupa um estadio que decorre de 1637 a 1644, nota-se a construcção de um observatorio astronomico, o primeiro da America, e no qual se fizeram as primeiras observações astronomicas e meteorologicas, conhecidamente sabidas, nesta parte do globo.

O observatorio foi montado em uma das duas elevadas torres do bello alcaçar, palacio de Friburgo, construido por Mauricio de Nassau, na cidade Mauricia, que fundára, e campeava na ponta septentrional da ilha de Antonio Vaz, ou Santo Antonio do Recife, precisamente no proprio local em que actualmente se acha o palacio do governo de Pernambuco.

O palacio de Friburgo, em cuja construcção consumira Mauricio avultados cabedaes, era um vistoso edificio, com alterosa fachada olhando para o oriente, nas extremidades da qual se erguiam duas elevadas torres coroadas por elegantes coruchéus, unidas por um passadiço de arcaria romana com varanda de balaustres na altura do quarto andar, torres essas que serviam de baliza aos navegantes, que do alto mar as avistavam em distancia de seis a sete milhas. Uma dellas servia de pharol e de telegrapho, e a outra de observatorio astronomico, convenientemente montado e dirigido por dous habillissimos profissionaes, os Drs. Guilherme Pizon e George Marcgraff, ambos de bem firmada reputação scientifica por seus importantissimos trabalhos, e que a convite e expensas de Nassau, acompanharam-no a Pernambuco.

Pizon era um abalisado naturalista hollandez, cujo nome perpetuou o sabio Plumier, denominando *Pisonia* a uma planta que descreveu *(arbus spinis horrida)* da familia das *nyctagineas*; e Marcgraff era um distincto medico e viajante allemão, nascido em Liebstadt em 1610, e cujo nome tambem perpetuou o mesmo Plumier, denominando *Marcgravia* a um arbusto das Antilhas.

Foram, portanto, estes dous sabios que fizeram as primeiras observações meteorologicas no Brazil, bem como

estudos de geographia mathematica, zoologicos, botanicos, climatologicos, hygienicos e ethnographicos ; e foram ainda elles que descreveram e introduziram na Europa varias de nossas plantas medicinaes, e particularmente a *ipecaquanha*, que teve grande acceitação pelas suas prodigiosas e multiplas applicações medicas.

Desses dous notaveis homens de sciencia restam-nos ainda os seus importantissimos trabalhos, que, apezar de decorridos mais de dous seculos e meio, ainda não perderam de valor e interesse.

Pizon escreveu uma — *Historia naturalis Brasiliæ*, — a que reuniu o trabalho de Marcgraff —*Historiæ rerum naturalium Brasiliæ*— que foi impressa por Juan de Laet, em Amsterdam, em 1648, e depois sob o titulo : — *Gulielmi Pisonis... de Indice utriusque re naturali et medica libri quattuardecim*, — impresso na mesma cidade em 1658, em que vem appenso um — *Tractatus topographicus et meteorologicus Braziliæ*— de Marcgraff, que então já não existia, porquanto fallecera em Loanda em 1644, victima do seu devotamento pela sciencia.

Convindo, porém, firmar de um modo positivo o local em que estava situado o observatorio astronomico de Pernambuco, e onde se fizeram as primeiras observações meteorologicas no Brazil, além do que a respeito já ficou consignado, vamo-nos deter, ainda por um pouco, sobre esse particular objecto, presentemente de grande importancia para a sciencia, e particularmente para a historia da meteorologia no Brazil.

Gaspar van Baerle, mais conhecido pelo nome de Barleus, na sua historia da administração e feitos de Mauricio de Nassau em Pernambuco, escripta em elegantissimo latim, e luxuosamente impressa em Amsterdam em 1647, synthetisando no final da sua obra os serviços que aquelle principe amigo das artes e das sciencias prestara no governo dessa conquista hollandeza, em boa hora confiado aos seus cuidados, diz o seguinte sobre o assumpto : — ... *longitudines ac latitudines alioque, mira accuratione repræsentatur, autore Georgio Markgravio, geographo & astrologo eximio, qui idem facturus apud astros, factis ibidem concessit.* — (Pag. 330).

O mesmo escriptor refere, ás pags. 196-8, que Marcgraff observou na cidade Mauricia, hoje do Recife, um eclipse do sol occorrido no dia 13 de Novembro de 1640,

de cujas circumstancias particulares detidamente se occupa, e consigna mesmo a propria taboa das observações que se fizeram, desde o começo até o fim do eclipse, convenientemente illustrada com uma estampa representativa do phenomeno.

Pizon, na sua citada *Historia naturalis Brasiliæ*, na parte em que se occupa da descripção do céo e dos phenomenos meteorologicos locaes, conclue : — « *Sicut multoties in eminentiore observatorio astronomico, per Illustriss. Nassauiæ Comitem extructo, a nobis observatum est.* — (ed. de Amsterdam, 1648, pags. 2-3).

Um contemporaneo escriptor hollandez, P. M. Netscher, na sua preciosa obra —*Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au XVII siècle,* — impressa em Amsterdam em 1853, e para cujo trabalho consultou os documentos referentes ao governo de Nassau em Pernambuco, os quaes ainda se conservam nos archivos publicos da Hollanda, diz o seguinte, referindo-se a Pizon e a Marcgraff : — *Ces deux savants firent des observations d'histoire naturelle de la plus haute importance. On eleva sous leur direction um observatoire dans l'ile d'Antonio Vaz, aux frais du comte Maurice.* — (Pag. 105).

A ilha de Antonio Vaz, como vimos, é o actual bairro de Santo Antonio da cidade do Recife, a Mauricia dos batavos, cuja denominação foi imposta pelo Supremo Conselho hollandez em Pernambuco, em honra a Mauricio de Nassau, seu fundador.

Em vista do que fica dito sobre a situação precisa do observatorio astronomico de Pernambuco no seculo XVII, abstemo-nos de mancionar mais outros escriptores que tratam do assumpto, uma vez que isso não firmaria melhor o assumpto, como o deixamos com a autoridade dos tres citados escriptores.

Os livros de Pizon e Marcgraff, que prestaram e prestam ainda grandes elementos de estudos ás sciencias naturaes e medicas, e bastante conhecidos, notavelmente pelos commentarios dos dous professores Lichtenstein e Martins, na phrase de Varnhagem, conteem, além disso, importantes subsidios para a historia astronomica e meteorologicas do Brazil, quer se trate da edição de 1648, quer da de 1658. Desta ultima, que sómente conhecemos por minuciosas indicações bibliographicas, não nos é dado descer a particularidades sobre o assumpto ; mas da pri-

meira, que nos é muito familiar, podemo-nos deter por um pouco sobre as observações meteorologicas que se fizeram na cidade Mauricia, no seculo XVII, ao tempo da dominação hollandeza.

Dos escriptos de Marcgraff, recolhidos por seu companheiro Pizon, os quaes constituem a segunda parte do livro em questão, sob o titulo — *Historiæ rerum naturalium Brasiliæ, Libri octo,* — com estampas, se colhe noticia certa das primeiras observações meteorologicas que se fizeram no Brazil, consignadas no capitulo III, á pag. 264, sob o titulo : — *De œris temperie atque anni tempestatibus.*

Effectivamente, ahi se encontra uma serie de observações cuidadosamente recolhidas dia a dia, durante os annos de 1641, 1642 e 1643, relativas sómente ás chuvas e aos ventos reinantes, uma vez que o barometro não era ainda conhecido, porquanto data de 1643, inventado por Torricelli, discipulo de Galileo.

Com relação ás observações do dia 2 de Julho de 1641, vem uma nota muito curiosa, concebida nestas phrazes : — « *Frigidissimum erat etium ipsa meredie in monte altissims Itapuamurú, ita ut barba et capilli aspergine abducti nobio essent et manus rigerente prœ gelu.* »

Que *monte altissimo* será esse, então, com a denominação de *Itapuamurú*, em que na estação hibernica de 1641, se sentia taes effeitos ?

E' muito difficil, senão absolutamente impossivel saber-se qual seja elle, pela constante e successiva mudança de nomes geographicos, entre nós. Entretanto, pedimos venia ao sabio professor G. Hellmann para discordarmos da sua opinião, ainda que consignada como *supposição*, de que o monte em questão seja na Parahyba ou no Rio Grande do Norte, uma vez que, partindo de Pernambuco, o calor vae sempre augmentando de intensidade, á proporção que nos approximamos da linha equatorial ; e ficando a Parahyba e o Rio Grande ao norte de Pernambuco, e portanto mais provimos do Equador, não nos parece crivel que se possa situar o *Itapuamurú* em um ou outro Estado, concorrendo ainda, que tudo que se conhece sobre as condições mesologicas dos mesmos se oppõe a essa supposição, em face dos caracteristicos mencionados em notas ás observações meteorologicas de 2 de Julho de 1641, como vimos com a transcripção textual da propria nota.

Além desse nosso humilde reparo, procuramos colher alguma cousa de positivo sobre o facto, nas excellentes monographias *Notas sobre a Parahyba*, pelo illustre Dr. I. Joffily, impressa no Rio de Janeiro em 1892, e *Breve noticia sobre a provincia do Rio Grande do Norte*, por Manoel Ferreira Nobre, impressa na Victoria em 1878, e nada encontramos a respeito.

Será, portanto, em Pernambuco, ou mesmo em Alagôas, ou em Sergipe, de onde se estendia, ao norte a dominação hollandeza no Brazil?

As mesmas duvidas occorrem ainda.

Voltemo-nos, porém, a Pernambuco. Aqui, onde os estudos geographicos e climatologicos são mais regulares e vulgarisados, conhecemos a cidade do Triumpho, situada na chapada da Serra da Baixa Verde, a 1,027 metros de altitude e a 550 kilometros da capital do Estado, de clima agradabilissimo, e que para caracterisal-o, na ausencia de estudos meteorologicos locaes, basta dizer que produz tão bem como na Europa o trigo, o linho, a cevada e outras plantas proprias daquelle continente, de que se cultivam com vantagens umas, e se tem experiencia, com bons resultados, de outras; e o planalto de Garanhuns, a 259 kilometros do Recife, sobre o qual assim se expressa o engenheiro J. M. da Silva Coutinho na sua importante monographia *Estrada de ferro do Recife ao São Francisco. Estudo definitivo de Una a Bôa Vista*, impressa no Rio de Janeiro em 1874:

« Na villa de Garanhuns, collocada no centro do planalto e na cota 894, a maxima é de 24°,15 e a minima de 20°0, no mez de Janeiro; em Junho a maxima é de 20°9 e a minima de 17°8; a media annual é, pois, de 20°7, sendo no verão 22°7 e no inverno de 19°35. A differença entre o dia e a noite não vai além de 4°15 no verão, e 3°0 no inverno, sendo a media das duas estações de 3°62.

« De todos os logares em que a temperatura media oscila entre 20° e 21°, não ha um só, que eu saiba, onde a maxima desça e a minima se eleve tanto como em Garanhuns. Nesses logares a maxima é sempre de 28°0 a 30°3 e a minima de 11°0 a 11°7; sendo portanto a differença de 19°0.

..... « O planalto de Garanhuns, notavel pelo seu clima uniforme, fresco e salubre, torna-se ainda mais interessante collocado em meio dos sertões quentes do norte,

podendo produzir muitos generos dos climas temperados que recebemos do estrangeiro, sendo por esta razão o mais apropriado para o estabelecimento de emigrantes europeus, que encontrarão alli os mesmos recursos que em S. Paulo e Minas.

« Em vasta escala se poderá desenvolver a criação de carneiros, e consequentemente a producção da lã, de que tanto proveito tem auferido os nossos visinhos do Prata.

« Geralmente sente-se frio á noite em qualquer estação sendo bem sensivel de Agosto a Janeiro, em que a athmosphera se conserva limpa de nuvens.

« Por via de regra apparecem nevoeiros das seis ás oito da tarde, impellidos pelo vento do quadrante SE, que são os mais frequentes na localidade.

« Como zona da matta, começam as chuvas em Janeiro precedidas de grandes trovoadas, sendo, porém, mais fortes de Abril a Junho, terminando em Julho a estação das aguas, denominada inverno...... »

Será, portanto, o *Itapuamurú*, de 1641, a actual serra da Baixa Verde, ou Triumpho, ou o planalto de Garanhus?

Em nossa humilde opinião, estabelecendo-se um confronto entre a nota das observações hollandezas de 2 de Julho de 1641, e a descripção mesologica de Garanhuns do Engenheiro Silva Coutinho, se não obtemos um resultado exacto, positivo, uma vez que naquelle planalto o frio não é tão intenso que gela, temos, porém, um resultado approximado, e portanto, descontado um tal ou qual exagero, da parte de quem recolheu as notas posthumas de Marcgraf para a publicação das suas observações meteorologicas, propendemos a crer que o *Itapuamurú* de hontem seja o Garanhuns de hoje, como o ponto que offerece mais intimidade de approximação com os phenomenos descriptos. Entretanto, convem desde já repetir o que é geralmente sabido, que na zona septentrional do Brazil não existe ponto algum com os caracteristicos citados, sem discrepancia.

Os hollandezes fizeram excursões scientificas pelo littoral e interior do paiz conquistado, em todas as suas direcções, como é sabido, e dahi, talvez, a noticia que em nota consignam sobre o facto nas observações meteorologicas feitas na cidade Mauricia, e cujo exagero talvez provenha de erro de traducção, attendendo-se a que elles

tinham a seu serviço gente de nacionalidades diversas, e as notas em questão talvez não fossem originariamente escriptas em latim, como se acham consignadas.

Ahi ficam, portanto, lançadas as nossas conjecturas sobre o facto, até que, dados positivos e authenticos o venham elucidar.

Recife, Novembro de 1899.

F. A. Pereira da Costa.



Os hollandezes no Brazil (*)

O Principe de Nassau (conde João Mauricio), governador do Brazil neerlandez — Ensaio biographico por M. T. A. N.

Este livro publicado na Allemanha pelo Sr. Thomaz Alves Nogueira, dá mais do que promette. Não é um simples ensaio biographico, como indica o titulo, do illustre magnate, senão um escorço da historia da Hollanda nas suas heroicas lutas contra o dominio hespanhol, na Europa, e do Brazil hollandez desde o começo das tentativas hollandezas contra esta possessão portugueza da corôa hespanhola até á expulsão do invasor. Era preciso um especial talento de synthese para expor em 298 paginas, em 16 e typo grosso, tão largos e complexos acontecimentos sem sacrificar a clareza e a boa ordem do discurso. Esse sacrificio não o evitou o Sr. Thomaz Alves. A architectura do seu livro é defeituosa, a sua contextura algumas vezes falha. Seu livro não tem sequer um indice, cousa que hoje só se verá em um livro brazileiro. Este foi aliás impresso na Allemanha, e traz um retrato do seu heróe, em plena virilidade, que aliás bem pouco se parece com o da celebre pintura de Francisco Post. E' antes obra de vulgarisação, e como tal, sem embargo daquelles senões, estimavel, que propriamente obra de erudição.

O autor não justifica nenhuma das suas asserções com citações de fontes ou autoridades, o que só em obra puramente de vulgarisação se admitte, porque então se suppõe que não contém senão o que ha de apurado e certo no assumpto. Não parece, aliás, que nesta haja novidades, que carecessem ser justificadas por citações. O autor, aliás, acode de antemão a este reparo, declarando o seu livro de *leitura popular* e resultado da *laboriosa investigação de eruditos*. Eu por mim lastimo que, tendo tudo o que se pre-

(*) Estudo transcripto do *Jornal do Commercio*, do Rio, de 26 de Novembro de 1900, por proposta do Dr. Alfredo de Carvalho, unanimemente approvada em sessão do Instituto de 13 de Dezembro do mesmo anno.

cisa para dar um valioso trabalho de erudição sobre o Brazil hollandez, se houvesse o Sr. Thomaz Alves limitado a essa obrinha de vulgarisação, aliás, sem embargo das nossas divergencias, boa e util. Essa historia, apezar dos meritorios trabalhos de Varnhagen, que ainda são o que de melhor temos sobre o assumpto, está deficientemente feita. Os fragmentos publicados pelo Sr. José Hygino bastam para mostral-o, e pena realmente é que o Sr. José Hygino com o vasto e profundo conhecimento que tem da sua parte inedita, que explorou nos Archivos hollandezes e o seu saber da lingua hollandeza, não nos dê a historia completa e certa do Brazil neerlandez.

Em uma obra para leitura popular, não me pareceu bem a novidade de mudar, sem nos dizer porque, denominações consagradas, e que, se não me engano, não são erradas. Assim porque casa de Orania, Guilherme de Orania, em vez de Orange, como sempre se escreveu em portuguez, e se escreve nas linguas latinas, e ainda em inglez, e que me parece o certo, pois o nome é francez, e vem, como sabe o autor pertinentemente, de um principado ao sudéste da França, antecedentemente um senhorio, existente já no IX ou X seculo, e que primitivamente, no tempo dos Romanos, se chamou Arausio? João de Barneveldt, e não João de Oldenbarneveldt, chamaram sempre os historiadores francezes e inglezes, e acostumamo-nos nós sempre a ler e a dizer na nossa lingua, ao grande Pensionario de Rotterdão, que tanta parte teve na luta contra os hespanhóes, embora saibamos que elle se chamava *van Olden-Barneveldt*. Que vantagem ha em esse livro de vulgarisação de mudar estas denominações assentadas!

No meu fraco juizo, porém, o defeito capital do livro do Sr. Thomaz Alves é a falsa luz a que elle vio o caso dos Hollandezes no Brazil. Elle tem pelos Hollandezes uma sympathia, uma preferencia, que lhe vicia o juizo e lhe não deixa ver que entre os contendores, Luso-hespanhóes como chama aos habitantes do Brazil, e o Hollandez invasor, expugnador da gente que occupava a terra, incendiario dos seus campos, proseguidor da sua religião, matador das suas mulheres e seus filhos, roubador dos seus bens, a justiça estava inteira e indiscutivel com os do Brazil. Porque sympathisa o Sr. Thomaz Alves com os Hollandezes que na Europa souberam defender com tanto

denodo e heroicidade a sua terra e a sua liberdade do ominoso dominio hespanhol?

Porque elles defendiam essas suas cousas, e mais a sua religião, a sua tradição, a sua raça. Pois o mesmo faziam os Portuguezes moradores ou nacionaes do Brazil, com a differença juridica a favor destes que lá os Hollandezes cahiram sob o dominio da Hespanha legitimamente, segundo o direito do tempo, aqui essas populações foram atacadas de sorpreza, conquistadas com violencia e tratadas segundo a barbara lei da guerra de então. O Sr. Thomaz Alves tem o vulgar preconceito de que ao Brazil fôra melhor vingasse a conquista hollandeza. A um homem que é uma das notabilidades scientificas da Hollanda, physico notavel, principalmente na especialidade do magnetismo terrestre, e demais sociologo, autor de estudos e viagens na Australasia e especialmente na sua parte neerlandeza, e de uma viagem ao Brazil em dous volumes, que me disse quem a pôde ler no original ser ao mesmo tempo muito interessante e pouco agradavel para nós, o Sr. Rijckevorsel, se lhe não erro o nome, communiquei em uma vez esta opinião brazileira, que aliás sempre tive por errada, para não dizer mais. Respondeu-me elle que isso lisongeava o seu amor proprio nacional, mas que era um erro nosso.

— Porque?

— Porque se nós houvessemos dominado o Brazil, expulsando delle os Portuguezes, os senhores não existiriam. Tomei a resposta por um rasgo de vaidade nacional, comprehendendo quizera elle significar que não haveriamos podido jámais conquistar a nossa independencia.

— Não é isso, disse-me elle. E' que nós não poderiamos viver e prosperar no Brazil. Não supportariamos o clima, degenerariamos á segunda ou terceira geração.

— E as possessões hollandezas da Malasia?

— São méras colonias de exploração. Nós não somos de facto um povo colonisador, no sentido que o são o Hespanhol, o Portuguez ou o Inglez. Em Java e em Sumatra são poucos os Hollandezes, e esses, por lei ou costume, regressam periodicamente á Europa para refazerem-se. Os que não o fazem desapparecem em pouco tempo.

E perguntou-me:

— Conhece o senhor aqui no Norte uma familia da

Europa septentrional, extrema de cruzamento, em segunda ou terceira geração?

— Os Hollandezes cruzariam.

— Não, não cruzariam, nem haviam mulheres. Fariam trabalhar a força a papulação indigena, como fazem no Extremo Oriente.

Reproduzindo esta conversa, tenho certeza de não ter trahido ou sequer alterado de mais ou de menos, o exacto pensamento do illustre hollandez.

Pelo mesmo tempo lêra eu, em uma revista franceza, uns artigos do publicista hollandez Roorda van Eysenga terriveis contra o regimen colonial neerlandez, que a crêl-o era muito peior que o hespanhol. Nas colonias da Hollanda, o indigena é de facto escravo, pois é obrigado a trabalhar, em um genero de cultura determinado, para o Governo ou contratadores, por um salario miseravel. Nesses artigos entre outras autoridades citavam-se os livros do Sr. Rijckevorsel e os celebres romances da vida colonial do famoso escriptor hollandez Multatulli. Depois tenho lido mais sobre a colonisação hollandeza, e vêm-me calafrios pensando o que os nossos antepassados teriam soffrido desses duros calvinistas fleugmaticos e demasiado convencidos da sua superioridade de raça.

O que os *Boers* fizeram com os negros no sul da Africa nos diz o que elles aqui teriam feito com os *pobres Brazis*. Que seria da maioria desses Brazileiros que ainda hoje lastimam a sua expulsão, e cujos antepassados andariam bem perto do matto ou da senzala? Nem se allegue a prosperidade economica das colonias hollandezas; nem é tal essa prosperidade que offusque os vicios profundos dessa colonisação, nem penso que progressos materiaes por grandes que sejam (e não é tambem o caso nessas colonias) sejam prova de verdadeira prosperidade, que só é a moral. Realmente a situação das colonias neerlandezas nada tem de florescente, e de facto, no Brazil, salvo o caso excepcional e extraordinario de Mauricio de Nassau, elles se mostraram colonisadores incapazes, de curtissimas vistas, conquistadores ininteligentes. Não ha maior erro do que julgar pela administração desse grande principe, ou antes pelo seu alto e generoso programma de governo, incapaz de realisar, no curto periodo de seis annos, a administração hollandeza. Elle é uma excepção verdadeiramente singular, um espirito de rara cultura, e de larga enverga-

dura e ambições de estadista, que commetteu o generoso erro de querer governar uma colonia, segundo o pensamento dos seus donos, de pura exploração, com intuitos de homem de Estado. Assim a sua gloriosa administração que apontava a fazer uma Nova Hollanda, nunca de facto agradou aos mercadores da Companhia das Indias Occidentaes, que em má hora para elles, pensariam convencidos, o cá mandaram. Do seu estreito e venal ponto de vista commercial, a sua administração foi-lhes desastrosa á Companhia, cujos redditos lá se iam em dilatar a conquista, em construir e embellezar o Recife, em estudos scientificos do paiz, em angariar os nacionaes. Aquelles tratantes, como então ainda diria algum antiquado portuguez, o que queriam eram bons dividendos e não podiam sequer, na sua sordida cupidez, comprehender os escrupulos de Nassau em não tosquiar até a pelle as ovelhas indigenas, em não forçar a arrecadação da sua divida para com a companhia, e em não augmentar os impostos. Dos seus compatriotas dizia elle no seu testamento politico deixado aos seus indignos substitutos no governo, que era preciso respeitar-lhes «a bolsa como um santuario: elles antes querem perder a vida do que perder o dinheiro».

E' legitima a admiração pelo Conde Mauricio de Nassau.

Os seus dotes de politico, as suas capacidades de homem de Estado, as suas concepções de administrador, como as suas idéas de philosopho, são de muito superiores a dos governantes do seu tempo, e sobretudo dos governadores coloniaes da sua era. O seu testamento politico ou instrucções deixadas aos seus successores são um documento demonstrativo das suas altas capacidades e dos seus bons sentimentos de estadista. E não são palavras mentirosas de programmas e promessas de politico, mas conceitos que foram por elle praticados durante o seu governo. Desse documento dá o Sr. Thomaz Alves o que chama «uma desbotada transcripção e resumo dos topicos principaes».

Não lhe approvo o processo, tanto mais que, comparando-o com a traducção integral que delle deu na *Revista do Instituto*, tomo 58, o Sr. José Hygino me pareceu de facto *desbotada* e insufficiente a transcripção do Sr. Thomaz Alves.

Mesmo em um livro popular fôra preferivel que elle houvesse dado *in-extenso* o precioso documento.

Póde se afoitamente affirmar que não foram os annos do sabio governo de Mauricio de Nassau, a occupação e dominio dos Hollandezes no Brazil não teria durado os curtos 30 annos que durou. E o havêl-os os luzo-brazileiros repulsado de uma vez, quando aliás minguados e mesquinhos eram os soccorros da metropole, que quasi os abandonou, basta como prova, na occasião e naquella conjunctura, da sua superioridade sobre os Hollandezes. Não me turva o entendimento nenhum preconceito patriotico, que nenhum tenho; mas convenço-me que com a preconisada colonisação hollandeza não seriamos a nacionalidade que somos, uma das mais compactas e hemogeneas da America, pelo cruzamento physico e moral que aqui fizeram as raças que a formaram. Que deixaram, aliás os Hollandezes, mesmo Nassau, depois de mais de vinte annos de dominio?

Sei que o espaço é pequenissimo para se lhe exigirem signaes da sua passagem por aqui; mas nem vestigios, por minimos que fossem, logrou a erudição nacional encontrar.

De sorte que verdadeiramente o dominio hollandez tem apenas na nossa historia uma importancia indirecta, reflexa, se assim posso dizer: a de ter sido a provocadora do sentimento nacional no Brazil. Foi ao impulso da resistencia ao invasor estrangeiro que os Brazileiros se sentiram uma patria e, se não me engano, é dahi que data para nós essa cousa e essa palavra. Todas as raças que no Brazil concorriam para a formação de uma nação tomaram parte nessa luta, sem embargo da frouxidão da metropole, *desobedecendo ao rei para melhor servir ao rei.*

Indios, Negros, Portuguezes e Brazileiros bateram-se conscientemente com igual denodo pela mesma terra, que todos consideravam sua, e se o bom procedimento de Nassau com os nacionaes, se quanto empregou para angariar a sua bemquerença lograram desarmal-os por algum tempo, nunca de facto lhes venceu as vontades e a resolução de não serem da Hollanda. Mal partido elle a revolta recomeçou e desta vez para a reconquista definitiva da sua terra, da sua religião, da sua liberdade. Esses insurrectos Henrique Dias, Camarão (que não sei porque o Sr. Thomaz Alves escreve ao contrario de toda a gente, Camaram), Vidal de Negreiros, João Fernandes

Vieira, Barreto de Menezes, seus cabos e seus soldados erão os nossos *gueux*, batendo-se por uma causa tão justa como a porque se batiam os da Hollanda. Nem outro póde ser, e não será o criterio do verdadeiro historiador, mesmo Hollandez, como não é, por exemplo, o do historiador inglez (veja-se Goldwin Smith, dos mais illustres, por exemplo) recontando a luta da independencia das colonias na Nova Inglaterra, hoje Estados Unidos. A falsa luz em que se pôz o Sr. Thomaz Alves fel-o não comprehender o facto hollandez no Brazil, e á conta da sua justa admiração pela Hollanda, terra de sciencia e cultura, refugio da liberdade de consciencia, e pelo Conde de Nassau, considerar a tentativa neerlandeza no Norte do Brazil sob um aspecto inexacto. Ninguem escolhe seu pai, o que só por si torna pueril esta desarrasoada nostalgia de não termos provindo do Hollandez. O erro do Sr. Thomaz Alves leva-o a justificar mais uma vez a traição de Calabar. Que pensaria o Sr. Nogueira de um *gueux* da Hollanda que por preferir o dominio hespanhol ao governo nacional se bandeasse com os castelhanos, pondo-se a seu soldo contra os da sua terra?

A ninguem acudirá negar a superioridade de civilisação, de regimen politico, de força e prestigio da Inglaterra sobre as republicas africo-hollandezas. Seria ou não um traidor o *Boer* que, assim pensando, abandonasse as fileiras onde batalhava pelos seus e se passasse aos inglezes? Se o Sr. Thomaz Alves e os que pensam como elle, fizessem taboa rasa da noção de patria, de familia, de lingua, de tradições, de raça, de religião, eu os comprehenderia; não, mesmo assim não os comprehenderia, porque mesmo um Kropotchine, um Reclus, já não digo um Tolstoi, se escrevessem dos Hollandezes no Brazil, seriam pelos nossos.

Calabar é um traidor em toda a força do termo, com as idéas de então e com as idéas de hoje. Foram vis e infamantes os moveis que o fizeram bandear-se com os Hollandezes. Mostrou-o Varnhagen, e o repetio aqui mesmo ha tempos o mais sabedor dos estudiosos da nossa historia, em uma das suas eruditas *Revistas historicas*.

E' estupendo que um homem do saber e do juizo do Sr. Thomaz Alves escreva destes conceitos:

« Tornava ainda mais lugubre este espectaculo (a guerra feroz que se faziam em 1635 Portuguezes e Hollan-

dezes) a associação de dous elementos estranhos a uma e a outra parcialidade e alheios ao sentimento christão: os Africanos, entre os quaes não tardou a sobresahir Henrique Dias, pugnavam em ambos os campos em prol da escravidão da propria raça; os indios, cujo chefe mais saliente foi Poty (Antonio Philippe Camaram), persistiam na estulta pratica de odio reciprocos, quando unidos Tupinambás e tapuyas poderiam recuperar a primitiva autonomia e varrer do solo avoengo antigos e novos vindiços. »

Como ?

Haverá quem não ignorando de todo a historia do Brazil, a historia geral, imagine que uma alliança daquelles broncos selvicolas, no mais baixo periodo de selvageria, armados de arcos e flechas, pudesse expulsar da sua terra Portuguezes e Hollandezes, e naturalmente constituir aqui um Estado florescente que, por intuscepção, tirasse de si mesmo uma civilisação rigorosamente indigena ?

Onde, em que tempo, em que paiz já aconteceu facto igual ?

Nunca o jacobinismo nativista atirou a barra tão longe.

E' um erro do Sr. Thomaz Alves só fallar em população portugueza quando trata dos habitantes do Brazil, que tão denodada e pertinazmente se oppuzeram ao dominio hollandez; não só Portuguezes como Fernandes Vieira, Barreto de Menezes que fizeram do Brazil sua terra, que por ella desde moços batalharam, que aqui edificaram, cultivaram, fizeram familia, morreram, mas brazileiros, como Vidal de Negreiros, Luiz Barbalho Bezerra, Mathias de Albuquerque, sem fallar em Camarão e Henrique Dias, que todos se irmanaram no mesmo sentimento de oppugnação ao estrangeiro, que para ambos era, sem distincção alguma, o Hollandez, todos se sentiam de uma mesma patria. Bem andou Varnhagen chamando sempre aos luzo-brazileiros *os nossos*. O mais pensador dos historiadores, João Lisbôa, tratando da invasão hollandeza no Maranhão, tem tambem a mesma concepção de que combatendo a população combatia pela patria, e que afinal melhor foi para nós a victoria dos Portuguezes sobre os Francezes e Hollandezes.

Ha ainda no livro do Sr. Thomaz Alves outras asserções ao meu parecer erroneas ou exageradas, como que «data da esclarecida administração do Conde de Nassau o

verdadeiro descobrimento do Brazil» e phrases destas, pura rhetorica, sem realidade objectiva:

« O terreno em que devia irradiar esta luz, (o espirito de Nassau) era cuidadosamente amanhado, o ensinamento do povo effectuava-se pela acção benefica da escola, pelo influxo salutar da imprensa livre. Assim despertou-se nas terras de Pernambuco a especulação scientifica, o gosto das artes, o culto da natureza. »

Não é exacto. Muito confundio o autor no seu panegyrico do principe as suas boas intenções com os seus actos. Nem elle teve tempo e vagar para fazer tanta cousa, apezar de ter feito muito, e ter sincera boa vontade de fazer mais. E' duvidoso que fundasse escolas ou pelo menos que essas tivessem realidade.

Qual seria a população escolar e quaes os mestres? Que os Hollandezes não introduziram a imprensa no Brazil é hoje certo, e a phrase do Sr. Thomaz Alves indicaria que havia até jornalismo no Recife, ou em Mauricia, como elle prefere se continuasse a chamar ao entreposto commercial da velha cidade de Duarte Coelho. Nem o avisado governador despertou nas terras de Pernambuco a especulação scientifica, e o mais que enumera o autor. Elle trouxe comsigo uns scientistas e artistas que trabalharam sobre a terra, mas alheios a ella, que não fizeram discipulos, não créaram imitadores, e cujo fito era sómente o de informar a Europa da nova natureza. São eminente os seus serviços á sciencia, e ao conhecimento de certos aspectos do Brazil, mas ficaram desconhecidos e inuteis para o Brazil de então. Como se póde dizer que houvesse Nassau despertado em Pernambuco «a especulação scientifica, o gosto das artes, o culto da natureza?» Que provas ou documentos ha disto? Nenhuns, sómente elle e a sua meia duzia de sabios e artistas, em toda a colonia, entre Hollandezes e Portuguezes se occuparam de sciencia, de arte, da natureza. Os seus outros patricios, como os nossos, apenas chatinavam e guerreavam.

Não nos illudamos sobre os beneficios que acaso nos poderia trazer o dominio hollandez. Esse dominio, em primeiro lugar, só se poderia firmar com sacrificio completo da nossa gente e da nossa nacionalidade incipiente, e não se consolidaria jámais senão por um ferreo regimen militar dominando o indigena, e os poucos moradores de origem portugueza, que ainda restassem, e uma larga im-

portação de escravos africanos. De 1621 a 1624, conta-nos o Sr. Thomaz Alves, a importação dos Africanos em Pernambuco pelos Hollandezes foi de 15.430. E desde a conquista de S. Jorge da Mina, na Costa d'Africa, por elles, em 1637, Pernambuco importava annualmente *para mais de 3,000 escravos*. E' quasi certo que no pouco tempo que estiveram no Brazil importaram os Hollandezes relativamente mais escravos do que os Portuguezes.

Não se podendo aclimatar na região torrida por elles aqui occupada, não podendo, pelos seus preconceitos de raça e de puritanismo religioso, cruzar com o indigena e menos com o negro, só restava aos Hollandezes fazer disto, como de todas as suas possessões intertropicaes fizeram, uma colonia de exploração ; uma enorme escravaria negra, e o indigena, senão exterminado, ou de direito escravisado, de facto captivo, como em Java, pela obrigação de occupar-se em um trabalho determinado pelo Governo, por um salario menos de mesquinho, e sujeitos ao bel prazer dos feitores.

Tal seria rigorosamente a sorte do Brazil sob o dominio hollandez. O Conde de Nassau, creatura excepcional — e digo-o sem ignorar as restricções que se podem fazer ao retrato demasiado favorecido do Sr. Thomaz Alves — era ao cabo um utopista, não sei se não diga um romantico e a sua administração aqui não mereceu o apoio, e menos o louvor, dos seus concidadãos.

J. VERISSIMO.



Os recifes de grés do Rio Formoso

(João C. Branner)

O Rio Formoso é um estuario, que fica a trinta e oito milhas a sudoeste da capital do Estado de Pernambuco e a vinte e uma, na mesma direcção, do Cabo de Santo Agostinho.

Uma linha quebrada de oiteiros accompanha a costa, de Gamella para o sul até aquelle estuario. Ao norte deste e a noroeste dessa linha ha uma larga planicie, parte coberta de areia solta, onde crescem cajueiros e outros vegetaes proprios da catinga e parte cheia de mangues.

E' no ponto em que as marés do Rio Formoso têm cerceado o pé do oiteiro, sobre o qual se eleva a igrejinha de Nossa Senhora de Guadalupe, que manifesta-se a estructura e o caracter das rochas que o compõem. Estas são horizontaes e constam de grés frouxos brancos e cinzentos e de argillas vermelhas e mescladas. (*)

Bellos afloramentos de rochas observam-se tambem sobre a praia entre Gamella e Guadalupe. As camadas são bastante frouxas e, não obstante ter a ribanceira cinco metros ou mais de altura, um novo exame feito em Julho de 1899 veio provar que ahi, de preferencia, o mar tem invadido rapidamente a terra desde 1875, anno em que procedi aos primeiros estudos.

A secção visivel em toda essa extensão contem o seguinte:

Areia de quartzo branco no cume	3 a 5 metros
Grés preto frouxo..........................	2 a 3 metros
Argilla amarella	3 centimetros
Grés branco frouxo..........	2 a 2,5 metros
Argilla branca arenosa na base.	

(*) Sobre a geologia deste lugar vêde — The Cretaceous and Tertiary Geology of the Sergipe-Alagôas Basin of Brazil. By J. C. Branner. — Trans. Am. Phil. Soc.

No povoado do Gamella, e muito longe do alcance das vagas, via-se em 1875 uma grande gamelleira; hoje, porém, o seu tronco, já morto, está dentro d'agua e na distancia de mais de dez metros do ponto a que chegam as altas marés.

As invasões do mar sobre a planicie arenosa de Guadalupe manifestam-se pela dupla linha da costa, que se observa no mappa que acompanha o presente trabalho. O primeiro foi organisado em 1876 e da ponta do Guadalupe levantei, em 27 de Julho de 1899, um novo mappa, que é o que apresenta esse resultado.

O recife de grés do Rio Formoso começa na Praia dos Carneiros (*) a sudoeste do rio ou estuario e se estende para nordeste, em uma linha quasi perfeitamente recta através da embocadura do rio e formando com elle um angulo recto. (*) Essa linha de recifes tem de largura, termo médio, doze metros e eleva-se um metro ou pouco mais acima d'agua, na baixamar. A extensão de toda ella é de 2,070 metros. No seu extremo nordeste ella curva-se ligeiramente para oeste; curva esta, que, entretanto, não se acha assignalada no mappa. Seu aspecto geral varia conforme a localidade. Ao sul, perto da praia, a que está unida, é larga e plana e comparativamente lisa. Do lado de fóra ou do oceano, em geral desce em declive, n'um angulo suave, em toda a extensão do recife, e na parte immergida cobre-se não só de coraes e outros animaes e plantas marinhas como dos restos de seus esqueletos.

A base do recife immerge tambem para o lado do mar em um angulo obtuso, mas perfeitamente bem definido.

(*) Esta praia é assim denominada por causa das cabeças de coral de porites, que, ao longo da costa, são conhecidas pelo nome de Cabeça de Carneiro e que alli se queimam em grande escála para o fabrico da cal.

Nota. — Parece-nos antes ser devida essa denominação ao facto de pertencer aquella praia á familia dos Carneiros, filhos de José Henrique Carneiro de Almeida.

(Do traductor.)

(*) Liais falla de uma triplice linha de recifes em Rio Formoso (L'Espace Celeste, pag. 549).

O alto delle, em muitos lugares, é cheio de pontas agudas como dentes, devido isso a terem-se-lhe minado as partes menos consistentes que as cercavam. Essas pontas são da altura de um pé e tão frequentemente unidas e finas que é quasi impossivel andar-se por entre ellas. De extrema dureza só se podem quebrar, batendo-se-lhes fortemente com um pesado martello. Quando assim vibradas, desprendem claramente um som metallico. Quebrada a pedra vê-se que ella contem em geral areia de quartzo, misturada com alguns seixinhos e conchas, formando a rocha do recife. Os seixinhos são de quartzo e as conchas são de bivalves, gasteropodos etc... os quaes vivem presentemente pela vizinhança, em toda a extensão da costa.

Em muitos lugares, e de facto em quasi todas as partes do recife, parece terem se formado fendas, onde a areia, que novamente as foi enchendo, consolidou-se, como o resto do recife. E' na direcção deste que ficam geralmente essas fendas, porém umas vezes ellas o atravessam em angulo recto e outras diagonalmente. Em dous lugares o recife tem pequenas aberturas, quasi ou inteiramente cruzando-o no sentido diagonal, as quaes parecem devidas, em grande parte, á presença de taes fendas.

Do extremo sul para o norte não se observa no recife abertura alguma de importancia até cerca de metade de toda sua extensão, onde ha uma barreta ou passagem para canôas e jangadas. Esta abertura é conhecida pelo nome de *Barreta das Jangadas*. E' ahi que o recife recebe toda a força da vasante que desce do rio. Da *Barreta das Jangadas* para o extremo nordeste o lado que olha para o rio é ou perpendicular ou inclinado. Na propria Barreta as rochas do fundo da passagem são duras e parecem identicas ás da superficie do recife, em outros lugares. Supponho que ellas antigamente estiveram no mesmo nivel do recife, mas, sendo solapadas pela forte correnteza das aguas carregadas de areia, perderam o primitivo ponto de apoio e cahiram onde actualmente se encontram. Esses blocos ou, com mais propriedade, essas lageas são todas grandes e largas e mais ou menos de espessura igual ás de mais consistencia que, na parte superior, compõem a massa geral do recife. Dahi para o seu extremo nordeste, a 570 metros, ha duas outras aberturas menores e de menos importancia. Toda a face do lado do rio está mais ou menos solapada. Enormes blocos têm vindo abaixo quando

lhes falta o ponto de apoio e, èm um lugar especialmente, têm cahido fragmentos muito grandes que, com uma das extremidadés sustentadas fortemente pela areia e a lama do fundo do canal, conservam-se com a outra em tal elevação que não podem ser cobertos nem mesmo pelas mais altas marés. Essas rochas servem de balisa e uma dellas é muito conhecida nas vizinhanças do Rio Formoso, onde a chamam a Pedra de Nossa Senhora. (*)

Em outro lugar o recife acha-se inteiramente minado e uma grande quantidade d'agua o atravessa por baixo de um lado a outro.

Em toda a sua extensão, da parte de terra, o fundo do canal proximo do recife é coberto aqui e alli de enormes blocos da mesma especie dos da parte superior delle. Ha algumas poças formadas pela maré ao longo da superficie do recife e especialmente no extremo em que elle mais se approxima da terra. No ponto em que com esta confina, elle desapparece abruptamente, nada havendo que indique a sua continuação, a não ser em algumas rochas immergidas, que na baixamar surgem fora d'agua, muito mais adiante, e sobre as quaes, na mesma direcção, se quebram as vagas.

O recife de coral em frente a praia do Gamella corre tambem na mesma linha, em que corre o de pedra e é possivel que tenha por base uma rocha arenosa. No extremo nordeste deste ultimo, o qual é coberto de bernaclas, começa um recife de coral, que, retrocedendo ahi, como que separa do de pedra o resto do caminho por meio de um canal, protegendo-o da força das vagas do alto mar. E' sómente no extremo nordeste que os dous recifes se encontram e o canal, que os separa, torna-se cada vez

(*) O Sr. Liais cita casos identicos ao da Pedra de Nossa Senhora, para provar que os recifes, e com elles toda a costa, têm ultimamente se elevado e tambem que as rochas, de que elles se compõem, frequentemente apresentam uma inclinação assás consideravel. (Vede L'Espace Celeste, 2ª edição, pag. 545 a 548, Climats, Geologie etc. pag. 256 a 261). Não posso concordar com o Sr. Liais a esse respeito. Como já tenho aqui expendido, esses grandes blocos não estão geologicamente no seu lugar proprio ; e tanto a altura como a inclinação que se lhes nota são devidas a haverem sido elles solapados e a terem ficado presos por uma extremidade sómente.

mais largo até passar a Barreta das Jangadas e neste ponto elle apresenta uma largura superior a 100 metros. O fundo do canal é de grossa areia calcarea e, em alguns lugares, de lama muito fina. Os coraes e outros productos organicos calcareos têm se espalhado pelo lado exterior do recife de areia, crescendo tambem em muitos pontos do de pedra, que dir-se-ia servir-lhes de base para approximal-os da superficie d'agua. Os lados do canal são geralmente perpendiculares e cobertos de mui bellos especimens de coraes. Tal é o genero Mussa, que particularmente ahi é muito commum. No fundo têm nascido bellissimos especimens de milliporas, vulgarmente conhecidas pelo nome de *itapitangas*.

E' notavel que cresçam coraes em frente á foz de um rio, o que parece uma anomalia. Esse facto, entretanto, se explica pela circumstancia de ser a correnteza das aguas desviada para o norte pelo reçife de pedra, que assim os protege da lama e da agua doce que entra do rio. O mesmo se observa em varios outros casos.

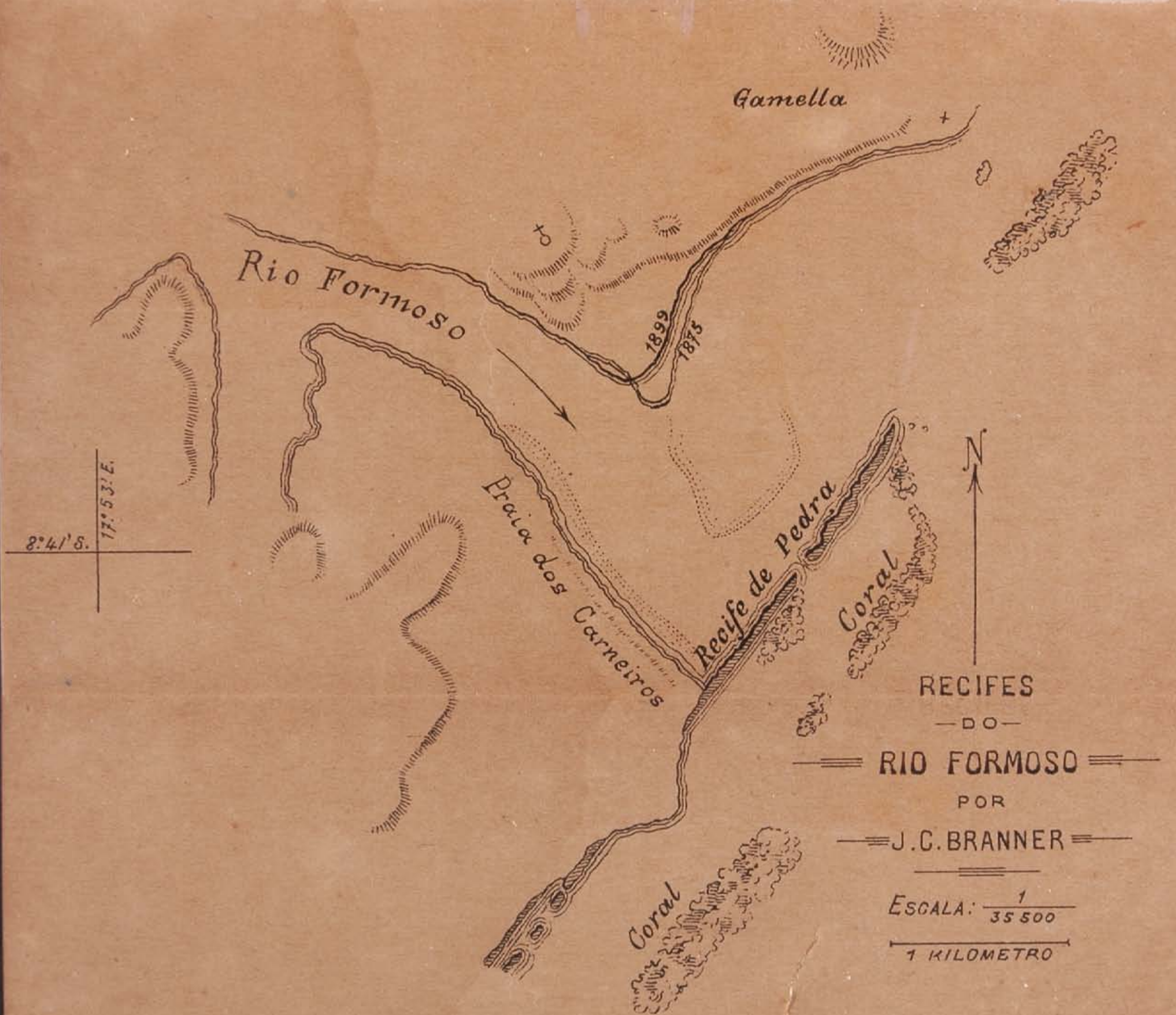
Do ponto extremo, em que o grande recife de pedra confina com a terra e seguindo para o sul ao longo da praia arenosa, na distancia de 2000 passos, ha outro (ou o mesmo) recife de pedra, unido a terra, e que corre por fóra, formando um angulo de cerca de 20 gráos com a praia. Esse trecho é pequeno e estende-se sómente uns 300 passos do ponto de sua juncção com a terra; sendo que, alem deste, o que se vê são apenas restos delle nas poucas rochas isoladas ; estando a alguma distancia uns dos outros e quasi que na mesma direcção do que irrompe da extremidade da terra e que se conserva ainda inteiro. Esse fragmento de recife, e os demais que delle se acham isolados, e que provavelmente lhe pertenceram, está na mesma direcção do grande recife de pedra do Rio Formoso. Exactamente por traz do pequeno recife, a que me refiro e a cerca de cem metros delle, ha ainda outro de areia ao longo da praia, ainda que separado e distincto della. Este é paralello ao recife exterior, porém de menos consistencia em sua composição, posto seja do mesmo material. Ha alguns restos de rocha arenosa solidificada, entre o recife do Rio Formoso e a terra, mas estão espalhados e não seguem a direcção que caracterisa os recifes de pedra. Onde o mar tem cerceado a praia do Guadalupe grés calcareos frouxos estão sendo agora descobertos. Estes,

porém, não são bastante duros para resistirem, por muito tempo, á força da resaca.

E' digno de nota que, de Pernambuco para Maceió, o recife do Rio Formoso e sua continuação, do lado de Tamandaré, seja o ultimo dos grandes recifes de pedra desta parte da costa. Com algumas excepções pouco importantes, os que existem ao sul delle são todos de coral. As excepções são: um de pequenas dimensões na embocadura do Sapucahy e outro que atravessa a foz do Pratagy, ambos no Estado de Alagôas. Informa-me tambem pessoa competente e que me merece toda a confiança, que ha ainda outro pequeno recife de pedra, na embocadura do Rio de S. Miguel, a umas sete leguas ao sul de Maceió. Este ultimo não foi visto por mim. Dos demais organisei mappas que apparecerão com o meu relatorio completo sobre os recifes de pedra do Brasil.

João Baptista Regueira Costa.




RECIFES
DO
RIO FORMOSO
POR
J. C. BRANNER
ESCALA: 1/35 500
1 KILOMETRO
N
Gamella
Rio Formoso
1899
1875
Praia dos Carneiros
Recife de Pedra
Coral
Coral
8°41' S.
17°53' E.

Rio

M.B.

Recife de pedra

Mar baixo

Oceano

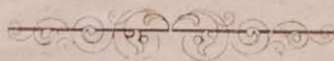
Coral

Coral

Areia de Coral

Secção transversal dos recifes do Rio Formoso

INDICE



REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO

E

GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

Fundado em 28 de Janeiro de 1862

N. 55

ANNO XXXIX



Os heroicos feitos dos antigos,
Tende vivos e impressos na memoria,
Alli vereis esforço nos perigos,
Alli ordem na paz digna de gloria.

PROSOPOPÉA.—*Bento Teixeira Pinto.*



PERNAMBUCO
TYPOGRAPHIA DO -- JORNAL DO RECIFE
47—Rua 15 de Novembro—47

1901

MESA ADMINISTRATIVA DO INSTITUTO

ANNO SOCIAL DE 1901 A 1902

PRESIDENTE

Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire.

1° VICE-PRESIDENTE

Conselheiro João José Pinto Junior.

2° VICE-PRESIDENTE

Desembargador Francisco Luiz Correia de Andrade.

3° VICE-PRESIDENTE

Dr. João Baptista Regueira Costa.

1° SECRETARIO

Dr. Alfredo Ferreira de Carvalho.

2° SECRETARIO

Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão.

SUBSTITUTOS

Dr. Aprigio Carlos de Amorim Garcia.
Augusto Cesar da Cunha.

ORADORES

Dr. Carlos Porto Carreiro.
Dr. Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.

THEZOUREIRO

João Walfredo de Medeiros.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Dr. Vitalino Cordeiro Lins.
Dr. Aprigio Carlos de Amorim Garcia.
Barão de Nazareth.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA REVISTA

Dr. João Baptista Regueira Costa.
Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.
Dr. Alfredo Ferreira de Carvalho.

Apontamentos sobre a fauna das ilhas de Fernando de Noronha

(JOÃO C. BRANNER)

Fernando de Noronha é um pequeno grupo de ilhas situadas no Atlantico do Sul, a cerca de 230 milhas a nordeste do Cabo de S. Roque e pertencentes ao Brasil. Tem apenas seis milhas de extensão e quasi duas de largura. Não ha nella nenhum estabelecimento importante e, ainda que proxima da esteira dos navios que singram entre os portos europeus e os do sul do Cabo, poucas vezes é visitada por vapores e raramente por navios de vela.

A historia natural dessa ilha é muito pouco conhecida. Darwin, por occasião da sua famosa viagem em roda do mundo, fez-lhe uma brevissima visita, mas devido ao curto espaço de tempo em que nella esteve — algumas horas apenas — não poude fazer grandes estudos sobre a sua historia natural. Em 1873 a expedição Challenger ahi desembarcou, porém como a ilha serve de presidio, o seu commandante não quiz consentir que se fizessem explorações. Nos poucos apontamentos tomados pelo Sr. Darwin e pelos da expedição Challenger têm sido bebidas quasi todas as informações fidedignas, até agora publicadas a seu respeito.

Em 1876, na qualidade de membro da Imperial Commissão Geologica Brasileira, visitei Fernandó de Noronha e ahi passei os mezes de Julho e Agosto, durante os quaes colhi o seguinte sobre a sua fauna.

A ilha é habitada por grande numero de passaros, na maior parte marinhos, que vivem em bandos e procreiam em torno dos inaccessiveis penhascos e das pequenas ilhas e rochas separadas da ilha principal; e sendo, como são, pouco incommodados pelos visitantes, não se mostram timidos e ás mais das vezes podem ser mortos á cacete ou apanhados á mão.

Um dos mais interessantes e bellos que ha na ilha é a alveloa, passaro branco, quasi do tamanho de um pombo,

que tem duas pennas da cauda, compridas, flexiveis, semelhantes á flammulas (1). Esses passaros aninham e se empoleiram quasi sempre nas partes altas e em torno do cume do grande pico. A todas as horas do dia podem ser vistos esvoaçando em volta desse magestoso rochedo, como grandes borboletas ou pousando nas pequenas abertas que existem nos seus flancos e nas quaes parecem manchas brancas destacando-se de um fundo negro. Em distancia consideravel dos seus ninhos ou poleiros elles vôam aos pares um ao lado do outro, acompanhando ordinariamente cada um os movimentos do companheiro com tal exactidão que a principio, por alguma illusão optica, somos levados a crer que só vemos um passaro, quando realmente são dous. Raras vezes vôam em linha recta, mas sobem e descem e formam zig-zags, como borboletas.

E' tal o numero de ratos e camondongos aqui existentes que ás vezes constituem uma verdadeira peste e prejudicam a agricultura. Consta que durante o dominio dos Hollandezes, que occuparam o norte do Brasil pelo anno de 1630, Fernando de Noronha foi abandonada « por causa do grande numero de ratos que consumiam todos os fructos da terra. » (2) Quem anda pelos campos e veredas ouve-lhes de todos os lados o constante sussurro e os vê correndo aqui e alli pela relva. Um numero certo de sentenciados está encarregado de matal-os e cada um tem por dia a sua conta. Esta é tão elevada que não se acredita e em algumas partes sóbe a centenas, mas, como não tomei nenhum apontamento sobre isso, não me atrevo a fallar de memoria. No intuito de auxiliar a exterminação dessa praga, algumas pessoas têm trazido para a ilha gatos e cães, mas si estes, de ordinario, os matam com uma certa gana nos primeiros dias, dentro em pouco acostumam-se tanto com elles que já não lhes prestam a minima attenção.

Nenhum apontamento tomei acerca da existencia de ratos e de camondongos na Ilha Rasa e S. José ; e não me

(1) Os habitantes da ilha dão a esses passaros o nome muito apropriado de *rabo de junco*.

(2) John Neuhoff em Pinkerton's Voyages, vol. XIV p. 701.

recordo de tel os visto nessas ilhas. Na Ilha Rapta (1) não ha ratos ; os camondongos, porém, são mais abundantes ahi do que na ilha principal. Si nesta já constituem uma praga, quanto mais na ilha Rapta? Sem tel-os visto e experimentado é simplesmente impossivel avaliar como podem elles existir nessa ilha em tão grande numero. Passei uma noite ahi, como hospede de tres sentenciados, que a esse tempo se achavam no lugar. Minha rède estava suspensa da solitaria casa de palha, que elles habitavam, e á noite tentei debalde conciliar o somno. Os camondongos corriam pelo chão, pelas paredes da casa, pelo tecto, entre os potes e panellas : por toda a parte em summa. Logo que me deitei na rêde começaram elles a andar pelas cordas e a descer por ellas até onde me achava. No principio da noite, diverti-me com isso ; tolerava que chegassem até ao meio das cordas esticadas da rêde e, depois, dando nella um forte empuxão, sacudia-os fóra. Mas afinal isso deixou de ser um divertimento ; e quando já tarde consegui adormecer foi para dahi a alguns momentos ser despertado por elles, que roiam-me de leve a face, as mãos e os pés ou cahiam da coberta da casa sobre mim.

A existencia de ratos na ilha principal e de camondongos sómente na ilha Rapta bem pode ser explicada pela circumstancia de haverem sido importados da ilha maior para a menor. A geologia, porém, desse grupo de ilhas suggere outra explicação plausivel. Fernando de Noronha e as pequenas ilhas situadas em suas proximidades são de rochas igneas, com excepção de alguns limitados afflorámentos de grés calcareos, comparativamente recentes, devidos á consolidação de dunas de areia. Esses grés formam toda a ilha Rasa e a ilha do Meio, um terço da ilha Rapta pelo lado sudoeste e occupam uma parte da de S. José e a extrema ponta nordeste da ilha prin-

(1) Esta ilha de ordinario é erroneamente chamada ilha Rata ; erro provavelmente devido ao facto de não se pronunciar o *p* de *Rapta* e de suppor-se que *Rapta* significa rato, o que não é exacto. Essa palavra vem do verbo *raptar*, to steal, e ilha Rapta traduzido para o inglez seria Robbers 'Island, ou, litteralmente, Stolen Island.
(Vide nota final.)

cipal. Occorre tambem na base sueste de Atalaia Grande e na bahia do sueste, onde forma a ilha do Chapéo e a praia da bahia em alguns lugares.

Em todas essas localidades o grés está chanfrado do lado sudeste e uma face abrupta ou proeminente acha-se exposta á resaca do oceano, emquanto que a sua superficie superior eleva-se trinta a cincoenta pés e mais acima d'agua. Sobre os afloramentos do lado de terra na ilha Rapta, S. José e ilha principal as camadas de grés tornam-se menos expessas para oeste. Esses factos e outros, que não é mister aqui mencionar, vem provar que a costa sudeste dessas ilhas antigamente se estendia muito mais nessa direcção e que as areias calcareas, de que taes rochas se formaram, foram para dentro arremessadas da praia que na mesma direcção outr'ora existiu. O oceano, porém, tem invadido gradualmente a ilha, especialmente do lado oriental, a ponto de separar em seis o que era primitivamente uma só ilha, a saber : S. José, Sella Gineta, do Meio, Rapta, Rasa, e ilha principal.

E' possivel que os camondongos, que hoje tanto abundam em ambas as ilhas, tenham sido interceptados em sua passagem da ilha principal e deixados na ilha Rapta, quando teve lugar aquella separação. Si poderiam sobreviver nas outras ilhas, ilha do Meio, ilha Rasa, etc., etc., depende isso de saber si ahi as condições de vida lhes eram favoraveis ou prejudiciaes ; muito pouco influindo na questão o existirem elles ou não em pontos intermedios. Admittido que seja correcta essa theoria, pode se nos objectar por que razão não achamos ratos na ilha Rapta. Essa falta deve-se provavelmente attribuir a terem sido elles exterminados pelos sentenciados.

A ilha Rapta é, em certo sentido, uma das localidades em que está estabelecido o presidio penal. Mede uma area inferior a uma legua quadrada ; não é coberta de matas, posto se affirme tel-as havido antigamente ; a agua potavel é rara ahi e em comparação com a ilha principal ella é muito baixa.

O solo é extremamente fertil e excellentes batatas doces brotam incultamente n'uma grande parte da ilha, emquanto que as aguas, que banham as suas costas, abundam em peixes proprios para a alimentação e em enormes tubarões. Por occasião da minha visita e antes disso, o prisioneiro da

ilha principal, que se tornava particularmente incorrigivel, era banido para a ilha Rapta, que se considerava uma especie de *insancta insanctorum*, onde, quanto aos meios de subsistencia, deixavam-no entregue a seus proprios recursos.

Informou-me o commandante que, outr'ora, grande numero de sentenciados eram banidos ao mesmo tempo para a ilha Rapta. Quando estive em Fernando sabia-se geralmente que era muito commum os sentenciados da ilha principal comerem ratos e, como aos enviados para a ilha Rapta se consentia fazer o que fosse mais conveniente para sua subsistencia, viam-se elles reduzidos a grandes apuros para se alimentar ; pelo que parece por demais provavel que comessem ratos si é que ahi os havia. Depois si esses animaes ainda existissem na ilha Rapta em tão grande numero, como na ilha principal, tornariam impossiveis as colheitas, para as quaes se tem envidado todos os esforços A area da ilha é tão pequena e tão poucos os lugares em que os ratos se poderiam occultar que a sua exterminação não seria impossivel, nem mesmo muito difficil.

Estou certo que, pela novidade do caso, relevar-me-hão os leitores que eu faça uma curta digressão, descrevendo o processo que empregam na pesca os sentenciados da ilha Rapta. O anzol, preso a uma linha de cerca de 150 pés, tendo por isca uma sardinha fresca ou a pelle branca de outro peixe, é atirado n'agua e puxado immediatamente para terra. E' este o principal methodo de attrahir o peixe sem auxilio de barco ou isca de colher. Uma extremidade da linha é amarrada ao corpo do pescador, que a enrola e a sustem na mão esquerda, emquanto o anzol, que alem da isca tem tambem um pedaço de chumbo, é com a mão direita rapidamente agitado acima da cabeça, em movimento gyratorio, até que a força centrifuga torne-se bastante intensa, para que a linha possa desenrolar-se em toda a sua extensão, quando destramente sacudida. Chegando a esse ponto, o pescador arremessa a linha, e o chumbo, que a arrasta comsigo, corre como uma setta sobre a agua e cae. Então, o mais rapidamente possivel, elle puxa a linha e essa rapidez quasi sempre faz gyrar o anzol e o peixe a elle se prende. Comtudo muito contratempo ainda se póde dar entre o fisgar do peixe e a sua vinda para terra ; não porque elle opponha grande resistencia,

mas porque ordinariamente na mesma occasião e lugar os tubarões estão pescando. Dos peixes, que vi pescarem-se em Fernando, nunca chegou inteiro mais de metade, algumas vezes só a metade de um era puxada para a praia, de outras apenas a cabeça e em varias occasiões perdia-se o anzol e parte da linha.

Em pé sobre um dos rochedos proeminentes da extremidade occidental da ilha e olhando para o mar, quando estava elle comparativamente calmo, tive occasião de observar n'agua centenas de enormes tubarões deslisando uns sobre os outros ou volteando em busca de alimento.

Talvez o mais interessante vertebrado, que se encontre em Fernando, seja uma especie de lagarto *Malenia punctata*. Devido a estar cultivado quasi todo o sólo aravel da ilha, esses lagartos tendem a afugentar-se para os recantos dos rochedos e lugares incultos, onde existem em tal quantidade que admira como numero tão grande póde viver em uma ilha tão pequena. Quasi ninguem os incommoda, nem elles têm aqui inimigos naturaes, que os persigam, pelo que não se mostram muito timidos. Quem andar pelos descampados e lugares pedregosos, onde não ha vegetação, verá, ao approximar-se, os lagartos a esgueirar-se para os lados dos fragmentos de rochas, parecendo fazel-o com muita repugnancia e só quando já se achar distante delles de tres a seis pés. Si voltar-se e olhar para traz vel-os ha rapidamente tornar ao lugar que d'antes occupavam. Sentado sobre a rocha escalvada muitas vezes notei que esses pequenos animaes me espreitavam, visivelmente com a mesma curiosidade com que eu os observava, e volviam a cabeça de um lado para outro, como se procurassem ser previdentes. Si eu me conservava quieto por alguns minutos, elles se approximavam e finalmente trepavam-se sobre mim; si me movia, desciam rapidamente pelas faces das rochas abaixo e, voltando-se, pousavam a cabeça sobre as arestas das mesmas para espreitar-me. Apanhei muitos delles (1) conservando-me quieto até que viessem

(1) Esses especimens, bem como todos os outros colleccionados nesta ilha, foram depositados no Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde, que eu saiba, nenhum delles foi ainda convenientemente estudado e preparado.

ficar-me ao facil alcance das mãos para agarral-os. Mordem bastante, porém seus dentes são muito pequenos e fracos e não ferem gravemente. Em certa occasião subia eu com meu apparelho photographico uma rocha escarpada, onde devia prestar o maior cuidado e attenção a todos os passos e movimentos e como estes não fossem mui rapidos e decididos para conservar os lagartos longe de mim e não tivesse eu as mãos livres para afugental-os, tornaram-se-me incommodamente familiares. Alguns percorriam-me o corpo á vontade, examinando-me todo e a roupa que eu vestia, e um delles chegou a enfiar-se-me por uma das pernas das calças e por quasi uma hora andou-me em volta da cintura exactamente por baixo do cinto que as apertava.

Disseram-me os habitantes do lugar que havia na ilha outra especie de lagarto, que tinha duas caudas. Reconheci, porém, que o que chamavam elles de cauda de forcado nada mais era do que o mesmo que acima mencionei. A cauda desta especie é comprida e fina e tão facil de quebrar-se que raramente se póde apanhar um, sem fracturar-se uma parte della. Si esta não cái de todo, a fractura póde cicatrizar sufficientemente, de modo a mantel-a segura, emquanto que o crescimento da nova cauda faz parecer que o lagarto a tem em forma de forcado ou antes que é de duas caudas. Parece-me ter visto, creio que nos relatorios da expedição Challenger, que esta especie nunca se encontrou em parte alguma do mundo, a não ser em Fernando de Noronha, e que a que della mais se approxima occorre em Demerára.

Não vi cobras na ilha e os seus mais antigos habitantes dizem não haver nenhuma, salvo a que é conhecida no Brasil pelo nome de *cobra céga* ou *cobra de duas cabeças*. Desta achei um exemplar. E' uma especie de Amphisbœna.

Encontram-se ahi diversos insectos, dos quaes o mais abundante é uma especie de vespa, que damnifica consideravelmente a vinha e construindo os seus ninhos nos cajueiros torna-se-lhes por demais nociva. As aranhas são tambem muito abundantes. Apanharam-se alguns bezouros e borboletas, mas, como a collecção desses insectos passou ás mãos do Sr. Herbert H. Smith, nada sobre elles posso dizer. Todas as especies de animaes domesticos hão

sido introduzidos na ilha; porém esses nada têm que ver com a questão biologica, para a qual desejo chamar a attenção.

Não parece improvavel que a flora e a fauna primitiva de Fernando fossem introduzidas ahi ao mesmo tempo e da mesma proveniencia. Sinto que não tenham valor os apontamentos que tomei sobre a flora da ilha, mas julgo digna de observação esta particularidade della: suas grandes arvores produzem madeira leve, isto é, madeira que fluctúa n'agua. A flora do continente brasileiro é notavel por predominar nella a madeira muito pesada, a maior parte da qual, mesmo quando bastante secca, é de um peso especifico assaz consideravel, que a impossibilita de fluctuar n'agua salgada. Uma das grandes arvores de Fernando é a *Ficus noronhæ*, a principio descripta como originaria desta ilha. Outra é a *burra*, especie de loureiro que dá um succo venenoso. Creio ter visto o loureiro nas regiões montanhosas de Minas Geraes, mas não estou inteiramente certo da sua identidade.

E' natural que se levante a seguinte questão: D'onde vieram primitivamente os animaes que habitam esta ilha e como chegaram elles a Fernando de Noronha?

A primeira resposta que se nos apresenta é que elles foram importados pelo homem desde o descobrimento da ilha. Sobre este assumpto possuimos felizmente uma valiosa prova documental. O que se segue é a tradução do mais antigo documento que existe sobre a ilha de Fernando de Noronha: — « avendo nós Respeito aos serviços que fernam de noronha, cavaleiro de nosa casa nos tem feitos e esperamos dele ao diante Receber e querendo lhe fazer graça e mercê Temos por bem e lhe fazemos doaçam e mercê daqui em diante pera em todollos dias de sua vida e de hum seu filho barão lidimo mais velho que dele ficar ao tempo do seu falecimento da nosa Ilha de sam Joan que ele hora novamente achou e descubryo 50 legoas alla mar da nosa terra de santa Cruz. » (1)

(1) O nome primitivo dado ao Brasil por Cabral foi Vera Cruz. Elle era, porém, geralmente conhecido por Terra de Santa Cruz, até meiados do seculo dezeseis, em que o nome Brasil foi geralmente adoptado.

E' este um fragmento da carta patente expedida pelo Rei de Portugal a 24 de Janeiro de 1504 em Lisbôa e registrada nos archivos reaes de Portugal (1) Ora Sam Joham ou em Portuguez moderno, São João, foi o primeiro nome da ilha e depois dessa patente ella parece ter sido conhecida pelo nome de seu possuidor, Fernam ou Fernando de Noronha.

Por esse documento e outros, relativos á flotilha, em que Fernando de Noronha embarcou, acredita-se que a ilha foi descoberta a 24 de Junho (dia de S. João) de 1503 e que foi chamada ilha de Sam Joham, segundo o costume da epocha, que era dar ás localidades os nomes dos santos em cujos dias se faziam os descobrimentos.

Americo Vespucio pretende ter visitado esta ilha em sua quarta viagem (2) seis semanas depois do seu descobrimento por Fernando de Noronha. Sei que os historiadores questionam sobre si essa viagem foi realmente feita por Americo Vespucio ; porém a julgar pela descripção que elle faz, devemos confessar que, si esse navegante não viu aquella ilha, obteve a seu respeito informações de alguem que a visitou e tanto basta para o fim a que nos propomos. No caso presente o que mais importa saber é si esse informante era membro da comitiva de Fernando de Noronha. A descripção de Americo Vespucio é breve, mas é a que primeiro foi publicada e por conseguinte a mais importante para a presente discussão. Conforme essa narração elle tocou em Fernando a 10 de Agosto de 1503, escrevendo sobre ella o seguinte :

« Esta ilha é deshabitada, tem infinitas arvores, e innumeraveis aves maritimas e terrestres, tão simples que se deixavam apanhar á mão, e assim caçámos tantas, que carregámos um batel dellas ; não vimos outro animal senão ratos muito grandes, lagartos com duas caudas e algumas cobras. »

---

(1) Real Archivo Livro 37, Chancellaria D. João III Fol. 152, (Diario de Pero Lopes p. 71—2.)

(2) Stanislau Canovai's Viaggi d' Amerigo Vespucci, Ed. 1817. pag. 110 e seg.

Como não se póde considerar difficil ou impossivel a introducção de passaros, quer marinhos quer terrestres, em uma ilha a 230 milhas de distancia de um grande continente, a presença delles em Fernando de Noronha deixa de ter a importancia particular que se lhe poderia attribuir. O interesse neste caso se concentra nos ratos grandes, nos lagartos de duas caudas e em algumas cobras mencionadas por Americo Vespucio. Como a ilha foi descoberta seis semanas apenas antes da visita que este navegante descreve, é claramente impossivel que esses animaes, si porventura houvessem sido importados pelo descobridor, se tivessem multiplicado em tão curto espaço de tempo, a ponto de attrahirem a attenção. Nada diz Vespucio sobre os camondongos, pelo que os podemos suppor não habitantes originarios da ilha. Mas ahi estão os ratos a que elle se refere, os lagartos de duas caudas, esses que unicamente lhe chamaram a attenção, ahi está finalmente a Amphisbœna, animal tão semelhante á cobra que muita gente ainda hoje dá-lhe esse nome.

Donde vieram esses animaes? Os ratos estão largamente distribuidos por toda a terra; a especie de lagarto aqui encontrada nunca foi descoberta em outra parte; a Amphisbœna é abundante no Brasil e na Africa, e um genero della (Blanus) encontra-se nas regiões do Mediterraneo. Si suppuzermos que esses animaes emigraram do continente brasileiro e que a *Malenia* occorre alli, comquanto ainda não tivesse sido encontrada, a questão estará em saber por que modo se operou essa emigração. Como, em nenhuma epocha do anno, as correntes oceanicas se encaminham, da parte oriental do continente sul americano, para leste, nordeste ou sudeste e em direcção a Fernando de Noronha, ha muito poucas probabilidades de que taes animaes tivessem sido levados para ahi do continente brasileiro. A ilha recebe as correntes da costa occidental da Africa, como mostra a estampa que acompanha o presente trabalho; e de feito a corrente sul equatorial que corre para oeste divide-se justamente perto de Fernando, tocando na ilha e dirigindo-se quer para noroeste, quer para sudoeste, ao longo do continente brasileiro, conforme a epocha do anno e a direcção dos ventos alisios. As respectivas cartas de ordinario representam os ventos reinantes nessa região, como vindos de sudeste. Durante

os mezes de Junho, Julho, Agosto e Setembro elles, com effeito, sopram approximadamente dessa direcção, mas no resto do anno ordinariamente são de nordeste. (1) As correntes oceanicas variam ligeiramente com esses ventos, de sorte que, quando os de nordeste têm reinado por algum tempo, o principal volume da corrente sul equatorial parece ser levado mais para o sul. Taes mudanças lançam sobre Fernando n'uma epocha as correntes do sudoeste da Africa e em outras provavelmente algumas das contra-correntes do Atlantico do Norte ou do Golpho de Guiné.

O Dr. Alfredo R. Wallace, com quem fallei acerca dessa questão, lembra que esses animaes podem ter vindo da Africa sobre troncos de arvores fluctuantes. Si admittirmos que elles pudessem supportar uma viagem maritima tão longa, essa explicação, até onde chegam os nossos conhecimentos a respeito, satisfaz o que precisamos saber.

A existencia da navegação, como sciencia anterior ao descobrimento da America, suggere a idéa de que os ratos pudessem ter sido para ella trazidos por algum navio ahi naufragado. Mas, admittido mesmo que a Amphisbœna e o lagarto tivessem vindo de alguma parte do Mediterraneo, são tão fracas as probabilidades de que taes animaes achassem um meio de se introduzirem a bordo dos navios, que semelhante hypothese parece de muito pouco ou nenhum valor.

Houve quem suggerisse tambem que talvez a ilha de Fernando estivesse, em algum tempo, unida ao continente brasileiro e que pela separação do isthmo que juntava as duas porções de terra ficasse na ilha a fauna que posteriormente ahi encontraram os seus descobridores. A forma do fundo do oceano entre o continente e a ilha põe essa hypothese fóra de questão. Suppunha-se antigamente que Fernando tinha sido a extremidade nordeste do Brasil,

(1) Durante a minha estada nesta ilha, nos mezes de Julho e Agosto, o vento variou muito pouco da direcção exacta de leste, sendo umas vezes de E. N. E. e outras de E. S. E.

porem as sondagens do fundo do mar pela Expedição Challenger mostram que essa supposição não tem fundamento e que Fernando está separada do continente por uma depressão de mais de 12.000 pés de profundidade. A' luz desses factos permanece de pé a seguinte questão:

Donde vieram esses animaes e como chegaram elles até aqui?

Nota final

O Dr. Branner dá o nome de *Rapta* á ilha *Rata* do archipelago de Fernando de Noronha.

Sentimos discordar da opinião que, á pag. 5 do presente opusculo, emitte a esse respeito o distincto geologo, 1° porque o *p* de *Rapta* não é lettra muda, como elle suppõe, e phoneticamente não se póde confundir um vocabulo com outro, 2° porque, em portuguez, a significação principal do adjectivo *Rapta* (que aliás é um termo poetico) é *veloz*, *rapida*, *arrebatada* e não exprimiria (como em latim o participio de *rapio*) *roubada* ou *saqueada*, conforme entende o Dr. Branner.

O que temos por certo é que o nome da ilha, a qual mais corectamente diversos escriptores chamam Ilha dos Ratos, provem do grande numero de *murganhos* ou *camondongos*, que prodigiosamente ahi se tem propagado e dos quaes tão largamente se occupa o sabio geologo, no seu interessante trabalho.

(Do traductor.)



I

FERNANDO de NORONHA
POR
JOHN C BRANNER
1876

12°50'
3°50'
ILHA RATA
ILHA DO MEIO
SÃO JOSÉ
SELLA GINETA
RAZA
ALDEIA
PICO
ATALAIA
N
ESCALA
0 1/2 1 2 3 MILHAS
Long. E. do Rio de Janeiro

II



Governadores e capitães generaes de Pernambuco

1654---1821

Francisco Barreto de Menezes. — Nomeado por patente de 12 de Fevereiro de 1647 commandante em chefe do exercito restaurador de Pernambuco, tomou posse no dia 16 de Abril de 1648, e passou a dirigir o governo civil da capitania, na qualidade de governador e capitão general em 28 de Janeiro de 1654, no qual se conservou até 26 de Março de 1657.

Francisco Barreto de Menezes nasceu nos primeiros annos do seculo XVII na cidade de Calhão, no Perú, e era filho natural de Francisco Barreto, senhor do morgado de Quarteira, em Portugal, que veio para a America em companhia de seu primo D. Fernando de Borja, despachado vice-rei da rica possessão hespanhola do Perú, e de quem recebeu a nomeação de governador da praça de Calhão; sua mãe, cujo nome se ignora, era comtudo, uma senhora distincta e pertencente a uma das principaes familias da Nova Hespanha.

Dos primeiros annos da vida de Barreto de Menezes nada consta. Sabe-se apenas que seguiu a carreira militar, e que em 1638 embarcou para o Brazil na armada de soccorro do Conde da Torre, que saltou no Porto dos Touros, no Rio Grande do Norte, com as tropas commandadas por Luiz Barbalho Bezerra, e foi um dos seus companheiros na arrojada e trabalhosa travessia que fizeram pelos sertões, desde aquelle ponto até a Bahia, tendo estado tambem no Rio Real com a mesma tropa, para oppor-se ao primeiro intento dos hollandezes, de construir alli uma fortificação.

Em 1640 já se achava elle em Portugal, e quando rompeu a guerra contra a dominação hespanhola, occupava o posto de capitão de cavallaria, e em 1646 o de mestre campo de um terço da praça do Alemtéjo, portando-se em toda a campanha com muito valor e distincção.

Por esse tempo, já havia decorrido mais de um anno que rompera a revolta pernambucana contra a dominação

hollandeza, e deliberando D. João IV mandar ao Brazil uma pessoa que dirigisse o movimento «com prudencia, valor e arte» nomeou a Francisco Barreto em quem concorriam todos aquelles requisitos, conferindo-lhe a patente de mestre de campo general, com subordinação, porém, ao governador gerál do estado do Brazil.

Francisco Barreto partio de Lisbôa em uma pequena embarcação mercante logo depois da sua nomeação, com o seu ajudante Felippe Bandeira de Mello, trazendo algumas munições e armas e um reforço de 300 praças, mas na altura da Parahyba foram atacados por um cruzeiro hollandez, que aprisionou o navio e o trouxe ao porto do Recife.

Francisco Barreto sahio ferido na peleja que sustentou, e prisioneiro de guerra na praça do Recife, não perdeu a esperança de recobrar a sua liberdade logo que se visse curado dos ferimentos que recebeu, em cujo tratamento muito cuidaram os medicos hollandezes.

Procurando manter o maior segredo possivel sobre a sua missão, occultou a patente régia de sua nomeação dentro do forro das botas, até que depois de nove mezes de prisão conseguiu evadir-se, favorecido por um filho do offiicial incumbido da sua guarda. Em 24 de Janeiro atravessa o Capibaribe em uma canôa e penetra no acampamento pernambucano, onde foi recebido com demonstrações de alegria e grandes festas; mas só tomou posse do commando em chefe do exercito em 16 de Abril, porquanto foi necessario remetter as suas instrucções ao governador geral, e aguardar as suas ordens.

Immensamente agradecido pelo serviço que lhe prestara o joven hollandez Francisco de Brá, a quem devia a sua liberdade, Francisco Barreto o enviou á Bahia com recommendações ao governador geral; abraçou elle o christianismo, casou-se nobremente naquella cidade e deixou numerosa descendencia: e servindo com denodo no exercito, chegou ao posto de major e á merecer a condecoração do habito de Christo.

Entregue d'ahi por diante o commando do exercito a um general distincto, pelo seu valor e merecimento, reorganisou elle todo o serviço militar, traçou um novo plano de campanha dando-lhe mais conveniente orientação, e já no memoravel dia 19 de Abril de 1648, media as suas ar-

mas com o inimigo em Guararapes, e depois de renhida e sanguinolenta batalha, lutando com forças muito inferiores, sahe vencedor, retirando-se os hollandezes do campo com perdas consideraveis.

Daquelle dia por diante, até Janeiro de 1654, seis longos annos, dirigiu elle o exercito restaurador de Pernambuco de triumpho em triumpho, até a memoravel capitulação do Campo do Taborda firmada em 26 de Janeiro, pela qual os hollandezes depuzèram as armas, ficando livrés todas as praças que occupavam desde o Ceará até Sergipe. No dia 27 tem lugar a entrega da vencida cidade do Recife á vanguarda do exercito pernambucano sob o commando de Fernandes Vieira, e no dia seguinte faz o general Francisco Barreto a sua entrada solemne na cidade.

Este acto é assim narrado por um historiador :

« Pela manhã montado á cavallo sahiu elle do acampamento á frente de numeroso estado maior, e seguido de uma guarda de cavallaria ; dirigiu-se pela campina que hoje occupam as ruas do Terço, Direira e outras, para a porta da cidade Mauricia, onde o veio receber a pé o general hollandez Sigismundo van Schkope. Apeou-se Barreto immediatamente assim que o viu, e dando-lhe a direita continuou a pé a sua marcha para o Recife, fazendo o mesmo todos os officiaes que o acompanhavam.

« No meio da ponte encontrou os membros do Supremo Conselho e todos os magistrados e empregados civis que tinham vindo esperal-o. A todos tratou Barreto com urbanidade e cortezia, dispensando-os de o acompanhar, e sómente seguido do presidente do Supremo Conselho foi installar-se na casa principal que servia de séde ao governo hollandez, e era ao lado da igreja do Corpo Santo, no quarteirão que vai até o becco chamado hoje do João Caetano. Aqui o esperava o mestre de campo João Fernandes Vieira, que lhe entregou as chaves que havia recebido na vespera, assim como o auto de posse que em seu nome tomára. »

Daquelle dia por diante entrou Barreto de Menezes na posse do governo civil da capitania, reunindo-o ao do militar que exercia desde 1648. Coube-lhe, por conseguinte, a trabalhosa tarefa de todo o serviço de reorganisação do governo, de montar as suas diversas repartições,

de attender a todas as necessidades de força e segurança que reclamavam-se em uma situação melindrosa, em que vencedor, tinha ainda, de cuidar na manutenção da paz e ordem publica, entre tantos interesses contrariados, conservando-se ainda por algum tempo todo o exercito inimigo, ainda que desarmado, acampado no Recife, e em todas as praças que occuparam os hollandezes. Mas o illustre general era um homem superior pelos seus talentos e energia, e á essas qualidades deveu elle o bom exito tanto da sua missão na direcção da guerra, como na situação difficil e melindrosa do seu governo.

Francisco Barreto, na phrase de Varnhagen, era um grande cabo de guerra, sobre tudo quanto a dotes militares, de circumspecção, reserva e prudencia. Seu aspecto carrancudo, acaso mais sombrio e rugado, condizia com o genio secco, e com as poucas palavras que proferia ; e o arreganho militar, e a voz aspera com os castigos raros, mas severissimos, que impunha, como partidario da maxima antiga de que os soldados devem temer o proprio capitão mais do que o inimigo.

Francisco Barreto legou-nos um bello monumento commemorativo dos arrojados feitos de Guararapes, levantando á sua custa a capella de Nossa Senhora dos Prazeres, que campeia bella e alterosa no mesmo local em que se feriram as duas memoraveis batalhas de 18 de Abril de 1648 e 19 de Fevereiro de 1649. Levantando aquelle monumento em acção de graças pelas victorias que alcançara, elle fez mais ainda, dotou-o de bens patrimoniaes, e confiou a sua administração aos monges benedictinos, impondo-lhe o onus da celebração de uma missa quotidiana por alma dos bravos que morreram nas duas batalhas que alli se deram e nas ultimas que restauraram Pernambuco do dominio hollandez.

Galardoado condignamente, pelos seus serviços, com a nomeação para o elevado cargo de governador geral do estado do Brazil, deixou Barreto de Menezes o governo de Pernambuco em 26 de Março de 1657, entregando-o ao seu successor, o seu companheiro das jornadas militares da guerra da restauração, o general André Vidal de Negreiros, partiu por terra para a Bahia, como refere Mello Moraes na sua *Chronica geral do Brazil*, e tomou posse do governo

geral em 18 de Junho de 1657 e de presidente da Relação da Bahia no dia 23 do mesmo mez.

Francisco Barreto exerceu o cargo de governador geral do Brazil por mais de seis annos, passando-o ao seu successor o conde de Obidos em 24 de Julho de 1663.

Na Bahia deixou Barreto descendentes, que ainda hoje perpetuam o seu nome.

Regressando do Brazil, recebeu a nomeação do elevado cargo de presidente da junta do commercio de Lisbôa e a carta de conselheiro de guerra.

Francisco Barreto casou-se duas vezes. A primeira em 13 de Julho de 1665 com D. Maria Francisca de Sá, dama de honor da rainha D. Luiza, filha do conde de Penaguião, e a segunda vez com D. Margarida Juliana de Tavora, filha do conde de S. Miguel, a qual passou a segundas nupcias com Pedro de Mascarenhas, depois conde de Sandomil.

Francisco Barreto falleceu em adiantada idade, em Lisbôa, no dia 24 de Janeiro de 1688, cercado das considerações e honorabilidades da sua elevada posição social, e do prestigio de um nome por tantos titulos respeitado e venerado.

General do exercito portuguez, conselheiro de guerra, commendador da ordem de Christo, e de uma das commendas da casa da India nos direitos da avintena de Sofala, Barreto de Menezes viu ainda os seus serviços remunerados com a conferencia do titulo de conde, que se verificou em sua filha e herdeira D. Josepha Antonia de Sá, que casou com Lobo Furtado de Mendonça, pelo que D. Pedro II o nomeou conde do Rio Grande.

O Instituto Archeologico de Pernambuco possue uma reproducção do seu retrato a oleo, que existe na galeria antiga de Florença, sob o n. 1020, em cuja tela se lê no alto esta legenda : *Fra. Barreto Restavrador d Permmbugo*, e do qual existe tambem uma reproducção, a oleo, no edificio da municipalidade de S. Salvador da Bahia, que elle levantara em 1660. O quadro representa o general em dous terços do corpo, tamanho natural, e mede um metro e meio de altura sobre um de largura, em moldura dourada.

ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS. — Foi nomeado por D. João IV, tomou posse em 26 de Março de 1657 e governou a capitania até 26 de Janeiro de 1661.

André Vidal de Negreiros nasceu no estado da Parahyba, entre os ultimos annos do seculo XVI e principios do XVII, e era filho de Francisco Vidal, natural de Lisbôa, e de sua mulher D. Catharina Ferreira, natural da ilha do Porto Santo. Seu pae, segundo o pamphleto hollandez *Bolsa do Brazil*, que se diz impresso no Recife em 1647, era um velho carpinteiro residente na Parahyba; mas segundo Moreau, tambem contemporaneo, era elle senhor de engenho naquelle estado; o que parece, que começasse elle a sua vida como artista, e graças ao seu trabalho e perseverança formasse um peculio e se fizesse depois agricultor. Elle era um homem respeitavel pelos serviços que prestou ao estado por largos annos, em recompensa do que teve o habito de Christo, com 20$000 de pensão em uma commenda.

André Vidal seguiu a carreira das armas, e já em 1624, quando assentou praça de soldado, achava-se na Bahia, cabendo-lhe tomar parte em toda a campanha da invasão hollandeza em que portou-se com muita distincção. Foi naquellas lutas contra o invasor hollandez, que elle recebeu o seu baptismo de sangue.

Valente, brioso e prudente, André Vidal viu-se não só elevado aos differentes postos no exercito, justa recompensa dos seus serviços e merecimento, como ainda gozando de muitos creditos e consideração.

Tomando parte na guerra da invasão hollandeza em Pernambuco, onde militou até o anno de 1634, e conquistou o posto de alferes, seguiu depois para Portugal, e em 1642 parte para o Brasil na fróta em que vinha o novo governador geral Antonio Telles da Silva; e mais ou menos concertado na côrte o plano da restauração de Pernambuco do dominio hollandez, logo que chegaram ambos a Bahia foi Vidal incumbido pelo governador de passar-se ao Recife a pretexto de entender-se com o Conde de Nassau a respeito dos Negocios de Angola, mas com o verdadeiro intuito de fomentar a insurreição, mostrando secretamente documentos em como os serviços nella feitos seriam bem acceitos e recompensados pelo rei.

Bem succedido em sua missão e concertado o plano da

revolta, tanto em Pernambuco como na Parahyba, até onde tambem foi, regressa André Vidal para a Bahia; e rompendo a revolução em 1645, e ganha logo após a victoria de Tabocas, ei-lo de volta, e no immediato feito de Casa Forte figura com muita distincção.

Dessa epocha por diante até 1654, os feitos de André Vidal constam de todo o movimento do exercito em tão dilatado periodo, distacando se principalmente a sua attitude no sitio e tomada do forte de Nazareth, no combate do Gequiá, no ataque de Itamaracá, a sua excursão ao Rio Grande do Norte, as duas memoraveis batalhas de Guararapes, em que a sua bravura chegou ao heroismo, e em fim, a tomada da fortaleza das Cinco Pontas, a chave da cidade do Recife, o ultimo baluarte do inimigo, cuja queda constitue o epilogo da gloriósa campanha da restauração, e em cujo feito recebêu elle um ferimento como que para sellar com o seu sangue a gloriosa terminação da campanha.

Incumbido de conferenciar com o inimigo e firmar os artigos de capitulação, elle conseguiu não só a entrega da praça do Recife, como ainda a de todas aquellas que occupavam os hollandezes ao norte de Pernambuco, assim como a ilha de Fernando de Noronha, ao que á principio, tentaram eximir-se.

Encarregado de levar a Lisbôa a bôa nova da restauração, partiu André Vidal em Fevereiro de 1654, e alli chegando foi bem accolhido por D. João IV, recebendo todas as provas de distincção e apreço, tendo como galardão dos seus serviços a conferencia do fôro grande de fidalgo, as commendas de S. Pedro do Sul e as alcaidarias-móres de Marialva e Moreira, e o despacho de governador e capitão-general do Maranhão e Grão-Pará.

Regressando para o Brasil, André Vidal chegou á cidade de S. Luiz em 11 de Maio de 1655 e neste mesmo dia tomou posse do governo, e tres mezes depois, desejando conhecer todo o paiz confiado ao seu governo, partiu para a cidade de Belem do Grão Pará, onde perante o Senado da Camara, renovou o acto de posse, que já havia tomado na capital do estado.

Percorreu elle varios pontos do interior do Pará, esteve na ilha de Jannes, para onde projectou mudar a capital, e depois de dar varias providencias para o bom

regimen do governo, regressou ao Maranhão, onde chegou em principios de 1656.

Com as mercês com que D. João IV premiou os serviços de André Vidal, concedeu-lhe tambem os governos das capitanias de Pernambuco e Angola, com a faculdade de nomear quem o substituisse, quando porventura lhe coubesse qualquer das duas successões, no caso de ainda não ter completado o seu trienio.

Promovido o general Barreto de Menezes a governador geral do estado do Brazil, ficou vago o governo de Pernambuco, e assim — « *chamado com mais alguma pressa da justa vaidade de ter sido o theatro das heroicas representações do seu valor na formidavel guerra dos hollandezes,* » — partiu por terra para o Recife em Setembro de 1656, acompanhado de grande escolta de soldados e indios, e em 26 de Março do anno seguinte toma posse da governança da capitania.

« O governo deste capitão-general, na phrase de um historiador, foi em principio um verdadeiro despotismo militar, com o que magoou todas as classes da sociedade, que contra elle ficaram indispostas, queixando-se alguns offendidos ao general Barreto de Menezes, governador geral do estado do Brazil, e outros, segundo as leis daquelle tempo, interpuzeram recurso de seus actos arbitrarios para a Relação da Bahia ; mas André Vidal não só negou-se a cumprir os provimentos proferidos por aquelle tribunal, como tambem desobedeceu ao governador geral, que mandou reparar algumas das injustiças que elle havia feito. Vendo o obsecado procedimento do seu antigo companheiro d'armas na guerra contra os hollandezes, não teve Barreto outro remedio senão usar de medidas rigorosas.

« Mandou marchar da Bahia para Pernambuco o regimento de que era coronel Nicoláo Aranha Pacheco, suspendeu por um alvará a André Vidal do governo da capitania, ordenou aos coroneis D. João de Souza e Antonio Dias Cardoso commandantes dos regimentos de infantaria paga do Recife que tomassem conta do governo, e mandou tambem que o desembargador Christovão de Burgos de Contreiras, ouvidor geral do crime da Bahia, marchasse com o coronel Aranha, ordenando ao mesmo tempo aos dous coroneis, a quem encarregara do governo de Pernambuco, que em tudo obedecessem e auxiliassem o referido desembargador. Vendo estas disposições pouco lisonjeiras

para si, reflectiu melhor André Vidal, e julgou prudente arrepiar da carreira que levava. Deu logo execução a todas as ordens, que desobedecera, do governador geral, como tambem provimento a todos os recursos do Tribunal da Relação; e com este procedimento alcançou a revogação immediata do alvará que o suspendera, e continuou no governo, no qual já não procedeu como havia feito. »

Este acontecimento, em que o autor que vimos de citar guiou-se inteiramente pela narrativa de Fernandes Gama, firmou-se em queixas infundadas, filhas do odio e ruins paixões, dirigidas ao governador geral, e produziram sem duvida conflictos que deram lugar áquellas providencias demasiadamente fortes contra André Vidal; mas submettido o negocio com todas as suas circumstancias ao governo da metropole, a sua solução foi inteiramente favoravel a André Vidal, que ficou plenamente justificado de todo o seu procedimento, como se vê da seguinte Carta Regia :

« Francisco Barreto de Menezes. Eu El-Rei vos envio muito saudar. — Havendo mandado ver o que me escreveu o governador André Vidal de Negreiros sobre as duvidas que entre vós e elle se moveram em materias de jurisdicção, tendo vós mandado um desembargador e um mestre de campo, para fazer dar cumprimento as vossas ordens: me pareceu dirigir-vos (se assim é) que nesta resolução se faltou muito a meu serviço. Porquanto havendo vós recorrido a mim com as razões de vossas queixas, e estando-me a causa affecta devieis aguardar resposta minha, sem no interim innovar cousa alguma, nem passar adiante na materia, e menos com armas e novas devassas, dando com isto occasiões á tumultos e guerras civis entre meus vassallos. Logo que esta receberdes (se já não o houverdes feito, tomando melhor conselho) fazei recolher todos os ministros de guerra e justiça, que tiverdes mandado a Pernambuco, e que tudo se reponha no mesmo estado, até eu mandar tomar na materia que se fica vendo, a resolução que for servido; do que vos mandarei avisar. Escripta em Lisbôa aos 15 de Abril de 1659. — *Rainha.* »

Despeitado Barreto de Menezes com o resultado da questão, dirige logo a Rainha uma carta em 22 de Agosto, em que trata ainda do assumpto, e conclue solicitando a S. M. « *prostrado aos seus pés, se sirva mandar logo tirar-lhe o posto que occupa, porque me atrevo a servil-o entre desobe-*

diencias applaudidas, e suppostas culpas castigadas. » Apezar disso não lhe foi concedida a exoneração solicitada, e continuou elle ainda no cargo até 1663.

Depois dessas controversias com o governador geral, permaneceu ainda André Vidal no governo de Pernambuco por mais annos, até que foi tomar conta do de Angola, para o qual foi nomeado por Carta Regia de 12 de Novembro de 1654.

No governo de Angola, onde se conservou até 1666, honrosa pagina deixou elle nos fastos dessa remota possessão portugueza, assignalando-o pela brilhante victoria que alcançou sobre o rei do Congo, que se oppunha a uma das clausulas do tratado que Salvador Corrêa de Sá havia celebrado. Correndo o boato que os hespanhóes se dispunham para invadir Angola, aprestou elle poderosa armada, e fortificou a cidade e o littoral, preparando-se para receber o inimigo com o seu proverbial denodo.

Em Angola fundou André Vidal, a sua custa, a igreja de Nossa Senhora de Nazareth, de cuja confraria foi juiz perpetuo, e a qual legou alguns bens, como consta de uma lapida commemorativa, em que se vê tambem o seu escudo de armas, e levantou uma fortificação.

Entregando o governo ao seu successor Tristão da Cunha, demorou-se ainda algum tempo em Angola, e regressou á Pernambuco, onde já estava em 24 de Janeiro de 1667, quando de novo tomou conta do governo da capitania por haver sido deposto o governador Jeronymo de Mendonça Furtado, e no qual se conservou até 13 de Junho do mesmo anno.

Dessa epocha por diante, velho, sem mais ambição alguma, respeitado pelo seu prestigio e venerado pela illustração e renome de sua pessôa, o valente general recolheu-se á vida privada, e foi passar os ultimos dias de sua vida descansadamente á sombra dos louros que enramavam a sua fronte de heroe.

Rico e sem herdeiros necessarios, porquanto não se casou, elle funda em suas terras de Itambé uma sumptuosa igreja sob a invocação de Nossa Senhora do Desterro, para a qual constitue avultado patrimonio em 1660, e ainda em 1678 vinculou varios bens para a mesma capella, entre os quaes dous grandes engenhos, e em 1679 solicita e obtem do bispo diocesano a sua elevação á freguezia.

Possuidor de não pequena e solida fortuna, constante de grandes lotes de terra comprehendendo mais de 30 legoas, cinco engenhos, mais de vinte fazendas de criação de gados e sitios de pesqueiras, grande numero de escravos, predios e outros bens, vivia na abastança e tratava-se com fausto, como se vê da discripção dos seus bens, alfaias, moveis e serviços de prata, consignados no testamento que fez no Recife em 14 de Maio de 1678.

André Vidal de Negreiros falleceu em avançada idade em 3 de Fevereiro de 1680, no Engenho Novo de Goyanna, de sua propriedade, e de conformidade com uma sua disposição testamentaria, foi sepultado na capella de Santo Antonio do mesmo engenho, e descoberta e authenticada a sua sepultura em 1870, foram os seus restos mortaes trasladados para igreja matriz de Goyanna, onde se acham.

General do exercito, com a patente de mestre de campo, do conselho de guerra do rei, fidalgo da casa real por Alvará de 6 de Outubro de 1652, commendador da ordem de Christo e das commendas de S. Pedro do Sul, alcaide-mór das villas de Marialva e Moreira, e governador de tres estados, André Vidal representou importante e saliente papel no seu tempo, e deixou um nome tão respeitavel, que ainda hoje, decorridos mais de dous seculos, se impõe á veneração da posteridade. Do seu elevado caracter e dos seus predicados, fallava assim, ainda em sua vida, o grande Antonio Vieira em carta dirigida ao rei em 6 de Outubro de 1654 :

« Tem V. M. mui poucos no seu reino que sejam como André Vidal ; eu o conhecia pouco mais que de vista e fama ; é tanto para tudo o demais como para soldado : muito christão, muito executivo, muito amigo da justiça e da razão, muito zeloso do serviço de V. M. e observador das suas reaes ordens, e sobretudo muito desinteressado, e que entende mui bem todas as materias, posto que não falle em verso, que é a falta que lhe achava certo ministro, grande da côrte de V. M. »

André Vidal, diz Varnhagen, era um homem tão superior que necessitara um Plutarcho para aprecial-o. Em quanto emprehendeu, sempre com muito esforço e valor, não levára a mira no premio, nem talvez nesse mesmo fantasma da gloria que tantas vezes nos embriaga ; tudo

fez por zelo e amor do Brazil, ou por caridade christã. Sua abnegação a bem da patria chegou ao excesso de consentir que sem a minima reclamação, circulassem essas infindas narrações contemporaneas da guerra hollandeza, que sempre lhe attribuiam um papel tão secundario. Quanto possuia era primeiro dos bons soldados do que seu. E tinha o raro merito de saber grangear amigos sem lhes offender sequer o melindre por agradecidos. Do seu sincero animo religioso nos deixou prova na capella de Nossa Senhora do Desterro de Itambé, perto de Goyanna, por elle instituida « em louvor dos muitos beneficios e victorias que por intercessão da mesma Senhora alcançou dos inimigos. »

O retrato de André Vidal encontra se na galeria dos governadores e capitães generaes de Angola : bem como existiu um outro no Senado da Camara de Olinda, que o mesmo mandara tirar, *conservando-se ainda hoje*, escreve Loreto Couto em 1757, *nas Casas da Camara a copia, a que os seus naturaes tributam grande respeito.*

Francisco de Brito Freire. — Foi nomeado por D. Affonso VI, tomou posse em 26 de Janeiro de 1661 e governou até o dia 5 de Março de 1664.

Brito Freire nasceu na villa de Coruche, no Alemtejo, em 1623, e foram seus projenitores Antonio Fróes de Andrade, fronteiro em Tangere, e D. Catharina Freire.

Seguindo a carreira militar, sem descurar-se dos estudos litterarios, particularmente dos de historia, serviu por alguns annos no exercito, chegou ao posto de capitão de cavallaria de um regimento da provincia da Beira, e foi governador da praça de Jerumenha no Alemtejo. Passando depois a servir na marinha, lhe coube por duas vezes vir ao Brazil como almirante da esquadra da Companhia do Commercio, sendo a primeira vez em 1653 na frota commandada por Pedro Jacques de Magalhães, prestando então valiosos serviços na ultima phase da guerra da restauração de Pernambuco, concorrendo immenso para a sua victoriosa terminação ; e a segunda vez dous annos depois, do que deixou memoria no trabalho que publicou em Lisbôa em 1657, sob o titulo — *Relação da viagem que fez ao Brazil a armada da Companhia, anno de 1655.*

Nomeado governador e capitão general de Pernambuco, dirige Brito Freire os destinos da capitania por mais de tres annos, sendo que o principal fim da sua missão, como refere Southey, era dispor e preparal-a para que, no caso de não poder a metropole continuar a manter a porfiada luta que sustentava com a Hespanha, se retirasse a familia real para o Brazil, e tão provável pareceu esta solução, que á conselhos dos condes de Castanheda e de Soure se fez a nomeação de Brito Freire para semelhante fim.

Estas disposições encontraram-se nos papeis do gabinete particular de D. João IV depois do seu fallecimento em 1656, em documento assignado por seu proprio punho, nas quaes manifestara elle semelhante projecto. Ainda de accordo com aquellas disposições, ordenou o governo ao Padre Antonio Vieira, que se achava no estado do Maranhão, que partisse para Pernambuco, afim de ajudar a Brito Freire com os seus conselhos. A razão de preferir-se Pernambuco a Bahia, parece, como diz Southey, ter sido a fortaleza do Recife capaz de resistir a quaesquer forças que a Hespanha podesse mandar em perseguição dos reaes fugitivos. Mas o Padre Vieira não conseguiu desempenhar-se de tão honrosa incumbencia, por ter sido no proprio anno de 1661 preso pelos colonos revoltados do Maranhão, e embarcado para Lisbôa.

No governo de Brito Freire não se deu facto algum digno de nota, e ignora-se mesmo se chegou elle a fazer alguma cousa com relação ao fim especial da sua missão em Pernambuco.

Com relação a qualquer acto seu em beneficio da colonia confiada ao seu governo, tambem nada consta. Sabe-se apenas, que ligou particular interesse á cathechese dos indios, e como elle proprio refere na sua *Nova Lusitanea*, fundou duas povoações ou aldeias — « nas visinhanças dos nossos, e igrejas em ambas, com seu modo de governo, nomes e varas de ouvidores e de juizes, entre si mesmos, porque commettendo alguma culpa de demonstração, para escarmentarem os mais, recebe uns dos outros o castigo, e só da nossa mão os favores. »

Fallecendo na sua administração o valente guerreiro Henrique Dias, que deixou um nome immortal pelos seus feitos nas guerras contra os hollandezes, mandou Brito

Freire fazer os seus funeraes por conta do estado *« visto o muito que deve o serviço de Sua Magestade e o estado do Brasil á memoria do defunto mestre de campo. »*

Apezar da confiança com que o governo o distinguiu incumbindo-lhe a importante missão do governo de Pernambuco, não sabemos por que motivo foi elle demittido pela Carta Regia de 27 de Julho de 1663, antes de findar-se o trienio da sua administração, baixando ainda uma outra Carta Regia em 15 de Outubro do mesmo anno, dirigida ao seu successor Jeronymo de Mendonça Furtado, ordenando-lhe que, logo que chegasse a Pernambuco e recebesse o governo das mãos de Brito Freire, *« o prendesse e o mandasse preso na primeira frota que partisse, o que muito vos encarrego e mando. »*

Em 1669, no auge da luta pelo poder, movida pelo principe D. Pedro contra seu irmão o infeliz Affonso VI, é Brito Freire preso e arrastado á rigoroso carcere. As circunstancias e minudencias deste facto, acabam de ser vulgarisadas pela publicação de um inedito contemporaneo, de escriptor anonymo, sob o titulo: — *Monstruosidades do tempo e da fortuna,* — que assim as relata quando trata da prisão do inditoso monarcha e do seu desterro para a Ilha Terceira:

« Em 1669 estava nomeado por cabo das fragatas Francisco de Brito Freire (fidalgo até aqui conhecido por suas obras, e daqui por diante muito mais, por exemplo do valor, e da fidelidade), e tanto que El-Rei foi entregue em S. Gião, se o mandou chamar a palacio e lhe deram uma ordem do que havia de fazer; leu, e achou que lhe davam o governo da Ilha Terceira, perpetuo, e o titulo de Visconde, ordenando-lhe S. A. que nella havia de ficar com o rei, e o havia de ter preso na fortaleza, com outras circumstancias que até agora não descobriu o segredo, ainda que as deu a entender o excesso; porém eram taes, que vendo nellas Francisco de Brito perigar sua fidelidade, fidalguia e honra, desenganado do que vem a ser tudo deste mundo, sem dizer palavra se foi direito ao mosteiro dos Padres da Companhia da Cotovia, com resolução de se amparar ao Padre Confessor contra os golpes do castigo que lhe havia de fulminar a desobediencia, e pediu o habito mais accommodado á defensa, que ao desengano. E' Francisco de Brito rico, e solteiro; facilmente o recolheu a

conveniencia, sem reparar no mal ou bem, que o poderia tomar o Principe, a quem satisfariam com o entregar sem repugnancia, e allegariam o serviço de que com o recebimento asseguravam a entrega. Foram logo dar-lhe conta que nunca erram as da commodidade. Mandaram-se-lhe ao Brito sugeitos que o podessem reduzir de seu proposito, nenhum o chegou a torcer de sua resolução, o que visto, lhe despiram os Padres a roupeta, e o entregaram aos ministros da justiça, que por ordem do Principe o levaram á torre de Bethlem, e o metteram em o mais aspero aposento della, como ao maior criminoso.... Conseguiu-se o desterro de El-Rei, viu-se desassombrado o poder ; e a Brito Freire não se negou a estimação, e se mandou tirar dá prisão dentro de um mez. »

Depois desse acontecimento, e quando já contava mais de meio periodo de existencia, Brito Freire casou-se com D. Maria de Menezes, filha de Pedro Alvares Cabral, senhor de Azurara e alcaide-mór de Belmonte, de cujo consorcio nasceram Antonio de Brito Menezes, que morreu como governador do Rio de Janeiro, e D. Josepha Gabriella de Brito.

Homem de letras, escriptor distincto, historiador e poeta, Brito Freire, legou-nos entre outros trabalhos, o seu precioso livro — *Nova Lusitania. Historia da guerra brasilica*,—impressa em Lisbôa em 1675. Dividindo o seu trabalho em duas partes, decada primeira e segunda, apenas publicou a primeira, que trata da guerra hollandeza até o anno de 1638, deixando de o ser a segunda que devia tratar do periodo decorrido daquelle anno até a restauração de Pernambuco.

A *Historia da guerra brasilica*, é hoje um livro raro e de inestimavel valor. Innocencio Silva forma della subido conceito, e diz que é uma das obras que tem subido consideravelmente em valor nos ultimos tempos, e menciona o juizo vantajoso de Francisco José Freire, que encara a obra especialmente pelo seu estylo e correcção de linguagem, do erudito Cenaculo, que a tinha em grande conta nesta parte, e o de Francisco Freire de Carvalho no seu *Ensaio da historia litteraria de Portugal.*

A segunda parte da historia de Brito Freire, que infelizmente ficou inedita, e perdida hoje, sem duvida, contendo o bello periodo da restauração, devia ser um tra-

balho muito precioso, porquanto elle proprio tomou parte nos ultimos tempos da guerra hollandeza; e governando Pernambuco poucos annos depois, teve a sua disposição os archivos da capitania, e a convivencia com quasi todas as pessôas que militaram nessa gloriosa campanha. Das suas producções poeticas, apenas restam umas decimas em applauso do livro *Flores del desierto* de Frei Paulino da Estrella.

Francisco de Brito Freire morreu em Lisbôa aos 8 de Novembro de 1692, contando 69 annos de idade, sendo posteriormente trasladados os seus restos mortaes para a terra do seu nascimento. Attingiu elle pelo seu merecimento e illustração as mais elevadas posições, como as de almirante da armada real portugueza, e de conselheiro de guerra, alem de varios cargos que desempenhou, por cujos serviços teve o fôro de fidalgo e a commenda da ordem de Christo, com os proventos de commendador da villa de Midões, que já possuia ao tempo do seu governo em Pernambuco.

Jeronymo de Mendonça Furtado, por alcunha *Uxumbergas*. — Foi nomeado por D. Affonso VI, tomou posse em 5 de Março de 1664 e governou até 31 de Julho de 1666 quando foi deposto.

Jeronymo de Mendonça nasceu na segunda decada do seculo XVII, e era filho do commendador Pedro de Mendonça e D. Antonia de Mendonça e Albuquerque.

Seguindo a carreira militar, tomou parte na campanha do Alemtejo, foi capitão de cavallaria, e depois mestre de campo de um dos regimentos da guarnição de Lisbôa, e condecorado com o gráo de cavalleiro da ordem de Malta. Deixando o serviço do exercito, se achou como particular na batalha do Canal, refere Loreto Couto, de que foi mandado com a nova a El-Rei D. Affonso VI, que lhe deu o governo de Pernambuco.

Da administração de Jeronymo de Mendonça a historia não nos legou facto algum notavel, a não ser uma grande epidemia de variolas que desenvolveu-se causando avultado numero de victimas, e o seu procedimento indigno e despotico, que levou o povo ao auge do desespero, o prendendo e depondo do governo.

Rocha Pitta diz deste governador o seguinte: — « Governava a provincia de Pernambuco Jeronymo de Mendonça Furtado, mais attento ao seu interesse, que á sua obrigação; todos os meios que conduziam para as suas conveniencias, lhe pareciam licitos; não ouvia os clamores do povo, despresava as pessôas principaes, que por nascimento e fidelidade lhe mereciam differente tratamento. Sentiam os pernambucanos ver nelle um procedimento tanto mais absoluto e contrario, quanto mais promptos e conformes os achavam na sua obediencia; os obsequios com que aquelles subditos o tratavam, faziam avultar mais os escandalos que delle recebiam, devendo ser o maior motivo para obrar com prudencia e justiça, o respeito que se lhe dedicava.... Cresciam em Jeronymo de Mendonça as desattenções, na nobreza as queixas, e no povo as iras, até que expondo-se a uma acção tão indesculpavel como temeraria, se resolveram a prendel-o em satisfação dos aggravos que lhes fazia... »

Alem de todos esses males, trouxera o governador em sua companhia dous filhos, — que fiados no poder do pai, obravam desatinos, e se avançavam a quanto os incitava o seu apetite, ou a sua conveniencia.

Tudo isso levou o povo ao desespero, e d'ahi a unica medida salvadora que se podia tomar, — a prisão e deposição do governador, facto este que é assim narrado por Fernandes Gama:

« Este governador, dominado por uma sordidez illimitada, desde que entrara na administração da capitania, em 1664, não hesitara em por em acção todos os meios, por mais violentos e torpes que fossem, para adquirir dinheiro ou satisfazer seus caprichos. Não attendia aos clamores do povo, do qual sob especiosos pretextos, extorquia dinheiro. Despresava a nobreza do paiz, e todas as pessoas que por seu nascimento e cabedaes, estavam em circumstancias de lhe poderem fazer alguma opposição, e dar contas contra elle para a côrte de Lisbôa, eram victimas do seu furor e avareza; em fim, tendo offendido a todas as classes, não havia quem não o aborrecesse, á excepção dos poucos de iguaes ou peiores sentimentos que com elle conviviam.

« Offendidos os pernambucanos por este procedimento do governador, tanto mais offensivo, quanto elles mais

promptamente obedeciam a todos os seus caprichos, e quanto mais se esmeravam em obsequial-o, resolveram livrar-se de um tal offensor por uma maneira briosa, embora violenta em si.

« Concordes em sentimentos, tantos os regimentos de infantaria que então existiam na capitania, e dos quaes eram coroneis e commandantes D. João de Souza e Antonio Dias Cardoso, como a nobreza e o povo, deliberaram as pessoas principaes conspirar contra o governador, e reunindo-se em clubs, já em Olinda, já em outras localidades, resolveram prendel-o e remettel-o preso para Lisbôa, acompanhado do summario dos seus crimes.

« André de Barros Rego, juiz ordinario de Olinda, foi o encarregado de executar o plano concertado, e accordado nas reuniões. Tomadas, portanto, todas as medidas conducentes para a empreza, foi esta executada com muito maior facilidade do que se devia esperar.

« Na tarde do dia 31 de Julho de 1666, tendo elle sahido á passeio do seu palacio em Olinda, acompanhado por seus ajudantes de ordens, e por alguns criados, ia passando pela rua de S. Bento, quando ahi sahiu-lhe ao encontro André de Barros Rego, que com animo socegado e voz firme, deu-lhe ordem de prisão, dizendo-lhe que se rendesse, pois estava preso á ordem d'El-Rei. A' esta intimação perguntou elle quem tinha o poder de o prender, ao que respondeu o juiz ordinario, — que era a nobreza e o povo de Pernambuco.

« Esta resposta tornou furioso o governador que levou mão á espada sendo imitado por todos os officiaes e criadagem que o seguiam, pondo-se em defensiva; porém os conjurados, que se occultavam em diversos lugares, apparecendo repentinamente atacam e ferem a comitiva, que se rende, fazendo outrotanto e governador, a quem André de Barros havia ameaçado com a morte se acabasse de desembainhar a espada.

« Cedeu Mendonça á força, e entregou-se á prisão, dizendo-lhe André de Barros, que na rectidão do monarcha, e nos serviços e lealdade que sempre havia distinguido os pernambucanos confiava justificar o seu procedimento e do povo que o prendia, para evitar-lhe um fim desastroso. Foi recolhido preso ao seu palacio, e ahi esteve alguns

dias de guarda á vista, até embarcar acompanhado do summario dos seus crimes. »

Segundo Loreto Couto, o governador não ficou recolhido no palacio de Olinda, e sim no forte do Mar, no Recife, o que nos parece mais aceitavel. E como narra Souchu de Rennefort, citado por Varnhagen, a prisão de Jeronymo Furtado — teve lugar a 31 de Agosto de 1666, ao comparecer o governador a acompanhar o Viatico, que de intento se encaminhára por diante do palacio.

Consoante com esta versão sobre o facto, escreve o seguinte o Sr. João Ribeiro na sua *Historia do Brasil*, ao tratar do governo daquella —indigna autoridade :

« Originalissima foi a revolução que rebentou nesse tempo (1666). Fazia-se uma procissão do *Nosso Pae* como é costume ao levar-se o Santissimo Sacramento por occasião da agonia de qualquer moribundo ; o capitão-mór homem religioso ao passar o prestito pelo palacio á este se aggregou, como o faziam todos, para acompanhal-o até a igreja.

« Os descontentes então que formavam o prestito, a frente da igreja, desmascararam o intuito que levavam e cercaram de espadas desembainhadas o capitão general a quem reprochavam de tyranno ainda maior que os oppressores da Hollanda. Mendonça submetteu-se e entregou a espada a André de Barros Rego que em nome d'El-Rei, da nobreza e do povo pernambucano o lançou na cadeia publica.

« Esse motim quasi ia degenerando em grave questão internacional. Estacionava então no porto do Recife uma esquadra da companhia franceza das Indias Orientaes que aqui refrescava de viagem para Madagascar e fôra com grande obsequio recebida pelo capitão-general ; adrede espalharam os descontentes, talvez para justificar a criminosa audacia, que era intuito do governador entregar a terra aos francezes tornando-se assim réo de alta traição.

« O povo acreditando nesta balela pegou em armas e sahiu em perseguição de alguns marinheiros desembarcados que rechaçados acharam azylo no convento dos capuchinhos. Ahi a multidão cercando o claustro cobrio-os de improperios e baldões e o morticinio seria certo se o governo provisorio sabendo do motim não corresse a apaziguá-o e a dar excessivas escusas ao almirante francez. »

Com a deposição e partida de Jeronymo Furtado para a Europa viu-se a colonia livre de um tyranno, que a opprimia selvatica e despoticamente. Aquelle capitão general, effectivamente, alem dos seus actos arbitrarios e vexatorios, veio iniciar no seu governo de Pernambuco — o systema administrativo das colonias, de que nos falla o notavel escriptor portuguez o Sr. Theophilo Braga, cujo fim era o engrandecimento dos governadores ou fidalgos arruinados, que iam na rapina official desempenhar as suas casas.

A lyra popular expandiu-se em versos dedicados á sahida de Jeronymo de Mendonça Furtudo, compondo varias cantigas que tiveram muita voga, e das quaes nos restam estes versos :

O Mendonça era Furtado
Pois dos paços o furtaram ;
Governador governado,
Para o reino o despacharam.

A peste já se acabou :
Alviçaras, ó gente bôa !
Uxumbergas embarcou,
Eil-o vai para Lisbôa.

Não foi sómente com o povo que contendeu Jeronymo Furtado. Intrometteu-se tambem em conflictos de jurisdição com o vice-rei do Brasil, do que lhe custou acerbas reprimendas.

Em uma extensa carta datada de 26 de Abril de 1664, disse-lhe o vice-rei o seguinte : — « A ambiçam dos Gouernadores que houue nessa Capitania, depois de as guerras se acabarem, introduziu quererem mais jurisdiçam que a que lhes tocaua ; confundindo o gouerno particular dessa Capitania, com o mistico que teue Francisco Barreto, de Gouernador de Pernambuco, unido ao posto de Mestre de Campo General de todo o Estado. E como elle teve ambos os exercicios, e nenhum lhe succedeu em ambos : quizeram

ter, como Governadores dessa Capitania as prehiminencias de Mestre de Campo General do Brazil. »

Em outra carta, que dirigiu o mesmo vice-rei em 10 de Julho do referido anno, escreveu, de seu proprio punho, em additamento, o seguinte : — « Vm. nam anda bem aconselhado em se querer intrometter na jurisdiçam que El Rey meu Senhor lhe não deu : nem eu me posso conformar com lhe permittir a Vm. a menor desobediencia.... »

Contendeu tambem com o capitão-mór da capitania de Itamaracá, e recorrendo este ao vice-rei, que respondeu em 20 de Outubro providenciando, assim começou a sua carta : — « *Vy. a Carta que Vm. me escreueu acerca de continuar o Gouernador de Pernambuco na porfia de querer que Vm. lhe obedeça....* »

Foram taes os actos de arbitrariedade e despotismo praticados por Jeronymo de Mendonça, que o governador geral por Portaria de 4 de Abril de 1665, ordenou ao ouvidor geral do civel em Pernambuco Dr. Affonso Soares da Affonseca, que tirasse uma informação judicial do seu procedimento.

Dado o facto da deposição do governador, apressou-se logo a Camara de Olinda em communicar ao vice-rei todo o occorrido, sobre o que respondeu elle em carta de 7 de Outubro de 1666 que começa : — « Com Carta que Vms. me escreueram em 2 do passado, e a copia dos Capitulos, fiquei entendendo a deliberaçam com que os pouos dessas Capitanias, se detreminaram em dispor do Gouerno e hauerem preso a Hieronimo da Mendoça Furtado. »

Approvado o acto da Camara, pelo vice-rei, que nomeou a André Vidal de Negreiros para tomar conta do governo interinamente, e posteriormente pelo governo da metropole, a quem a mesma Camara communicou tambem todo o occorrido, e nomeado logo Bernardo de Miranda Henriques para succeder a Jeronymo de Mendonça, foi-lhe dirigida, antes mesmo de partir para Pernambuco uma Carta Regia datada de 9 de Setembro de 1666, recommendando-lhe que,—logo que tomasse posse do governo fizesse sequestrar os bens do seu antecessor, pelos prejuizos que havia causado a Companhia do Commercio negociando com todo o páo-brasil da capitanía, e ainda mais, por haver arbitrariamente lançado mão de dinheiros publicos para fazer semelhante negocio, apezar de se lhe ter man-

dado advertir por vezes se abstivesse de semelhante procedimento, sob pena de se haver de sua fazenda todo o damno causado, negociando assim com o poder do cargo, de maneira que a Companhia não poude carregar nos ultimos navios páo-brasil algum, do que resultou não só grandes prejuizos a mesma Companhia, como ainda a propria fazenda real.—Nada consta de semelhante diligencia; mas, sem duvida, Miranda Henriques procurou dar execução as ordens que lhe foram dadas.

Novas e maiores desgraças, porém, aguardavam em Portugal ao infeliz governador que viu perdido todo seu futuro, todas as suas aspirações, já collocado em tão elevada posição, perigando até mesmo a sua vida, condemnado a perdel-a ignominiosamente no cadafalso. Um escriptor da epocha, assim narra essa ultima e angustiosa phase da vida de Jeronymo Furtado:

« Veio este fidalgo do governo de Pernambuco expulso na forma em que todos sabem; tratou-se de sua causa com as interpolações que occasionaram os tumultos da côrte, desterro do Conde de Castel Melhor, divorcio da rainha, privação do governo e deposição d'el rei; e proseguindo-se a alteração com os negocios de pazes e outras importancias de mais peso, se foram esquecendo ou dissimulando as da expulsão deste fidalgo, até seu irmão Luiz de Mendonça Furtado partir para a India em Abril de 1670: e ou fosse resultado de devaças ou novidade de crime, o mandou Sua Alteza o prender no Limoeiro, d'onde, de enfadado ou temeroso fugiu o dito Jeronymo de Mendonça no principio de Junho de 1671, dando sua fugida dilatada materia aos discursos e paixões de todos, para condemnarem e absolverem a fugida, cada qual como queria que fosse, e não como verdadeiramente foi. »

Em 1674 já se achava Jeronymo de Mendonça preso de novo em Lisbôa —«por varios crimes»— quando em 10 de Maio foi seu irmão Francisco de Mendonça Furtado, que se tinha refugiado na Hespanha, queimado em estatua como um dos chefes da conjuração —« contra a vida do principe e estado do reino».

Permanecendo Jeronymo de Mendonça em rigorosa prisão na fortaleza de S. Gião, foi emfim sentenciado em 3 de Janeiro de 1680 a morrer degolado no pelourinho, pelo crime de traidor, para cuja execução deram-se logo as

providencias necessarias. Embargada a sentença por seus parentes, modificando-se apenas no tocante ao pelourinho, se mandou levantar um cadafalso na praça do Rocio para a execução, marcada para o dia 5. « Na manhã deste dia, diz o citado autor, foi a princeza pedir ao principe seu pai, como festa de Reis, a vida do condemnado que elle lhe concedeu, e foi muito applaudida a resolução, porque tocava a infamia a muitas casas illustres da côrte. Dizem que ajudou muito o Marquez da Fronteira, por querer casar uma filha com um meio irmão do condemnado, a quem o vice-rei Luiz de Mendonça deixou por seu herdeiro, em falta de seu irmão Jeronymo de Mendonça, que por traidor perdeu tudo. »

Comutada a pena de morte em prisão e desterro perpetuo em uma fortaleza na India, foram os seus bens confiscados, e naquellas inhospitas regiões passou o infeliz Jeronymo de Mendonça os ultimos dias de sua existencia.

A Bibliotheca Publica de Evora, em Portugal, possue na sua secção de manuscriptos, um—*Manifesto de Jeronymo Furtado de Mendonça e Albuquerque, mostrando sua innocencia no crime que lhe imputaram por occasião da deposição de D. Affonso VI*,— documento este que deve ser de muita importancia historica, e acaso se refira aos negocios de Pernambuco.

Dada a sua deposição do governo de Pernambuco em 1666, assumiu a administração da capitania uma junta composta dos coroneis commandantes dos regimentos da praça, D. João de Souza, e Antonio Dias Cardoso, e do juiz ordinario e presidente da Camara de Olinda, André de Barros Rego. Esta junta governou a capitania até 24 de Janeiro do anno seguinte, quando tomou posse o novo governador.

André Vidal de Negreiros, governador interino. — Tomou de novo posse do governo da capitania em 24 de Janeiro de 1667, e o dirigiu até 13 de Junho do mesmo anno.

Achava-se elle então em Pernambuco, no seu engenho Desterro, de volta de Angola, cujo governo deixára em fins de 1666, cansado e adoentado ; e dado o facto da de-

posição do governador Jeronymo de Mendonça Furtado, foi nomeado pelo vice-rei do Brasil Conde de Obidos, para assumir interinamente a administração da capitania, resolução esta que foi communicada aos officiaes da Camara de Olinda, pelo mesmo vice-rei, em carta de 6 de Novembro de 1666, e ao proprio André Vidal em carta de 10, a qual começa assim : — « *Supponho que terá V. S. vençido a molestia, e o enfado da jornada, mas quando V. S. cuidava que vinha a lograr do descanço de sua Caza, começará a exprementar o trabalho, e os nous cuidados desse gouerno.* »

Communicando o vice-rei ao governo da metropole todas as occurrencias de Pernambuco, e a nomeação interina de André Vidal, recebeu elle posteriormente nomeação régia para o mesmo cargo, como consta da seguinte communicação official :

« Ouvidor, Vereadores e Procuradores da Camara de Pernambuco ; Eu El Rey vos envio muito saudar. Emquanto não chega Governador a essa Capitania fui servido encarregar do governo della a André Vidal de Negreiros, por entender o fará com todo o acerto, que pede meu serviço, na forma da Carta que lhe mando escrever, e elle vos mostrará, do que vos mando avisar, para que o tenhaes entendido, e cumpraes, e façais dar cumprimento as suas ordens pela maneira referida, como eu espero de vós. Escripta em Salvaterra de Magos, a 19 de Fevereiro de 1667. — *Rey. Conde de Castello Melhor.* — Para a Camara de Pernambuco. »

Diz Fernandes Gama, que não achando el-rei conveniente que se conservasse elle neste governo, mandou-lhe substituto antes de findar seis mezes de administração. Mas como vimos, a sua nomeação foi para dirigir o governo *emquanto não chegava governador á capitania*, de sorte que elle proprio teve sciencia de que se tratava de uma nomeação temporaria, e portanto, não podia extranhar a proxima nomeação de um governador effectivo. Não houve por conseguinte, desattenção alguma da parte do governo para com André Vidal, já velho e adoentado, e cançado por longos annos de serviços, quer militares, quer de administração publica, em Pernambuco, Maranhão e Angola.

Esta segunda administração de André Vidal em Pernambuco, de que não resta a menor duvida, não só em vista dos documentos que mencionamos, como das refe-

rencias que fazem della Fernandes Gama e Abreu e Lima, foi posta em duvida por Varnhagem no catalogo dos governadores das capitanias do Brasil, inserto na primeira edição da sua *Historia Geral*, sem dizer com que fundamento, e na segunda edição da mesma obra omittio o nome deste governador, sem duvida por lhe parecer liquidado semelhante assumpto !

Alem dos documentos mencionados restam ainda varios outros, entre os quaes as seguintes cartas do vice-rei Conde Obidos, constantes do respectivo livro de registros, que elucidam completamente o facto :

Carta para o governador de Pernambuco André Vidal de Negreiros, sobre varias materias. E' datada de 16 de Fevereiro de 1667, e começa : — « *Nesta occasião receby varias cartas de V. S. sobre differentes materias, a que faço resposta nesta brevemente plo nam cançar a V. S.* »

Carta para o Capitão mór da Capitania de Itamaracá. De 26 de Fevereiro de 1667.

Carta para os Officiaes da Camara de Itamaracá. Da mesma data.

Estas duas cartas versam sobre a nomeação de André Vidal, e começam ambas : — « *A André Vidal de Negreyros encarreguey o Gouerno da Capitania de Pernambuco, e das mais annexas, etc.* »

E' portanto um facto averiguado este segundo governo de André Vidal em Pernambuco.

Bernardo de Miranda Henriques. — Não consta a data da sua nomeação, mas foi ella communicada a Camara de Olinda pela seguinte Carta :

« Juiz, Vereadores e mais Officiaes da Camara da villa de Olinda ; — Eu El Rey vos envio muito saudar. Por confiar de Bernardo de Miranda Henriques, por quem é, e pela satisfação que tenho de sua pessôa, que no governo dessa Capitania me servirá como delle se deve esperar, houve por bem de o encarregar delle, e para que melhor possa cumprir com sua obrigação, vos encommendo tenhaes com elle toda a bôa correspondencia, que convem, fazendo-lhe as lembranças do meu serviço, e bem commum, que vos parecer necessarios, procedendo nisso e em tudo mais

com a autoridade e respeito devido a sua pessôa e lugar; e remettereis certidão dirigida ao meu Conselho Ultramarino pelas primeiras embarcações, do dia em que Bernardo de Miranda tomar posse. Escripta em Lisbôa ao 1° de Abril de 1667. — *Rey. Conde de Arcos.* — Para os Officiaes da Camara da Villa de Olinda. »

Bernardo de Miranda Henriques tomou posse do governo no dia 13 de Junho de 1667, e dirigiu a administração da capitania até 28 de Outubro de 1670.

Era filho de Antonio de Miranda Henriques, gentil homem da camara do principe D. Pedro. Serviu no exercito, fez a campanha da acclamação de D. João IV, e attingiu a postos honorificos.

Da administração de Bernardo de Miranda nada consta de notavel. Sabe se apenas que concorreu muito para a reconstrucção da igreja matriz do Corpo Santo. De sua vida tambem nada consta.

Entretanto, não foi elle menos ganancioso do que o seu antecessor, mettendo-se em especulações commerciaes; e absorveu-se tanto nos seus negocios particulares, que se desviou do cumprimento dos seus deveres, e se descurou immenso do bem publico confiado aos seus cuidados. Quixas amargas foram dirigidas contra elle, mas bem tarde se providenciou contra os seus desmandos.

Queixando se a Camara de Olinda de haver Bernardo de Miranda, no tempo do seu governo, comprado os couros das rezes que se mataram nos curraes da villa, por menos da metade do seu valor, contra a vontade de seus donos, ameaçando os com prisões e degredos e exercendo grande oppressão sobre os moradores, baixou o governo uma Carta Régia em 23 de Janeiro de 1671 ordenando ao seu successor que determinasse ao syndicante que lhe tirava a residencia de devassar tambem sobre os motivos da queixa.

Arbitrario e despotico, Bernardo de Miranda mandou prender na enxovia a um homem qualificado, Domingos Rodrigues Monteiro, juiz ordinario e presidente da Camara de Iguarassú, por haver ordenado a prisão do escrivão de orphãos que tinha subtrahido dinheiros do respectivo cofre e commettido outros crimes, mandando ao mesmo tempo o governador relaxar a prisão do criminoso. A Camara representou ao rei contra semelhantes arbitrariedades, e as

providencias não se fizeram esperar, reparando a Carta Regia de 28 de Janeiro de 1671 o acto de Bernardo de Miranda, e obrigando sua fazenda para pagamento do desfalque.

Teve tambem elle contestações com a Camara de Itamaracá, cujos motivos não podemos penetrar, mas do que resultou ser processado, como consta da Carta Regia de 6 de Novembro de 1671, mandando que se recolhesse ao juizo competente — «os autos que se processaram entre partes os officiaes da Camara de Itamaracá e o Governador Bernardo de Miranda Henriques, que o governador geral Alexandré de Souza Freire recolhera a si occultando-os.»

Lançando mão, sem competencia, dos quintos das entradas dos mocambos, ou quilombos de escravos, foi severamente reprehendido pele vice-rei em carta de 28 de Abril de 1669, em que disse peremptoriamente sobre o assumpto: — « *Vejo o que V. S. diz acerca dos quintos das entradas dos mocambos. V. S. sabe muito bem que só os geneˈraes tem quintos.* » — Em outra carta, datada de 20 de Setembro de 1670, fez-lhe ainda o mesmo vice-rei graves censuras pelo seu máo procedimento no governo.

Não sendo reconduzido no governo, findo o triennio da sua administração, reconducção essa que naquelle tempo importava a maior prova de confiança do soberano, entregou a gestão dos negocios da capitania a Fernão de Souza Coutinho, nomeado para o succeder, no dia 28 de Outubro de 1670, e demorando-se á espera de transporte, aqui falleceu, em dia que se ignora, como ignorado tambem era este facto. Nenhum historiador nem registro algum o menciona; mas isto consta de uma Carta Régia que em seguida a trasladamos para melhor elucidação do facto:

« Fernão de Souza Coutinho. — Eu o Principe vos envio muito saudar. Por convir ao meu serviço ter noticia da fazenda, ou effeitos pertencentes a Bernardo de Miranda Henriqués, que ahi falleceu, que se embarcarem por ordem de seus testamenteiros, ou herdeiros para este Reino, vos encommendo tenhaes particular cuidado, e vigilancia, que antes que parta dos portos de vosso governo embarcação alguma, chameis o mestre, ou capitão della, e dando-lhe juramento, mandareis fazer termo, e obrigação por elle assignada, que declare o que trouxer pertencente ao dito Bernardo de Miranda, ou seus herdeiros, e que

neste Reino não entregará aos ditos herdeiros, ou outra qualquer pessôa, a quem vier consignado, sem ordem do meu Conselho Ultramarino, e pelo mesmo Conselho me enviareis por vias, o termo e obrigação de cada mestre, ou capitão, e mandareis juntamente o traslado authentico do testamento, ou apontamentos, quando fizesse uma ou outra cousa Bernardo de Miranda, tambem por vias, o que vos hei por muito encarregado, e que esta Ordem tenhaes em segredo para dardes a sua execução a tempo de as embarcações haverem de fazer viagem para este Reina, ou seus portos desses de Pernambuco, dando-me de tudo conta, e do mais, que sobre este particular entenderdes convem a meu serviço. Escripta em Lisbôa aos 19 de Junho de 1671. — *Principe.* — Para o governador de Pernambuco. »

Sordido e avarento, recebendo de D. Affonso VI a nomeação do cargo de alcaide-mór da Bahia, Bernardo de Miranda vendeu-o depois a Francisco Telles de Menezes. E' que elle preferia o dinheiro á honras !

FERNÃO DE SOUZA COUTINHO. — A sua nomeação foi communicada á Camara do Senado de Olinda, por Carta Régia do theor seguinte :

« Officiaes da Camara da Capitanta de Pernambuco. — Por confiar de Fernão de Souza Coutinho, Fidalgo da minha Casa, por quem he, e pela satisfação que tenho de sua pessôa, que no Governo dessa Capitania me servirá como delle se deve esperar, ouve por bem de o encarregar delle, e para que melhor possa cumprir a sua obrigação vos encommendo tenhaes com elle toda a bôa correspondencia que convem, fazendo-lhe as lembranças de meu serviço, e bem commum, que vos parecerem necessarios, procedendo nisso e em tudo o mais com autoridade e respeito devido a sua pessôa e lugar. Escripta em Lisbôa a 6 de Agosto de 1670. — *Principe.* — Para os Officiaes da Camara de Pernambuco. »

A sua posse teve lugar no dia 28 de Outubro de 1670, e o seu governo se excedeu até 16 de Janeiro de 1674, quando falleceu.

Fernão de Souza Coutinho, segundo Loreto Couto, — « nasceu em Pernambuco, e foram seus avós Ambrosio de

Souza, filho natural de D. Jorge de Souza, commendador de Azambuja, na ordem de Christo, capitão-mór da armada da India, e governador da Mina, e de D. Anna Vaz; e o dito Ambrosio de Souza passando a esta provincia (Pernambuco), casou com D. Justa de Azevedo, filha de Ayres de Magalhães, e tiveram: Jorge de Souza, que foi casar ao Rio de Janeiro com D. Maria de Gallegos, de quem teve dous filhos sem estado; e Paulo de Souza, que passou a Lisbôa, e casou com D. Marianna Henriques, filha de Diogo Henriques Sodré, governador de Cabo Verde, e de sua mulher Margarida Soares, e deste matrimonio nasceu dito Fernão de Souza Coutinho. »

Tratando D. Antonio Caetano de Souza, de Fernão de Souza Coutinho, na sua *Historia Genealogica*, não assignala o lugar do seu nascimento, mas sómente o de seu pai D. Paulo de Souza, — *que nasceu no Brazil e viveu em Lisbôa*, parecendo assim que seus filhos nasceram naquella cidade. Mas Loreto Couto, que escreveu dez annos depois da publicação do volume da obra de D. Antonio, em que trata elle de Fernão de Souza, livro esse que não lhe era desconhecido, porquanto quasi que litteralmente transcreveu a noticia genealogica sobre o mesmo governador, que ahi se encontra, talvez tivesse bons fundamentos para affirmar que Fernão de Souza nasceu em Pernambuco, ainda mesmo que accidentalmente, na estada temporaria de alguma viagem que seus pais, porventura, fizessem ao Brazil.

Fernão de Souza Coutinho era militar, serviu com grande reputação na guerra da restauração de Portugal, que rompeu em 1640, foi capitão de infantaria e de cavallaria nas provincias do Alemtejo e do Minho, e depois foi promovido a tenente general de cavallaria, e a general de artilharia, — « posto que exercitou com valor e sciencia militar. »—Pelos bons serviços que prestou, teve o habito da ordem de Christo, e em 1666 uma commenda de lote de seis mil cruzados, e uma alcaidaria mór.

Nomeado governador de Pernambuco, foi-lhe dado um Regimento especial, datado de 19 de Agosto de 1670, « *para saber a forma em que se ha de haver no governo* », o que foi communicado á Camara de Olinda por Carta Régia da mesma data, a que acompanhou um traslado do mesmo Regimento, assignado pelo secretario do Conselho Ultra-

marino Manoel Barreto de S. Paio, áfim de ser registrado tanto na Camara, como na Provedoria da Fazenda Real.

Dirigindo Fernão de Souza Coutinho o governo da capitania por pouco mais de tres annos, nada consta de notavel, a não ser a installação da Casa da Moeda em 1673, para a qual deu elle o competente Regimento em 23 de Julho do mesmo anno. Sobre a sua conducta e honestidade, tambem nada consta. Entretanto, foram os seus bens confiscados, como consta da Carta Régia de 27 de Janeiro de 1678, pela qual mandou o governo da metropole entregar ditos bens a sua irmã D. Margarida Coutinho, reservando-se porém, a quantia de 564$850, que havia elle dispendido contra as ordens reaes!

Terminando o tempo do seu governo — *com grande esplendor do seu nome*, na phrase de Loreto Couto, *cujo procedimento lhe assegurava outros maiores empregos*, —esperava o seu successor para entregar a administração da capitania, quando adoeceu gravemente, e recolhendo-se ao hospicio dos padres congregados de S. Felippe Nery, em Santo Amaro de Agua Fria, nos arredores de Olinda, ahi falleceu, e foi sepultado no corpo da igreja da mesma casa, hoje em ruinas, na parte da Epistola, como se vê do seguinte epitafio gravado sobre a pedra que sellou a sua campa :

Aqui jas Fern^{do} de Sovza
Coutinho G^{or} q. foi des-
tas Capitanias de Per-
nambuco, irmão desta
Congregação do Oratorio
do Brazil. Fale-
ceu em esta casa de S.
Amaro a 16 de Jan^{ro} de
1674. Pede hv P^{e} nosso
Ave Maria pello amor de Deos.

Este epitafio foi lavrado em uma grande lage de marmore de Lisbôa, tendo no alto, em relevo, as armas de sua familia, com uma corôa de conde sobre o escudo, a qual se

conserva na sachristia da igreja de Santa Thereza, do Collegio das Orphãs, em Olinda, para onde foi removida afim de ser aproveitada como soleira, ou outra qualquer cousa, como tantas outras que tambem foram transportadas da mesma casa, para igual fim.

Felizmente escaparam duas campas de semelhante vandalismo, que ao menos alli se conservam, ainda que atiradas á um canto : — a de Fernão de Souza Coutinho, que é um bello monumento de epigraphia, pelo seu esmerado trabalho artistico, e a do Dr. Manoel Pessôa de Figueiredo que foi prelado do Rio de Janeiro, e falleceu na referida casa em 1673.

Por morte de Fernão de Souza Coutinho, assumiu ao governo da capitania uma junta governativa composta dos dous coroneis commandantes dos regimentos da guarnição de Olinda, e do presidente da Camara do Senado da mesma cidade, cujos nomes se ignoram ; os quaes governaram a capitania por poucos dias, porquanto, tendo-se terminado o triennio do governo de Souza Coutinho, já estava nomeado, e de viagem o seu successor, D. Pedro de Almeida, que chegou a Pernambuco e tomou posse do governo no dia 6 do seguinte mez do seu fallecimento.

D. Pedro de Almeida. — Tomou posse do govêrno em 6 de Fevereiro de 1674 e o dirigiu até 14 de Abril de 1678.

Da sua nomeação á sua chegada a Pernambuco e posse do governo, nota-se um periodo de mais de anno, como se vê da seguinte Carta Régia :

« Officiaes da Camara da Capitania de Pernambuco. — Eu o Principe vos envio muito saudar ; A D. Pedro de Almeida fui servido fazer mercê do governo dessa Capitania pela tempo de tres annos, como vos constará da Carta Patente que a elle lhe mandei passar, do que vos aviso para que o tenhaes entendido, e lhe dardes as noticias que julgardes, por convenientes á meu serviço, e ao bom governo dessas Capitanias, como fio do zelo de tão bons vassallos. Escripta em Lisbôa a 7 de Dezembro de 1672. — *Principe.* — *Marquez das Minas.* Para os Officiaes da Camara de Pernambuco. »

D. Pedro de Almeida era filho de D. Antonio de Almeida, commendador de Santa Maria de Lardosa, e de D. Margarida de Atayde; foi commendador de S. João de Trancoso, na ordem de Christo, capitão mór das náos da India, mestre de campo de infantaria, almirante da armada portugueza, e por seu casamento com D. Luiza Antonia de Portugal, filha herdeira de Miguel de Quadros e Tavora, provedor das Lisirias e valles do Riba Tejo, foi elle provedor das mesmas Lisirias e valles.

Nomeado governador de Pernambuco, e tomando posse do seu governo, mostrou-se D. Pedro de Almeida pouco zeloso no cumprimento dos seus deveres, e desviando-se ao ponto de tornar-se impossivel a sua permanencia no governo, viu-se a Camara de Olinda forçada a dirigir uma representação ao rei contra os seus desmandos, em Carta de 7 de Dezembro de 1675, « dando conta do seu procedimento, não guardando as ordens reaes, attendendo sómente ás suas conveniencias, fazendo estanque dos serviços, e intrometteudo-se na venda dos couros das rezes, enviando soldados aos matadouros para as tomar por menos do seu valor, contra a vontade de seus donos, prejudicando assim o respectivo contracto » ; attendendo o rei semelhante reclamação, respondeu por Carta de 27 de Novembro de 1676, « que ficava em lembrança este aviso para se tratar do negocio ao tempo da residencia do governador, visto ter acabado o seu triennio, e se lhe mandar brevemente successor, para que na dita residencia se pergunte por tudo que referiu a Camara em sua Carta, e se mandar deferir como fôr de justiça. »

Não satisfeita a Camara com aquella representação, dirigiu-se ainda ao rei em 1675, pedindo a nomeação de João Fernandes Vieira para o cargo de governador da capitania, cujos serviços e merecimentos muito exaltou, — « por ser o unico refugio nas assolações em que os punham os governadores, e de presente seria o total remedio para não ficarem perdidos e arruinados de todo, porque no caso de Jeronymo de Mendonça, como em outros muitos, tinha mostrado a experiencia que os governadores que vinham do reino não serviam mais que de destruição e descomposição dos moradores e ainda de detrimento da fazenda real, por tomarem parte nos contractos e fazerem negociações nas arrematações delles, com a notoria perda nos dizimos

e direitos, estancando os generos, de maneira que sem uzarem destes meios não podiam tirar o cabedal que vinham buscar. »

Igual representação fizeram tambem as Camaras de Itamaracá e da Parahyba, as quaes foram presentes ao Conselho Ultramarino, que deu parecer favoravel em 22 de Novembro daquelle anno, mas o rei nada resolveu.

Em 1676 de novo se dirigiram as mesmas Camaras ao rei, sendo então acompanhadas pela de Iguarassú, reiterando a sua supplica; e submettidos os papeis ao Conselho Ultramarino, devolveu-os elle ao rei em 20 de Outubro, — « para que S. M. ordenasse o que fosse mais conveniente ao seu real serviço e conservação das capitanias; » mas o rei ainda nada resolveu.

Por certo não ignorava D. Pedro de Almeida de todas essas occurrencias, procurou vingar-se da Camara de Olinda, e encontrou favoravel ensejo por occasião de uma procissão que houve naquella cidade, levantando uma questão de precedencia entre ambos, tomando acintosamente o lugar de honra, que não lhe competia; mas a Camara sem demora dá conta ao rei de todo o occorrido, e logo por Carta Régia de 18 de Julho de 1677 foi estranhado o seu procedimento, dizendo-se-lhe « que os governadores não representavam mais a pessôa do rei do que o Senado, e assim não devia resolver que na procissão não fosse o pendão, porque só quando o rei ia nellas é que deixava de ir, e nas demais começa do pendão o corpo do Senado, e assim se devia observar d'ahi em diante, advirtindo ainda ao Vigario Geral que não inquietasse os ministros contra o estylo do reino, do que não resultava indecencia alguma. » Na mesma data, e em igual theor, se escreveu ao governador.

Assim em luta os dous poderes, não cessava o governador a todo o transe de procurar humilhar a Camara; mas ella sempre altiva, e escudada no direito que lhe assistia em todas as questões, ainda uma vez recorreu ao rei contra os desmandos do governador, em Carta de 28 de Maio de 1677, reclamando contra a sua indebita intervenção na arrematação dos impostos que corriam pelo Senado, de accordo com o que dispunham as ordens reaes. Respondeu immediatamente o rei em Carta de 1 de Setembro do mesmo anno, dando as providencias necessarias, e logo

em carta de 9 do mesmo mez, communicou á Camara que havia nomeado a Ayres de Souza Castro para governador de Pernambuco, destituindo assim a D. Pedro de Almeida.

De bom do seu governo apenas consta o começo das obras de construcção da igreja cathedral de Olinda.

Ayres de Souza Castro. — Ignora-se a data da sua nomeação ; consta apenas a communicação que a respeito fez o rei a Camara de Olinda, em carta do theor seguinte :

« Officiaes da Camara da Capitania de Pernambuco. Eu o Principe, vos envio muito saudar ; A Ayres de Souza Castro fui servido fazer mercê do Governo dessa Capitania pelo tempo de tres annos, como vos constará da Carta Patente, que delle lhe mandei passar de que vos dou aviso para que o tenhaes entendido, e lhe dardes as noticias que julgardes por convenientes ao meu serviço, e ao bom governo dessa Capitania, como fio do zelo de tão bons e fieis vassallos. Escripta em Lisbôa a 9 de Setembro de 1677. — *Principe.* — *Conde de Val de Reis.* Para os Officiaes da Camara da Capitania de Pernambuco. »

Ayres de Souza Castro tomou posse do governo em 14 de Abril de 1678, e o dirigiu até o dia 11 de Janeiro de 1682.

Teve 240$000 rs. de ajuda de custa, pagos pela Provedoria Real de Pernambuco, em virtude da Provisão do Conselho Ultramarino de 25 de Dezembro de 1677.

Ayres de Souza Castro era filho de Pedro de Souza Castro, commendador do Rio Maior, Alpedrões e Arruda, na ordem de Aviz, e de D. Marianna de Noronha. Servindo no exercito, e sendo capitão de cavallos couraceiros, tomou parte na batalha do Ameixial ferida em 1663. Promovido a mestre de campo do terço de Serpa, figurou no assalto e tomada de Valença, e depois na famosa batalha de Montes Claros, que decidiu da sorte de Portugal em lutas pela sua indendencia.

Terminada a guerra, teve em recompensa dos seus serviços as commendas de Alpedrões e Rio Maior, e servia o cargo de deputado da Junta dos Tres Estados, quando foi despachado governador de Pernambuco.

No seu governo inaugurou-se a igreja cathedral de Olinda, tomando posse o seu primeiro prelado D. Estevão Brioso de Figueiredo, que fôra seu companheiro de viagem ; fundou-se a igreja e convento da Madre de Deus, no Recife, em 1681 ; e foi creada a Junta das Missões, que começou a funccionar annos depois.

D. João de Souza, seu successor no governo de Pernambuco, communicando ao rei em carta de 26 de Maio de 1682, a posse que recebera de Ayres de Souza Castro, diz que deixára elle os moradores da capitania com uma saudosa memoria dos assentos com que os governára, e aos seus successores o mais conveniente exemplo para o imitarem, porque no real serviço e no cuidado com que attendia ás execuções de satisfazel-o acreditára bem o seu grande zelo, deixando no pouco tempo que por sua conta correra a administração das fortificações, o de S. Thiago das Cinco Pontas quasi acabado, e o de S. João do Brum, a parte mais essencial para a defeza do porto ; e que a de Tamandaré, como havia poucos dias que se lhe dera principio, não era muito o que nella se obrara ; e do mesmo modo fôra muito o que Ayres de Souza fizera em prejuizo dos negros dos Palmares, e utilidade das capitanias, reduzindo-os de poderosos em que os achara a differente estado em que se viam, destruidos, por morrerem os maiores cabeças na ultima guerra que em 1681 lhes mandou fazer, não sem dispendio de sua propria fazenda, porque só fizera interesse de desestimal-a.

Ayres de Souza Castro falleceu em Portugal a 5 de Novembro de 1699.

D. João de Souza. — Recebendo a sua nomeação de governador da capitania, lavrada por decreto de 6 de Novembro de 1681, e communicada logo á Camara de Olinda por carta do dia seguinte, partiu sem demora para Pernambuco, onde chegou nos primeiros dias de Janeiro de 1682, tomou posse do governo no dia 11 do mesmo mez, e o dirigiu até 13 de Maio de 1685.

Todos os historiadores, sem indicação de documento preciso, dão a posse de D. João de Souza a 21 de Janeiro, mas nós firmamos o dia que assignalamos, 11 do mesmo

mez, por constar de uma carta sua dirigida ao rei em 26 de Maio do mesmo anno — *dando conta a S. A. que em 11 de Janeiro lhe dera posse do governo Ayres de Souza Castro*, seu antecessor, documento authentico e que consta das consultas do Conselho Ultramarino de 1682.

Teve 240$000 rs. de ajuda de custa, pagos pela Provedoria Real de Pernambuco.

D. João de Souza era filho de D. Francisco de Souza, primeiro Marquez das Minas, senhor das villas do Prado e Beringel, commendador da Ordem de Christo, gentil homem da camara do principe D. Theodosio e veador da casa real, e de sua mulher D. Felippa de Noronha, filha de D. Fernando de Mascarenhas, conde da Torre, que fôra governador geral do Brazil.

D. João de Souza seguiu a carreira militar, chegou ao posto de general de artilharia, foi governador das armas da provincia do Minho, e fez parte de uma embaixada portugueza enviada á côrte de Roma, em companhia de seu pai. Teve depois o cargo de veador do rei D. Pedro II, e foi commendador de Santa Maria da villa de Prado, e de Santa Maria de Villa Franca, na Ordem de Christo.

Era irmão de D. Antonio Luiz de Souza Tello e Menezes, segundo Marquez das Minas, que ao tempo do seu governo em Pernambuco, dirigia o cargo de governador geral do Brazil.

Nada consta que desabone a conducta deste governador, que aliás, na phrase de Rocha Pitta, fez um governo plausivel. O autor do manuscripto *Revoluções do Brazil*, diz que elle governou pacificamente.

Loreto Couto escreveu sobre o seu caracter e o seu governo, o seguinte :

« De todas as virtudes foi deposito o seu coração, administrando com tal rectidão a justiça, que nunca deixou o merecimento queixoso, nem o crime impunivel. Em tudo que era de seu cargo se empregava com grande actividade, e não menos desinteresse. No expediente dos despachos foi promptissimo, ouvia a todos sem difficuldade da entrada porque a todos se franqueava em audiencia, sem mais tempo, que a necessidade dos pretendentes. Esta facilidade de ouvir, despachar, ou desenganar os pretendentes, unida á affabilidade e amor com que tratava os

subditos, concilion um universal amor no povo; e para que ficasse a todas as idades recommendavel a sua memoria, os officiaes da Camara de Olinda o mandaram retratar. »

Consoante á tão honrosos juizos, é uma representação que a nobreza de Pernambuco dirigiu ao rei *pedindo-lhe fosse servido provogar mais tempo ao governador D. João de Souza*, o que foi corroborado por uma carta especial sobre o assumpto, escripta ao rei em 6 de Julho de 1684 pelo capitão-mór João do Rego Barros provedor da fazenda real, por não ter assignado a mencionada representação, o que fazia então por entender lhe occorria obrigação pelo cargo que exercia, de representar tambem a S. M. — « o muito que convinha ao augmento da sua real fazenda que o dito D. João de Souza continuasse no mesmo governo, assim porque emquanto o serviu não fez violencia alguma, como por applicar todos os meios que lhe pareciam uteis a que ella crecesse, como se tinha experimentado, e de presente na arrematação dos contractos, e para que servisse de exemplo aos governadores que lhe succedessem devia ser conservado por obediencia e força, assim como do contrario era bem merecido o castigo aos que o não imitassem. » — Não attendeu o rei, porem, a taes pedidos e findo o tempo do governo do honrado administrador despachou logo o seu substituto.

O governador D. João de Souza representou ainda no seu paiz importante papel pela sua elevada posição social, e falleceu aos 6 de Fevereiro de 1703 no desempenho do cargo de governador das armas da provincia do Minho, com a patente de general de artilharia.

JOÃO DA CUNHA SOUTO MAIOR. — A sua nomeação de governador foi communicada a Camara de Olinda por Carta Régia de 19 de Fevereiro de 1685, e tomou elle posse do governo da capitania em 13 de Maio do mesmo anno, e o dirigiu até 29 de Junho de 1688.

Teve 240$000 rs. de ajuda de custo pagos pela Provedoria da Fazenda Real de Pernambuco, em virtude da Provisão do Conselho Ultramarino de 9 de Novembro de 1685.

João da Cunha Souto Maior era fidalgo da casa real, conselheiro do rei e commendador de S. Mamede de Trovisco, na Ordem de Christo. Nasceu em Vianna, e era filho de Pedro da Cunha Souto Maior.

Este governador, como refere Fernandes Gama, começou o seu governo vexando o povo com violencias inauditas. Poucas foram as pessôas publicas, e ainda particulares que escaparam das suas violencias. O proprio ouvidor geral da capitania, o Dr. Dionisio de Avila Vareiro, que foi depois desembargador da Relação da Bahia, se não fugisse, por ser avisado, teria gemido, como muitos outros, em uma horrivel masmorra. Attribuia-se este procedimento infame do governador Souto Maior á influencia de dous filhos seus, de idade juvenil, que dominavam seu fraco pai, e que para satisfazerem paixões brutaes, e a sua desmedida avareza, a nada attendiam. Os queixosos recorreram para o Marquez das Minas, governador geral do Brazil, o qual não só mandou soltar os presos, como reprehendeu asperamente a Souto Maior, e o ameaçou de de lhe tirar o governo, se continuasse em seus desvarios; ameaça esta que produziu algum effeito, porque dahi por diante absteve-se elle de tantos escandalos, mas nem por isso a sua memoria deixou de ser aborrecida em Pernambuco.

Escandaloso e sem escrupulos, querendo beneficiar a um criado de sua casa, mandou dar baixa ao alferes do terço de infantaria do Recife Antonio de Quadros Sarmento, e prover na vaga do posto que arbitrariamente abriu ao referido criado. Recorrendo o alferes ao ouvidor geral, logo que o governador teve conhecimento do seu recurso o mandou prender em uma enxovia, carregado de ferros, onde esteve por mais de um anno!

Recobrando o alferes a sua liberdade, recorreu ao governador geral contra o esbulho do seu posto, obteve provimento, mas Souto Maior não o attendeu, e quiz de novo prender ao recorrente, que sómente muito tempo depois, quando já havia elle deixado o governo, é que teve reparação da offensa que recebera, em virtude de recurso á corôa, mandando-se-lhe por Carta Régia de 31 de Janeiro de 1688 restituir o seu posto, *injusta e violentamente privado delle*.

Entregando-se sem rebuços á especulações commerciaes, valendo-se para isso das vantagens do cargo, tinha até um correspondente em Lisbôa, a quem remettia os generos de sua mercancia, como se vê da Carta Régia de 24 de Janeiro de 1691; mas os seus bens foram sequestrados logo que elle deixou o governo, e por Carta Régia de 19 de Março de 1690 se ordenou que fossem todos elles embarcados para Lisbôa!

Das arbitrariedades de Souto Maior refere-se o governador geral Mathias da Cunha em uma carta que escreveu aos officiaes da Camara da villa de Serinhãem em 8 de Outubro de 1687, assim como na que dirigiu ao seu successor Fernão Cabral, em que diz: — «.... me antecipei... a dar a V. S. o parabem da sua chegada, estimando que haja sido com felicissima viagem, e com tam bôa saúde como o desejo com que considero a V. S. suspirado desses povos: para que com a sua presença emende as perturbações seculares e religiosas que nessa Capitania se tem padecido com não pequena inquietação do serviço de S. M., e socego publico, mas com a prudencia de V. S. se converteram aquellas distrações em acertos, e os desassocegos em felicidades.»

No tempo do governador João da Cunha Souto Maior fundaram-se os conventos de Santa Thereza de Olinda, o de N. S. do Carmo do Recife, e a igreja e hospital de Nossa Senhora do Paraizo e S. João de Deus; grassou na capitania uma grande epidemia que ceifou milhares de vidas, e em 1687 teve lugar uma horrivel scena de sangue que se deu em um dos engenhos da freguezia da Varzea, cujo facto é assim narrado por um contemporaneo, o historiador Rocha Pitta:

« Neste anno foi degolado no Terreiro da Bahia o coronel Fernão Bezerra Barbalho, morador e natural da provincia de Pernambuco, e uma das pessôas da nobreza della, por matar no seu engenho da Varzea injustamente, e sem mais causa que uma suspeita cega, a sua esposa e tres filhas havidas della, escapando outra, que por mais pequena, escondera uma escrava, correndo com ella, sem ser vista, para a casa de um morador visinho daquelle engenho. Foi companheiro de Fernão Bezerra nesta crueldade seu filho primogenito, matricida e fratricida de sua mesma mãi e irmãis, e sabendo esconder-se e retirar-se melhor

que seu pai, só este foi preso; remettido depois com a devassa á Bahia, pagou em um cadafalso os delictos de ambos, sem poder a compaixão (que moviam os seus muitos annos e cães) naquelle espectaculo moderar o sentimento e magoa das innocente vidas que tirara, pelas notorias virtudes daquellas tão honradas, como infelizes mulheres. »

Fernão Cabral. — A sua nomeação foi communicada ao Senado de Olinda por carta do theor seguinte:

« Officiaes da Camara da villa de Olinda. — Eu El-Rey vos envio muito saudar. A Fernão Cabral fui servido fazer mercê do Governo dessa Capitania, como vos constará da Carta Patente que lhe mandei passar, de que vos aviso, para que o tenhaes entendido, e lhe dar as noticias, que julgardes por convenientes ao meu serviço e ao bom Governo dessa Capitania, como o fio do zelo de tão bons vassallos. Escripta em Lisbôa a 2 de Abril de 1688. *Rey. —Conde de Val de Reys.*—Para os Officiaes da Camara da villa de Olinda. »

Por Provisão do Conselho Ultramarino de 4 de Maio de 1688 teve 240$000 de ajuda de custo, que foram pagos em Pernambuco.

Fernão Cabral tomou posse do governo da capitania no dia 29 de Junho de 1688, na igreja Cathedral de Olinda e apenas o dirigiu por pouco mais de dous mezes, até 8 de Setembro, quando falleceu, victima de uma terrivel epidemia que então grassava em Pernambuco. Da mesma molestia já havia elle perdido um filho, de cuja morte deu-lhe pesames o governador geral Mathias da Cunha, em carta de 4 de Setembro, que chegou quando tambem elle já havia fallecido.

A data que damos do seu fallecimento, 8 de Setembro, consta de uma carta que o provedor da fazenda real João do Rego Barros escreveu ao rei em 23 do mesmo mez.

Sentindo-se Fernão Cabral accommettido da molestia reinante, e não havendo na capitania ordem alguma da metropole sobre a successão do governo, no caso de vacancia, mandou lavrar pelo seu secretario um papel de nomeação, que assignou designando para o substituir no

governo, caso fallecesse, ao bispo diocesano, ao mestre de campo Zenobio Accioly de Vasconcellos, e ao juiz mais velho da Camara do Senado de Olinda.

Aggravando-se porém a terrivel molestia que atacou o governador, falleceu elle no referido dia, e foi sepultado na igreja do Collegio dos Jesuitas do Recife.

Do curto governo de Fernão Cabral, de pouco mais de dous mezes, apenas, nada consta. Era elle descendente do lendario almirante Pedro Alvares Cabral, senhor de Azurara, alcaide mór da villa de Belmonte, e almotacel-mór do reino; e filho de Nuno Fernandes, de quem herdara os titulos e senhorios que possuia, e de sua mulher D. Margarida de Menezes.

D. Mathias de Figueiredo e Mello, governador interino. — Fallecendo o governador Fernão Cabral, e conhecida a designação que fizera de um triunvirato composto do bispo diocesano D. Mathias de Figueiredo e Mello, do mestre do campo Zenobio Accioli de Vasconcellos e do vereador mais velho da Camara do Senado de Olinda, para assumir o governo da capitania, caso fallecesse da molestia que o accommettera, resolução esta que tomou elle quando sentiu os primeiros symptomas da terrivel enfermidade que o levou á sepultura, por não existir ordem régia alguma sobre a successão do governo, oppoz-se tenazmente a Camara ao seu cumprimento, protestando caber-lhe o direito exclusivo de tomar conta ella só do governo da capitania, e não simplesmente um de seus membros, de parceria com as pessôas designadas pelo fallecido governador.

A questão se prolongou por alguns dias, mantendo a Camara tenazmente o seu proposito, até que se resolveu, —*para quietação e socego dos povos, que sómente o bispo assumisse ao governo, emquanto se dava conta a S. M. e ao governador geral do occorrido.*—O bispo, por sua vez, relutou em tomar posse, elle só, do governo, até que depois de cinco longos dias de lutas e de empenhos, se resolveu elle a ceder á deliberação da Camara, tomando posse do governo no dia 13 de Setembro de 1688.

Immediatamente communicou o bispo ao governador geral Mathias da Cunha, a occurrencia da morte de Fernão Cabral, e a sua investidura no governo da capitania, o que foi approvado pelo referido governador, que em carta datada de 27 de Setembro, dirigida ao bispo, permittiu que governasse elle sem adjuntos, *porque a sua prudencia e zelo os escusava*, fazendo depois referencia ao precedente do governo interino de André Vidal de Negreiros *que não teve adjuntos*.

Todas as occurrencias que então se deram sobre a successão do governo, constão de uma minuciosa carta escripta ao rei pelo provedor da fazenda real João do Rego Barros, em 23 de Setembro do mesmo anno, e de uma outra do mestre de campo Zenobio Accioli de Vasconcellos, em 20; as quaes transmittidas ao Conselho Ultramarino, foi seu parecer, lavrado em 23 de Dezembro, — « que para se evitar pelo tempo adiante estas dissenções nas conquistas sobre quem devia governar, na falta e morte de qualquer governador, se devia S. M. servir que da mesma maneira que se praticava na India as vias de successão, se houvesse de observar nos governos das mais capitanias das outras conquistas » ; —porém o rei nada resolveu.

Tempo depois, na perspectiva de igual acontecimento escreveram os Officiaes da Camara de Olinda uma carta ao rei, em 12 de Julho de 1690, expondo a contestação que tiveram sobre a entrega do governo ás pessôas designadas pelo governador, e que — « por escusarem duvidas entregaram o governo ao bispo D. Mathias de Figueiredo e Mello, como já os seus antecessores tinham representado a S. M. que não foi servido mandar resolver o que se havia de observar em semelhantes casos de successão de governo faltando o governador, e assim de novo pediam a S. M. lhes mandasse deferir, porque estiveram com o risco de terem a mesma duvida na perigosa doença do governador Antonio Felix Machado, que estivera no ultimo da vida. »

Levada a representação da Camara ao Conselho Ultramarino, foi este de parecer que se devia attender, baixando então a Resolucão de 31 de Outubro do mesmo anno, mandando que se enviasse as vias de successão do governo.

No governo civil da capitania, mostrou-se o bispo D. Mathias tão exacto e desinteressado como era no do seu elevado ministerio ecclesiastico, e foi tão escrupuloso, que até deixou de receber os vencimentos de governador a que tinha direito.

Do seu governo, que se prolongou por quasi oito mezes nada consta de notavel, a não ser um unico facto que chegou aos nossos dias pelo muito que deu que fallar.

Mandando D. Mathias affixar editaes prohibindo que na cidade de Olinda entrasse pessôa alguma com armas, succedeu que o coronel Francisco Berenguer de Andrada, um dos homens mais notaveis da terra, não só pela sua familia como pela sua fortuna, e cunhado de João Fernandes Vieira, ou por ignorancia, ou por imprudencia não observasse aquella ordem. Mas apezar de todos aquelles predicados não ficou elle sem castigo, porquanto o bispo expediu immediatamente ordem para o prender. Logo, porem, que o delinquente teve conhecimento daquella ordem, refugiou-se no Collegio dos Padres Jesuitas da cidade, cuja immunidade o protegia ; porém o bispo mandou intimir ao reitor a sua entrega, e não sendo obedecido, mandou immediatamente pôr o Collegio em cerco, e effectuou não só a prisão do coronel Francisco Berenguer, como tambem a dos padres que se oppuzeram á sua entrega.

Logo que o Padre Antonio Vieira, Provincial dos Jesuitas, teve noticia desse facto, que tanto escandalisára os padres da Companhia, expediu immediatamente um religioso no caracter de visitador dos Collegios de Pernambuco, e escreveu uma carta ao bispo, que aqui a consignamos não só como um primor de estylo e polidez, como ainda por ser um documento desconhecido, e que attesta a politica e habilidade com que os Jesuitas sabião conduzir todos os seus negocios.

« Illm. e Rvm. Sr. — Chegou o correio de Pernambuco com excepção não esperada ; porque me faltou a costumada mercê e honra da carta de Vossa Illustrissima. Outras muitas me entregou o mesmo correio, posto que tardes, em todas as quaes leio uma novidade tão alhei do favor de Vossa Illustrissima para com os Religiosos da Companhia, como do particularissimo cuidado, com que todos elles procuram sempre no serviço de Vossa Illustris-

sima o mesmo favor e honra, com que os costumão tratar os principes ecclesiasticos e seculares em toda a christandade.

« E porque a comminação com que se escreve, mandou Vossa Illustrissima lh'os levassem presos com o delinquente, que se havia recolhido ao Collegio, não foi com o nome de Padres, senão com o diminutivo deste mesmo nome, remetto nesta occasião por visitador para todos os que temos na diocese de Vossa Illustrissima, um Padre, ou um homem tão grave, que já era reputado por tal em Roma quando nella o conheci em seus primeiros annos, e lá estaria hoje occupado nos primeiros lugares da Religião, se o seu zelo da salvação das almas o não trouxera ao Brazil, deixando e pisando tudo o que é menos.

« Os poderes e ordens que leva minhas são, que em qualquer cousa minima que os Religiosos desses dous Collegios hajão faltado ao respeito e decoro devido ao Sr. Bispo Governador, debaixo de qualquer destes titulos, dê inteira satisfação, e publica, a Vossa Illustrissima. E porque da parte dos Padres consta, que em recolher e não entregar o delinquente na primeira instancia, não só procederam conforme os privilegios que temos dos Summos Pontifices, senão tambem conforme as ordenações reaes; requerendo o Padre Reitor que primeiro se averiguasse, se lhe valia ou não a immunidade de lugar; e parecendo a cortezia e termos tão proprios da Religião e modestia do Padre Pedro Dias, tambem leva commissão minha o dito Padre visitador para alcançar de Vossa Illustrissima seja servido por sua benignidade e justiça, de julgar por justificados os ditos procedimentos, e restituir á Companhia tão affrontada o seu credito com a mesma publicidade, com que foram publicas as suas affrontas.

« Desta maneira, Senhor, os mesmos poderes e dobrada autoridade de Vossa Illustrissima, socegarão facilmente uma tempestade accidental, que tanto nos tem descomposto a nós e alterado esse povo; e substituido tudo a antiga serenidade, se trocarão as queixas em acções de graças; e todos com o mesmo affecto (em que não houve mudança) nos empregaremos em servir a Vossa Illustrissima, não só quanto a primeira e perpetua dignidade, senão tambem quanto a esta segunda, que não imprime caracter.

« Vossa Illustrissima goze por muitos annos todas as felicidades de que é dignissimo. E Deus guarde a Reverendissima e Illustrissima pessôa de Vossa Illustrissima, com a Santa Igreja, e os capellães e criados de Vossa Illustrissima havemos mister. Bahia 12 de Abril de 1689.

« Devotissimo capellão de Vossa Illustrissima — *Antonio Vieira.* »

Do resultado desta questão que tanto magoára os Jesuitas nada consta, mas tendo-se em consideração o caracter e altivez do bispo, é de presumir que elle não désse a publica satisfação que tão habilmente lhe ensinuára o Padre Antonio Vieira.

O bispo D. Mathias de Figueiredo e Mello dirigiu o governo da capitania até o dia 25 de Maio de 1689, quando o entregou ao governador nomeado.

Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho. —Nomeado por Patente de 12 de Março de 1689, foi este acto communicado a Camara do Senado de Olinda por Carta Regia da mesma data, expedindo-se ainda no mesmo dia uma outra Carta Regia, augmentando o soldo que tinha de perceber no que faltasse para completar 4,500 cruzados por anno, para cuja despeza foi ordenada uma imposição de 100 réis sobre cada couro grande e de 50 réis sobre os pequenos, entrando a Camara com o que faltasse se por ventura não chegasse aquelle imposto para satisfazer a despeza decretada, de sorte que não só o governador nomeado, como ainda os seus successores, percebessem annualmente de vencimentos quatro mil e quinhentos cruzados (1:800$000). Esta determinação foi tomada por haver sido prohibido aos governadores todo o genero de commercio, e *por parecer justo que se lhes augmentasse o soldo, de sorte que decentemente se podessem sustentar*. Alem daquella vantagem, teve mais 240$000 de ajuda de custo, pagos pela Provedoria da Fazenda Real de Pernambuco, em virtude de uma Provisão do Conselho Ultramarino de 14 do mesmo mez e anno.

Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho tomou posse do governo em 25 de Março de 1689, e administrou a capitania até 5 de Junho de 1690.

Do seu governo nada consta de notavel, mas pelos seus antecedentes, e pelas distincções que posteriormente lhe foram conferidas, é de crer que governasse com honestidade e empenho do bem publico. Rocha Pitta diz que elle era insigne em muitos attributos e virtudes, vigilante no serviço real, inteiro na administração da justiça e no castigo dos delinquentes, e admiravel na independencia de todo o genero de interesse; virtudes estas que o distinguira nos cargos que lhe coube desempenhar.

O Padre Antonio Vieira, dirigindo-lhe da Bahia uma bella carta de parabens pela sua feliz viagem e chegada a venturosa terra de Pernambuco, tece-lhe grandes elogios, dizendo que á sua eleição,—« logo a fama trouxe a noticia de que a Divina Providencia tinha enriquecido a sua alma de todas aquellas virtudes, de que os governadores do Brazil devem ser dotados para o conservarem a elle, e não se perderem a si. »

Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho ou *Antonio Luiz Coutinho da Camara*, segundo D. Antonio C. de Souza, nasceu no anno de 1638, e era filho de Ambrozio de Aguiar Coutinho e Camara, senhor da capitania do Espirito Santo no estado do Brazil, e de sua segunda mulher D. Felippa de Menezes. Admittido no serviço do paço em 1657, assentou praça depois, foi servir nas fronteiras do Alemtejo, e tomou parte na recuperação da praça de Evora, no ataque do forte de S. Bartholomeu, e no assalto de Santo Antonio, e em muitos outros feitos; e alem desses serviços pessoaes distinctamente prestados, manteve elle ás suas expensas os seus criados e cavallos, e por tudo isso teve postos successivos, até o de capitão de mar e guerra.

Nomeado governador e capitão general de Pernambuco, foi distinguido posteriormente com o despacho de governador geral do estado do Brazil, de cujo governo tomou posse em 10 de Outubro de 1690, e se conservou até 22 de Maio de 1694; e tão bôa copia deu de si, que findo o seu tempo, a Camara da cidade da Bahia se dirigiu ao rei em carta de 14 de Julho de 1692, solicitando a sua reconducção, o que aliás, não conseguio.

Partindo da Bahia para Portugal, em 1694, poucos annos depois recebeu Camara Coutinho a nomeação de vice-rei da India, por Carta Regia de 11 de Dezembro de 1697, partiu de Lisbôa em 25 de Março de 1698, chegou ao porto de Gôa em 14 de Setembro, a 20 tomou posse do governo na igreja dos Reis Magos, e a 4 de Outubro fez a sua entrada solemne na cidade.

Camara Coutinho dirigiu o vice-reinado da India até 17 de Setembro de 1701, e permaneceu em Gôa até Janeiro de 1702, quando embarcou para Portugal, tendo resignado o cargo em virtude de desconsideração que recebeu do governo da metropole, que o levou á semelhante acto.

Já adiantado em annos e doente, aggravaram-se os seus padecimentos na viagem, e arribando á Bahia ahi falleceu, no palacio do governo em que se hospedara, e foi sepultado com sumptuosa pompa na igreja do Collegio dos Jesuitas. Existe o seu retrato, «tirado por bom artista», no palacio do governo em Pangim, tendo por baixo esta legenda — « *O V. Rey Antonio Lviz Gonçalves da Camara Coutinho, Almotacel-mór do Reino succedev ao V. Rey D. Pedro Antonio de Noronha Conde de Villa Verde em 27 de Setembro de 1698 governou até 17 de Setembro de 1701.* »

Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho foi donatario da capitania do Espirito Santo, no Brazil, que herdára de seus pais, descendentes do seu primeiro donatario Vasco Fernandes Coutinho ; mas resolvendo-se passar a sua posse, obteve o competente Alvará de licença lavrado em 6 de Junho de 1674, e effectuou a transacção com o coronel Francisco Gil de Araujo, pela quantia de 40,000 cruzados, (16:000$000).

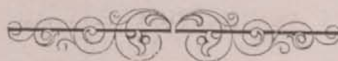
Foi almotacel-mór do reino, conselheiro de estado por Carta Regia de 12 de Novembro de 1690, fidalgo da casa real, cavalleiro de Christo e commendador das commendas de S. Miguel de Babadella, S. Thiago de Ronfe, e S. Salvador de Maiorca, da Ordem de Christo.

D. Antonio Caetano de Souza, dando noticia sua, e concluindo-a com a enumeração dos titulos que possuira, e dos cargos que exercera, accrescenta : — « Todos estes lugares administrou com grande justiça, inteireza e notavel desinteresse, virtude, que praticou toda a sua vida, que acabou, vindo da India, mais cortado das sem razões,

com que offenderam o seu brio e pondunor, que sempre conservou illeso, do que por effeito dos annos, e dos achaques: morreu no anno de 1702, tão cheio de merecimentos como de desgostos. »

(Continúa.)

F. A. PEREIRA DA COSTA.



Pernambuco

QUAL A SUA VERDADEIRA ORTHOGRAPHIA E A SUA ETYMOLOGIA CORRESPONDENTE ?

PERNAMBUCO. — ......de este Pernambuco, vel proprio vocabulo, pernambuc (q quer dizer *mar furado* na lingoa do gentio). RUY PEREIRA. —*Carta que escreveu do Brazil para os padres da Companhia de Jesus em Portugal a 6 de Abril de 1561.*—Mss. da Bibl. Nac.

PERNAMBUCO. — Este porto que se diz de Pernambuco por uma pedra que junto delle está furada no mar, que quer dizer pela lingoa do gentio, *Mar furado.* GABRIEL SOARES. — *Tratado descriptivo do Brazil em 1587*, pp. 34.

PARANAMBUCO. — ....

Em o meyo desta obra alpestre e dura,
Hua boca rompeo o Mar inchado,
Que na lingoa dos barbaros escura,
Paranambuco, de todos he chamado,
De Paraná, que é Mar, Puca rotura,
Feyta com furia desse Mar salgado,
Que sem no derivar, commetter mingoa,
Coua do Mar, se chama em nossa lingoa.

BENTO TEIXEIRA. — *Prosopopeia.* (1601.)

PERNAMBUCO. — ..... .e chama-se de Pernambuco (esta Capitania), que quer dizer *mar furado*, por respeito de huma pedra furada, por onde o mar entra, a qual está vindo da ilha de Tamaracá,...... FR. VICENTE DO SALVADOR. — *Hist. do Brasil* (1627), pp. 45.

PERNAMBUCO. — ......no porto, a que os indios chamão Paranambuca, e nós com pouca corrupção Pernambuco. VASCONCELLOS. — *Chronica da Comp. de Jesus do Est. do Brazil* (1663), liv. I, n. 100.

PERNAMBUCO. — Facilitava a saca, e commutação das fazendas, a grande commodidade do porto, que alli faz o mar, abrindo a natureza em uma dilatada corda de serrania, ou rochedo, que mettido pelo mar cinge muita distancia de terra, uma abertura, á qual os naturaes chamão Pernambuco, que em sua lingua é o mesmo que pedra furada, ou buraco, que fez o mar, de que se forma a garganta da barra....... Fr. RAPHAEL DE JESUS.— *Castrioto Lusitano* (1679) pp.

PERNAMBUCO. — Este nome *Pernambuco*, derivado ou corrupção de *Paranãbuca*, com que os Cahetés designavam o Porto. CAZAL. — *Corogr. Braz.* tomo II (1817), pp. 170.

PERNAMBUCO. — A provincia de Paránambuco, ou Paránábuca, vulgarmente Parnambuco, que quer dizer *Pedra* ou *Mar Furado* (como chamávam os Indios Caytés, seus primeiros povoadores)........... PIZARRO. —*Mem. hist. do Rio de Janeiro*, tom. VIII (1822), pp. 84.

PERNAMBUCO. — Pernambuco he corrupção de *Paraná buca*, que na lingua dos Cahetés significa *excavado pelo mar*. CONSTANCIO. — *Hist. do Brazil* (1839), tom. I, pp. 112, nota.

PERNAMBUCO. — Fundadas as villas de Iguarassú, e Olinda, denominou Coelho o Paiz que lhe foi doado — *Nova Lusitania* —, mas como os indigenas chamavam á barra —*Pêrá-Nambuco*, (que quer dizer *Pedra furada* ou *buraco*) em allusão á fenda pela qual entram os navios, prevaleceu este nome indigena, ao que lhe quiz dar o Donatario; mas *por Euphonia* (!) esta Provincia ficou chamando-se Pernambuco. FERNANDES GAMA. — *Mem. hist. de Pernambuco*, tom. I (1844), pp. 97.

PERNAMBUCO. — Cujo nome querem alguns autores que seja derivado de *Paranabuca*, palavra do idioma dos Indios Cahetés, que estavam de posse deste paiz no tempo em que foi descoberto, a qual significava *Rochedo cavado das aguas do rio ou do mar*. M. DE SAINT-ADOLPHE. — *Dicc. geogr. do Brazil*, tom. II (1845), pp. 283.

PERNAMBUCO. — Paraná-búca *Bôca do mar*. Provincia do Brazil. Os Tupinambás usavam de vocabulos nossos, umas vezes por necessidade, outras sem necessidade alguma ; como se vê na palavra bôca, que umas vezes diziam *jurú*, outras *búca* : e daqui vem talvez o chamar-se ainda hoje no Maranhão ao cabaço ou cuia de boca estreita *cuiam-búca* ou *bukecuia*. PRAZERES MARANHÃO (FR. FRANC. DOS). — *Collecção de etymologias brazilicas*. — Na *Revista Trimensal* do Inst. hist. do Brazil, tomo VIII (1846), pp. 78.

PERNAMBUCO, não vem de Paraná-búca, nem significa, boca do mar ; porem vem de Pará-nã, rio, e de Mbucú ou Pucú, largo, longo ; significando, Rio largo ou longo ou comprido. Os conhecimentos hydrographicos eram apenas rudimentaes n'um povo infante e não admira que a linguagem se resinta desse estado de cousas : á uma parte da Bahia do Rio de Janeiro davam o nome de Paranã-pucú-i : cujo nome estendia-se á ilha, que ao depois chamou-se do Maracaya-guaçú ou do Gato ; depois dos Sete Engenhos ; e afinal do Governador, por ter sido de Salvador Correia de Sá : pode-se portanto na falta de precisos conhecimentos do objecto á que se ligava o nome de Pernambuco, traduzir tambem por *mar largo*. — MALTA (IGNACIO JOSÉ). — *Breves reparos sobre algumas etymologias de nomes brasis, offerecidas ao Inst. Hist. pelo rev. p. fr. Francisco dos Prazeres*. — Na *Corographia hist.* do Dr. Mello Moraes, tom. II (1859), pp. 254.

PARANÁMBUCO. — Em nosso entender foi essa feitoria a que, segundo se deduz das mais antigas narrações, primeiro se chamou Paranámbuco, nome composto de dous (Paraná, mar, e Mbô ou Mbuk, braço), que na lingua dos Indios não querem dizer mais que *Braço de mar*. — VARNHAGEM. — *Hist. ger. do Brazil*, 1ª ed. tom. I (1854), pp. 38.

PERNAMBUCO, *Paranabucá parana* mar, *por* arrebentado, *mar cavando os rochedos*. Oceanus per scopulos *(Recife)* irrumpens. — MARTIUS. — *Glòs. ling. bras.* (1863), pp. 520.

PERNAMBUCO. — Ao sul extendiam-se os negros arrecifes, que formam, abrindo passagem ás aguas doces, a foz do Capibaribe. (Deste accidente da natureza proveio o nome da provincia de Pernambgco. *Pera-nambuco*, pedra furada). — OSCAR JAGOANHARO.—*Contos brazileiros* (1868), pp. 111.

PERNAMBUCO. – O rio Igarassú, com a foz formada pela ilha de Itamaracá, era o limite da capitania de Duarte Coelho Pereira, que chamou á sua doação—*Nova Lusitania*; mas prevaleceu o nome de Pernambuco, corruptéla de *Paranapuc* ou *Paranapucu*, furo ou lingoa de mar.

Prevaleceu o nome de Pernambuco porque o porto de Olinda tambem se chamava —*de Pernambuco*, cujo nome vinha da foz ou lingua de mar que sae ao Oceano, como um escoadouro do rio Capibaribe. He o pequeno esteiro chamado *mosqueiro*, onde ancoram em Pernambuco os navios de menos-calado, e que é formado pela muralha de pedra do Recife e o isthmo que liga esta cidade á de Olinda.

Pelo contrario em Itamaracá o nome do *rio de Pernambuco* perdeu-se, porque D. João III por carta régia de 1 de Setembro de 1534, mudou o nome rio ou esteiro que cerca Itamaracá em *rio de Santa Cruz*.

Ainda neste ponto o estudo do territorio do Rio Grande do Norte veio dar-nos a explicação do termo *Pernambuco* que Gabriel Soares pretende que seja —*mar furado*, quando outra he a idéa. O desagoadouro da lagôa Groahiras no Rio Grande do Norte se chamou — *Pernambuquinho*, e porque razão? Porque os indigenas o chamavam *Paranapuc* ou *Paranápucú*, como se póde ver no mappa desse territorio na obra de Campos Moreno —*Livro da razão d'Estado*.

Parece que outr'ora na foz desse desagoadouro havia uma aldêa com o mesmo nome, que depois se mudou mais para o Sul, onde presentemente se acha. Hoje esse desagoadouro chama-se rio Camoropim. —ALMEIDA (C. M. DE) —*Memorias do Maranhão*, tomo II, (1874), pp. LXVIII.

PERNAMBUCO, parece que se fórma de duas palavras da lingoa geral —*paraná* (rio) e *poka* (quebrar). Agua quebrando ou arrebentando na pedra ou quebra-mar.

A gente do povo ainda diz Parnambuco, que tem muita semelhança com *Paranam-buco*. — Souza (Conego Franc. Bernardino de). — *Commissão do Madeira, Pará e Amazonas*, 1ª Parte, (1874), pp. 4, nota (1).

As interpretações de *Pernambuco*, constantes das citações transcriptas, são: mar furado, cova do mar, pedra ou mar furado, excavado pelo mar, pedra furada ou buraco, rochedo cavado das aguas, bocca do mar, rio largo ou longo ou comprido, braço de mar, mar cavando os rochedos, pedra furada, furo ou lingua do mar.

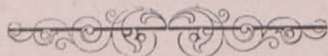
A verdadeira significação de *paranã* é «rio grande» Em Montoya lemos expressamente: *paranã* dizen á algunos rios grandes, parientes del mar. Decompondo-se a voz tem-se *pará* «mar» semelhante, portanto *paranã* «semelhante á mar» isto é, «rio grande».

O verbo *mbug-púg* significa rebentar com quasi todos os sentidos que tem esse verbo neutro em portuguez. Si considerar-se «rebentar» verbo activo, o seu correspondente na lingua geral será *mbo-pug*.

Na lingua geral o infinitivo do verbo serve tambem de substantivo; portanto *púka-mbúka* quer dizer «rebentação». Afinal *paránamhuka* será «rebentação do rio grande» designando se pelo nome «rio grande» — *paranã* o semi-mar formado pelos rios Capibaribe e Bybyrybe.

Até certo ponto é admissivel a interpretação que se dá de *paranãmbucú* «rio comprido» e nesse sentido será applicavel a denominação á outros rios que não tem uma rebentação tão sensivel como a do Pernambuco. O facto de ter-se tornado breve a ultima syllaba de *purúmburú* (que significa «longo, comprido») é natural e delle se encontram muitos outros exemplos em vocabulos poly-syllabicos oriundos da lingua geral.

Baptista Caetano.



Brazil Pre-Historico

Pelo conego R. U. PENNAFORT

Publicado no Ceará a proposito do quarto centenario do descobrimento do Brazil, este *memorial encyclographico* é realmente um livro extraordinario, cuja leitura nos deixou uma impressão difficil de definir.

Ao assumpto não fallece nem interesse nem importancia e foi louvavel a idéa de investigal-o na occasião em que se commemorava a data inicial da nossa vida historica.

Dentre os problemas que fez surgir o descobrimento da America nenhum captivou tão intensamente a attenção dos eruditos do tempo como o da origem dos seus habitantes; cedo o inquerito sobre a procedencia do gentio americano gerou dezenas de ponderosos infolios e serviu de thema a laboriosas dissertações que, em ingenuidade e fallacia de documentação, correm parelhas com as numerosas narrativas de aventuras planetarias calcadas sobre o modelo pristino da *Historia Verdadeira* de Luciano de Samosate.

Não obstante o desencontro das opiniões e a diversidade das hypotheses, em todos os debates dominava a preoccupação exclusiva de ligar genealogicamente a sub-especie vermelha a alguma das outras raças humanas, ou de derivar a cultura typica do novo continente das formas historicas do velho mundo, haurindo argumentos nos textos biblicos, interpretando capciosamente passagens obscuras de escriptores greco–latinos ou soccorrendo-se de suppostos parentescos linguisticos.

Emfim, a sciencia contemporanea, escoimando-se dos ultimos resquicios do biblicismo e desprezando « as prophecias de Seneca, as suspeitas de Tibullo, os devaneios de Platão e as previsões de Pomponio Mela », foi procurar alhures os dados para a chronologia pre-historica da America, iniciando uma serie de fecundas investigações, cujos resultados vão de dia a dia relegando mais para o dominio

das chimeras as filiações asiaticas dos nossos indigenas e fazendo prevalecer a probabilidade da sua autochtonia.

Inspirados desta idéa e empregando os modernos processos de geologia, ethnographia, linguistica, mythographia, e archeologia artistica e industrial, Morton, Nott, Glidon, Stephens, Squier, Lund, Meyer, Buschmann, Baptista Caetano, Rosny, von den Steinen, Rodrigues Peixoto, Baptista de Lacerda, Brinton, Ehrenreich, H. von Ihering, Luciano Adam e outros chegaram ás notabillissimas conclusões que constituem os unicos factos da era pre-colombiana, hoje scientificamente reconhecidos.

Mas, o velho e esteril sante espirito da pesquiza, inaugurado no seculo XVI pelos jesuitas, continúa a exercer a sua nefasta influencia produzindo as mais bizarras theorias e perturbando as mais decisivas conquistas do americanismo; ainda actualmente é frequente o vezo de invocar como pais dos nossos indios os povos do hemispherio oriental: chamitas, aryanos, semitas, uralo-altaicos, drawidianos, mongóes, todos, disse competente especialista, todos hão sido convidados para essa paternidade mysteriosa e nenhum tem acceitado a vergonhosa incumbencia.

Ao contrario dos Estados Unidos, onde nasceu e floresce a escola indigenista, no resto da America, e especialmente no Brasil, a maioria dos scientistas tem pugnado pela idéa adversa: Barboza Rodrigues outr'ora derivou os tupys dos normandos, o Visconde de Porto Seguro fel-os descender dos carios, Couto de Magalhães os julgou oriundos dos aryas, Ladislau Netto e von Koseritz suffragaram ardentemente a hypothese phenicia — especulações sem fructo que partindo d'um falso postulado nunca poderiam aspirar a resultados proficuos nem tiverem merecimento duradouro.

Fôra de esperar, pois, que descoroçoados por tantos insuccessos, os poucos que entre nós estimam e cultivam semelhantes estudos procurassem emfim trilhar rota diversa inquirindo do passado precabralino da nossa terra á luz d'uma evolução cisatlantica.

Infelizmente, e de modo desastrado, o Sr. Conego Pennafort veio provar-nos o opposto com o seu recente livro, a todos os respeitos inferior aos trabalhos dos precursores nacionaes acima citados, os quaes levam lhe inapreciavel vantagem ainda, nos trechos mais imperfeitos, porquanto

ao menos nelles se encontra criterio na selecção dos materiaes, methodo na exposição, logica nos raciocinios, clareza na linguagem e certa modestia peculiar ao genuino saber: foram construcções elegantes, de bellas linhas archtectonicas, coroadas de vistosas cimalhas, porem, alicerçadas em terreno movediço e por isso ruiram apenas terminadas.

Mas, o *Brazil Pre-Historico* é um amontoado desconnexo de transcripções disfarçadas e de conceitos dogmaticos e improvaveis.

Deslumbrado pelas imaginosas phantasias de Onffroy de Thoron, o A. exhumou as fabulas de Simão de Vasconcellos, compulsou a *Historia do Futuro*, pediu subsidios —não sabemos si directamente— a todos os sectarios das migrações asiaticas, desde Hugo Grotius até Brasseur de Bourbourg, e baralhando doudamente as notas colhidas, talhou no informe acervo sete capitulos incoherentes, contradictorios e heterogeneos, em nenhum dos quaes o conteúdo justifica a epigrafe.

E' summamente difficil, senão impossivel, affirmar qual a these a cujo desenvolvimento consagrou tão numerosas paginas, pois, é frequentissimo professar n'um periodo uma opinião e logo adiante acceitar outra em flagrante opposição á primeira, admittir em differentes trechos do livro, para um mesmo problema, outras tantas soluções diversas e antagonicas; d'ahi a confusão irremediavel, a perplexidade continua em meio da qual se debate, vacillando, retrocedendo, repetindo se e contradizendo-se sem cessar.

Em essencia, cremos, quiz provar a origem hebraica dos indios amazonicos; mas, não ousamos asseveral-o, visto como favorece tambem com a mesma descendencia os atlantes, os egypcios, os phenicios, os hindús, os gregos e ainda outros povos reaes e fabulosos, quando não os considera autochtones.

Certifica em começo «constatarem os monumentos dos tempos mais remotos a existencia d'uma antiquissima civilisação americana, que teve seu berço na propria America, entre os povos cuja raça é caracterisada pela pelle fulvo-escura, bronzeada e imberbe dos seus homens (pag. 7); logo em seguida admitte, com Brasseur de Bourbourg, Alcide d'Orbigny, Homard e o *insigne indianalogo* Onffroy

de Thoron, que os proprios egypcios foram, igualmente como os nossos homens americanos, uma colonia provinda da Atlantida (pag. 8); mais adiante diz: « Os mais doutos affirmaram e continua-se a affirmar por pennas as mais aparadas e ao ensombro dos mais distinctos philologos modernos, que não somente os phenicios, os gregos e os carthaginezes, que eram os mais antigos e ousados nauticos, mais ainda os egypcios, os israelitas e os aryas foram naturalmente os grandes antecessores, os *devanciers* do immortal genovez » (pag. 71); logo depois perfilha a opinião de Grotius, segundo o qual « a America do Sul recebera os seus primeiros habitantes da Nova Guiné, de Java e das Mollucas » (pag. 72); no paragrapho immediato censura Jorge de Horn por ter, no seu livro *De originibus Americanis*, « excluido do catalogo povoante os scandinavos e os hebreus, os chananeanos e os indiaticos, » mas considera-o bem avisado acolhendo « os tartaros, os hunos, os chinezes, os japonezes, e sobretudo os phenicios que foram, juntamente com os aryanos e os egypcios, os primitivos colonos da America » (pag. 73), e emfim exclama em tom victorioso: « Com toda a plausibilidade de certeza o primeiro povoador do Brazil foi Ophir Indico, filho de Jectan, neto de Heber, aquelle de quem falla a Santa Biblia no capitulo X, quando trata da geneologia dos filhos de Japhet, de Cham e de Sem » (pag. 82). « E de feito, continúa, o illustre filho de Joktan, depois de haver fundado a India Oriental, passou desta a povoar e assenhorear-se da região da America, penetrando pela parte do Perú e do Mexico até o Brazil, entrando nesta parte pelo grande rio das Amazonas. Deste Ophir Indico, seu primeiro povoador, deviam naturalmente os habitantes do Brazil tomar o nome de *Indios* » (pags. 83 e 84).

Quaes foram afinal os protocivilisadores?

Qual a utilidade de semelhantes *robinsonadas* n'um livro com ruidosas pretenções scientificas?

Quanto á situação geographica do continente submerso mencionado por Platão, o Sr. Conego Pennafort tambem não obteve certeza: ora crê fosse a pretensa região desapparecida, collocada pelo inglez Sclater, com o nome de *Lemuria*, entre a Asia Meridional e a Africa Occidental (pag. 35); ora « os numerosos grupos de ilhas que se notam no Oceano Pacifico se lhe afiguram as grandes reliquias

do grande continente actualmente submergido que ligava a Australia á America do Sul,» e pergunta convencido: «Não seria este continente submerso a nossa sonhada Atlantida?» (pag. á6); ora considera «um facto incontroverso a existencia de um continente no seio do Oceano Atlantico actual e que não podia ser senão a grande ilha denominada Atlantida por Platão» (pag. 53).

Quanto trabalho perdido nestas vans pesquizas, nas quaes ninguem mais cogita seriamente!

As obscuras tradições de origem egypcia, perpetuadas nos *Dialogos de Critias*, localisavam evidentemente a famosa ilha entre a America Meridional e a Africa; mas, o estudo comparativo da fauna dos dous continentes e a inspecção do fundo do Oceano intermedio desfez para sempre o sonho do mestre de Aristoteles.

Com facilidade poderiamos multiplicar as citações de trechos igualmente discrepantes; mas, sendo as faltas congeneres as mais veniaes do livro, preferimos apreciar sem detença as bases *scientificas* em que assentam as extravagantes theorias expostas no *Brazil Pre-Historico*.

Os argumentos invocados em seu apoio são de varias sortes, comquanto do mesmo quilate dos seguintes: «os homens gigantes do Amazonas, as celebres tribus *Curinqueanas*, de 16 palmos de altura, indicavam, com a sua estatura davidica, a procedencia israelita das nossas tribus americanas» (pag. 173), e, «a origem chineza ou semita (!) é revelada por muitas tribus *brazilenas* da Amazonia, como os *Tecunas*, os *Pascés*, os *Punas*, os *Cuririás* e varias outras, que professam fiel e admiravelmente a doutrina Pythagorica» (pag. 261); as provas mais robustas emanavam, porém, de approximações linguisticas tão audaciosas quanto pueris, e em geral vasadas nos moldes phantasticos vulgarisados pelo celebre *fumistre* Onffroy de Thoron; a diversidade das estructuras grammaticaes, a dessimilhança das radicaes, não obstam o estreito parentesco entre linguas agglutinantes e de flexão: o unico criterio empregado é o da simples homophonia e a etymologia torna-se uma especie de advinhação.

Do methodo das investigações glotticas e do estado da philologia americana o Sr. Conego Pennafort manifestamente não sabe mais que Patroni; este derivou a palavra Pernambuco de «dous vocabulos gregos —*perna ambiko*,—

pernil de porco de panella ou frigideira, perna de porco feita de forno »... ; o engenhoso autor do *Brazil Pre-Historico* descobriu que a lingua *primitiva* fallada no Paraiso pelos nossos *proto-paes* Adão e Eva, não obstante a sua ulterior confusão em Babel, ainda se acha *viva* e é o nosso bello idioma tupy, *oriundo* do hebreu e affim do sanscrito e do grego ; mas depois de havel-o affirmado tres vezes (pags. 6, 24 e 37) lembra-se que o *insigne indianalogo*, seu mestre, foi d'outro parecer e desassombradamente declara ser o *kichua* a tal lingua primitiva (pags. 58, 59, 164 e 267).

A vista deste specimen de *philologia onto-biologica* (!) não é de admirar tenha encontrado affinidades em centenas de palavras e estabelecido derivações curiosissimas ; assim na actual Republica de Venezuela «estão representados os antigos territorios phenicianos e o seu nome significa pequena Phenicia —*Pheneçuela*» (pag. 140) ; Antioquia, um dos Estados da Colombia, «é talvez a Margiana dos Arias ou a Antiochia dos Phenicios da Mesopotamia» (pag. 143) e Carthagena, cidade da mesma republica «é a Nova Carthago dos Punicos ou Phenicios» (ibidem) ; *Tupan* vem do sanskrito *tap*, resplandecer (pag. 288) e tambem do grego «*Pan*, todo e *theo*, deus, o deus Pan da egloga virgiliana» (pag. 290) ; «*maruim* do sanskrito *marúts*, os raios divinos de Vitra» (pag. 289) e «*maracá* do hebraico *maracát*, ordem, disposição, instrucção» (pag. 277).

São na verdade engraçadas estas etymologias e o *Brazil Pre-Historico* daria uma diversão amena em horas de lazer não fosse penosissima a sua leitura ; é escripto, porém n'um portuguez barbaro, afeiado de neologismos abstrusos e ociosos *(brazileno, venezeno, e razeologia)*, eriçado de gallicismos e indianismos desnecessarios ; o estylo é anfractuoso e guindado, e a exposição a miudo interrompida por extensas digressões.

Prevendo a increpação de excessiva severidade a esta nossa desprenteuciosa analyse, temos pressa em notar que o Sr. Conego Pennafort não é um estreante precisando dos estimulos da critica benevola e indulgente ; muito ao contrario tem publicados nada menos de vinte e dous trabalhos, é membro de muitas sociedades sábias e pretende «no dôce albor do seculo XX, derramar muita luz sobre a

importante questão da origem e civilisação dos antigos americanos e sobre as suas relações com os povos ultramarinos, transformando muitas conjecturas e muitas sonhos em muitas realidades» (pag. 15).

E' de justiça, pois, dizer-se-lhe a verdade inteira e sem rebuços. (1)

ALFREDO DE CARVALHO.

(1) Este juizo critico teve primeira edição no *Jornal do Recife* de 16 de Maio de 1901.



Descripção das Capitanias de Pernambuco, Itamaracá, Parahyba e Rio Grande

MEMORIA APRESENTADA AO CONSELHO POLITICO DO BRASIL POR ADRIANO VERDONCK, EM 20 DE MAIO DE 1630.

NOTA DO TRADUCTOR

O autor da presente MEMORIA, extrahida da collecção de inedictos hollandezes —*Brieven en papieren uit Brazilie*— é o mesmo brabantino Verdunc de que falla Richshoffer no seu *Diario* (1). Residindo em Pernambuco desde 1618 ou 1620 (2), por occasião da entrada dos hollandezes prestou-lhes importantes serviços graças ao seu perfeito conhecimento da situação e dos recursos do paiz; o coronel Waerdenburch votou-lhe grande estima e habitualmente o convidava para a sua mesa. Em principios de 1631, porém, foi accusado de trahição, havendo repetidas denuncias de que mantinha correspondencia com Mathias de Albuquerque e Gabriel Correia, informando os com antecedencia de todos os projectos do inimigo, mediante a promessa d'uma recompensa de 10,000 cruzados quando os invasores fossem definitivamente expulsos. Preso e posto a tratos fez confissões contradictorias que retractava sempre que o retiravam do pôtro; condemnado finalmente á morte, quiz furtar-se á ignominia do supplicio suicidando-se, o que levou a effeito, segundo Richshoffer, atirando-se do alto d'uma pequena janella ou oculo da prisão sobre umas lages, no proposito de quebrar o pescoço, e saindo

(1) *Diario de um soldado da Companhia das Indias Occidentaes* (1629—1632) por Ambrozio Richshoffer. Traduzido do rarissimo original allemão por Alfredo de Carvalho. — *Recife, 1897*, pp. 95, 102, 103 e 104.

(2) Carta do Conselho Politico aos Directores da Companhia, em 23 de Setembro de 1630, remettendo a mesma *Memoria*.

gravemente ferido veiu a fallecer no dia seguinte; a versão official diz que elle se envenenára. (1)

Ainda assim a sentença teve execução no seu cadaver que, depois de estrangulado, foi mutilado e esquartejado. Collocaram os algozes a cabeça n'um alto poste no hornaveque da fortaleza do Brum; um quarto foi pendurado junto ás Cinco Pontas e outro n'uma forca diante do reducto de madeira levantado na ponta d'*Asséca*, onde depois construiram os hollandezes o forte de *Waerdenburch* ou das *Tres Pontas*. Os outros dous quartos foram enviados para Olinda, devendo um ser pendurado da mesma forma no Monte e o ultimo no sitio denominado das *Olarias*, hoje conhecido por *Santa*, onde a 6 de Janeiro de 1631, uma partida dos invasores, que saira a procurar refrescos, fora dizimada pela companhia de emboscadas do capitão Pedro Teixeira Franco.

Alfredo de Carvalho.

---

§ 1º — Rio de S. Francisco. — Em primeiro lugar a jurisdicção de Pernambuco estende se até o rio de *S. Francisco*, cerca de 40 milhas para o sul; nesta região os poucos habitantes, quasi todos pastores, vivem unicamente de bois e vaccas, para a criação dos quaes a terra se presta muito havendo ali grande quantidade destes animaes; fazem tambem ali bastante farinha, pescam muito peixe e colhem fumo; encontra-se igualmente algum pau-brazil, mas pouco assucar e todas estas mercodorias são trazidas annualmente d'uma vez para Pernambuco; á beira mar tem-se achado frequentemente muito ambar.

No mesmo rio de *S. Francisco* foi igualmente encontrada, ha cerca de 12 annos, uma mina de prata, da qual um certo camponez ali morador retirou occultamente para mais de 50 ou 60,000 ducados, do que fez presente a um governador desta terra, chamado D. Luiz de Souza, que ali foi expressamente em busca da mesma mina, 10,000

(1) Idem de 30 de Maio de 1631.

ducados ; outrosim ha ali tambem muito salitre ; quanto á mina sempre houve grande fama entre os portuguezes e não se póde duvidar da existencia ali de grande quantidade de prata á vista das muitas experiencias que foram feitas em differentes viagens áquelle sitio ; mas, o rei de Hespanha nunca quiz permittir a exploração da mina ; para chegar-se ao povoado tem-se que subir o mesmo rio cerca de cinco milhas e a mina de prata fica ainda a 4 ou 5 milhas para o interior.

§ 2° — ALAGÔAS. — Perto do rio de *S. Francisco* existe um lugar chamado *Alagôas* onde ha dous rios, um situado ao norte e outro ao sul ; no mesmo lugar ha um povoado de poucos habitantes e nas immediações 5 ou 6 engenhos, mas fazem pouco assucar e annos ha em que alguns não moem ; ainda neste lugar existe grande quantidade de bois e vaccas por causa do excellente pasto, de sorte que por este motivo os moradores possuem muito gado que é a sua principal riqueza e constitue a melhor mercadoria destas terras e com a qual mais se ganha devido á sua rapida multiplicação ; o povoado está situado sobre ambos os rios e dista do mar umas cinco milhas.

Os moradores plantam alli grande quantidade de mandioca e a maior parte da farinha que vem para Pernambuco é desta procedencia ; outrosim planta-se neste lugar muito fumo e prepara-se consideravel porção de carne secca que toda é trazida para aqui e promptamente vendida ; alem destes viveres produz a terra muitos outros generos alimenticios de que se nutrem os habitantes tanto de dentro como de fóra da cidade ; os moradores desta região penso que são mais affeiçoados aos hollandezes do que á gente da sua nação, porque quasi todos são criminosos e gente insubordinada.

§ 3° — PORTO CALVO. — Proximo a *Alagôas* ha um povoado denominado *Porto Calvo* que tambem conta poucos habitantes ; na mesma região existe igualmente muito gado, principal riqueza dos seus moradores que o trazem de ordinario para Pernambuco ; plantam alli muito fumo, fazem bastante farinha e pegam muitos peixes, na maior parte capatões, que trazidos para Pernambuco são logo vendidos ; ainda nesta região existem 7 ou 8 engenhos alguns dos quaes fazem um pouco de assucar.

Este povoado tambem dista umas 5 milhas da praia e é banhado por um rio de 9 a 10 braças de fundo pelo qual se póde subir do mar para o povoado.

§ 4º — UNA. — Não longe de *Porto Calvo* está situado um povoado de nome *Una* em cujos arredores se encontra tambem muito gado, e os moradores plantam muita mandioca e milho, como em todos os outros lugares já citados, tambem fumo, feijão, favas e outros cereaes, pescam igualmente muito, e tudo trazem para vender aqui em Pernambuco.

Nas visinhanças ha 4 ou 5 engenhos que fazem algum assucar; o povoado está a 3 milhas da praia e póde-se subir até elle com uma chalupa; os moradores tambem não são numerosos, de sorte que penso que do rio de S. Francisco ate ahi, no espaço d'umas 20 milhas, podem morar cerca de 500 a 600 homens, quasi todos mestiços e gente muito má.

§ 5º — SERINHAEM. — Proximo a *Una* encontra-se um grande povoado chamado *Serinhaem*, pobre de gado, porque os moradores ali se occupam de preferencia no fabrico do assucar, de modo que na jurisdicção do mesmo povoado ha 12 ou 13 engenhos que ordinariamente fazem grande quantidade de assucar, a saber 6 a 7,000 arrobas cada engenho e quasi que é o melhor assucar que se fabrica nesta terra; está a 2 milhas da praia e as barcas sobem o rio para carregar assucar, de 100 a 110 caixas em cada barca; o mesmo rio é pouco profundo na foz onde não tem mais de 7 a 8 pés d'agua.

No mesmo povoado e nas proximidades moram muitos Albuquerques, grandes nobres segundo pensam, mas, na realidade gente pobre e indigente, e ao todo póde alli haver uns 500 habitantes, que plantam muita mandioca, fumo e toda a casta de cereaes e pegam muito peixe; ha tambem ali algum pau-brasil e a mesma jurisdicção de *Serinhaem* é um sitio muito aprazivel para morar-se.

§ 6º — IPOJUCA. — Perto de *Serinhaem* ha um povoado de nome *Ipojuca* onde póde haver uns 600 habitantes em toda a jurisdicção e muita gente rica, sendo um lugar muito agradavel para morar-se; nas cercanias ha 13 ou 14 engenhos que fazem grande quantidade de assucar; de farinha, fumo e peixe vem pouco deste lugar, porque disto não fazem alimento; para chegar-se ao pri-

meiro destes engenhos, junto ao qual ha um armazem para onde é levado o assucar de quasi todos os engenhos proximos, tem-se que subir o rio Ipojuca, situado logo acima do Cabo de Santo Agostinho, por espaço de 2 milhas; junto a foz do rio ha 2 ou 3 canhões afim de impedir a entrada ao inimigo e na mesma foz não ha mais de 7 ou 8 pés d'agua; ahi vão as barcas carregar de 100 a 110 caixas de assucar para transportal-as ao Recife, bem como fazem em todos os outros lugares.

§ 7º — CABO DE SANTO AGOSTINHO — SANTO ANTONIO. —Não longe de *Ipojuca* está o *Cabo de Santo Agostinho* onde existe um povoado chamado *Santo Antonio do Cabo*; nesta jurisdicção deve haver bem 20 engenhos ou mais porque é uma grande extensão de terra; ha ali alguns engenhos excellentes que fabricam muito e bom assucar; quanto a cereaes, farinha, fumo, gado e deixe quasi nada vem d'ali porquanto os habitantes apenas plantam, fabricam, criam e pescam o necessario ao seu consummo, dedicando-se principalmente á cultura da canna; todavia ha alli alguns plantadores de mandioca que fazem farinha para vendel-a na mesma região aos moradores.

Em todos estes lugares atraz mencionados ha grande quantidade de toda a casta de peixe e abundancia de camarões e caranguejos que, principalmente no inverno, os mouros com pouco trabalho sabem achar e pegar para o sustento dos seus senhores, habendo tambem muita caça de toda a qualidade que, com a mesma facilidade e sem trabalho, é diariamente pegada e constitue um alimento muito delicado; alem disto ha muito boas fructas e verduras para comer-se de que em todos os lugares os moradores têm grandes e bellos pomares e hortas nas quaes ha de tudo.

O mesmo povoado de *Santo Antonio do Cabo* dista 2 milhas do mar e não havendo rio para subir-se até elle, quasi todo o assucar tem de ser transportado por terra em carros, a distancias que variam de 2 a 5 milhas, até chegar ás barcas e algum é levado para outro lugar e chega á foz d'um rio chamado *Jangada* junto a *Nossa Senhora da Candelaria*, umas 3 milhas ao norte do Cabo; a mesma região é um lugar muito bello para morar-se pois com pouco cria-se muitos carneiros, cabritos, bodes, porcos, perús e gallinhas e ha tambem muita caça de toda a

especie, muitas fructas, de sorte que não ha falta de comestiveis.

§ 8º — NOSSA SENHORA DA CANDELARIA — CURCURANAS. — Proximo ao *Cabo de Santo Agostinho* ha na praia uma igreginha chamada de *Nossa Senhora da Candelaria*, como acima foi referido; logo junto a esta igrejinha existe um caminho na extensão d'um tiro de mosquete pelo qual chega-se sem tardança a um grande e bello lugar de nome *Curcurânas*, onde habitualmente os portuguezes tinham, e é difficil que ainda tenham, para mais de 1300 a 1400 cabeças de gado e algumas vezes ainda mais, que para ali vinham dos mencionados e d'outros lugares para o consumo da cidade de Pernambuco e onde os carniceiros iam compral-o quando tinha necessidade, bem como ali conservavam gado por causa d'um muito bello e grande pasto no qual ha espaço para mais de 3000 bois e agua em abundancia; neste lugar e nos arredores devem morar 60 ou 70 homens.

§ 9º — OS GUARARAPES — JABOATÃO — MORIBARA — CAMASSARIM — VARZEA DO CAPIBARIBE. — Das *Curcuranas* á cidade de Pernambuco ha umas 5 milhas e contando para a jurisdição o territorio na extensão de tambem 5 milhas para o interior notam-se ainda outros lugares, a saber: os *Guararapes*, *Jaboatão*, *Moribara*, *Camassarim* e *Varzea do Capibaribe*; deve haver em todos estes lugares bem 24 ou 26 engenhos dos quaes 13 ou 14 acham-se n'uma bella planice denominada *Varzea do Capibaribe* a 2 ou 3 milhas da cidade, e onde é a melhor e a mais bella moradia, melhor do que em qualquer dos lugares atraz mencionados e é o principal delles d'onde vem a maior e melhor parte do assucar; esta *Varzea* é muito habitada, tem muitas e mui bellas casas, residindo ali muita gente de qualidade e varias pessoas ricas, de sorte que das Curcuranas até Pernambuco n'uma largura de 4 a 5 milhas deve haver mais de 800 homens. Ali tambem fazem muita farinha, que ordinariamente é a melhor da terra e quasi toda consumida pelos proprios habitantes, que possuem igualmente toda a casta de animaes domesticos em abundancia, como bois, vaccas, carneiros, cabritos, etc., que tanto ali como em todos os lugares atraz mencionados são sempre encontrados em quantidade, porque todos os moradores os criam junto ás suas casas, de modo que não

experimentam difficuldade quando acontece apparecerem n'um dia inesperadamente 10 ou 12 hospedes, porquanto possuem á mão todo o necessario, tanto animaes, como muito peixe de rio, quantidade de camarões e alguns de tamanho que 5 ou 6 bem podem pesar uma libra, caranguejos, muita caça, toda a sorte de legumes das suas hortas e toda a sorte de guloseimas de que este povo é muito amante; têm outrosim os seus pescadores que saem ao mar até 2 e 3 milhas da costa, de modo que nunca lhes falta carne fresca nem peixe fresco e tudo o mais acima referido, fóra outras cousas que presentemente não me vem á memoria.

§ 10 — Matta do Brasil. — Alem dos que acabamos de mencionar ha ainda um lugar muito grande e habitado chamado *Matta do Brasil*, o qual está situado a cerca de 9 ou 10 milhas ao sul de Pernambuco para o interior; ali moram muitos camponezes que fazem consideravel porção de pau-brazil com os seus mouros e brasilienses, sendo ali livre o córte do pau-brasil e cada um póde tiral-o aonde quizer; depois de limpo é trazido em carros para um lugar de nome S. Lourenço, do qual adiante teremos que referir, onde é vendido aos contractantes do rei que dão por cada 128 lb. ou quatro arrobas, ordinariamente de um cruzado a 450 ou 480 réis, e ainda assim o pagamento é quasi sempre feito em mercadorias por preços 100 % acima do seu valor, sendo que o negocio só póde ser feito deste modo porque a ninguem, excepto estes contractantes, é permittido mandar pau-brasil para Portugal e ninguem póde compral-o sob grandes penas senão unicamente elles.

O pau-brasil que annualmente vem desta *Matta do Brasil* é em grande quantidade e ali ha tambem em abundancia gado, carneiros, bodes, muitos porcos, perús, gallinhas, e tanta caça que causa admiração, afóra toda casta de animaes que ali se dão muito bem, pelo que ha ali muitos viveres, visto como os portuguezes semeiam e plantam n'um espaço de 20 milhas de comprido sobre outras tantas de largo; nesta *Matta do Brasil* podem morar ao todo 150 a 200 homens pouco mais ou menos; ali tambem fazem muita farinha e colhem fumo, grande quantidade de milho, feijão, favas e toda a sorte de fructas.

§ 11 — S. Lourenço. — Ha ainda um povoado pro-

ximo á esta *Matta do Brasil* chamado *S. Lourenço*, situado a 5 milhas de Pernambuco para o interior, onde existem 7 ou 8 engenhos fazendo muito e bom assucar e tambem é uma muito bella e aprazivel moradia; encontra-se ali de tudo, excepto peixe fresco, devido á distancia do mar, o mesmo que acontece na *Matta do Brasil*; porém, em varios sitios pegam com pouco trabalho toda a casta de peixe de rio, alguns do tamanho d'um braço.

Por todo este paiz os portuguezes empregam um processo especial quando querem pegar grande porção de peixe sem trabalho; dirigem-se para o rio que lhes parece offerecer a melhor opportunidade e tomam umas certas varas, que para isto vão buscar no matto; depois de bem batidas lançam-nas n'agua de sorte que o peixe com isto fica embriagado e vem boiar a flôr d'agua podendo ser pegado á mão; o effeito das taes varas sobre os peixes faz-se sentir dentro de tres ou quatro horas; dias houve em que vi fazer isto e serem pegados de 6 a 7000 peixes de todas as qualidades e tão gordos e de delicado sabôr quanto se póde desejar. Estas pescarias são ordinariamente feitas no verão quando os rios não têm muita agua; o pau com que embriagam os peixes é chamado *timbó*.

E' para notar que nesta terra não se recebe dinheiro dos viajantes pela sua hospedagem; venham d'onde vierem, sejam conhecidos ou desconhecidos, dá se-lhes immediatamente agasalho e são muito bem tratados de tudo.

Neste lugar de *S. Lourenço* fazem tambem muito pau-brasil alem do que para ali é levado para ser transportado em outros carros para o *Passo do Fidalgo*, distante de Pernambuco cerca de 2 milhas, e para onde se vai em barcas que sóbem o rio; em *S. Lourenço* e na sua jurisdicção póde haver de 250 a 300 habitantes.

§ 12 — ALDEIAS DE BRASILIENSES. — Do rio de *S. Francisco* até aqui, segundo a minha estimativa, deve haver 11 ou 12 aldeias de brasilienses, todas distantes da praia 3 ou 4 milhas; estas aldeias podem ter cerca de 2000 habeis frexeiros alem das mulheres e crianças.

§ 13 — PERNAMBUCO. — Até aqui temos mencionado todos os lugares que se acham sob a jurisdicção de *Pernambuco*, isto é, do rio de *S. Francisco* até a cidade; agora vamos fallar da mesma cidade, referindo como dentro della se encontra um muito bello, grande e forte con-

vento de Jesuitas; logo junto outro de Capuchinhos e adiante ainda outro chamado de S. Bento, tambem bonito, forte e grande; além destes ha ainda um convento de freiras denominado Conceição e nestes 5 conventos podia haver bem 130 pessoas religiosas, sem contar 50 ou 60 padres que moram na cidade; afóra estes ha ainda bem uns 100 que residem fóra da cidade e quasi que em cada engenho um.

Alem dos citados existe um convento de Capuchinhos no povoado de Ipojuca, outro da mesma ordem no povoado de Iguarassú e ainda um dos mesmos frades no outro lado do Recife, de modo que só na jurisdição de *Pernambuco* são mantidos bem 500 religiosos; tem a mesma cidade de *Pernambuco* duas igrejas parochiaes chamadas do Salvador e de S. Pedro, e ainda outra de nome Misericordia, onde tambem está o hospital, assente sobre um monte no centro da cidade; logo ao descer o pendor proximo chega-se a um templo chamado de Nossa Senhora do Amparo e adiante a outro de nome S. João e mais afastada vê-se a igrejinha de Nossa Senhora de Guadelupe; no cimo d'um elevado outeiro ergue-se a igreja de Nossa Senhora do Monte e a dous tiros de mosquete da cidade ha a igrejinha de Santo Amaro; ordinariamente vêm a *Pernambuco* todos os dias, por terra, de distancias de 1 a 6 milhas, 350 a 400 mouros, antes mais do que menos, todos bem carregados com comestiveis afim de vendel-os para os seus senhores, e isto alem das barcas que diariamente chegam ao Recife, de todos os lugares atraz mencionados e ainda de outros, e que tambem trazem mantimentos; todos os dias vão mais de 200 negros a uma ou duas milhas da cidade só a pegar carangueijos, voltando á tarde para casa carregados vendem-nos todos; havia igualmente aqui cerca de 100 negros que diariamente saiam a pescar no mar, alem do muito peixe apanhado na praia com redes e d'uma grande barca de pescaria que ia até 4 e 5 milhas da costa e sempre voltava carregada; na minha opinião devia haver na cidade de *Pernambuco* mais de 800 homens e bem 4000 ou mais mouros e ainda outras tantas mulheres e crianças.

§ 14 — RECIFE. — Na entrada do *Recife*, onde está o Poço, ha ordinariamente 19 pés d'agua e n'um banco que existe dentro e por cima do qual têm que passar os navios ha 14 pés.

§ 15 — Ilha de Itamaracá — Goyanna — Araripe. — A cinco milhas ao norte de Pernambuco está situada uma ilha chamada Itamaracá, a qual tem um bom rio em que podem entrar navios de 14 pés de calado; na mesma ilha há, em cima d'um monte na entrada do rio, um pequeno reducto com 5 ou 6 peças que podem lançar balas de 6 a 7 lb. e são chamados meios sacres.

Na jurisdicção desta ilha, que estende-se até 14 ou 15 milhas de Pernambuco, pode haver cerca de 20 engenhos que uns pelos outros fazem muito assucar, e o melhor lugar que existe proximo a estes engenhos é chamado Goyanna, sitio muito agradavel, grande, bello e fertil, tendo em abundancia toda a sorte de peixe, carne, fructas e outros viveres; ali reside muita gente rica e muitos nobres, e os habitantes, tanto de Itamaracá como de Goyanna e de Araripe, devem ser mais de 300.

A mesma ilha com toda a sua jurisdicção pertence ao Conde de Monte Santo, que mora em Lisbôa, e os habitantes devem pagar-lhe annualmente de renda 2500 a 3000 ducados em dizimos de assucar e outros impostos.

Ha ali um capitão-mór sem soldados e a justiça é ali tambem independente, comquanto o governador intervenha na sua distribuição quando é necessario; da mencionada Goyanna vem grande quantidade de pau-brasil que é feito de 5 a 8 milhas para o interior e ali carregado em barcas para ser transportado para o Recife.

§ 16 — Iguarassú. — A 1 milha de Itamaracá ha ainda um povoado de nome Iguarassú distante 5 milhas de Pernambuco, onde os habitantes são todos gente pobre como tambem na ilha de Itamaracá, e vivem principalmente de seus officios ou para melhor dizer do trabalho dos seus escravos; nas immediações deste povoado ha tambem 5 ou 6 engenhos ou talvez mais contando com 3 ou 3 que distam d'ali 2 ou 3 milhas em um lugar á margem d'um rio que é preciso passar se para chegar até elle; este rio, chamado Paratibe, é ali muito largo, porém, adiante estreita-se e fica a agua morta com 5 palmos ou mais de fundo.

§ 17 — Parahyba ou cidade Felippea. — De Goyanna vae-se á cidade da Parahyba, por outro nome Felippea, e passa-se duas aldeias de brasilienses que podem ter de 300 a 350 frexeiros; a mesma cidade da Parahyba

está a 25 milhas de Pernambuco e na sua jurisdicção existem 18 ou 19 engenhos que annualmente produzem perto de 150,000 arrobas de assucar, e a esta cidade chega um rio de 4 milhas de extensão e 14 pés de fundo, de modo que os navios que ali vão recebem os carregamentos de 600 a 700 caixas de assucar junto á cidade e estando carregados descem de novo o rio voltando para o mar; na foz deste rio ha um forte em mau estado, com 11 ou 12 peças de ferro, chamado Cabedello.

Ha pouco negocio nesta cidade, que é pequena e situada n'uma planicie; os principaes habitantes residem na maioria fóra no campo a 3 e 4 milhas da cidade; ali plantam mandioca e cereaes, mas cousa de pouca consideração.

§ 18 — Bahia da Trahição — Camaratuba — Aldeias de brasilienses. — Acima da Parahyba 7 ou 8 milhas está a Bahia da Trahição, porto muito commodo para muitos navios, como é sabido dos hollandezes; adiante desta bahia ha um engenho, situado n'um lugar denominado Camaratuba, o qual faz pouco assucar e a umas 5 milhas para o interior; segundo penso não ha ali nenhum rio para subir-se até Camaratuba.

Este engenho está ainda sob a jurisdiccão da Parahyba e nos arredores podem morar uns 40 homens; antes de chegar-se a este lugar, e nas visinhanças da Bahia da Trahição, encontra-se algumas aldeias de brasilienses, a maioria das quaes tem sido queimadas pelos portuguezes e mortos ou escravisados os brasilienses, porque ha mais de 5 annos, auxiliaram aos hollandezes na mesma Bahia da Trahição e foram por estes enganados, d'onde provem estarem ainda hoje, segundo dizem os portuguezes, muito irritados contra a nação hollandeza.

§ 19 — Cunhaú. — Tres milhas acima de Camaratuba existe ainda um engenho, no lugar chamado Cunhaú, o qual faz annualmente de 6 a 7,000 arrobas de assucar; este lugar está sob a juridicção do Rio Grande e ali moram bem 60 a 70 homens com as suas familias; meia milha distante deste engenho corre um rio, de tres milhas de longo e meia milha de largo, onde as barcas iam carregar assucar, de 100 a 110 caixas cada barca, e traziam d'ali tambem comestiveis; ha ali tambem muito gado, farinha e milho

que ordinariamente é trazido para Pernambuco com o assucar.

§ 20 — CIDADE DO RIO GRANDE CHAMADA CIDADE DE NATAL — ALDEIAS DE BRASILIENSES. — De Cunhaú á cidade do Rio Grande, chamada cidade de Natal, ha 17 milhas contadas ao longo da costa; para o interior e em muitos lugares é deshabitado; a gente que ali vive não mora a mais de 4 a 5 milhas da costa; nesta região do Rio Grande ha em quantidade e abundancia gado, em muitos lugares alguns porcos e em geral muitas gallinhas.

As pastagens são ali excellentes e os habitantes não tem outra riqueza senão o gado com o que fazem muito dinheiro; entretanto a maioria do povo é miseravel mal tendo do que viver; pegam ali muito peixe, plantam grande quantidade de mandioca para fazer farinha e tambem muito milho, o que tudo é trazido aqui para Pernambuco; ha igualmente abundancia de caça e de fructas silvestres.

Nesta jurisdicção do Rio Grande pode haver ao todo 5 ou 6 aldeias de brasilienses, que juntos devem contar 750 a 800 frexeiros, e a principal destas aldeias é chamada Moppobú e está situada a 7 milhas ao sul do Rio Grande e a 4 ou 5 milhas para o interior; nesta jurisdicção ha tambem 2 engenhos que fazem pouco assucar; a cidade tem cerca de 35 a 40 casas de palha e barro; mas, os habitantes mais abastados dos arredores vivem habitualmente nos seus sitios e vem apenas á cidade nos domingos e dias santificados para ouvir missa; os habitantes de toda esta jurisdicção, n'um raio de 6 a 9 milhas, não excedem de 120 ou 130 homens, na maioria camponezes ignorantes e grosseiros; ali se encontra frequentemente muito ambar na praia.

§ 21 — O FORTE DO RIO GRANDE CHAMADO DOS TRES REIS MAGOS. — Da cidade do Rio Grande ao forte chamado Os Tres Reis Magos ha apenas a distancia d'uma pequena meia milha, e este forte é o melhor que existe em toda a costa do Brasil, pois é muito solido e bello e está armado com 11 canhões de bronze, todos meias-coronadas, muitas colubrinas e ainda 12 ou 13 canhões de ferro, porem, estes imprestaveis; na entrada do mesmo forte ha tambem 2 peças e d'ahi chega-se ao paiol da polvora; as muralhas podem ter de 9 a 10 palmos de espessura e são

dobradas tendo o intervallo cheio de barro; ordinariamente ha poucos viveres no forte porque entre estes portuguezes não reina muita ordem; a guarnição consta habitualmente de 50 a 60 soldados pagos e com a maré cheia o forte fica todo cercado d'agua de modo que ninguem delle pode sair nem nelle entrar.

Junto ao mesmo forte, para o lado do norte, fica o rio chamado Rio Grande, um muito grande e bello lugar; por este motivo e porque os francezes e inglezes ali aportavam frequentemente com os seus navios, os reparavam e faziam provisão d'agua, fructas, carnes e outros refrescos, mandou o rei construir ali aquelle forte afim de impedil-o, porquanto tambem iam ali traficar com os brasilienses e adquiriam muito pau-brasil, do que agora já não ha tanto, e ainda outras mercadorias.

Quando ali ha falta de sal, o capitão-mór do dito forte do Rio Grande manda uma ou duas barcas, de 45 a 50 toneladas, a um lugar 60 milhas mais para o norte onde ha grandes e extensas salinas que a natureza creou por si; ali podem carregar, segundo muitas vezes ouvi de barqueiros que dali vinham com carregamentos de sal, mais de 1,000 navios com sal, que é mais forte do que o hespanhol e alvo como a neve.

E' um lugar deserto em cujas immediações ninguem mora, apparecendo apenas ali alguns tigres com os quaes é preciso ter cautela.

Estas salinas estão rentes á praia e completamente cheias de sal; mas, todos os navios que tiverem de ir ali, segundo penso, devem conservar-se um tanto ao largo porque aquella costa é muito perigosa.



O Recife cidade e capital

Na descripção historica e topographica do municipio do Recife, que publicamos na *Revista* n. 52, dissemos, seguindo o trabalho *Chronologia dos principaes factos de Pernambuco*, inserto no —*Diario Civil e Ecclesiastico* ou folhinha pernambucana para o anno de 1839—, que o Recife tivera em Junho de 1822 o titulo de cidade. Pouco adiante ainda, em nota, da mesma pagina (278), nos exprimimos do seguinte modo : — « Ignorámos em virtude de que acto foi transferida a capital, de Olinda para o Recife, pois o que se verifica de documentos conhecidos é ter sido entre 1821 e 1823. Seria conveniente o Instituto por indagações liquidar este ponto obscuro até agora. »

Entretanto nos enganamos seguindo o primeira daquellas indicações, de haver o Recife obtido os foros de cidade em Junho de 1822 ; e tambem, sobre tal facto, se enganaram, em seu *Diccionario Topographico*, o Monsenhor Dr. Manuel da Costa Honorato, e, em seu livro *Estatistica Civil e Politica da provincia de Pernambuco*, o Desembargador José Martiniano Figueira de Mello, os quaes ambos asseveram que o facto se dera em virtude da Carta Imperial de 8 de Março de 1823.

Laboram ainda em engano os que affirmam que o Recife fôra cidade em virtude da Carta Imperial de 24 de Fevereiro de 1823, a qual declarou cidade todas as villas, que eram capitaes de provincias, pois si, nesse tempo, o Recife não era ainda a capital, não podia comprehendel-o similhante decreto imperial.

O Recife foi, sim, elevado á categoria de cidade pela Carta Imperial de 5 de Dezembro de 1823, cumprida a 5 de Fevereiro de 1824. quando a mesma aqui chegou, e portanto foi conhecida. E o termo de vereação do Senado da Camara do Recife, de 5 de Fevereiro de 1824, é o documento que firma incontestavelmente a verdadeira data, resolvendo assim todas as contradições das diversas informações conhecidas. Diz o alludido termo : — « *ter sido deliberado affixar editaes para serem collocadas illuminarias em signal de jubilo por ter sido o Recife elevado de villa á categoria de cidade pela carta imperial de 5 de Dezembro de 1823.* »

Até 4 de Fevereiro, daquelle anno, os termos de vereação e mais documentos que existem na Municipalidade, referem-se ao Recife no caracter de villa; de 5 por diante, já como cidade.

Foi erronea egualmente a nossa supposição de que o Recife passasse a ser a capital de Pernambuco, entre os annos de 1821 a 1823.

Tal engano proveio, porem, do facto, de não conhecermos documento algum, que nos orientasse certo; entretanto acontecia que, muitas referencias encontradas em noticias não officiaes sobre o Recife, mencionavam-n'o como a capital. Entre outras a descripção topographica dessa cidade, publicada em 1823, no *Almanack da villa de Santo Antonio do Recife*, para o anno de 1824, contem a indicação della como capital da provincia; noticia aquella que reproduzimos na citada *Revista* n. 52 á pag. 279.

Ainda o livro dos termos de vereações do Senado da Camara do Recife nos deu a certeza da epoca em que Olinda deixou de ser a capital de Pernambuco. Alli lê-se, na sessão de 17 de Fevereiro de 1827: — *que fôra apresentado um officio da presidencia, de 16 do referido mez, declarando que a cidade do Recifo era a capital, por portaria de 29 de Dezembro de 1829, pelo que a Camara désse as providencias para que, quanto antes, se procedesse a eleição de um senador, cujo lugar se achava vago.*

Depois de conhecermos aquella acta, guiados por ella fomos ver, na secretaria do Governo do Estado, a do Conselho Geral da Provincia, de 15 de Fevereiro do mesmo anno de 1827, a qual obsequiosamente nos mostrou o digno director do archivo, o Sr. João Pereira do Rego. Ella *in fine* tratando do assumpto, — resolve a *antiga questão apresentada entre as duas Camaras, desta cidade* (Recife) *e a de Olinda acerca de qual deve ser considerada a da capital da provincia para o caso de nella se expedirem os negocios*, e conforme S. M. Imperial mandou que *fosse resolvido por este Conselho, se decidiu por a Camara desta cidade por ser aqui a séde do governo e de todas as estações da publica administração.* (*)

(*) Todas as palavras em italico são transcriptas do original da acta, do Conselho Geral da Provincia, de 15 de Fevereiro de 1827.

Embora, com o que ficou dito, já não mais existam, a duvida e obscuridade acerca dos pontos, que são objecto do presente artigo, —*O Recife cidade e capital*—, comtudo julgamos conveniente ainda accrescentar mais algumas linhas, para melhor desenvolver o segundo desses assumptos.

Apezar da carta regia de 4 de Junho de 1678, que determinava a residencia dos governadores e ouvidores na cidade de Olinda, a partir da guerra dos Mascates, da administração de Felix José Machado por diante, todos os governadores ficaram residindo no Recife, onde anteriormente vinham e se demoravam sómente, emquanto despachavam os navios que voltavam a Portugal. Dahi começou o Recife a ser a capital de *facto*, emquanto que Olinda era a de *direito*.

Quem estudar, mesmo ligeiramente, a vida das duas localidades, daquella data por diante, encontrará Olinda em tudo, crescentemente absorvida pelo Recife. O erario publico, a força militar e todos os elementos de governo e da administração tinham sua séde nessa villa cuja creação custara uma luta trémenda de sacrificios de vida e de fortunas. Nas duas revoluções, por exemplo de 1817 e 1824, o Recife foi o principal theatro de tudo, entretanto que em Olinda-capital, quasi que somente accidentalmente se falla.

Em 19 de Janeiro de 1805 a Camara de Olinda solicitara do rei a creação de um Tribunal de Relação na capitania, e attendida muito tempo depois, a 13 de Agosto de 1821 o Tribunal se installou na então villa do Recife e não na capital. Contra isso o Senado da Camara dalli, em 18 de Setembro do alludido anno, reclamava ao governador Luiz do Rego Barreto, allegando suas prerogativas de capital e pedindo a trasladação do mesmo, do Recife para lá. Não attendida pelo governador, faz uma representação ás côrtes constituintes de Lisbôa. Tomando conta da administração da provincia a Junta do Governo provisorio, a Camara de Olinda representa-lhe ainda em igual sentido, nada adiantando a resposta que lhe deu a mesma Junta.

Então, em 29 de Dezembro de 1825, o presidente José Carlos Marink da Silva Ferrão baixou uma portaria considerando temporariamente a cidade do Recife a capital de Pernambuco.

Olinda, reclamando outra vez e sem resultado contra

esse acto da presidencia, que de todo a despoja das suas honras, dirige-se ao imperador Pedro I, em data de 20 de Dezembro de 1825, implorando-lhe a manutenção de sua prerogativa de capital da provincia. O monarca decide, então, autorisando ao Conselho Geral da Provincia a resolver a questão. Elle a termina, em sessão de 15 de Fevereiro de 1827, confirmando o 'acto temporario da Presidencia, datado de 29 de Dezembro de 1826.

Eis, pois, o que podemos colher a respeito da materia sobre a qual nos propuzemos a escrever.

Provavelmente o nosso collega, Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa, mais tarde, publicará, nesse sentido, algum trabalho mais largamente desenvolvido, porque antes de nós chegou a ver outros documentos que já não podemos consultal-os.

Recife, 18 de Agosto de 1901.

SEBASTIÃO DE VASCONCELLOS GALVÃO.



VIAGENS NO BRAZIL

Provincias de Pernambuco, Ceará, Parahyba, Maranhão, etc.

Uzos e costumes dos habitantes desse paiz, por Henry Koster

TRADUZIDAS PARA O FRANCEZ POR M. A. JAY E DO FRANCEZ PARA O PORTUGUEZ POR ANTONIO C. DE A. PIMENTEL, AMANUENSE DO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO.

Publicado em Paris em 1846. — 1· volume.

(CONTINUAÇÃO DO N. 51 DA REVISTA DO INSTITUTO

CAPITULO V

VIAGEM DE GOYANNA AO RIO GRANDE DO NORTE. — CIDADE DE NATAL. — O GOVERNADOR.

Eu esperava que o Sr. Joaquim me accompanhasse até o Rio Grande; mas mudando elle de idéa, dispuz-me a ir só. Comprei mais tres cavallos, tomei um guia conhecedor do paiz, e dous indiosinhos de quasi deseis annos de idade. A 2 de Novembro puz-me a caminho acompanhado de John, meu creado inglez, do guia Francisco, de Julio e do outro indio seu companheiro. Nessa tarde apenas nos foi possivel alcançar *Dous Rios*, que está a duas leguas de Goyanna; a manhã já estava bastante adiantada quando proseguimos e iamos muito vagarosamente porque as cargas não foram bem repartidas e arranjadas nos cavallos. No rancho da tarde lembrei-me que deixara diversas cousas de que carecia, taes como um cobertor de lã para me cobrir de noite, trens de cosinha, facas e garfos, que só com difficuldade poderia conseguir. Eu tinha posto n'um dos cavallos, de um lado, uma bolsa

com differentes objectos e do outro um caixão contendo garrafas de aguardente e vinho, e no meio a minha rêde ; isso formava uma carga ; o outro cavallo levava nas malas (especie de cofres), de uma banda as nossas provisões e da outra as bagagens da minha gente, cordas e outros pequenos objectos de sobresellente.

Era indispensavel que eu fosse bem munido, mas á medida que caminhava, adqueria mais experiencia e me provia de muitas cousas. As rêdes, em geral feitas de algodão, differem nos tamanhos, na côr e no trabalho. As de que usam as classes pobres, são de panno de algodão, manufacturado no paiz, outras são de malhas, como as de fio, e todas as que são assim fabricadas tem o nome generico de *rêdes* ; outras ha tambem de compridos cordeis atados por detraz, de distancia em distancia ; estas ultimas, de ordinario pintadas de duas ou tres côres, encontram-se nas casas ricas. O uso desta especie de cama foi adoptado dos indios e não se podia imaginar nada mais commodo nem mais conveniente para o clima. A rêde por se póder dobrar, fecha-se n'um pequenino espaço ; com bom cobertor de lã, tem-se nella um leito bastante quente.

Nas visinhanças desse lugar, embora chamado Dous Rios, não pude descobrir corrente alguma d'agua. E' um immenso terreno em aberto rodeado de fazendas, cada uma com o seu cercado para animaes. Ahi é que se realisa, todas as semanas, a grande feira de gado do Sertão destinado ao mercado do Recife.

De Dous Rios seguimos na manhã seguinte para o engenho *Espirito Santo*, que fica bem na margem do rio Parahyba, o qual sécca pelo verão mui perto dessa propriedade. Eu levava cartas para o proprietario, que é da familia Cavalcante e *capitão-mór* da capitania da Parahyba ; recebeu-me mui amigavelmente.

A casa é construida á moda ordinaria do paiz, com o andar terreo unicamente e sem forro, de modo que o travejamento e o telhado ficam a descoberto. Serviram-me ceia composta de carne secca e farinha de mandioca reduzida a uma especie de pasta á que chamam *pirão* ; juntaram-lhe algumas bolachas e vinho tinto. Eu não era ainda bem brazileiro para comer pirão, pelo que preferi a bolacha e a carne, o que muito admirou ao meu hospedeiro. Depois serviram-nos doces, que nas casas das pessôas de

distincção são sempre excellentes. O rico no Brasil é tão vaidoso dos seus doces como o inglez de sua cosinha e dos seus vinhos. A toalha fôra posta no extremo de uma comprida mesa, junto á qual tomei assento em quanto que o capitão-mór, sentando-se na propria mesa, no extremo opposto, poz-se a conversar comigo ; á esse tempo os empregados mais graduados da fazenda cercaram-nos para verem o singular animal que se chamava —um inglez—. Da sala onde ceamos, fomos para outra immensamente espaçosa, e tendo cada qual escolhido uma das muitas redes que nella existiam, conversamos emballando-nos até dormirmos.

Uma das pessôas da familia ouvindo-me fallar portuguez, pensou que eu era, ou um inglez que não sabia a propria lingua, ou que todo o portuguez que ia a Inglaterra poderia immediatamente fallar a lingua dessa nação como eu fallava o portuguez.

O capitão-mór raras vezes vae ao Recife, ou mesmo á Parahyba, e vive á moda dos nobres brasileiros, n'uma especie de estado feudal. Tinha comsigo varios moços que o serviam ; nem a mulher nem nenhum dos filhos, me appareceram. Os principaes aposentos da casa são dous quartos grandes, cada um com muitas portas e janellas, e onde se viam algumas cadeiras. N'um se achavam varias rêdes e um sophá, no outro a mesa grande onde me fôra servida a ceia. O dono da casa usa de camisa e ceroulas com um chambre por cima e chinellas nos pés. E' o traje habitual da gente que não tem o que fazer. Quando um brasileiro entra a usar um desses compridos chambres, começa a julgar-se pessôa importante e com direito ás maiores attenções.

No dia seguinte fizemos quasi sete leguas e pela primeira vez dormi em pleno ar. Projectaramos arrancharnos essa noite n'uma aldeia proxima ; mas as cabanas cobertas de folhas de palmeiras pareceram-me tão pequeninas e miseraveis, que preferi dormir ao relento. Dirigimo-nos ao riacho que corre a pouca distancia dessas habitações, descarregamos os cavallos e tiramos-lhes as sellas e freios afim de que se podessem deitar á vontade. Feito isso a primeira cousa a cuidar era em procurar lenha que ahi ha em grande abundancia e tanto menos receio tivemos de que nos faltasse porque achavamo-nos á beira

de uma espessa floresta; batemos o fuzil e ascendemos duas fogueiras. Obtivemos uma frigideira n'uma das cabanas visinhas e cosinhamos a nossa carne secca. Sécca-se a carne a antiga moda dos Indios, estendendo-a n'uma grade de ramos verdes posta á quasi desoito pollegadas ácima do chão e por baixo botam brazas. Descobrimos que perto do lugar em que estavamos havia um terreno mais descampado do que o resto, arrendado á um sujeito, que permittia que ahi pastassem cavallos, mediante um vintem por noite, cada um, o meu guia suppondo que eu achava o preço exhorbitante, disse-me que era o que em geral cobravam. Facilmente se imagina que não regateei e os nossos animaes foram conduzidos áquelle lugar por Julio e seu companheiro. Considerei-me então arranchado por essa noite, e, sentado em minha rêde, que suspendera á duas arvores, ceei tendo os pratos sobre as mallas. Acabando, acendi um cigarro e colloquei-me ao pé do fôgo; o guia accendeu tambem o seu cachimbo e á minha ordem sentou-se defronte de mim afim de conversarmos sobre o que deviamos fazer no dia seguinte. As dez horas voltei á rêde, mas estando o ar muito frio tornei para a beira do fogo, e deitei-me n'um dos couros destinados a cobrir as cargas em caso de chuva.

Era para mim uma scena nova. Quando entrei a pensar na mudança total de habitos que esse genero de vida exigia e o quanto differia do da Europa; quando, olhando em redor de mim, vi as nossas differentes fogueiras, por que o ar frio de então obrigava a cada um a ter a sua; quando notei que todos os homens dormiam e contemplei, espalhados aqui e alli, na mesma posição em que foram deixados logo depois de descarregados, os objectos que constituiam a nossa bagagem; quando ainda ouvi o murmurar da agua e do vento nas folhas do matagal; quando emfim, reflecti que me achava entre um povo, cujos usos e costumes tão pouco conhecia e cujas disposições para com os meus compatriotas ignorava, deixei-me possuir de uma certa melancolia, que entretanto dissipou-se lego ao pensar nas alegrias da volta e na satisfação de haver realisado um projecto que julgava impraticavel. Animou-me a lembrança de que sabia a lingua do paiz, e a inabalavel resolução que tomára de conformar-me aos usos e até de submetter me aos prejuizos das populações que ia visitar.

Não era eu ainda tão velho para ter contrahido habitos que estivessem por tal forma arraigados que os não podesse deixar quando fosse preciso.

Fui interrompido nas minhas reflexões pelo grito de *Jesus*, repetido com vóz sinistra quasi duas vezes por minuto; accordei o guia, julgando que esses gritos partiam de alguma pessôa afflicta. Disse-me elle que era um homem que estava ajudando outro a *bem morrer*, isto é, (e soube depois ser esse o costume), que um agonisante tinha junto a si um amigo que lhe lembrava o nome de Jesus até que expirasse; quer porque esse nome seja palavra de salvação e não deva ser esquecido, quer porque sirva para affastar o demonio.

No dia seguinte jantei na povoação de Mamanguape, edificada á beira de um rio secco; augmenta ella diariamente. Essas povoações mais modernas do que as outras, são construidas n'uma unica e extensa rua sobre a estrada, as antigas o são em quadro. Esta tinha então quasi trezentos habitantes, porém mais tarde eu soube que o numero duplica e que estão edificando novas casas. O rio é de insignificante utilidade para a povoação mas está convenientemente situado entre Goyanna e o Rio Grande servindo de estação e como que de quartel general aos bofarinheiros, mercadores uteis, industriosos e, nesse paiz, geralmente honestos. D'alli fazem elles as suas excursões quotidianas aos engenhos visinhos e voltam á tarde para dormir. Passei a noite n'uma das construcções exteriores de um engenho; o guia mostrou se bastante admirado por eu não pedir agasalho na *casa grande*; preferi porém o meu albergue á outros melhores onde corria risco de passar metade da noite a contar anedoctas. Seja porém como for, os agricultores são mui hospitaleiros e para elles não se precisa de cartas de recommendação; todavia eu tinha provisão dellas.

No outro dia fomos a Cunhaú, engenho pertencente ao coronel André de Albuquerque Maranhão, chefe do ramo —Maranhão— da numerosa e distincta familia dos Albuquerques, homem immensamente rico de propriedades territoriaes. Cunhaú occupa ao longo da estrada um espaço de quatorze leguas, alem disso o proprietario comprou outra adjacente a esta, bastante grande. Dizem que as terras que possue no *sertão*, para a creação de gado, não

tem menos de trinta a quarenta leguas de extenção, e são dessas leguas em que se caminha tres ou quatro horas para atravessar uma.

Eu lhe levava algumas cartas de recommendação de parentes e amigos seus de Pernambuco. Achei-o sentado á porta, tomando fresco, com o capellão, alguns intendentes e outros aggregados. O coronel é homem de cerca de trinta annos de idade, bem feito e de altura um pouco ácima da mediana. Suas maneiras são cortezes como as de todos os brazileiros bem educados. Mora em suas propriedades e possue numerosos escravos e servidores. Commanda um regimento de cavallaria de milicias do Rio Grande e o mantém em bôa ordem; teve attenção ao estado do paiz. Veio ao meu encontro quando me apeei, e apresentando-lhe as minhas cartas, elle as poz de parte para as ler n'outra occasião. Convidou-me á sentar e endereçou-me varias perguntas sobre o fim das minhas viagens. Conduzio-me depois aos aposentos destinados aos hospedes, pertos do seu proprio quarto, onde achei bôa cama. Deram-me uma bacia com agua morna e tudo que me era preciso foi-me servido n'um relancear de olhos. Tinha tudo ares de magnificencia e até as toalhas de mãos eram guarnecidas de franjas.

Acabando a minha *toilette*, esperei que seria logo chamado para a ceia, mas com grande espanto meu só a uma hora da madrugada veio um creado convidar-me. Achei, n'uma vasta sala de jantar uma grande mesa servida e coberta de muitas iguarias em quantidade sufficiente para fartar vinte pessoas. Tomaram parte nesse banquete o coronel, o capellão, um outro sujeito e eu. Quando já satisfizera plenamente o appetite, fiquei bastante susprehendido por ver chegar outro abundante serviço e ainda depois deste um terceiro composto de doces de dez qualidades, pelo menos. A ceia não podia ser melhor nem mais oppulenta e aceiada do que se fosse preparada no Recife. Creio mesmo que um epicurista inglez teria achado ahi muita cousa capaz de lisonjear-lhe o apetite.

Não pude retirar-me para descançar antes das tres horas. A minha cama era excellente e eu disfructei-a com tanto maior prazer quanto não esperava achar tão bôas naquellas alturas. Pela manhã o coronel não me permittio que sahisse antes de almoço; mandou-me servir chá, café

e bollos; era tudo magnifico. Levou-me depois a ver os seus cavallos e insistio para que eu escolhesse um e lhe deixasse o meu afim de achal-o melhor quando voltasse; pedio-me igualmente que deixasse os de carga e tomasse alguns dos seus; estando porém, os meus ainda em bom estado recusei aceitar-lhe os offerecimentos. Refiro estas circumstancias, talvez muito minuciosas, para mostrar com que affabilidade são os estrangeiros tratados nesse paiz. Sómente as dez horas pude partir fazendo apenas duas leguas antes da hora do jantar. Parei para essa refeição n'um lugar aprazivel fertilisado por um ribeiro e sombreado de arvorêdos.

A' pequena distancia do engenho Cunhaú ha a aldeia do mesmo nome, por detraz da qual passára eu dirigindo-me á casa do coronel. Essa aldeia foi scenario de um massacre de Pitagoares e Tapuyas de Potengi em 1648. No anno seguinte Caramam, chefe indio á cuja bravura tanto devem os Portuguezes, deu batalha aos hollandezes, realisando-se esta entre Cunhaú e o forte Keulen, situado na embocadura do Potengi. (1)

A capitania do Rio Grande começa a algumas leguas ao meio dia de Cunhaú, n'um lugar chamado os *Marcos*. E' um valle profundo habitado por negros calhambolas e por criminosos evadidos. As verêdas que levam a esse valle são complicadissimas e uma vez entrando ahi um homem, difficil é desalojal-o.

Nesse anno, por falta de chuvas, a safra de algodão fôra nenhuma. O coronel de Cunhaú pela primeira vez fizera uma planta immensa e esperava colher dez mil arrôbas, mas conseguio apenas cem. Disse-me elle que depois se desforraria no assucar. E' muito humanitario para com seus escravos, que me pareceram bem dispostos; dizem que não tira de suas terras tudo o que poderia tirar, o que prova a sua benevolencia para com os mesmos escravos. O engenho Cunhaù é um dos maiores e talvez mesmo o maior daquellas paragens. Possue cento e cincoenta negros e admittiria quatro ou cinco vezes mais; o coronel dedica-se principalmente á creação de gado, ne-

(1) Hist. do Brasil. Vol. 2º, pag. 104 e 105.

gocio que augmentou de um modo extraordinario a fortuna do pai.

Conforme o costume, á nossa chegada á beira do riacho, descarregou-se os cavallos e armou-se a minha rêde. Deitei-me vestido mesmo; mas subitamente ergui-me sentindo-me encommodado. O guia encarando-me disse: Ih! como o senhor está cheio de carrapatos! Então distingui-os e elles se fizeram melhor sentir pelas mordeduras. Despi logo metade da roupa e sem perda de tempo atireime n'agua.

O *carrapato*, é um pequeno insecto chato e de côr escura, da grossura de tres ou quatro cabeças de alfinetes postas á par umas das outras; agarra-se á pelle, que róe, e penetrando nella ahi fica. E' perigoso arrancal-o de repente, porque ficando a cabeça, produz muitas vezes grandes inflammações. O melhor meio de tiral-o quando estiver tão enterrado que com os dedos não se possa, é tocal-o com a ponta de uma faca ou canivete bem quente. Ha outra especie de carrapato maior e da côr de chumbo; esta segura-se de preferencia aos cavallos e aos animaes cornigeros, que pastam nos mattos cerrados. Vi alguns cavallos cobertos desses insectos á ponto de enfraquecerem com a perda de sangue que lhes occasionavam. Os carrapatos (1) desta ultima especie agarram-se á pelle, mas não penetram nella. A minha rêde tinha cahido no chão quando se tirou das mallas para armal-a e nessa occasião apanhou os importunos visitantes. Tive o maior trabalho em livrar-me delles; mas atacando o inimigo á tempo conseguio-o.

Tornamos a por-nos á caminho por volta das duas horas e eu projectava viajar até o pôr do sol e arranchar-me então perto de alguma choupana, mas encontramos um moço, que nos interrogou. Residia em Papari, aldeia que distava quasi meia legua da estrada. Insistio elle comigo de tal modo para que o seguisse e passasse a noite em sua casa que por fim aceitei. Papari é um estreito e profundo valle do mais delicioso aspecto e bem cultivado; nesse

(1) A arvore dos castores é conhecida no Brazil pelo nome de carrapato, e na verdade muito se parece a semente dessa planta de que se extrahe azeite com a especie maior do insecto.

anno as terras foram de grande producção, não só porque ahi houve chuvas, como porque os terrenos arenosos não foram estereis. Com effeito, emquanto que nas outras partes da região o terreno parecia secco e abrasado, nesse valle notava-se o frescor e a verdura. E' um lugar aprazivel e os habitantes, parecem, por sua jovialidade, conhecer a importancia de semelhante moradia. Papari possue ainda outra vantagem : si bem que longe do mar de tres á quatro leguas, ha ahi um lago d'agua salgada de maneira que levam o peixe á porta dos habitantes. A maré enche e vasa nesse lago, que nunca sécca, e assim quando os riachos d'agua dôce, que por alli passam escasseassem, este conservaria sempre uma certa porção d'agua salgada. Os pescadores sóbem até Papari nas suas jangadinhas, que não demandam mais de um pé d'agua. Papari dista de Cunhaú quasi cinco leguas. O Sr. Dionisio apresentou-me á sua senhora ; é portuguez casado com brasileira. Possuem um pequeno terreno no valle e me pareceram satisfeitissimos. Papari póde ter uns tresentos moradores. Soube mais tarde que no curso desse anno muita gente correu para aquelle valle em busca de alimento que faltou nos que habitava. Fui á margem do lago ver a chegada dos pescadores. Todo o povo do lugar reuniu-se para recebel-os. Era *Billingsgate* (mercado do peixe em Londres) com a differença de não se praguejar por não permittil-o a lingua portugueza.

Jantamos á moda brasileira, em uma mesa de menos de 6 pollegadas de altura, em torno da qual nos sentamos, ou antes nos deitamos sobre capachos ; garfos não havia e facas apenas duas somente para cortar os grandes pedaços, os dedos deveriam fazer o resto. Fiquei em Papari o dia todo não só para descançar os cavallos, como porque precisava, por intermedio do Sr. Dionisio, comprar outro para o pobre do Julio cujos pés muito tinham soffrido pela extensa caminhada por cima da areia secca.

A tres ou quatro leguas de Papari está a aldeia india de S. José edificada em forma de quadro, contava então quasi duzentos habitantes, mas tinha apparencias de cahir em ruinas. A herva crescia a grande altura no meio do quadro ; a igreja fôra abandonada e a aldeia no seu todo offerecia tristonha perspectiva. S. José é situada n'um sólo secco e arenoso ; o rigor da estação contribuia prova-

velmente para dar-lhe essa desagradavel apparencia. Conhecemos nesse dia quão pouco vallia o fiarmo-nos nas informações que nos ministravam ácerca das distancias; o meu guia não se lembrava bem dellas, ainda que, como toda gente desse paiz, fosse dotado de uma especie de instincto relativamente aos caminhos a seguir. Haviam-nos dito que a cidade de Natal ficava de tres a quatro leguas de S. José e sendo assim esperavamos chegar ali ao anoitecer; as cinco horas porem, alcansamos umas dunas aridas pelo meio das quaes passa a estrada. Toda a região entre Natal e S. José é deshabitada, e neste caso bem pouco podiamos esperar achar alguem que nos informasse positivamente da distancia; entretanto disse-nos o guia que Natal não podia estar a menos de duas ou tres leguas pela lembrança que lhe dispertavam aquellas dunas as quaes vistas uma vez, ninguem podia mais esquecer. Logo que principiou a escurecer e os cavallos a affrouxarem o passo, avistamos dous rapazes que vinham ao nosso encontro, ambos á cavallo. Perguntamos-lhes se ainda nos faltava muito para chegar e responderam-nos que duas leguas de areia movediça, accrescentando que faziam parte de uma sociedade que ia fazer farinha á meia legua daquelle lugar em que estavamos, e onde era o roçado de mandioca. Disseram-nos tambem que seria loucura continuar a viagem para o Rio Grande a aquellas horas; que iam ali perto dar de beber aos cavallos e voltariam para nos conduzirem ao seu rancho. Consenti em seguil-os. Assim que voltaram desviaram-se de repente da estrada, tomando o lado de uma das dunas; já era noite; penetramos em altas e espessas capoeiras e depois de muito andar por ellas, deparamos com a gente da tal sociedade á que nos tinham dito pertencer.

Os utensilios para o fabrico da farinha estavam n'uma palhoça coberta de folhas de macahiba e de outras palmeiras. Haviam se aboletado ali por causa da visinhança de um poço d'agua salobra ao qual só se podia chegar descendo-se um precipicio. O pote estava amarrado a uma corda por meio da qual se fazia subir a agua; a pessoa que descia para enchel-o, subia agarrando-se aos mattos, que cresciam nas fendas. Esta sociedade só muito mediocremente me agradou, pelo que estabelecemos o nosso acampamento um tanto longe della e velamos a noite in-

teira lamentando eu não ter comigo um cão. Os nossos cavallos tiveram uma noite má comendo apenas as folhas dos arbustos que cresciam nos arredores.

Logo ao amanhecer pozemo-nos á caminho de Natal atravez das dunas, fazendo duas milhas por hora. De Goyanna á essa cidade são cincoenta e cinco leguas. As dunas que atravessamos mudam perfeitamente de forma. Os furiosos vendavaes que levantam a areia em turbilhões tornam essa passagem perigosa para os viajantes. A areia é branca e finissima; os nossos cavallos á cada passo, enterravam se nella até o meio da perna. E' sobretudo bastante incommodo caminhar nessa estrada debaixo de sol ardente. O pobre Julio subira á garupa de um dos cavallos de carga, o que nos forçava a ir devagar. O solo era absolutamente esteril pela grande inconstancia da areia que impedia qualquer vegetação; todavia algumas plantas rasteiras da visinhança do mar haviam conseguido fixar ahi as raizes.

A porção do paiz comprehendida entre Goyanna e o Espirito Santo, mesmo até Cunhaú, affastando-se pouco da costa, é occupada em grande parte por immensas plantações de cannas; muitos senhores de engenhos, porem, occupam-se tambem bastante com a cultura do algodão. O aspecto geral é o de uma região selvagem, ainda que enorme extensão de terreno seja todos os annos aproveitada. O systema agricola d'aquelle lugar é pessimo, ou antes, sendo inutil a applicação da sciencia da lavoura pela grandeza do territorio relativamente á sua diminuta população, as terras só são cultivadas durante um anno e no seguinte ficam de pousio, e por esse modo dão a um terreno que deixa de ser plantado n'um anno a apparencia de completamente inculto. Poucos aprendem pela pratica a julgar, segundo a perspectiva, da qualidade das terras. Esse genero de cultura faz com que uma plantação exija quatro vezes mais terreno do que o necessario.

Atravessei varias capoeiras cerradas e subi algumas ladeiras altas, mas nenhuma vi que merecesse o nome de montanha. Passamos pelo meio de muitas planicies arenosas onde crescem o cajú, a mangaba e differentes especies de palmeiras e plantas marinhas. Essas planicies, no inverno, servem de pasto ao gado, e só serão cultivadas quando as terras no Brasil começarem a ser procuradas.

Observei com frequencia varzeas ou terrenos baixos e alagados appropriados para a cultura da canna de assucar. Os *cercados* ou recintos dos engenhos, onde se soltam os animaes empregados no serviço, são os que unicamente parecem campos cultivados; todavia nem sempre são bem expurgados dos arbustos, a menos que o dono não seja rico e não tenha muita gente ao seu serviço, pois do contrario com o tempo se tornariam em verdadeiros bosques, tal é a fertilidade do solo. Existem na estrada varias aldeias de tres ou quatro cabanas cada uma, construidas de ramos e folhas de palmeiras; algumas com paredes de barro e cobertas tambem de folhas. De tempos á tempos avista-se uma casa de barro coberta de telhas o que annuncia pessoa acima da classe popular. Atravessei muitos rios que a secca diminuira de modo consideravel, mas não vi nenhuma importante corrente d'agua. O Parahyba estava secco no lugar onde o passei; o rio que corre junto a Mamanguape, seccara igualmente. O unico que vi n'altura ordinaria foi o que despeja no lago de Papari.

A estrada de Goyanna á Mamanguape é muito parecida com a do Recife á Goyanna, com a differença de que nessa que percorri por ultimo, as planicies são mais extensas e as veredas mais difficeis de vencer, distinguindo-se apenas, pela herva mais curta por effeito da passagem dos viajantes. Entretanto como não se póde evitar absolutamente que os animaes se desviem um pouco na planicie o matto não é de tal forma calcado que não possa continuar a crescer, logo que haja alguma sombra; um guia pratico é tanto mais necessario, quanto não se descobre nenhuma cabana nessas planicies, cuja mór parte, por falta d'agua, é deshabitada. São chamadas *Taboleiros* para distinguil-as das *Campinas*; nestas ultimas o terreno é mais vigoroso e nelle brota excellente herva. Para lá de Mamanguape o caminho é por vezes um simples trilho onde mal podem passar a par dous cavallos de carga; ha mesmo lugares onde não ha sufficiente largura para isso. Já mencionei o valle de Papari como superior ao resto de toda a região. As arvores do Brasil, em sua maioria, estão sempre verdes e é preciso que a falta de chuva seja extraordinaria para perderem a folhagem. A côr, porem, das folhas de uma planta queimada pelo sol, ainda que verde, muito differe da côr alegre das que crescem viçosas. Eis o que occasiona

a disparidade de aspecto tão surprehendente entre esse valle e as terras aridas que estão antes delle ; e este contraste é que o torna tão deleitavel á vista.

Entrei as onze horas da manhã na cidade de Natal, situada á margem do Rio Grande ou Potengi. Um estrangeiro que, chegando ao Brasil, desembarcasse nesse ponto ajuisaria mal da população do paiz pois perguntaria : se dão a lugares como éste o nome de cidade, o que não serão as villas e as povoações? Tal opinião, porem, seria sem fundamento ; por quanto, muitas villas, mesmo no Brasil, são maiores do que Natal. O titulo deve lhe ter sido dado não por causa do que era ou é, mas pela previsão do que no futuro poderia vir a ser. O bairro que está edificado n'uma pequena eminencia, á alguma distancia do rio, constitue a cidade propriamente dita, por ser ali que se acha a matriz. Consiste n'uma praça guarnecida de casas terreas, com tres igrejas, um palacio, uma casa de Camara e uma Cadeia. Tres ruas que apenas tem algumas casas de cada lado, desembocam nessa praça. A cidade não é calçada em parte nenhuma ; anda-se por cima de areia movediça, o que obrigou alguns habitantes a fazerem calçadas de tijolos nas frentes de suas casas. Esta cidade pode contar seiscentas ou setecentas almas.

Assim que cheguei fui a palacio para entregar ao governador as cartas de recommendação que obtivera de amigos seus de Pernambuco. Recebeu-me com a maxima cordealidade e pediu-me os meus passa-portes, os quaes sendo-lhe por mim apresentados, mal os abriu restituindo-m'os logo e accrescentando que só os pedira por mera formalidade. Disse-me que eu me hospedaria em sua casa e que a minha gente seria tambem ali accommodada. A' uma hora jantei com elle e um dos seus ajudantes de campo e depois fomos dar um passeio pela cidade baixa. E' construida á beira do rio ; as casas occupam o lado meridional e entre ellas e o rio ha sómente a largura de uma rua. Esta parte da cidade pode conter de duzentos a trezentos habitantes e ahi é que moram os negociantes. A passagem na fóz do Potengi é estreitissima, mas tem fundo sufficiente para as embarcações de cento e cincoenta toneladas. A margem septentrional avança consideravelmente e por esta razão, faz-se preciso que os navios tomem ao sul para della se approximarem. O canal no meio dos

recifes, que estão a alguma distancia da costa, precisa ser conhecido. Emfim o porto é de difficil accesso. O rio é seguro depois de se entrar na fóz, a agua é profunda e tranquilla tendo bastante largura para passarem dous navios ao mesmo tempo; mas logo após existem baixios; e, no espaço de poucas milhas a profundidade diminue muito. Penso que o porto poderia conter seis ou sete navios. Não se deve penetrar nos estreitos como esse, entre bancos de areia, senão com bons praticos, porque mudam com frequencia de lugar e de fundo. Quando a maré enche a margem septentrional alaga-se até uma milha da entrada do porto e o mar cobre grande extensão de terreno, que, em maré baixa, conserva-se sempre humido e lodoso; todavia a agua nunca sobe a ponto de impedir a passagem. O governador occupava se da construcção de um calçamento nesse terreno, obra que estava quasi prompta. Essa nova estrada terá uma milha de comprimento, pouco mais ou menos. A capitania do Rio Grande está sujeita ao governador de Pernambuco, como antigamente o estavam as da Parahyba e do Ceará, que ha já alguns annos, formam governos provinciaes independentes.

O governador Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque, é natural de Pernambuco e irmão mais moço do chefe do ramo Cavalcante de Albuquerque. Seu pai, brasileiro como elle, depois de haver sido alferes do regimento do Recife, estabelecera-se n'uma fazenda agricola onde enriquecera. Morreu o bom homem deixando á cada filho consideraveis bens. Dous dos filhos conservaram-se em suas propriedades onde ainda vivem. O terceiro (aquelle de quem me occupo) entrou no regimento de Olinda onde se fez amar pelos soldados. Tendo sido o regimento reduzido a uma companhia, conservou elle o comando della, despendendo grossas sommas de sua algibeira para bem equipal-a. Depois foi a Lisbôa a tratar de negocios relativos á mesma companhia, porem durante a sua estada naquella capital, os denunciaram alguns inimigos da familia, sendo os tres irmãos accusados de tramar contra o governo. Obrigado a fugir de Lisbôa pelo receio de ser preso, refugiou-se Francisco na Inglaterra onde foi tão bem recebido que sempre procurava occasião de testemunhar o seu reconhecimento á gente daquelle paiz. Seus irmãos muito soffreram nas suas pessoas e bens; mas por

fim esclareceram-se as cousas sendo a accusação reconhecida por falsa. Francisco viu-se immediatamente promovido ao posto de major e logo após nomeado governador do Rio Grande. E' homen de merecimentos, severo cumpridor de deveres e possuido de desejos de melhorar a sorte do povo, cujo governo lhe fora confiado, mas digo com pesar que o removeram para outro menos importante, o de S. Miguel dos Açôres.

Chegando ao Rio Grande encontrou apenas uma pessoa que trajava bem. Conseguiu persuadir uma familia a mandar comprar fazendas inglezas no Recife, e, uma vez introduzidas estas mercadorias, tiveram voga, e, não querendo ninguem ser eclypsado pelo visinho, ao cabo de dous annos generalisava-se a moda.

A' noite fomos a igreja. Todas as senhoras, vestindo com elegancia sedas de variadas cores, tinham véos pretos que lhes cobriam os rostos. Um anno antes essas mesmas pessoas, frequentavam a igreja, de saias de algodão fabricado em Lisbôa, grosseiros chales na cabeça, sem meias e de chinellos.

As forças militares constam de cento e quatorze homens formando uma companhia muito mais bem ordenada do que as de Pernambuco e Parahyba. A capitania do Rio Grande disfructava perfeito socego; graças á essa força ali não se praticavam roubos. O governador apressava a construcção de uma vasta casa, para a qual liberalmente subscrevera e cujo rendimento era destinado a soccorrer as viuvas dos soldados da capitania. Receio bem que depois de sua partida hajam abandonado essa empreza. A condição dos detentos é miserabilissima e o governador tentava melhoral-a, tendo para esse fim conseguido que as pessoas mais notaveis da cidade fizessem, alternando-se, todas as semanas, uma collecta em beneficio desses infelizes. A principio mostraram zelo no desempenho dessa commissão, mas logo depois, abandonaram-na. Então pegou o proprio governador n'uma bolsa, e, acompanhado de um ajudante de campo, sahiu a pedir de casa em casa. Disse elle que foi a melhor semana que os presos tiveram depois de sua detenção, porquanto cada pessoa deu mais do que costumava. Essa benefica pratica foi recomeçada com ardor pelos mesmos que a haviam abandonado.

Perto de Natal naufragara ha tempos um navio e dis-

seram-me que os seus proprietarios ficaram satisfeitos pelos esforços empregados na salvação da carga.

Em virtude de grande secca nesse anno, houve extrema escassez de farinha de mandioca (é o pão do Brazil), pelo que elevou-se, no Recife, Goyanna e outros lugares, o preço della; os habitantes do Rio Grande que a possuiam começaram a exportal-a por mar para onde a falta se fazia sentir. O governador porem, prohibiu essa especulação, e ordenou que a farinha fosse vendida no mercado pelo preço que os proprietarios poderiam obter com a exportação; tomou por sua conta toda a que não foi logo vendida, e entregou a immediatamente pelo mesmo preço á proporção das necessidades de cada um. Parte destas cousas soube pelo proprio governador e parte por pessoas da cidade a quem eu fôra apresentado. Quando elle deixou o Rio Grande para ir empossar-se do seu novo governo de S. Miguel, o povo acompanhou-o até certa distancia fazendo votos pela sua felicidade.

CAPITULO VI

CONTINUAÇÃO DA VIAGEM

O governador fez todo o possivel no sentido de convencer-me a não proseguir na viagem, que lhe parecia imprudente em virtude da grande secca; eu porem já viera de tão longe, que resolvi, custasse o que custasse, tentar a aventura. Se tivesse a certeza de poder realisal-a em outra occasião, teria sem duvida feito melhor voltando e esperando tempo mais favoravel. Estou porem satisfeito de ter então proseguido no meu caminho, porque se o não fizesse, ter-me-hia provavelmente visto na necessidade de renunciar ao meu projecto. Todavia devo confessar que os desagradaveis accidentes porque passei foram devidos ao rigor da estação.

Recebi do governador uma carta de recommendação para o Aracaty. Insistiu tambem elle para que eu deixasse o meu cavallo afim de na volta achal-o em bom estado. Deviamos passar a noite n'um lugar que nos annos seccos, fornece farinha ao Rio Grande, mas cujo terreno, nos annos ordinarios, é muito humido para ser cultivado,

salvo se fosse sangrado, operação de que no paiz mal se tem ideia. Em Natal provi-me de outro cavallo e atravessei o rio em canôa, passando a minha gente e os animaes em jangada. No fim do novo calçamento desembarcamos e lá deparamos com algumas pessoas que se destinavam á Lagôa Secca, o lago sem agua, de que já tenho fallado, e em cujos arredores devia comprar o milho e a farinha de que carecia para todo o tempo que gastasse em atravessar a parte da região regada pelo rio Ceará Meirim. Deixando a estrada ordinaria, seguimos por um caminho estreito que conduz ao lago e sombreado de mattos. Tocando com a cabeça nos ramos de uma arvore, percebi que incommodara immensa familia que alli estabelecera a sua residencia. Os meus hombros cobriram-se logo de pequenas formigas de que só depois de bastantes mordeduras me pude desembaraçar. Por volta das seis horas da tarde chegamos á Lagôa Secca e fizemos alto n'uma choupana. Na manhã seguinte fiz conhecer o principal objecto de minha ida a aquelle lugar, assim como a minha intenção de comprar outro cavallo. Os habitantes tinham descido do centro do paiz, onde a secca destruira toda a esperança de colheita. Haviam edificado pequenas palhoças das quaes muitas ainda estavam por acabar, pelo que a familia vivia em commum. Essas palhoças tinham apenas o tecto para abrigo dos moradores, que aguardavam com impaciencia as primeiras chuvas para voltarem aos seus verdadeiros domicilios.

Cada qual possuia o seu roçadosinho de mandioca e de milho. Deixei o cavallo do meu creado inglez aos cuidados de um daquelles homens e parti com quatro carregados, os dous primeiros como d'antes, o terceiro levando farinha e o quarto milho. Munira-me no Rio Grande de outros cavallos para a conducção d'agua e de objectos que ninguem me aconselhou que levasse, mas cuja necessidade eu conhecia por experiencia propria.

Ficamos em Lagôa Secca um dia inteiro e sahimos na manhã do outro dia, tencionando dormir n'uma aldeia chamada Pai Paulo. Depois de descançarmos ao meio dia junto a um poço, proseguimos a viagem. Nessas regiões de ordinario abrem poços cavando um buraco de dous a tres pés de fundo, pouco mais ou menos, até brotar agua. Se algum dos que vão buscal-a é amante do acceio, faz

uma cerca em rêdor do poço ; em geral, porem, deixam em aberto e os animaes bebendo, sujam a agua. Esses poços são chamados cacimbas. No lugar que atravessamos pela *manhã* a herva estava secca, mas era abundante ; á tarde passamos sobre um terreno pedregoso ; era o primeiro que eu atravessava e parecia molestar bastante os cavallos habituados até então ao terreno arenoso de Pernambuco ; mas penetramos logo n'uma planicie estreita e comprida, onde a estrada era bem assignalada e a herva inteiramente quimada de ambos os lados. Encontramos um brazileiro a pé conduzindo doze cavallos carregados e um poldrinho com sella, tendo cada cavallo dous saccos de couro cheios, ao que me pareceu, de farinha. Admirou-me ver um homem só incumbido de tantos cavallos, quando, geralmente, o numero de homens é quasi igual ao dos animaes. Notei que estes se affastavam da planicie e pareciam dispostos a ganhar as capoeiras ; ordenei ao meu guia que tomasse a direita emquanto que eu tomava pela esquerda e assim interpondo-nos entre elles e os mattos impedimol-os de se desviarem. O conductor mostrando-se reconhecidissimo deu lugar a encetarmos conversa. Inquerio onde pretendiamos pernoitar e lhe respondi que em Pai Paulo. Disse-nos que alli os poços tinham seccado e os habitantes abandonado as casas. Perguntei-lhe o que deveriamos então fazer e respondeu que a sua intenção era ir dormir a uma planicie que nos ficava a duas leguas ; que agua lá tambem não havia, porem que um seu escravo que vinha atraz trazia sufficiente quantidade para todos nós, com ordem de tirar mais n'um poço perto do qual passaramos. Outro partido a tomar não tinhamos ; onde estavamos não existia capim, portanto impossivel era ahi ficar. Ordenei pois a Julio e ao seu camarada que deixassem os cavallos seguir entre os do nosso novo companheiro e que olhassem por todos do mesmo modo. O escravo reuniu-se-nos logo e entregou o odre ao meu guia indo auxiliar Julio, emquanto que eu caminhava de vagar para poder conversar com o conductor do comboio. Era elle filho de um rico proprietario que morava nas margens do Açú e que possuia naquellas regiões numerosas manadas de gado. O pai tinha o posto de Coronel de milicias e o filho, com quem eu conversava, o de major do mesmo regimento. A secca se manifestara tão grande

naquelles lugares que muito receiavam a fome, por isso e para provêr a familia, fôra elle mandado á costa comprar farinha e desta se compunham as cargas dos cavallos que conduzia, excepto a de um que levava milho para o sustento de todos durante a noite. Depois de comprada a farinha, ouvira elle fallar da prohibição que havia de vender-se este genero e soube que um destacamento de soldados enviado ao lago ia com ordem de tomar-lhe a provisão; pelo que puzera-se em marcha, e, para desviar as suspeitas, sahira apenas com um escravo deixando atraz o resto da sua gente e até a propria bagagem. O cavallo em que de ordinario montava, conduzia tambem uma carga de farinha e o pequenino á que tinha posto a sella era ainda muito novo para aguentar peso. O major trajava como verdadeiro brazileiro camponez: camisa e ceroulas, alpergatas nos pés, carabina ao hombro, espada ao lado suspensa a um boldrié e uma faca de matto na cintura. Pareceu-me homem de cerca de quarenta annos, robusto e bem feito; a pelle nas partes não expostas ao sol era alva como a de qualquer europeu; mas a physionomia o pescoço e as pernas, eram de côr morena mui pronunciada. Esse individuo, que outr'ora disfructára toda a abastança que o paiz offerece e a deferencia devida a sua posição e riquezas, não pudera poupar-se á essa penosa viagem, que tinha por fim salvar a vida de sua familia. Com certeza não podia elle ser bem comparado ás pessoas de sua condição na Europa. Tinha, assim como a maioria de seus compatriotas ricos, sido habituado, desde a infancia, ao que n'uma terra mais civilisadada, se olharia como grandes fadigas.

Chamam-se alparcas a pedaços de couro de dimensões um tanto maiores do que a planta dos pés de quem as tem de calçar; presas aos pés por meio de correias, as alparcas são os sapatos dos brasileiros que, habitando longe das cidades, não podem obter outros. Julio tivera a precaução de munir-se de um par, e a não fazer isso não sei como poderia elle dar mais um passo.

Parámos no lugar convencionado; era um planicie immensa onde a relva estava de todo queimada pelo sol; as proprias arvores, taes como o cajú e a mangaba, pareciam resentir-se da falta d'agua e as folhas começavam a cahir. Estabeleceram-se as duas caravanas separadamente

sob a espessura das arvores; nessas planicies, porem, raramente crescem arvores uma junto de outra para que o viajante possa armar a rede. Os nossos pobres cavallos foram deixados n'um valle proximo para nelle procurarem alguma relva que tivesse escapado aos rigores da secca e aos animaes de outros viajantes. A porção d'agua de que dispunhamos não era grande e receiavamos alem disso ter de comer carne secca muito salgada. Não dormimos nem passamos a noite á vontade, porque o vento levantando se apagou as nossas fogueiras. As quatro horas deu-se á cada cavallo a sua ração de milho, um porem recusou-se a comel-a.

Ao amanhecer seguimos para Pai Paulo, tres leguas adiante, atravessando sempre a mesma planicie, n'uma extremidade da qual vimos o rio do Ceará Meirim e na outra extremidade, n'uma elevação, a aldeia de Pai Paulo, que, sem contestação, é o lugar mais miseravel dos que visitei; todas as cabanas estão a cahir em ruinas e o curso do rio só se distinguia pela profundidade do leito, sendo de areia movediça todo o sólo da circumferencia, que em nada differe do do proprio rio. As arvores estavam quasi despidas das folhas. Entrava eu então no Sertão, (especie de deserto), nome que na verdade a região merece. Não nos demoramos em Pai Paulo; ao meio dia fizemos alto ao pé de um poço d'agua salobra. Os nossos cavallos pernambucanos a principio recusaram-se a bebel-a. Limpou-se o limo e deixou-se socegar a agua, comtudo tudo mal provaram-na. Fomos obrigados a descançar um pouco e a dar milho aos cavallos abstendo-se ainda o mesmo que o não quizera da outra vez. Disse-me o guia que suppunha ser por falta de costume e que era preciso ensinal-o a comer pois a não ser assim impossivel seria fazel-o atravessar aquella vasta plaga. Começou-se por mergulhar o milho n'agua até que amolecesse, então o guia introduzio-o a força na garganta do animal, conservando-lhe depois a bocca fechada. Essa operação, auxiliada pela fome deu bom resultado e á tarde pareceu elle menos enfastiado; só fez demorar-se um pouco mais do que os outros em acabar a ração. Bebi daquella agua, misturando-lhe sumo de limão e assucar que levava. Por mais ruim que fosse, tivemos de prover-nos della porque nessa tarde não achariamos outra. O paiz por toda parte offerecia o mesmo

aspecto. Passamos varias vezes o Ceará Meirim; em alguns lugares enormes rochedos levantam-se no seu leito. A' noite procuramos asylo junto ao rio e armamos as redes sobre um terreno inclinado. O vento que alli sopra as onze horas e meia noite facilita o necessario abrigo; as vezes é fortissimo e secco, porem sadio.

No dia seguinte continuamos o nosso caminho da mesma maneira· Eu contrahira depressa o habito de fumar de madrugada; achei que isso entretinha-me a fome e estava bem contente, porquanto antes de meio dia nada preparado podiamos ter. A minha gente não comia de manhã para evitar demoras e não era conveniente que eu parecesse menos sobrio do que os outros. Tornara-me muito intimo com o meu amigo major. Soube elle que na Inglaterra possuiamos tambem cavallos, bois e cães e esta circumstancia augmentou-lhe as sympathias por mim. Primeiramente admirou se de que eu montasse a cavallo e até achou que ia menos mal para um noviço chegado ao Brazil a tão pouco tempo. Surpreheudeu-se igualmente ao saber que não tinhamos igrejas, cousa de que jamais ouvira fallar. Declarou que dali em diante já não acreditaria que os inglezes fossem pagãos. Eu disse-lhe que um dos principaes pontos de differença entre as nossas religiões é que a minha não obriga á confissão, e elle si bem que acreditando na sua efficacia, achava a confissão uma pratica bastante incommoda.

Deparamos com outro poço d'agua cheia de limo no leito do rio, que ainda atravessamos diversas vezes. O lugar onde ao meio dia paramos, não offerecia outra sombra alem da das folhas de um arbusto cujos ramos desciam até o chão. Estendi-me na areia mettendo a cabeça entre os ramos e cobrindo com uma pelle o resto do corpo. Era uma casa de posta um pouco quente, mas emfim melhor do que se me expuzesse aos ardores do sol.

Fiquei admiradissimo ao ver esse arbusto. Existem em certos lugares do Sertão duas especies de arvores conhecidas por Pereiro e Icó. Quanto maior é a secca mais florescentes ellas parecem. Ambas são perniciosas aos animaes; mas como não fazem mal aos cavallos e aos bois selvagens pode-se admittir que nenhum effeito perigoso produziria nos outros que lhes comessem as folhas se já não estivessem enfraquecidos pelo calôr e pelo cançaço.

O major prevenio me de que essas arvores abundavam na visinhança, conseguintemente os nossos cavallos foram amarrados dando-se á cada um a sua ração de milho. O arbusto de que acabo de fallar era soberbo e as folhas de um verde brilhante. Vi depois muitos outros iguaes nessa travessia. Observei os mais particularmente nessa parte do paiz, por serem os unicos com apparencia de vida.

Fomos essa tarde menos mal no descanço do que na vespera, porquanto a agua, embora salobra, era mais limpa.

No dia seguinte tivemos de continuar a atravessar a mesma região e o mesmo rio. A certeza de havermos caminhado, era só o que nos convencia de termos mudado de lugar, tão monotono é o aspecto daquella parte. Ao meio dia ainda não tinhamos sombra. A agua pouco differia da que encontraramos no dia anterior. Deitei-me á sombra de um rochedo até que o sol no seu giro fizesse cahir os seus raios onde eu me collocara. Nas proximidades dos charcos e dos poços, com frequencia, vimos gado em nossa estrada; desta vez uma vacca magra, acossada pela sede, se offereceu á nossa vista; o major que nessa occasião se achava perto do charco, lançando por acaso os olhos sobre ella reconheceu o ferro do gado de suas fazendas. Esse encontro, como é natural, bastante o surprehendeu. — Como poude este animal afastar-se dos seus pastos para tão longe? exclamou.

A falta d'agua com certeza, foi o que alli a trouxera, na distancia de cem leguas.

Nesse mesmo dia reunimo-nos a uma pequena tropa de sertanejos (habitantes do sertão), que seguia o mesmo caminho que nós. Estavam ainda onde haviam descançado ao meio dia, e, quando nos approximamos um dos seus cavallos vacilava ébrio por ter comido folhas de Icó. Tentaram fazel-o engolir milho na esperança de cural-o, porque dizem que o milho produz esse effeito quando empregado logo depois do animal comer o Icó. Quando nos separamos a pobre besta deixava-se cahir e só com difficuldade conseguiam levantal-a; disse-me o major que julgava o soccorro já muito tarde.

Depois do meio dia notei no leito do rio differentes bancos de rochedo, que com a correntesa forte devem formar lindas cataractas.

A' tarde o meu guia tentou por-me á prova. Eu percebera que elle havia conversado com os dous indios ácerca da viagem, e que nessa occasião me sondava para ver se eu concordava em voltar. Disse-lhe que estava decididissimo a proseguir a minha viagem e que fazia fogo sobre o primeiro que desse um passo para traz; que se elle tentasse fugir eu lhe iria no encalço e com certeza não o deixaria adiantar-se. Elle não disse positivamente que queria voltar, mas insinuara que a empreza era arriscadissima naquella estação e que os dous indios estavam com medo de ir mais adiante; alem disso eu sabia ser elle o instigador dessas tramoias. Entretanto bem difficil lhe seria caminhar denoite; pois os unicos signaes de estrada que se podiam distinguir, consistiam na areia mais calcada do que o resto e nas margens do rio um tanto abatidas nos lugares por onde se passava. Esses signaes portanto eram tão pouco visiveis, que, mesmo em pleno dia, um homem só, embora habituado a seguir certas especies de estradas não poderia reconhecel-os. Assim tinha eu certeza de que a deserção sómente de dia podia verificar-se e que eu a impossibilitaria conservando-me sempre a cavallo na retaguarda da caravana. O guia não levava armas de fogo, nem podia pensar em assassinar-me, sabendo quanto o meu somno era leve e que as minhas pistollas nunca me deixavam; alem de que uma tentativa de tal natureza só podia ser levada a effeito de combinação com Julio, que aliás, pelo tempo adiante mostrou-se digno de toda a minha confiança. Eu punha o maior cuidado em viver constantemente alerta, não estando Jonh comigo. No entanto ainda que este fosse de muita coragem, não tinha bastante vigilancia.

O modo pelo qual eu ameaçava tratar o meu guia só pode ser justificado pela posição em que me achava: com effeito, se elle me abandonasse, os dous indios lhe imitariam o exemplo.

Quando um homem soffre que impunemente se riam delle, impossivel se torna que triumphe de suas emprezas no meio de semelhantes circumstancias; demais, eu fiz as ameaças convicto de que bastavam para impedir a tentativa.

Fizemos provisão d'agua no lugar onde haviamos des-

cançado ao meio dia, e, conforme o costume, ficamos de noite á margem do rio.

No dia seguinte puzemo-nos a caminho absolutamente do mesmo modo; ao meio dia, porém, com grande desapontamento nosso, faltou-nos agua; o charco tinha seccado. Demos todavia descanço aos cavallos por algum tempo. A sêde me abrasava porque desde a vespera que eu não bebia. Restavam-me ainda alguns limões, que foram distribuidos e que bastantemente nos aliviaram. Depois do meio dia aconselhou-me o major que seguisse o seu exemplo pondo na bocca um pequeno seixo, recurso ordinario dos sertanejos em taes occasiões. Aceitando o conselho achei que isso produzia na bocca grande humidade. Foi um triste dia para nós que nem sabiamos se alcançariamos um charco antes dos nossos cavallos succumbirem. Um dos do major já havia sido descarregado, tão fraco se achava. No correr do dia passamos por algumas cabanas desertas. A nossa noite foi terrivel e diversos dos nossos cavallos recusaram-se a acabar a ração de milho. O receio de os ver morrer era só o que desviava um pouco os nossos pensamentos da propria situação. A minha coragem apenas era animada pela necessidade de sustentar a dos outros. Jonh sentia-se um tanto doente e isso inquietava-me, porque o mais que podiamos fazer era arrastar-nos e se algum dos da minha gente adoecesse sériamente eu não saberia que partido tomar.

Na seguinte manhã, por volta das nove horas, com immensa alegria achamos uma cacimba. Infelizmente para nós a agua era tão ruim que só mui pouca podemos beber; lodosa e salobra como de ordinario, nunca esquecerei todavia as delicias com que engoli as primeiras gottas. Quiz continuar, mas não pude decidir-me a isso, tão nauseabundo era o gosto daquella agua. Examinando em roda descobrimos algumas cabras e Julio acercando-se dellas, vio gallinhas e logo após uma cabana habitada, vindo apressado trazer-nos a bôa nova. Resolvemos demorar-nos para descançar se os donos da cabana nos dessem ao menos esperança de conseguir nas circumvisinhaças algum pasto para os animaes. Encontrei na palhoça uma velha mulher e duas filhas; o homem estava ausente. A velha manifestou a maior admiração ao saber que haviamos atravessado o Ceará Meirim e disse-me que não sabia se com as

filhas seria em breve obrigada a abandonar a cabana, como já succedera a muitos outros. Indicou ao major e á minha gente um valle proximo onde poderiam descobrir folhas e alguma relva secca, por ser aquelle o unico lugar que em geral os viajantes desconheciam.

Aplanei as difficuldades presenteando-a com um bocado de farinha, atirando milho ás gallinhas e dando á ella e ás filhas o tratamento de *minhas senhoras*. Comprando-lhe um cabrito e uma gallinha, contei immediatamente o dinheiro. Essas pobres gentes são não poucas vezes saqueadas do modo o mais odioso pelos viajantes, que dispõem de suas cabanas, comem-lhes as aves e vão se sem pagar nada. Todavia considerando que não existe lei nessas paragens, só uma cousa me surprehende, é que maiores crimes não sejam praticados. E' certo que cada proprietario sabe que se acha exposto ás aventuras communs e que, afastando-se da casa e da familia as deixam sem defesa. De qualquer forma as pessoas e os bens desses infelizes, estão inteiramente a mercê dos viandantes, porque se os assassinassem e as suas choupanas viessem a cahir em ruinas, os visinhos pensariam que, como tantos outros, tinham abandonado as habitações, e nenhuma busca se daria para se lhes descobrir o paradeiro. E' consequencia da natural inclinação dessa gente de errar de um lugar para outro, pois quasi nunca ha commodidade ou segurança que possa retel-a em parte nenhuma.

A' tarde continuamos a nossa viagem e passamos por cabanas abandonadas, mas pelo fim do dia deparamos com algumas habitadas e ao escurecer paramos junto de uma aldeia depois de termos passado o Ceará Meirim pela quadragesima segunda e ultima vez. Esse rio tem a sua origem em certas montanhas do norte e na mesma direcção da do Açú, rio de que terei occasião de fallar.

O Ceará-Meirim lança-se no Potengi e talvez que alguns dos seus braços dirijam o curso para o Parahyba. A vegião é inteiramente plana desde Pai Paulo até o lugar onde deixei o rio. O terreno é de areia movediça e algumas vezes, embora raras, misturada de terra preta. As arvores alli são poucas e espalhadas e quando passei estaram despidas de folhas. O rio serpêa e faz mil voltas; enche depressa e a agua que nelle se precipita em torrentes, não é retardada na sua carreira senão pela desigual

profundidade das differentes partes do leito, e pelas cadeias de pedras que o atravessam em alguns lugares. A areia que lhe forma o leito em quasi nada differe da das margens approximando-se apenas um pouquinho do saibro. Cavando-se na areia, a agua do rio é por toda a parte salobra e mesmo em diversos lugares salgada demais para poder ser bebida. Esta observação não é sómente applicavel ao Ceará Meirim porque notei que os leitos de todos os rios que seccam no verão, contém sal em maior ou menor quantidade; pelo menos a agua que delles se tira nunca é bem doce.

O lugar onde chegáramos passa por distar de Natal quarenta leguas. A legua do sertão nunca é de menos de quatro milhas. Ha leguas grandes, leguas pequenas e leguas de nada, que achei muito compridas, ápezar do nome. Pai Paulo fica a oito ou dez leguas de Natal, o que deixa para a travessia trinta ou trinta e duas. Faziamos quasi tres milhas por hora e caminhavamos das cinco e meia da manhã até as dez, e á tarde das duas e meia até as seis.

Afinal alcançaramos outra vez lugares habitados pelo homem. O solo ainda apresentava a mesma aridez; as cacimbas, porém, eram tratadas, a agua melhor, e havia relva, embora secca. Eu formara o projecto de acompanhar o major parte do caminho que elle tinha de andar para chegar em casa; nécessario porem se fazia aconselhar-me com as circumstancias e informar-me do estado da região a atravessar. A' nossa moda acostumada, continuamos a viajar, tomando entretanto maior descanço ao meio dias. Atravessamos assim uma região plana, passando todos os dias por duas ou tres fazendas de gado, cujos rebanhos pareciam magrissimos e os homens por demais miseraveis.

Depois de accompanhar o major por mais tres ou quatro dias, reflecti que não seria prudente ir mais adiante por esse lado. As noticias do interior era ruins, e tinhamos chegado á uma fazenda cujo gado morrera todo; os homens pareciam dispostos a abandonar as habitações se a chuva não viesse logo. Eu calculava não estar então a menos de duzentas milhas da costa. Tinhamos andado para o norte e para o oéste, conseguintemente estavamos de certo pouco affastados da margem meridional do Açú,

que devia ficar-nos á leste. Resolvi dirigir-me para essa banda porque os meus cavallos podiam morrer e o paiz achava-se em tão miseravel estado que eu não poderia obter outros capazes de conduzir-nos. De resto, como só viajava por gosto, e o guia receiava ir mais longe, eu não via necessidade de perseverar na minha empreza. Se tivesse ordens nesse sentido, o caso era differente e teria corrido todos os riscos. Pensei tambem que a deserção a noite, sendo agora facilima por ser a região habitada, podia realisar-se á proporção que nos approximassemos do Açú.

Em cada fazenda de gado ha uma casa bastantemente decente onde mora o proprietario ou o vaqueiro e de ordinario outras menores espalhadas aqui e alli na planicie que a circunda. Os curraes são encostados á casa grande e deixam o viajante reconhecer de longe com facilidade uma fazenda.

Ouvi fallar de um uso singular adoptado nesses lugares, onde as habitações distam tanto umas das outras. Certos padres obtém licença do bispo de Pernambuco e percorrem essas paragens com um pequeno altar feito expressamente e conduzido em cima da carga de um cavallo. Levam comsigo tambem tudo quanto é necessario ao serviço divino, sendo o cavallo conduzido por um rapaz que ajuda a missa. O padre monta outro cavallo que igualmente carrega o seu modesto guarda-roupa. Os ecclesiasticos que viajam por este modo, juntam n'um anno cento e cincoenta ou duzentas libras sterlinas, bom rendimento no Brazil, porem penosamente ganho se se considerar os incommodos e provações que elles supportam. Demoram-se e armam o seu altar em qualquer parte onde haja sufficiente numero de pessoas que se disponha a pagar para ouvir missa. Celebram-na as vezes por tres ou quatro schillings; quando porem um ricasso deseja ter um padre ou quando é muito devoto, dá oito e dez mil reis por uma missa; acontece mesmo pagar-se até cem mil reis, mas isso é rarissimo. Dão tambem as vezes um, dous e tres bois, ou o mesmo numero de cavallos. Esses padres são homens uteis, pois se o uso de que fallo, não existisse todo o exercicio do culto seria vedado aos habitantes de muitos districtos ou pelo menos, não poderiam elles assistir aos officios divinos senão uma ou duas vezes por anno, quando

muito, por quanto, lugares ha que estão a vinte ou trinta leguas da igreja mais proxima; alem de que, onde não existe lei nem religião positiva e racional, qualquer cousa é melhor do que nada. Esses sacerdotes fazem baptisados e casamentos, o que previne o total olvido das regras estabelecidas nas sociedades civilisadas.

Deixei o major proseguir viagem para a sua casa em quanto eu avançava, ou antes batia em retirada na direcção opposta (1). Nesse dia não notamos mudança nenhuma no estado da região e bem mal teriamos passado por falta d'agua se não fôra o encontro que tivemos com um bom vaqueiro. Perguntando-lhe o caminho da fazenda mais proxima, elle m'o indicou. Informei-me se nella acharia agua e disse-me que, a eu não ser conhecedor dos lugares, não acertaria com o poço. Terminou esta conversa offerecendo-se para servir-me de guia, sem que o preoccupasse a ideia de que isso o affastava do seu caminho umas quatro ou cinco leguas. Quando chegamos ao poço convidei-o a jantar comigo. Eu não possuia delicados manjares para lhe offerecer, mas elle proprio não tinha outros viveres alem dos que levava nas suas boroacas que são saquinhos de couro pendurados ao arção da sella. Não quiz apear-se e partio immediatamente. O meu guia cujo cavallo manquejava um pouco, ficara atraz e reunio-se-nos então. Haviamos passado sobre um terreno pedregoso e o poço era aberto no meio de rochas. Vou descre-

(1) Dous ou tres annos depois tive noticias de meu amigo major. Travei conhecimento com um homom que morava ao pé da serra do Teixeira, que fica alem das fazendas do pai delle major. O velho coronel fôra morto por um touro em frente da porta de sua propria casa. O animal preso n'um pequeno curral, tornara-se furioso. Precisavam derrubal-o, o que se faz de um modo todo particular picando-o com um forcadosinho de ferro em determinado lugar da coxa. Os vaqueiros atemorisados quizeram esperar que o animal com o tempo, moderasse o furor. O velho coronel, então de 70 a 80 annos, lhes disse que se estavam com medo, iria elle proprio atacal-o e em seguida penetrou no curral, antes porem, de poder preparar-se para enfrentar o touro, e quando ainda se achava junto a cerca, o animal atirando-se a elle enterrou-lhe as pontas no corpo com tal força que entraram tambem nas estacas, e antes que se podesse desembaraçar teve tempo um dos vaqueiros de puchar uma comprida faca e enfial-a entre os chifres do touro, que cahiu logo; o velho porem deixara de existir.

ver o vaqueiro que se desviou do seu caminho para ensinar-me o poço e o seu retrato pode ser considerado como o de qualquer sertanejo em viagem. Montava um cavallinho de longas crinas com selim um tanto alto adeante e atraz; o freio e os estribos eram de ferro enferrujado e serviam-lhe de redeas duas correias estreitas. O traje consistia, primeiro n'um grande calção de couro curtido, escuro, mas não lustrado, preso em roda da cintura. Por baixo desse calção trazem ceroulas de algodão. Tinha depois sobre o peito uma pelle de cabra e por cima de tudo isso uma especie de manto de couro que se lança sobre um hombro. O chapéo era tambem de couro, forma baixa e abas pequenas; os pés calçavam chinellos e tinha presas em roda dos calcanhares nús esporas de ferro atadas com correias que, passando por debaixo dos pés, seguravam tambem os chinellos. Conservava na mão direita um chicote e ao lado uma espada suspensa de um boldrié amarrado por baixo do hombro, uma faca no quarto e na boca um cachimbo curto e immundo. Atraz da sella via se um panno encarnado enrolado em forma de manto, que ordinariamente contem uma rede e roupa para mudar uma vez, a qual consiste em camisa, ceroulas e as vezes n'uma calça de chita. Nas boroacas que pendem da sella, um sertanejo mette quasi sempre, de um lado, farinha e carne secca e do outro um fuzil, uma pedra de fogo (as folhas seccas servem de isca), fumo e um cachimbo de sobresellente. A toda essa equipagem junta ainda algumas vezes uma grande pistola que em parte passa por baixo da côxa esquerda. O andar mais commum do cavallo approxima-se de um pequeno trote. A côr do sertanejo é trigueira; mesmo o que nasce alvo torna se depois tão moreno como o traje de que usa. A estampa aqui junta dá ideia do sertanejo tal como é visto no Recife todos os dias.

Em uma fazenda contaram-me a seguinte anedocta, que prova a difficuldade que existe nesse paiz de cumprir-se com exactidão os deveres religiosos. Um padre passando em cerio lugar, foi rogado por uma mãe de familia para demorar-se afim de baptisar-lhe um filho. Accedendo ao pedido, o padre ficou; mas depois de algum tempo de espera, deu a entender que queria continuar a sua viagem e por isso que lhe trouxessem logo a creança. Então disse-lhe a mulher que se demorasse um pouco mais porque o

menino tinha ido dar de beber aos cavallos e não podia tardar. O padre admirou-se, porem mais admirado ficou quando vio que o baptisando já contava seus treze ou quatorze annos de idade.

No dia seguinte proseguimos a nossa jornada por um terreno pedregoso em muitas partes e com elevações, mas não havendo nenhuma que podesse merecer o nome de montanha. John foi no correr da noite accommettido de subito incommodo; bebera muita agua e não quiz misturar-lhe espiritos recusando tambem fumar. Considero o habito de fumar como de absoluta necessidade nesse paiz para a conservação da saúde; é uso geral entre o povo dalli, e muitas mulheres mesmo gostam tanto do fumo como os homens. Pela manhã o meu doente achou-se melhor.

Nesse dia, ás dez horas, chegamos a uma fazenda chamada Santa Luzia, situada n'uma planicie semelhante ás que viramos por muitos dias. Essa planicie é campina e não taboleiro. Poucas arvores havia junto ao poço. A vista dessa habitação a nossa coragem reanimou-se. Bandos de jumentos, todos bem nutridos e seguidos dos garanhões, vinham beber. O gado, as ovelhas e outros animaes, pareciam regosijar-se da abundancia em que viviam. Descarregamos os cavallos debaixo das arvores. A casa do chefe dos vaqueiros, á cem varas de distancia e sobre uma pequena elevação, ficava-nos em frente. Era uma cabana caiada e baixa tendo estribarias e curraes de ambos os lados. Ao meio dia vi alguns vaqueiros occupados em tirar leite das cabras: mandei Julio com meia piastra pedir um pouco de leite, pagando-o. O guia procurou persuadir-me de que não devia mandar dinheiro. Não quiz attendel-o e ordenei a Julio que levasse a moeda. Veio o leite, mas o dinheiro tambem voltou e pouco depois tres homens da fazenda vieram ter comnosco: agradecendo-lhes o leite que me haviam mandado, disseram-me que desejavam saber, se eu mandando dinheiro, o que na terra não é costume, pretendera insultal-os? O guia bem me prevenira de que os offenderia. Fôra eu proprio portanto o culpado de attrahir essa scena. Afinal consegui accalmal-os dizendo-lhes que pertencia a um paiz onde tudo se vende e onde a gente é obrigada a comprar até a areia com que se limpam as casas. Accrescentaram que

tendo o meu rapaz, quando fôra buscar o leite, dito que na nossa comitiva havia um inglez, desejavam vel-o por ser bicho que nunca tinham visto. Respondi-lhes que tinha ido ajudar a levar os cavallos e que voltaria logo, pensando eu que se referiam a John; o guia porem lhes disse que eu tambem era inglez. Pintou-se-lhes no rosto quando lhes garanti que nada havia de mais verdadeiro, o maior desapontamento, pois esperavam ver algum animal curioso. John voltando, foi na occasião objecto de curiosidade, porque não sabia o portuguez; tudo isso impacientou-o e entrou a praguejar em inglez. Os meus homens, no auge da admiração exclamaram: *falla a lingua dos negros.* Sentando-se depois no chão ao pé da minha rede, pediram-me noticias de Pernambuco porque nada do que se passa em qualquer outra parte lhes interessa. Eu conhecera no Recife o dono da fazenda e convenci-os desta circumstancia descrevendo-lhes a casa e o jardim á elle pertencentes; informaram-se de sua saúde. Terminou a conversação com o offerecimento que me fizeram de alguns cavallos para continuar a minha viagem; e, ao voltarem para a fazenda mandaram-me um presente de carne secca. Desta maneira ganhara eu offerecendo-lhes dinheiro em pagamento do leite; todavia dahi por diante fui mais cautelloso.

De Santa Luzia avançamos através da planicie esperando alcançar um lago de que o guia tinha lembrança. Entretanto á noite fechada ainda estavamos na mesma planicie onde o caminho é indicado pela areia um pouco mais calcada; era impossivel reconhecel-o no escuro. O lago á cuja margem julgavamos poder chegar, mesmo pelo verão nunca secca de todo e tinha vadeavel um só lugar e, por tanto, atravessal-o de noite era perigoso. A planicie não offerecia pousada muito agradavel; aqui e alli viam se rochedos de differentes dimensões; arvores, porem, nenhuma e o vento soprava com violencia. O guia apeou-se para ver se descobria capim secco. Enganou-se na sua esperança procurando á esquerda da estrada, sendo porem mais feliz do lado direito. Só pelos seus gritos podemos acertar com o lugar onde elle se achava; alteava a vós e nós respondiamos; por esta forma conseguimos juntar-nos. Descobrira elle igualmente um immenso rochedo ao abrigo do qual descarregamos os cavallos e acendemos

fogo. Logo porem nos convencemos de que impossivel seria cosinharmos qualquer cousa porque o vento apagava o fogo, alimentado com galhos de pequenos arbustos e com sarças que cresciam na campina. Por um feliz acaso tivemos agua. O guia receiando a sêde no correr da tarde, tinha enchido um odresinho e limitaramo-nos á essa provisão na persuação de que alcançariamos o lago antes de anoitecer. Deitei-me sobre dous dos nossos fardos e refugiei-me no rochedo; fazendo o mesmo quasi toda a gente; dividimos tambem, tão igualmente quanto possivel, o pouco que possuiamos.

Depois do meio dia observara eu varios rochedos de formas singulares, entre elles um extraordinario; assentava sobre outro rochedo muito menor e o ponto de apoio era tão pequenino que parecia facil deslocar aquella massa; não pude porem conseguil-o. O incommodo dessa noite foi enorme, occasionado sobre tudo pelo furor do vento. Acabamos mergulhados em profunda escuridão por não termos mais fogo e mal podiamos ouvir-nos, tão forte era a tempestade; os cavallos pareciam soffrer tanto como nós pela falta de abrigo. Apertaram-se aos nossos lados a noite inteira.

Continuando a marcha no outro dia pela manhã verificamos que nos haviamos arranchado sómente á meia legua do lago, que estava sem agua; o fundo porem era lamacento e só no lugar vadeavel se podia passar. Esse lago estende-se muito em comprimento, porem pouco em largura. Se o tratassem é provavel que fornecesse aos habitantes dos arredores, uma fonte d'agua inexgotavel; mas no Brasil não se póde emprehender taes trabalhos; não ha braços sufficientes. Depois do meio dia vimos algumas montanhas e passamos perto de duas fazendas. Notei junto da estrada uma montanha de forma conica inteiramente isolada. Parecia por demais escarpada para ser possivel aos cavallos subirem-na. Bastante pezar tive de que não se achasse em lugar onde me podesse demorar para examinal-a á vontade, e o guia admirou-se da minha curiosidade. Disse-me elle que os cavallos nunca poderiam galgar aquella montanha, cujo cimo estava coberto de cobras. Tudo isso podia ser exacto, mas pareceu-me que a intenção delle era desviar-me de tentar a empréza. A planicie em que nos achavamos, em differentes partes, pa-

recia indicar que outr'ora estivera submergida no mar. A perfeita igualdade do solo e as parcellas de uma substancia semelhante a conchas pulverisadas, de mistura com a areia, faziam nascer esta conjectura a qual se robustecia pelo aspecto das rochas gastas á certa altura, como o são pelas vagas as que existem á beira mar. Depois de atravessar muitos terrenos cobertos de mattos passamos á noite, por um lugar em que varias casas reunidas formavam uma aldeia.

No dia seguinte atravessamos ainda terrenos cheios de mattos; e, ao meio dia, chegamos á villa do Açú. Facilmente se imagina a alegria que experimentei ao tornar a ver uma igreja, uma povoação e gente civilisada se todavia, assim se póde classificar os habitantes desses lugares, segundo as ideias européas. Qualquer que seja o augmento de população, e por mais civilisada que se torne, a região que atravessei, sahindo de Natal, nunca será fertil. Não ha duvida porem, que pode ser melhorada, se nella abrirem poços, estabelecerem cisternas e sobretudo se plantarem arvores. As planicies através das quaes eu passara são de tres especies. Aquellas cujo solo é de areia movediça, produzem cajú, mangaba, e varios generos de palmeiras, mas a herva é curta e de má qualidade; nellas nascem igualmente plantas rasteiras semelhantes as que se veem ao longo das praias na Inglaterra. As arvores são raras. O cajú e a mangaba são fructos deliciosos e parecem tanto melhores quando se encontra no meio de estereis areias. O primeiro tem sido descripto muitas vezes; o outro é um fructosinho arredondado bem parecido á uma maçã selvagem; é doce e se conhece que está maduro quando cáe do pé; a polpa é fibrosa, porem molle; contem tres caroços cujo sabor se approxima ao das amendoas. As palmeiras dão igualmente fructos insipidos, mas que em caso de necessidade se comem.

Essas planicies são *taboleiros* como as da segunda especie onde se veem cerrados matagaes. A natureza do solo não lhes permittem elevarem-se a maior altura do que a de um homem á cavallo. A estrada em diversos pontos é pelo meio das capoeiras e como estas não offerecem sombra e impedem o vento de refrescar o ar, é alli que os ardores do sol se fazem mais sentir; entretanto não são tão cerradas que impeçam o gado de nellas penetrar e de

procurar pastagem. As planicies da terceira sorte são as de melhor terreno e que produzem boa relva, mas onde não existem arvoredos, e apenas arbustos e espinhos, havendo mesmo lugares onde nem isso ha. O solo pedregoso em certas partes, ora sobe, ora desce, de modo a occasionar desigualdades, cujo effeito interrompe o aspecto uniforme das planicies, que aos olhos do viajante se apresentam como mar sem limites e onde, se caminhando muitas horas parece que não se sahiu do mesmo lugar. Estas chamam-se campinas. Atravessei differentes terrenos cobertos de altas arvores que em nosso paiz se chamariam florestas; mas no Brasil não tem sufficiente extensão para occasionar notavel differença no aspecto das vastas regiões que percorri. A ideia que esta me deixou no espirito foi a de um lugar plano e descoberto.

Não ouvi fallar de animaes ferozes nessas planicies. Supponho que se haviam retirado para melhores territorios. Não fomos tão pouco incommodados por cobras. Entretanto a minha gente, ao assentar-se o nosso acampamento, nunca deixava de examinar com cuidado a circumferencia do lugar escolhido, o que prova que esses reptis são communs no paiz, pois a não ser assim taes precauções não se tornariam habituaes aos indios. Tudo o que posso dizer é que na parte esteril do paiz, não se encontram animaes perigosos em grande quantidade, mas nas proximidades dos lagos, dos grandes pantanos e nos lugares fertèis ouve-se com frequencia o *tanger* da cobra. Vimos n'um terreno pedregoso uma especie de pequeno coelho chamado mocó. O *carrapato* e a *chigua* (bicho de pé) (1) tinham absolutamente desapparecido desde que sahimos de Lagôa Secca e dos arredores de Natal. Tem-se descripto tanto o bicho de pé que excusado é occupar-me delle aqui com minuciosidade; é um pequenissimo insecto que penetra na pelle, principalmente debaixo das unhas dos pés. Nas visinhanças do mar é bastante commum esse insecto, sobretudo nos lugares arenosos; entretanto ainda que o solo das planicies do sertão pareça formado da mesma especie de areia, não se vê um só em toda a extensão que vai do Natal ao Aracaty.

(1) Chique, ou pou de Pharaon, pulex penetrans.

Chegamos a Açú no 1° de Dezembro, depois de havermos feito quasi tresentas e quarenta milhas em dezenove dias. A continua agitação em que estivera, não me permittira escrever um roteiro regular das minhas operações. Do Açú ao Aracaty, tomei nota dos nomes dos lugares por onde tinha passado. Essa região é mais habitada e eu estava mais perto da costa, alem disso viajava tambem muito mais a meu gosto. Entre Natal e Açú, porem, se exceptuar a aldeia abandonada de Pai Paulo, não passei por outro lugar que mereça mesmo o nome de aldeia. Apenas de longe em longe, observei cabanas isoladas e muitas vezes deshabitadas. E' uma mesquinha e triste região.

A cidade é edificada em quadrado em torno de uma praça e contém quasi tresentos habitantes. Possue duas igrejas, uma casa de camara e uma cadeia, naquella epoca ainda em construcção; fôra o governador que concebera e ordenara essa obra. A cidade fica á margem do grande rio Açú, n'um lugar onde elle se divide em dois braços os quaes se tornam a juntar um pouco mais adiante. Está construida no lado septentrional do braço menor, entre o qual e o maior ha uma ilha de areia cujo comprimento é de quasi tres milhas. Passamos a pé enchuto ambos os leitos do rio e entramos na praça que não é calçada. Varios habitantes chegaram ás portas porque os viajantes de ordinario excitam a curiosidade que o nosso aspecto augmentava ainda. O sellim em que eu montava era inglez e esta novidade chamava a attenção. A maioria das casas consta do andar terreo unicamente e algumas são caiadas e estucadas; quanto ás outras, o barro que lhes servio de argamassa, conserva a côr natural tanto no interior como no exterior; nem são caiadas nem ladrilhadas, de maneira que ainda que haja o maior cuidado, quando a agua é rara, os moradores difficilmente podem conservar limpeza. Si bem que os brasileiros da classe baixa de todas as raças, tenham alguns habitos que se approximam dos da vida selvagem, são de notavel aceio nas suas pessoas. Um dos maiores incommodos para o brasileiro no lugar onde habita, é a falta de rio ou lago em que possa banhar-se. Comecei por informar-me da residencia de um selleiro, homem de côr, que o meu guia conhecia. Esse individuo não menos curioso do que os outros, estava á porta para

ver os viajantes ; immediatamente reconheceu o seu amigo e adiantou-se para lhe fallar ; conseguio-nos elle uma casa pelo tempo que alli ficassemos ; não era forrada nem caiada ; constava de dous quartos e tinha duas portas, uma de frente, que deita vapara a praça, e outra atraz para o lado do rio. Logo que nos installamos e eu mudei de roupa, fui visitar o vigario que morava na melhor casa da villa ; quero dizer na que me pareceu menos mesquinha. Era do tamanho das cabanas dos lavradores ou das dos pequenos rendeiros na Inglaterra e nem tão pouco era muito mais commoda, embora fosse ladrilhada. E' certo que esses climas não exigem, como os dos paizes frios, os solicitos cuidados, esse indefinivel não sei que de creação ingleza chamado *conforto.*

Disse ao vigario que ia visital-o como a primeira pessoa do lugar e que me julgaria feliz se na minha viagem fosse acompanhado das orações de sua congregação e particularmente das de um sacerdote de quem o governador me fallara de modo tão lisongeiro. A conversa proseguio entre nós por alguns momentos, mas achando-me bastante fatigado, não me demorei. Dispunha-me a mandar os meus cavallos para os lados do Piato, onde se podia achar relva, palha verde de milho, de canna e outras plantas, quando o guia me pediu que me demorasse o menos possivel, asseverando-me que quando os cavallos continuam o caminho sem interrupção, vão bem, mas se os deixam repousar, tornam-se molles, pesados e incapazes do serviço. Eu não estava bem convencido, do que elle me dizia, mas como não tinha motivos para demorar-me no Açú, ordenei a Julio que trouxesse os animaes as duas horas do dia seguinte para termos ao menos vinte e quatro horas de descanço, custasse o que custasse. Por experiencia conheci depois quanta razão tinha o guia. Um trabalho constante e regular é mais vantajoso aos cavallos do que o repouso quando se prolonga por mais de um dia.

O nosso amigo selleiro, entre outras cousas, contou-nos que pouco antes de nós, um outro sujeito, um rapaz e um cão, passaram pelo territorio que haviamos percorrido vindos de Santa Luzia. Tinham se arranchado á noite ao pé de uns rochedos que existem na visinhança do lago de que fallei. O seu companheiro fôra ali perto botar os cavallos a pastar, ficando comsigo o rapaz e o cão. Accendera o

fogo e preparava-se para assar a carne quando o rapaz gritou: — onde está o cachorro? — Aqui, o que ha? perguntou-lhe. — Que olhos estão ali! disse o moço indicando uma abertura n'um dos cantos do rochedo. O selleiro olhando só poude distinguir os olhos relusentes e nada mais. Chamando o cão pegou na espingarda e fez fogo sem saber em que. Era um jaguar (o tigre da America meridional) que saltando para fóra poz-se em fuga. Occultara-se no rochedo e a claridade do fogo impedira que se lhe visse o corpo, sendo visiveis unicamente os olhos. Parece que se havia escondido no buraco para atirar-se á presa logo que estivesse tudo socegado.

Informaram-me de que na embocadura do Açú existiam importantes salinas, e que pequenas embarcações de differentes pontos da costa iam de quando em quando buscar-lhes os productos.

Tomei no Açú um segundo guia; o que levara de Goyanna desconhecia o resto do caminho, apezar disso conservei-o, porque embora fosse homem que nunca me tivesse agradado muito, era habilissimo no seu officio; conduzia os cavallos perfeitamente e graças aos cuidados que dispensava e á experiencia que possuia, chegavam elles sem o mais leve ferimento, o que, segundo a surpreza manifestada por todos que o viram, prova boa sorte ou rara habilidade. Quanto ao mais esse guia era um grande patife que maltratava a pobre gente em casa de quem nos hospedavamos, quando julgava poder fazel-o impunemente Para dar-se importancia dizia á todos que eu era um alto personagem. Eu deixava-o fazer, mas em nossa volta, n'uma occasião em que me achava de mau humor, dando-se elle pelo chefe da comitiva, peguei-o em flagrante e confundi-o completamente ameaçando-o de despedil-o do meu serviço. Logo que restabeleci me teve elle o cuidado de encobrir as suas travessuras e de prestar mais attenção aos que o podiam ouvir. O meu segundo guia era um mulato moço e robusto, filho de um morador do Açú e gosava de bôa reputação. Ao partir levou comsigo um bellissimo cão, que me cedeu depois.

Julio voltou com os cavallos no outro dia e entre tres e quatro horas da tarde deixamos o Açú.

(Continúa.)

Noticia sobre a fundação da Igreja de Nossa Senhora do Rosario do bairro da Bôa Vista

A irmandade de Nossa Senhora do Rosario dos homens pretos do bairro da Boa Vista da cidade do Recife, foi installada na igreja da Santa Cruz, do mesmo bairro, e na qual funccionou por muitos annos.

Na carencia de dados positivos sobre a epocha da instituição da irmandade, de cujo archivo nada consta, por faltarem os seus primeiros livros, e na ausencia de outros quaesquer documentos e noticias das nossas chronicas, podemos, comtudo, segundo uns fragmentos de um velho livro de matricula dos irmãos, assegurar que a irmandade já estava constituida em 1772; e do seu mais antigo livro de registro de actas, acaso o primeiro, porem incompleto por faltarem as primeiras onze folhas, que em 1780 tinha já a irmandade o seu compromisso, o qual, resolveu ella em mesa de 29 de Junho de 1786 — *que se fisesse de novo, e se o mandasse para a confirmação pelo poder competente.*

Em todo caso, a irmandade não póde ter uma existencia muito remota á epocha de 1772, em que já a encontramos installada e regularmente funccionando, uma vez que a igreja da Santa Cruz, na qual se erigiu ella, foi fundada pouco antes de 1742. (*)

Nada consta tambem sobre a epocha em que a irmandade sahiu da igreja da Santa Cruz. Em todo caso, em 1788 ainda funccionava naquella igreja, como consta de documento authentico, mas no anno seguinte já estava installada no consistorio da sua igreja, ainda em começos de construcção, como se vê do cabeçalho do termo de posse

---

(*) V. Nota I, in fine.

da mesa regedora, lavrado em 15 de Novembro de 1789 deste modo: — *Termo de posse do Juiz, Escrivão e mais membros que tem de servir nesta Irmandade de Nossa Senhora do Rosario erecta nesta Igreja do Rosario da Bôa Vista.* — Foi, portanto, dentro do curto periodo de 1788 a 1789 que se deu a trasladação da Irmandade.

Em 1786, data averiguada, resolveu e Irmandade fundar uma capella propria, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosario, sua padroeira, e tendo já reunidos alguns recursos materiaes para dar começo as obras de construcção, dirigiu-se ao bispo diocesano solicitando a necessaria licença para a fundação da capella, destinada, como allegou, não só em honra da sua padroeira, como ainda para servir de sepultura aos seus irmãos.

Já a esse tempo, possuia a Irmandade uma casa terrea de pedra e cal, situada na rua da Gloria, que comprara em 1777 por oitenta mil reis, a qual offereceu para constituir o patrimonio canonico da sua projectada Igreja, do que se lavrou a competente escriptura publica em 22 de Janeiro de 1787, sendo a referida propriedade avaliada no anno seguinte em cento e oitenta mil reis, rendendo então nove mil e seiscentos reis annuaes, á razão de oitocentos reis mensaes.

Julgado o predio offerecido pela Irmandade sufficiente para constituir o patrimonio canonico necessario á erecção da projectada igreja, e lavrada a competente sentença pelo Doutor provisor do bispado o Conego João Soares Barbosa, em 31 de Janeiro de 1788, e feita a acquisição do necessario terreno, cuidou-se logo de dar começo as obras de construcção da capella. (*)

Effectivamente, naquelle mesmo anno de 1788, no dia da festa da Senhora Sant'Anna, que a igreja celebra no ultimo domingo de Julho, teve lugar o acto solemne do assentamento da pedra fundamental da igreja, e a erecção de um cruzeiro no local, como consta do seguinte documento lavrado no já citado livro de actas:

« *Termo que faz a mesa neste presente anno aos treze dias*

(*) V. Nota II.

do mez de Julho de 1788 para se fazer lançar a primeira pedra que pretendemos para a erecção da capella.

« Estando nós todos juntos fizemos escrever o presente termo, para que se fizesse lançar a dita pedra em o dia em que nesta igreja da Santa Cruz se festeja a Senhora Santa Anna, advertindo porem que no dia mencionado de manhã se benzerá a cruz e ficará posta no lugar da dita capella que pretendemos erigir, e a pedra no dito dia á tarde mencionado acima, cuja cruz e pedra sahirão desta igreja da Santa Cruz sem á isso haver duvida, salvo contradição do tempo, do que lavrei o presente termo, e como escrivão que sou o escrevi. — Elesbão de Faria. — Victoriano Francisco da Costa, juiz. — Joaquim dos Santos. — Sebastião Antonio. — Leandro Ramos Chaves. — João de Deus Rodrigues. — Antonio dos Santos. — Manoel do Nascimento. — Antonio João Soares. — Luiz de França. — Francisco Antonio da Costa. — Maximiano da Cruz de Oliveira. — Joaquim Ramos. — João da Assumpção. — Luiz de França da Silva, Procurador. »

Iniciados assim os trabalhos de construcção da igreja, attendeu a Irmandade a que se cuidasse de preferencia da obra do levantamento das sachristias, e concluidas ellas, fez immediatamente a sua transferencia, de sorte que, em 1789 já a tinha realisado, e de onde começou logo a sahir o terço que processional e regularmente celebrava a Irmandade. Quanto a festa de Nossa Senhora do Rosario, porém, continuou a celebral-a na igreja da Santa Cruz, até 1793, e deste anno por diante na igreja matriz da freguezia, emquanto não se concluiam as obras internas da sua capella, que morosamente caminhavam á falta de recursos. Com essa primeira festa que a Irmandade celebrou na igreja matriz, em 1794, nada dispendeu, porquanto foi feita ás expensas do capitão-mór José Corrêa de Araujo, já credor de reconhecimentos da Irmandade por outros actos de liberalidade, e que ainda por sua morte deixou-lhe um legado para auxilio das obras da capella.

Uma prova dessa falta de recursos com que lutava a Irmandade para vencer as despezas á fazer com a construcção da sua igreja, consta do seguinte termo lavrado em 8 de Setembro de 1802, já decorridos quatorze annos do começo das suas obras :

« Accordamos nós abaixo assignados que para podermos continuar com a obra do frontespicio da nossa igreja, nos foi necessario tomar emprestado ao Capitão Antonio de Mello Pacheco a quantia de sessenta e cinco mil e cento e vinte reis, para cujo pagamento empenhamos os rendimentos de duas moradas de casas terreas de pedra e cal, uma sita na rua do Padre Floriano na villa de Santo Antonio do Recife, cuja casa rende cinco patacas cada um mez, e outra sita na rua da Gloria no bairro da Bôa Vista, a qual rende quatro patacas cada um mez; que se vencerá este pagamento no decurso de vinte e tres mezes principiando da factura deste por diante, ficando o dito credor obrigado a fazer bom a Irmandade de oitocentos e vinte que fica restando depois de vencido todo o tempo; e este foi feito estando nós todos juntos em conclave sem constrangimento de pessôa alguma, e mandou o Irmão Juiz passar este termo no qual todos nos assignamos. Consistorio em mesa, era supra. Eu Julião José de Araujo, Escrivão o escrevi. »

Ainda em 1812 não estava concluida a obra do frontespicio da capella, porquanto, por termo de 6 de Setembro foi resolvido fazer o reboueo do mesmo frontespicio, de um e outro lado, correndo as despezas por conta das esmolas que o thezoureiro agenciasse.

Comtudo, em 1813 ainda não estavam concluidas as obras de construcção da capella, como se vê do seguinte termo lavrado em 30 de Maio do mesmo anno:

« Estando nós todos conjunctos lavramos o seguinte para a factura das obras da casa de nossa Padroeira a Senhora do Rosario da Bôa Vista, no qual damos consenso ao nosso Irmão Thezoureiro para poder continuar com todas as obras que a mesa lhe tem concedido, com a condição de serem emquanto estiverem do nosso contentamento. Para tudo quanto fôr preciso para nossa santa casa e para em todo tempo que a Irmandade receber a esmola do fallecido José Correia de Araujo se fará real emembolso do que a Irmandade ficar devendo ao mesmo Thezoureiro, e para maior vigor nos assignamos. »

Eis somente o que consta do citado livro de actas com relação á fundação da capella, uma vez que o archivo da Irmandade nada mais possue que possa concorrer para a

organisação de um trabalho minucioso e completo sobre o assumpto. Comtudo, verifica-se, que iniciada a construcção da capella em 1788, em 1813, vinte e cinco annos depois, ainda se cuidava das suas obras de conclusão externa; as quaes, por nada mais se encontrar dahi por diante, nos parece que foram as ultimas que se fizeram, ficando assim terminada a construcção da capella naquelle anno.

Fixar, portanto, a epocha precisa em que se concluiram as obras de construcção da capella, é impossivel, em face dos escassos dados de que dispomos. Sabemos, comtudo, que foi ella benta pelo conego João Rodrigues Mariz, como refere o padre Lino do Monte Carmello Luna na sua *Memoria historica e biographica do clero pernambucano*, mas sem designação da epocha. (*) Entretanto, parece-nos que aquelle acto teve lugar em 1808, porquanto foi nesse anno que a Irmandade celebrou pela primeira vez a festa de Nossa Senhora do Rosario na sua propria igreja, e com uma certa pompa e solemnidades até então não praticadas, como se vê das resoluções anteriores e posteriores á respeito das festas, o que mais evidentemente se verificará com a seguinte transcripção do proprio termo que se lavrou sobre o assumpto:

« Aos vinte e seis do mez de Maio de mil oitocentos e oito, estando o Juiz, Escrivão e mais officiaes da mesa, concertamos com votos de toda a mesa em fazermos festa com o Santissimo Sacramento exposto no throno, e toda a pompa devida a nossa Padroeira a Senhora do Rosario; com procissão de tarde, visto que o nosso Irmão Juiz Miguel Bernardo Quinteiro concorre para a dita festa com a armação da capella maior de ornatos, e para a procissão conta com todas as figuras da dita, e com um carro triumphante para a conducção da nossa Mãi Santissima, em cujo termo nos obrigamos todos os Irmãos a cooperar, procurar e diligenciar todo o beneficio, lustre e pompa da nossa funcção, para o que concedemos toda a faculdade ao nosso Irmão Thezoureiro á gastar, procurar e solicitar todo o beneficio em honra da nossa Padroeira, cujo termo lavrou

(*) V. Nota III.

o nosso Juiz Branco (*) visto que foi quem pediu e advertiu semelhante acção de tanta reverencia, em cujo termo se assigna e o Escrivão o subscreveu. »

Combinando-se, portanto, a data de 1808 da inauguração da capella, no dia da festa de Nossa Senhora do Rosario, com o transcripto termo lavrado em 1813 sobre a continuação das obras de construcção da mesma capella, conclue-se, que terminadas naquelle anno as obras internas foi ella inaugurada, recebendo previamente a benção solemne ministrada pelo Conego João Rodrigues Mariz, sem embargo da não conclusão ainda das obras exteriores, como o frontespicio e a torre, que posteriormente se construiram.

Pode-se, portanto, firmar o dia da festa de Nossa Senhora do Rosario, celebrada no primeiro domingo de Outubro de 1808, si é que teve lugar nesse dia como o kalendario prescreve, como o da inauguração solemne da sua igreja do bairro da Bôa Vista, em face das considerações expendidas, combinadamente com o termo lavrado em 26 de Maio do citado anno, como o vimos transcripto.

Concluidas, em fim, as obras de construcção da capella em fins do anno de 1813, dando-se como as ultimas á emprehender-se as que autorisára a Irmandade em sua reunião de 30 de Maio daquelle anno, cujo termo já o vimos consignado em sua integra; com o correr dos annos, porem, ou porque a capella construida fosse de acanhadas dimensões, ou porque a obra fosse fragil e ameaçasse ruinas, ou ainda por qualquer outra circumstancia ignorada, resolveu a Irmandade construir um novo templo, e fel-o agora sob moldes mais largos e proporcionados, como vemos hoje na bella igreja que campeia em optima situação, dominando a larga e extensa rua do Rosario, que em alas paralellas corre em frente á sua fachada, deixando passar em seu extremo a rua da Conceição.

Sobre esse emprehendimento de reconstrucção da capella, quando começaram as suas obras, quando terminaram ellas, e outros pormenores á respeito, nada absolutamente consta do archivo da Irmandade, pela incuria de passadas administrações, que não souberam zelar, como

(*) V. Nota IV.

lhes cumpria, o unico repositorio de subsidios para a historia da sua igreja e da sua propria corporação! Consta porém, tradiccionalmente, que os pretos Ignacio Antonio da Silva e Maria Eugenia do Rosario, foram os principaes promotores desse novo emprehendimento, e agenciando para isso avultadas esmolas, tiveram o prazer de ver o inicio das obras e bem assim a terminação das que eram necessarias para a inauguração da capella.

Valendo-nos, porém, de escassos dados consignados em fontes exparsas, colligimos que o corpo da igreja, em face do epitaphio inscripto sobre a lagem de marmore que sella a campa em que jaz o eminente patriota Gervasio Pires Ferreira, no cruzeiro, em frente ao altar do Senhor Bom Jesus da Cruz, já estava concluido em 1836, quando falleceu e teve sepultura na referida campa aquelle illustre e benemerito pernambucano.

Gervasio Pires, proprietario da — *casa nobre, mistica ao lodo direito da igreja de Nossa Senhora do Rosario dos homens pretos, do bairro e freguezia da Bôa Vista,* — casa essa por elle construida logo que chegou mudado de Lisbôa para Pernambuco, em 1825, e na qual falleceu, votava particular afeição á igreja de Nossa Senhora do Rosario, e graças á sua fortuna e aos impulsos do seu generoso coração muito concorreu em favor das obras de reconstrucção desse templo; e corre mesmo, mas não documentadamente, que doara elle o terreno de accrescimo para a construcção da nova igreja, uma vez que se aproveitou o da primitiva capella.

No seu testamento, prescreveu Gervasio Pires, que se morresse nesta cidade do Recife, fizessem enterrar o seu cadaver na igreja de Nossa Senhora do Rosario dos homens pretos da freguezia da Bôa Vista, e o conduzissem á sepultura no esquife da Irmandade da dita igreja, a qual se desse a quantia de vinte mil reis por esmola da cova. (*) Fallecendo, porem, no Recife, teve execução essa sua ultima vontade, remunerando a familia generosamente á Irmandade com a quantia de seiscentos mil reis pelo local escolhido para abertura da sua sepultura; e cobrindo-a

(*) V. Nota V.

depois com uma lagem de marmore de Lisbôa, fez gravar sobre a mesma este epitaphio, de um bello trabalho epigraphico, e sobre o qual se vê em relevo um bonito emblema mortuario :

Aqui jazem
Gervasio Pires Ferreira
Filho de
Domingos Pires Ferreira,
E D. Joanna Maria de Deus
Bom marido e pai
Nascido aos 26 de Junho de
1765,
Deixando para sua memoria
Dez filhos, e vinte e um netos ;
E sua neta
Emilia Carolina Gonçalves da Silva,
Nascida aos 15 de Outubro
1834,
E ambos fallecidos
Aos 9 de Março
de
1836.

Aos lados de Gervasio Pires Ferreira, descançam ainda dois netos seus em sepulturas cobertas por grandes lages de marmore, completamente juntas ao seu jazigo. Na do lado direito se lê este epitaphio : — *Aqui jaz José Rodrigues Campello quarto filho de Manoel Thomaz Rodrigues Campello, e de sua mulher D. Francisca de Paula Pires Ferreira. Nasceu a 13 de Novembro de 1835 e falleceu a 24 de Julho de 1837 e sepultado aos pés de seu avô materno.* — E na do lado esquerdo : — *Aqui jaz Manoel Apolinario Rodrigues Campello filho de Manoel Thomaz Rodrigues Campello, e D. Francisca de Paula Pires Ferreira. Nasceu a 25 de Julho de 1827 e falleceu em... de Dezembro de 1845.*

A concessão desses dois jazigos, á exemplo do de Gervasio Pires, importaram, sem duvida, em novas fontes de recursos para o proseguimento das obras de reconstrucção da igreja, já então bastante adiantadas.

Alem dos auxilios prestados por Gervasio Pires Ferreira, e depois por sua familia, e sem duvida do geral concurso publico, que nunca falta em favor de obras seme-

lhantes, veio tambem o corpo legislativo da provincia, que decretou pela Lei n. 92 de 8 de Maio de 1841 o seguinte e efficacissimo auxilio, que, presumimos, foi sufficiente para se terminar as obras de reconstrucção do templo :

Art. 1º — Fica concedido á Irmandade de Nossa Senhora do Rosario dos homens pretos da freguezia da Bôa Vista desta cidade uma loteria annual de sessenta e quatro contos de reis, por espaço de seis annos, na conformidade do plano junto, (*) a qual poderá ser dividida em meias loterias.

Art. 2º — O beneficio de doze por cento extrahido do capital da referida loteria será applicado á reedificação da igreja da mesma Senhora ; e das respectivas despezas dará contas no juizo de capellas a referida Irmandade.

Taes foram os auxilios e fontes de receita que teve a Irmandade para realisar a reconstrucção da sua igreja, que ficou completamente acabada, faltando sómente a torre que decorridos annos, em 1896, é que foi construida ; e digamos á puridade, sem guardar em elevação as devidas proporções com o elegante frontespicio da igreja, e sem obedecer mesmo ao gosto architectonico da sua bem traçada e bonita fachada.

A igreja consta de uma só nave, soffrivelmente espaçosa, que se commuica por arcos abertos sobre pilastras, com os dois corredores lateraes, que dão para as sachristias. Sobre a arcaria, de um e outro lado, corre uma parede geral, com tribunas, um pouco abaixo das quaes, entre duas arcadas, ficam os pulpitos, de madeira entalhada, que assentam sobre uma bonita peanha de pedra. Essa arcaria, porém, é moderna, porquanto foi aberta em 1872.

Ao fundo da nave abre-se o grande arco-cruzeiro, que dá para a capella-mór, em plano superior, ficando aos lados do mesmo arco, com largura proporcionada, os dois altares da Senhora da Conceição e do Senhor Bom-Jesus da Cruz.

Sobre o altar-mór, em altura conveniente, abre-se o camarim, que se prolonga um pouco, para dar espaço ao throno, cujos degráos ou banquetas se vão gradualmente

(*) V. Nota VI.

diminuindo, até chegar ao ultimo, em que se ergue o pequeno e elegante santuario das exposições do Santissimo Sacramento.

O saccrario, sobre o altar-mór, fica abaixo de tres nichos, um central, de altura superior, em que se vê a imagem de Nossa Senhora do Rosario, e dois que o ladeiam com as de S. Sebastião e S. Benedicto.

A igreja, internamente, apreciada em seu conjuncto geral, é de agradavel aspecto; mas detalhadamente estudada, carece de um certo valor artistico pela simplicidade das suas obras de ornamentações, todas ellas de madeira entalhada e pintadas de branco, e sem um dourado sequer.

A imagem de Nossa Senhora do Rosario, que occupa lugar distincto como padroeira, é quasi que de tamanho natural e primorosamente esculpida em madeira. E' antiga, e a sua acquisição consta do seguinte termo lavrado em reunião da irmandade, celebrada em 2 de Julho de 1791:

« Estando em mesa presente o juiz, escrivão e mais officiaes, recebemos por esmola que fez João da Ponte Rego de uma imagem de madeira com a invocação de Nossa Senhora do Rosario cuja a tinha mandado fazer para a capella do seu engenho, e que de sua livre vontade a dava á irmandade para se collocar nó altar maior da nossa igreja, cuja imahem tem... palmos, com os seus olhos de vidro, e para recebermos a dita imagem fizemos este termo para constar que assim o faremos com a vontade do doador. Eu, escrivão que escrevi, João da Assumpção.— Joaquim Ramos de Almeida, juiz. (*)—Leandro Ramos Chave, da mesa. - Firmiano da Fonseca, da mesa.—Miguel Pedro Alexandrino, da mesa. - Miguel da Costa— Angelo Custodio dos Santos—Matheus Soares da Costa, procurador.—Manoel do Nascimento..., procurador geral.»

A imagem de S. Sebastião, que se vê em um nicho ao lado do da padroeira, no altar-mór, foi doada no anno de 1815—por Ignacia Maria da Conceição, viuva de José Pereira,—como consta do respectivo termo de aceitação lavrado em mesa de 4 de Junho daquelle anno; e a de

(*) V. Nota VII.

S. Benedicto, collocada no nicho do outro lado, foi doada em 1802, por Jeronymo José Gomes de Alencastro, como se vê de um termo lavrado em 2 de Julho de 1815.

Dos dois altares que ladeiam o arco cruzeiro á entrada da capella-mór, o do lado do Evangelho é consagrado ao Senhor Bom Jesus da Cruz, bellissima imagem de tamanho natural, ficando em baixo, transversalmente disposta, em um nicho como que servindo de tumulo, a imagem da Senhora da Bôa Morte; e o do lado da Epistola, é consagrado á Nossa Senhora da Conceição.

Além da irmandade de Nossa Senhora do Rosario, funccionam na igreja as devoções de Nossa Senhora da Conceição e da Senhora da Bôa Morte, as quaes mantêm e zelam os respectivos altares, e outr'ora existiram as irmandades do Senhor Bom-Jesus da Cruz e de S. Benedicto, de extincção não muito remota.

Nada mais restando a consignar sobre a historia particular do bello santuario dedicado á Nossa Senhora do Rosario pelos homens pretos da parochia da Bôa-Vista, vamos concluir a presente noticia com umas notas curiosas que colhemos no seu archivo.

« *Termo que faz a presente mesa para a factura da posse do Rei de Congo em 6 de Abril de 1801.* Estando nós todos em assento, juiz, escrivão, procurador, thesoureiro e os mais vogaes desta santa irmandade, demos posse a D. Domingos Marques de Araujo, primeiro rei de Congo deste lugar da Bôa-Vista, por ordem e despachos que tivemos dos magistrados deste paiz ; e por estamos assim contentes lavramos este termo em que todos nós nos assignamos. Era est supra.—Boaventura da Costa, juiz—Padre Vicente Ferreira Jorge, capellão—Antonio Raymundo, escrivão—Maximiano da Cruz—Felippe de Santiago—Matheus Soares da Costa—Manoel da Assumpção—Victoriano da Santa Cruz—Manoel Francisco Flores—Miguel Pedro Alexandrino—João da Assumpção—Joaquim José de Sant'Anna—Antonio Fernandes de Souza—José Prudencio do Espirito Santo, procurador—Joaquim Ramos de Almeida. »

Em 15 de Maio de 1806 lavrou a Irmandade um termo de posse de Severino de Brito Souto, sachristão nomeado, o qual perceberia pelo serviço do cargo *dez tustões por mez*, e mais as vantagens dos signaes e repiques *que fossem de*

ganho, tendo por obrigação — cuidar da igreja com todo o zelo, abril-a de manhã até as oito horas, e o mesmo á noite para se resar o terço, e ficando responsavel por todas as alfaias da igreja.

Em Agosto do mesmo anno de 1806, cedeu a Irmandade a Ignacio de Gouveia o aluguel de quatorze mezes de uma casa terrea de sua propriedade, sita á rua do Padre Floriano, á razão de cinco patacas por mez, para pagamento de 22$700 do fornecimento de cêra que fizera elle nos annos de 1798 e 1803, entrando com 300 reis que faltavam para completar aquella quantia, umavez que os quatorze mezes da renda da casa a 1$600 por mez importavam em 22$400.

Em 1811 resolveu a Irmandade trocar essa casa da rua do Padre Floriano por uma outra situada na rua do Rosario da Bôa Vista, mediante a vantagem do pagamento das dividas a que estava sujeita a referida casa, bem como dos foros em atraso.

Em 1 de Outubro de 1815 lavrou a Irmandade um termo de expulsão do irmão Joaquim, escravo do coronel Bento José da Costa, — por ser açoitado de açoites publicos na fortaleza das Cinco Pontas, e pelo que, em tempo algum possa tomar opa nem ser ouvido em cargo algum de irmão, perdendo todos os suffragios que lhe caberiam por sua morte.

Recife, 6 de Agosto de 1901.

F. A. PEREIRA DA COSTA.

ANNOTAÇÕES

Nota I.—Não encontramos ainda dados positivos sobre a epocha da fundação da igreja da Santa Cruz. No archivo da Camara Ecclesiastica de Olinda não existe mais o processo canonico da sua instituição, como verificamos, quando em 1893 examinamos o mesmo archivo.

Entretanto, podemos adiantar, que a sua construcção está encravada no periodo que decorre de 1724 a 1742, porquanto, na discripção do districto da Bôa-Vista, que faz Sebastião da Rocha Pitta na sua *Historia da America*

Portugueza, escripta naquelle anno, não menciona a igreja da Santa Cruz na enumeração que faz de todos os seus templos, então existentes; ao passo que em 1742 já estava construida a igreja, como prova um despacho do governador Henrique Luiz Pereira Freire datado de 23 de Setembro do mesmo anno concedendo licença ao padre Gabriel Malagrida—*para construir junto á igreja da Santa Cruz um recolhimento de mulheres*,—o que porém não teve effeito por circumstancias ignoradas.

A irmandade do Senhor Bom-Jesus da Via-Sacra, que fundou a igreja, já existia em 1732, como se vê de um breve pontificio de 7 de Janeiro daquelle anno, concedendo indulgencias plenarias aos seus irmãos; e por isso, é presumivel que a construcção da igreja vem daquella epocha.

Nota II.—Os dados apresentados com relação á fundação da igreja de Nossa Senhora do Rosario, foram colhidos por nós dos proprios autos do processo canonico da sua erecção, no archivo da Camara Ecclesiastica de Olinda, em 1893, quando nos coube dar desempenho á incumbencia do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, de examinar os archivos publicos daquella cidade, e colher os documentos mais interessantes á nossa historia, do que demos conta ao mesmo Instituto em minucioso relatorio que vem impresso na Revista n. 43.

O archivo da Camara Ecclesiastica estava então installado no salão da bibliotheca do convento de S. Francisco da mesma cidade; porém, tendo de se inaugurar naquelle convento o Seminario Episcopal, determinou o fallecido bispo D. Manoel dos Santos Pereira a remoção do archivo para o palacio da Soledade, onde ficou muito mal acommodado, em uma sala do pavimento terreo; e completamente abandonado, foi victima do cupim, que tudo devorou, perdendo-se dest'arte o inestimavel material concorrente de subsidios á historia ecclesiastica pernambucana!

Felizmente, de grande numero de importantes documentos historicos do referido archivo, tiramos cuidadosas copias, as quaes constituem o annexo n. 2 do nosso citado relatorio; e de muitos outros extrahimos notas, princi-

palmente dos que diziam respeito á fundação de capellas, entre as quaes figuram as de agora nos servimos sobre a igreja de Nossa Senhora do Rosario.

Era, porém, nosso intento, estudar agora mais detidamente os autos do processo de erecção da referida capella, afim de darmos uma noticia mais circumstanciada sobre a sua fundação, com a consignação mesmo de alguns dos seus mais importantes documentos, quando ao procurarmos vêr esses autos para o referido fim, tivemos a triste noticia da perda total de todo o archivo que se removera de Olinda!

Não faremos recriminações a ninguem. Mas o que não resta duvida, é que, dia á dia se vão perdendo os unicos e raros documentos do nosso passado historico.

Nota III.—Eis o que o padre Lino do Monte Carmello Luna diz na sua citada Memoria, sobre o conego Mariz, que celebrou a acto de sagração da capella:

« João Rodrigues Mariz, natural da cidade de Olinda, onde foi baptisado em 2 de Outubro de 1754. Sendo cura da freguezia da Sé, passou a ser vigario da de S. Pedro da mesma Olinda.

« Cursou as aulas da universidade de Coimbra, mas a morte prematura de seu pai, o privou de receber o grão. Foi conego da cathedral de Olinda em 1810, e gozou do nome de excellente pregador. Teve a honra de benzer a capella do Rosario da freguezia da Bôa-Vista. »

Nota IV.—O cargo be juiz das irmandades dos homens pretos, podia outr'ora, mesmo em virtude de disposições compromissaes, ser conferido a homens brancos, de certa posição social e recursos, como meio de importancia e protecção a essas corporações.

E' d'ahi, portanto, que no termo transcripto vem a phrase—*Juizo Branco*,—com referencia a Miguel Bernardo Quinteiro, que em 1808 foi o juiz da irmandade, o qual, graças aos seus recursos e relações sociaes muito concorreu para o brilhantismo da festa inaugural da capella, como se vê do mesmo termo.

Pelo primitivo compromisso da irmandade, os irmãos

brancos, pardos e mesmo os escravos tinham voto em mesa, mas essa disposição foi derogada por uma deliberação tomada em reunião de 19 de Fevereiro de 1815, declarando-se, porém, unicamente quanto aos escravos,— *por não poderem apresentar-se em juizo em qualquer causa da irmandade.*

Outras irmandades de homens pretos conferiam tambem a homens brancos o cargo de thesoureiro, e a esse respeito é muito curioso o que prescreve um antigo compromisso da irmandade de Nossa Senhora do Rosario da villa de Iguarassú, organisado em 1706, o qual em sua constituição VI determina, que o cargo de thesoureiro, com excepção dos demais—Deve ser sempre exercido por um homem branco, abastado de bens, zeloso e temente a Deus, para seguirem os seus bons conselhos, e nada se fará sem a sua assistencia e voto.—Disposição igual estabelecia tambem o compromisso da irmandade de Nossa Senhora do Rosario de Olinda, do qual é copia fiel o da irmandade de Iguarassú, que vimos de mencionar, como no mesmo se declara.

Nota V.—Eis a integra da disposição testamentaria de Gervasio Pires Ferreira com relação ao seu enterro e sepultura:

« Em quinto lugar que, sendo todas as despezas funerarias do costume perdidas para o meu corpo, para a minha alma e para o nosso proximo, e só tendentes a satisfazer uma estupida fatuidade contraria ao espirito da mesma religião, ordeno e rogo encarecidamente á minha testamenteira e muito amada mulher que, deslembrando-se das idéas supersticiosas com que o fanatismo abusa da fraqueza do seu sexo, faça enterrar o meu corpo, morrendo nesta cidade, na igreja de Nossa Senhora do Rosario dos homens pretos da freguezia da Bôa-Vista; e, sendo no engenho Bulhões, na capella do mesmo engenho, convertendo todas as despezas funeraes que a fatuidade e orgulho dos homens lhe poderem suggerir, em uma gratificação de cem mil réis a cada um dos seis cidadãos chefes de familias honestas que fizerem o obsequio de carregar o meu corpo para as ditas igrejas no esquife da irmandade

da dita igreja do Rosario ; na esmola de cem camisas de madapolão ordinario e cem calças de panno da fabrica do Fundão para os presos, homens livres da cadeia desta cidade que mais precisarem, e de vinte mil réis á irmandade da mesma igreja pela cova, e na offerta de dez mil réis ao vigario da freguezia pela licença. »

Tudo isto foi exactamente cumprido, diz o commendador Antonio Joaquim de Mello, na *Biographia de Gervasio Pires Ferreira*, impressa no Recife em 1895, mas com alguma alteração quanto á sepultura. O amor piedoso, a gratidão e a saudade perenne da consorte e dos filhos compraram pela quantia de seiscentos mil reis um lugar no cruzeiro da predita igreja ao pé do altar do Senhor Bom Jesus dos Afflictos, no qual edificaram o grande carneiro em que jazem os restos mortaes do seu exemplar e chorado marido e pai, com a condição expressa de se não abrir por titulo algum.

Nota VI.— O plano da loteria a que se refere o art. 1 da Lei Provincial n. 92 de 1841, consta de 64:000$000 em 8,000 bilhetes á razão de 8$000 cada um, de cuja quantia deduzindo-se 7:680$000 do beneficio de doze por cento, e mais a de 5:120$000 de oito por cento na forma da lei geral de 11 de Outubro de 1837, reunidamente, na importancia de 12:800$000, dão um resultado liquido de .... 51:200$000 para o pagamento dos premios a 2001 bilhetes, sendo brancos os 5999 restantes. Os maiores premios são 12, 6, 3 e 1:000$000, e os demais de 500$000 a 10$000.

Nota VII.—Joaquim Ramos de Almeida, que em 1791 exercia o cargo de juiz da Irmandade, era official superior de segunda linha do exercito, e muito considerado pelo seu caracter. Era elle em extremo dedicado á Irmandade e constantemente fazendo parte das suas administrações, exerceu todos os cargos, até o de juiz, por varias vezes, no desempenho dos quaes prestou os melhores serviços possiveis.

Dotado dos mais generosos sentimentos de patriotismo Joaquim Ramos de Almeida figurou com muita distincção em todos os movimentos politicos do seu tempo, em prol

da nossa independencia; mas de particular mensão da suá attitude em todos elles, apenas resta-nos a que se refere ao movimento de 1817, pela consagração do seu nome na obra *Os Martyres Pernambucanos*, escripta pelo padre Joaquim Dias Martins.

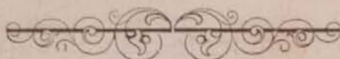
Eis o que este autor escreveu á seu respeito:

« Joaqnim Ramos de Almeida, illustrissimo pernambucano de côr preta, da generosa e gloriosa prosapia do antigo Henrique Dias, terror e extinctor dos hollandezes; era por suas virtudes, bôa educação e civilidade, amado geralmente em Pernambuco em 1817, respeitado pelo seu posto de sargento mór do regimento velho de pretos livres milicianos, entre os quaes gozava de immensa popularidade. Com taes circumstancias era uma preciosa conquista para a liberdade, que não devia escapar aos seus illustrissimos fundadores; é por isso que a nada perdoaram para o converter: custou-lhes, mas conseguiram que elle se desposasse ardentemente com a causa da patria livre.

« No dia 6 de Março, logo ao primeiro signal de rebate, correu com o seu regimento a reunir-se aos patriotas e com elles teve parte na conquista do Erario; com elles marchou no dia seguinte para a fortaleza do Brum á receber a capitulação do ex-general Caetano Pinto de Miranda Montenegro; com elles voltou ao Campo da Honra, e foi um dos dezesete eleitores que nomearam o governo provisorio; a constancia dos seus principios fazendo se cada vez mais evidente pelo vehemente zelo com que desempenhava as ordens superiores, lhe mereceu a patente de coronel commandante do seu mesmo regimento, quando refundido em batalhão de caçadores de linha: neste posto fez os mais relevantes serviços a patria, quando em perigo; mas succumbindo, com a liberdade, todos os seus merecimentos somente lhe serviram para ser punido com longo e penoso martyrio: foi accusado na alçada, por ella pronunciado e remettido ás enxovias da Bahia, onde penou, até que a revolução de Portugal lhe abriu as portas do carcere e da sua saudosa patria, para onde correu e chegou entre applausos geraes: foram estes mesmos applausos que o malquistaram com o despotismo moribundo; porque não se concebendo que o assassino do tigre Luiz do Rego Barreto podesse partir de outra fonte, que da liberdade opprimida foram suspeitos e presos os mais distinctos martyres da

Bahia : entre elles foi o nosso heróe remettido á Lisbôa, recebido com ignominia : porem graças ao immortal deputado Francisco Muniz Tavares brevemente reintegrado na sua innocencia, voltou para a patria cada vez mais illustrado. »

Joaquim Ramos de Almeida falleceu no posto de coronel commandante do quarto batalhão de caçadores de segunda linha, pelos annos de 1829, porquanto, em virtude da Resolução de 17 de Novembro do mesmo anno, foi concedida a pensão de meio soldo á sua viuva.



INDICE